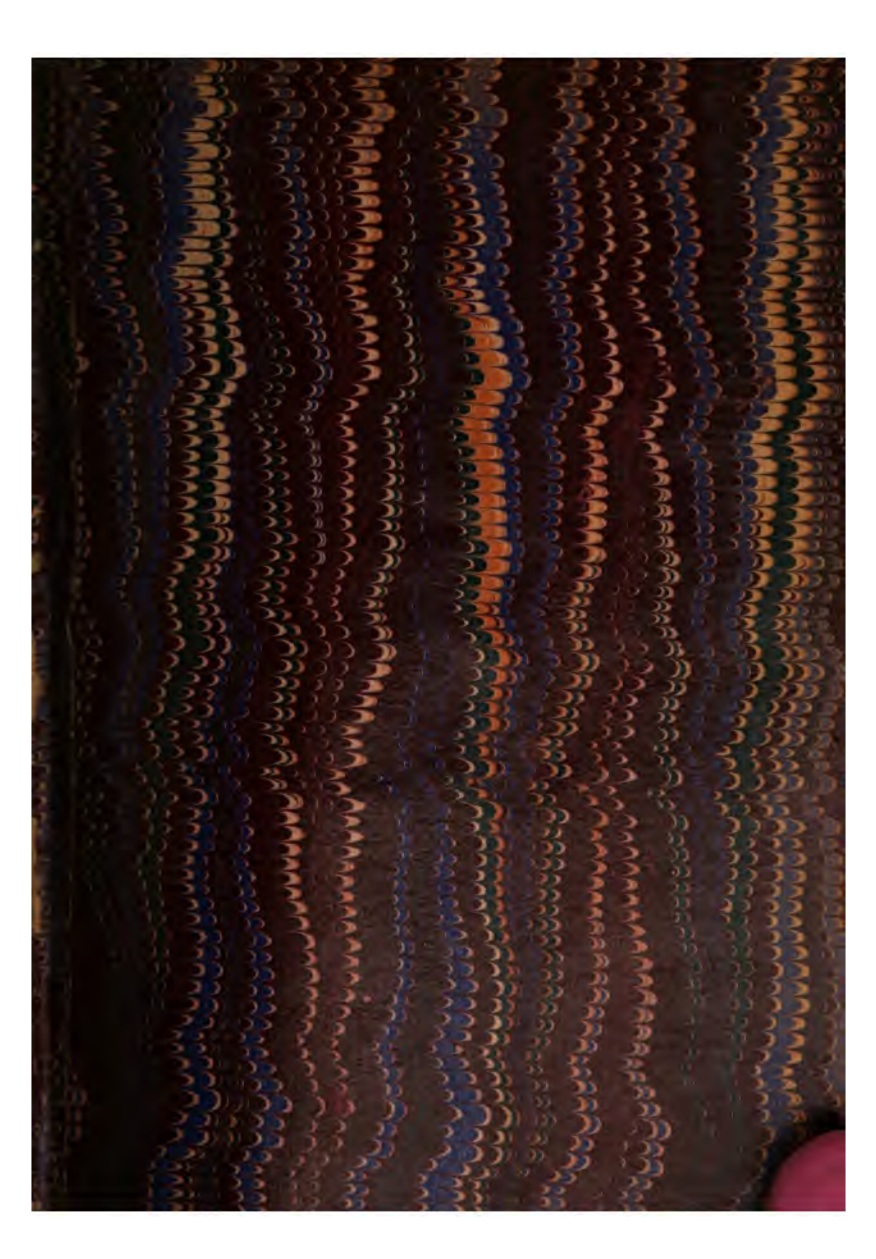




166 d. 2
5
DOMI NUS IL.LU
MINA TIO MEA
Taylor Institution.
1889.




166 d. 24/5
DOMINUS ILLUMINATIO MEA
Taylor Institution.
1889.

# VIDA

DE

# D. JOÃO DE CASTRO.

# VIDA

DE

# D. JOÃO DE CASTRO,

## QUARTO VISO-REI DA INDIA;

POR

JACINTO FREYRE DE ANDRADE.

NOVA EDIÇÃO.

LISBOA,
NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

1861.

## DEDICATORIA DO AUTHOR

AO

# PRINCIPE D. THEODOSIO.

SERENISSIMO SENHOR.

Tiverão os Scipiões quem os igualasse nas obras, porém não na fortuna. Teve D. João de Castro, Darios a quem vencer na Asia, mas não achou Curcios, e Livios na Europa, que illustrassem seu nome. Persuadio-me o Bispo D. Francisco de Castro a escrever esta Historia, que agora faz pública na estampa, bem que com penna desiguàl do merecimento de hum Varão, que chegou a ser grande entre os maiores, cujas virtudes começárão tão cedo, que mais parecêrão herdadas, que adquiridas. Não acabou de encher os annos de seu governo, no qual forão quasi iguaes os dias, e as victorias, bem que viveo á Patria idade larga, menos á natureza. Porém agora que o nome de V. Alteza ampara sua

memoria, fica em dúvida se foi mais felice na vida, ou na posteridade, victorioso sempre, dos inimigos então, e hoje dos annos. Neste lugar pudéra dar a lêr a V. Alteza suas mesmas virtudes, mas para tal materia he a Carta breve, tambem o fora o Livro. O brádo universal do Mundo será papel aberto, onde em mais fiel estylo as lerão todos, esperando que unindo V. Alteza a gloria das armas ás delicias do estudo, será entre os Principes Portuguezes no nome, e no valor primeiro. Guarde Deos a Serenissima Pessoa de V. Alteza. Lisboa 15 de Março de 1651.

## PROLOGO DO AUTHOR.

*São os Prologos hum anticipado remedio aos achaques dos Livros, porque andão sempre de companhia os erros, e as desculpas. Eu por hora me desvio do caminho trilhado, não quero pedir perdão de nada: quem achar que dizer, não me perdoe, (nem será necessario encommendallo.) Se me notarem o livro de roim, não negarão que he breve, e escrito em lingua Portugueza, que tantos engenhos modernos, ou temem, ou desprezão, como filhos ingratos ao primeiro leite, servindo-se de vozes estrangeiras, por onde passárão como hospedes, sem respeito áquellas veneraveis cãs, e ancianidade madura de nossa linguagem antiga. Escrevi esta Historia com verdade de memorias fieis, sem que a penna, ou o affecto alterasse o menor accidente. Antes que este papel sahisse dos borrões, sei que muitos o taxárão de escasso, dizendo, que houvéra de dilatar a Historia com allusões,*

*e passos da Escritura, que fizessem mais crecido volume; estes comprão os Livros pelo pezo, não pelo feitio: de mais que não permittem tão licenciosa penna as leis da Historia. Outros querião que me valesse do estrepito de vozes novas, a que chamão Cultura, deixando a estrada limpa, por caminhos fragosos, e trocando com estimação puerîl, o que he melhor, pelo que mais se usa. Mas como não determinei lisongear a gostos estragados, quiz antes com a singeleza da verdade servir ao applauso dos melhores, que á fama popular, e errada.*

# VIDA

DE

# D. JOÃO DE CASTRO,

## QUARTO VISO-REI DA INDIA.

## LIVRO I.

### ARGUMENTO.

PRIMEIROS Estudos de D. João de Castro. Applica-se ás mathematicas em companhia do Infante D. Luiz. Passa a Tanger. D. Duarte de Menezes o arma Cavalleiro, e infórma a el Rei de seu merecimento. El Rei o chama, honra, e premea. Seu procedimento na Corte. Casou com D. Leonor Coutinho. Jornada de Tunes. Occasião que para ella houve. Acompanha nella o Infante D. Luiz. Fidalgos

que forão nesta jornada. Cortezia entre o Emperador, e o Infante. O Emperador quer armar Cavalleiro a D. João, que não acceita, nem a Mercê do dinheiro. Concluida esta jornada se recolhe a Cintra. Passa a primeira vez á India. Faz-lhe el Rei mercê, e como a acceita. Leva seu filho D. Alvaro. Embarca-se no soccorro de Diu. Vai ao mar Roxo com D. Estevão da Gama. Nesta viagem faz hum Roteiro. D. Estevão arma Cavalleiro a D. Alvaro. Torna D. João ao Reino. He General da armada da Costa. Desbarata sete náos de Corsarios. Recolhe ás da India. Avisos do Emperador a el Rei, pede-lhe ajuda para resistir aos Turcos. Nomea el Rei D. João por General. Confiança que mostra ter de D. João. Ajunta-se com o General do Emperador. Discorrem sobre a jornada. Resolvem peleijar. Muda o General Castelhano de parecer, e trata de reduzir a D. João; o qual permanece em peleijar com os Turcos; e os espera no Estreito tres dias. Manda seu filho com soccorro a Alcacer Ceguer. Volta a Lisboa, e recolhe-se a Cintrá. He proposto pelo Infante para o Governo da India. El Rei o elege, e lhe falla. Approvão todos esta eleição. Corre com o apresto das náos. Reprova as galas de seu filho. Náos, e Capitães dellas. Partem, e em que tempo. Compaixão do Governador. Perigo da sua náo. Chega a Moçambique. Muda a Fortaleza para melhor sitio. Parte para Goa. Chega, e como he recebido. Estado em que achou o Governo, com alteração dos Bazarucos. Ouve a Cidade, e Povo. Resolução que toma. Primeira Embaixada do Hidalcão sobre a causa do Meále. Resposta do Governador. Apercebimentos, que faz. Primeiros

movimentos do Hidalcão. Acode o Governador pessoalmente. Peleija, e desbarata o inimigo. Recolhe-se a Goa. Veneração que faz á Cruz de Santo Thomé. Milagre notavel da mesma Cruz. Affecto com que o Governador recebe esta nova. Manda contra o Hidalcão seu filho D. Alvaro. Sahe com seus navios. Preza que faz. Propõe D. Alvaro a entrada de Cambe. Resolve envestilla. Salta em terra. Grandeza, e forças da Praça. Resistencia do inimigo. Entrão os nossos, e ganhão a Cidade. Destruição, e saco della. Volta D. Alvaro a Goa. Commette o Hidalcão paz. O Governador a acceita. Trata das cousas do Estado. Milagroso successo nas Malucas.

## LIVRO I.

Escreverei a vida de D. João de Castro, Varão ainda maior que seu nome, maior que suas victorias: cujas noticias são hoje no Oriente, de pais a filhos, hum livro successivo, conservando-se a fama de suas obras sempre viva; e nós ajudaremos o pregão universal de sua gloria com este pequeno brado, porque durão as memorias menos nas tradições, que nos escritos.

Foi D. João de Castro, entre os de tão grande appellido, illustre descendente; mas primeiro relataremos as virtudes, e depois a origem, por serem as obras proprias pais melhores, que os que da natureza se recebem. Passou os primeiros annos, cultivados nas letras, e virtudes que soffre aquella

idade, sendo tão facil o natural á disciplina, que não havia mister torcido, senão encaminhado. Como não era D. João herdeiro da casa de seus pais, dispunhão elles inclinallo a estudos maiores: porque nas casas grandes forão sempre neste Reino as letras o segundo morgado. Obedeceo D. João em quanto não tinha liberdade para engeitar, nem escolha para tomar outro exercicio.

Aprendeo as Mathematicas com Pedro Nunez, o maior homem, que desta profissão conheceo Portugal, fazendo-se tão singular nesta sciencia, como se a houvera de ensinar. Nesta escóla acompanhou o Infante D. Luiz, a quem se fez familiar, ou pela qualidade, ou pelo engenho: porém como D. João amava as letras por obediencia, e as armas por destino, desprezou, como pequena, a gloria das escólas, achando para seguir a guerra em si inclinação, em seus avós exemplo.

Era naquelle tempo clara a fama de D. Duarte de Menezes, Governador de Tanger; cujo nome os Africanos ouvião com temor, e nós com reverencia. Considerava D. João melhor suas victorias, que as figuras, e circulos de Euclides, amando as artes em quanto podião servir ao valor.

Chegado aos dezoito annos, vendo-se mais crecido no brio, que na idade, fugindo se embarcou para Tanger; onde contra o estylo daquellas Praças, assistio nove annos, como quem queria fazer vida do que era só caminho. Em todas as occasiões daquella guerra se portou com esforço igual ao sangue, e maior que os annos, merecendo congratulações dos parentes, envejas dos soldados.

D. Duarte de Menezes o respeitava, como se houvera lido nesta Historia as victorias da Asia, que estamos escrevendo. Por suas mãos lhe quiz dar, e receber a honra de o armar Cavalleiro, gloriando-se tão anticipadamente no filho de sua disciplina. E vendo que tão grandes espiritos merecião ser ajudados dos favores Reaes, desejando que respondessem os premios ao valor, zelando igualmente a causa do Rei, e do vassallo, escreveo a el Rei D. João o Terceiro, que D. João de Castro havia servido de maneira, que nenhum posto, ou mercê já lhe seria grande; que Sua Alteza o devia honrar, porque as lembranças dos Reis fazião soldados, e era justo, que aos olhos de tão grande Principe não ficassem sem premio as virtudes.

El Rei mandou logo chamar a D. João por huma Carta tão honrada, como se lhe não quizera fazer outra mercê: com a qual D. João se veio á Corte, onde foi tão envejado pelas feridas, como pelos favores. El Rei lhe fez mercê da Commenda de Salvaterra, acordando aos homens de novo seu merecimento a estimação com que os tratava.

Cursou D. João algum tempo a Corte, sem que a nenhum desar da mocidade o arrastassem os annos, ou os exemplos, parecendo verdadeiramente Varão em toda a idade; porém com tal medida, que nem a madureza o fazia pezado, nem a urbanidade facil. Soube filosofar entre as diversões da Corte, evitando naquelle genero de vida a parte que tinha de ociosa, mas não a de discreta.

Mudou de estado, casando com D. Leonor Coutinho, sua prima, segunda filha de Leonel Couti-

nho, Fidalgo da illustrissima casa de Marialva, nobreza tão conhecida, e tão antiga, que della, e do Reino temos igual noticia. Não lhe derão outro dote que as qualidades, e virtudes da esposa; porém sem os arrimos da fazenda, conservou o respeito de maneira, que era tratado de todos com veneração de rico, e lastima de pobre,

Offereceo-se neste tempo a jornada de Tunes, facção mais célebre pela victoria, que pela utilidade; de que não coube a D. João de Castro pequena parte na honra, e no perigo. Daremos do successo relação menos abbreviada, por haver el Rei D. João empenhado na facção o poder, o Infante D. Luiz a pessoa. Havia aquelle famoso Corsario Barba-Roxa infestado todo o Mediterraneo com poder, e atrevimento maior que de Pirata, achando a fortuna tão prompta a seus insultos, que entre os triunfos de Carlos, era só Barba-Roxa o escandalo de suas victorias. Vendo-se cada dia mais crecido em opinião, e forças, se passou ao serviço do Turco, com quem já a fama de nossas injurias o tinha acreditado, e comprando-lhe a graça com o mais precioso de seus roubos, alcançou ser General do mar; e baixando diversas vezes com grosso número de galés, fez grandes damnos nos portos de Napoles, e Sicilia, sem que bastasse a defendellos o valor de seus naturaes, nem a tutela do Imperio, a que servião. Cativou infinitas almas, perdendo muitas a Fé pela liberdade; assolou Póvos, e abrasou navios, dando-lhe as miserias dos Christãos, entre os Barbaros, huma gloriosa fama, até que esquecido de seus principios, lhe fizerão as prosperidades lugar á ambição

de reinar, usurpando o Reino de Tunes com varios artificios, cuja relação não serve á nossa Historia. Vendo pois Carlos este tyranno já com forças proprias, fomentadas de outro poder maior; e que pela visinhança de seus Reinos não convinha que criasse raizes ás pórtas de sua mesma casa; e que os Mouros, a quem não faltava valor, mas disciplina, industriados de soldado tão prático, virião a conhecer suas forças, em damno de seus Reinos; resolveo buscallo com huma poderosa armada, e tirar-lhe o abrigo de Tunes, para que quando melhor livrasse, se tornasse ao mar, donde como Pirata, só poderia offender com forças vagas, as quaes mais facilmente poderião acabar os tempos, e os successos. Tirou os soldados velhos dos Presidios de Italia, que supprio com bisonhos; fez grandes levas na Allemanha alta, e paizes de Flandes; alistou Italianos, e Hespanhoes, além dos Senhores, e Nobreza, que servia sem soldo; e como empreza tão util, e justificada, e onde o Emperador empenhava a Pessoa, acudião muitos aventureiros a acompanhar tão pias, e valerosas armas. Em Sardenha tomou o Emperador mostra da gente que levava, e achou vinte e cinco mil infantes de lista, que recebêrão soldo, fóra outra muita gente que servia sem elle, que era huma grande parte do exercito, e cada dia recebia differentes soccorros, que engrossavão o campo.

O Infante D. Luiz, Principe digno de emprezas iguaes a seu valor, se resolveo achar nesta jornada com o Emperador seu cunhado; e ainda que de el Rei D. João mui dissuadido com razões dif-

ferentes, humas que topavão no amor do sangue, e outras no respeito da Pessoa: com tudo o Infante interpretando a vontade de el Rei mais em favor de brio, que da obediencia, partio secretamente com alguns Fidalgos; o que entendido por el Rei, lhe mandou a Barcelona, onde o Emperador estava, largos creditos, e aprestar vinte e cinco caravellas, e alguns navios redondos; entre elles hum galeão, que jogava duzentas peças de bronze, o maior que até áquelles tempos surcárão nossos mares, á ordem de Antonio de Saldanha, para que servissem na jornada; e por reverencia do Infante se encommendárão as vasilhas da armada a Fidalgos de grande conta, sendo hum delles D. João de Castro, que nesta occasião igualmente desprezou o perigo, e a cobiça, como logo mostrará a Historia.

Os Fidalgos que se embarcárão nesta armada, de que alcancei noticia, forão, de mais de D. João de Castro, D. Affonso de Portugal filho herdeiro do Conde de Vimioso, D. Affonso de Vasconcellos filho do Conde de Penella, Luiz Alvares de Tavora Senhor do Mogadouro, com Ruy Lourenço de Tavora seu irmão, que depois foi Viso-Rei da India, D. João de Almeida filho do Conde de Abrantes, D. Pedro Mascarenhas, que tambem foi Viso-Rei da India, D. Diogo de Castro Alcaide Mór de Evora, D. Fernando de Noronha, D. Francisco de Fáro, D. Francisco Pereira Embaixador que foi de el Rei D. Sebastião em Castella, D. Affonso de Castelbranco Meirinho Mór, Pedro Lopes de Sousa, João Gomes da Silva Pagem da lança, D. Luiz de Attayde, que depois foi Conde d'Atouguia, e morreo na India,

sendo segunda vez Viso-Rei daquelle Estado. Todos estes Fidalgos forão servir á sua custa, levando criados, e soldados, sem receberem soldo, com galas, librés, demonstradoras do gosto com que seguião a guerra. Tomou a armada o porto de Barcelona, e salvando a Capitania Imperial, deo de si huma mostra bellicosa, e alegre. O Emperador se veio ás casas do Embaixador de Portugal Alvaro Mendes de Vasconcellos, que por estarem sobre o mar, erão mais aptas para honrar, e festejar a entrada.

Os Duques de Alva, e Cardona, com outros muitos Senhores, viérão á praia buscar o General, e Fidálgos de sua companhia, que forão beijar a mão ao Emperador, o qual os recebeo com todas as honras, e agasalhos, que a authoridade soffre, alegrando-se de se acompanhar de nossa milicia prática, e valerosa, a quem não parecerião estranhas as Luas, e lanças Africanas. Todas as resoluções grandes communicava o Emperador ao Infante D. Luiz, não só pela grandeza da Pessoa, mas pela do juizo, tão prático na Corte, como no Estado, de quem referirei hum lanço de urbanidade, pela estimação que delle fizerão os Castelhanos. Recolhião-se huma noite o Emperador, e o Infante, e ao entrar de huma porta, sobre qual havia de passar diante pleiteárão ambos a cortezia, querendo hum, que precedesse o Hospede, outro a Magestade. O Emperador, travando-lhe do braço, quasi por força o fez passar primeiro. Não querendo o Infante acceitar esta honra, nem podendo engeitar, lançou mão a huma tocha, que hum pagem levava. Assim soube o Infante fazer-se tão senhor da vontade do Emperador, que

teve resoluto dar-lhe o Estado de Milão, achando nelle qualidades para o merecer, e para o defender, valor; mas as pretenções de França fizerão o dominio deste Estado tão contingente, que ficou o Senhorio delle muitos annos debaixo do juizo das armas.

Não relatarei os successos desta guerra, por ser historia alheia; bem que nella D. João de Castro se portou de maneira, que o Emperador o quiz armar Cavalleiro; honra de que elle se escusou com a verdade, de o haver já sido por outras mãos, que o que lhe faltavão de Reaes, tinhão de valerosas. Mandou o Emperador dar dous mil cruzados a cada hum dos Capitães da armada, que D. João singularmente não quiz acceitar, porque servia com maior ambição do nome, que do premio.

Triunfante Carlos, como outro Scipião, da guerra de Africa, se veio descançar entre applausos, e acclamações da Europa, podendo-se chamar antes fundador, que herdeiro de seu Imperio. Voltou tambem a nossa armada ao porto de Lisboa, onde D. João achou nos braços do Rei, e saudações do Povo, maior premio, do que engeitára do Cesar: e como Varão que tão bem sabia desprezar sua mesma fama, se retirou á sua quinta de Cintra, desejando viver para si mesmo, havendo-se no serviço da Patria de maneira, que nem o desemparava como inutil, nem o buscava como ambicioso. Aqui se recreava com huma estranha, e nova agricultura, cortando as arvores que produzião fruto, e plantando em seu lugar arvores sylvestres, e estereis; quiçá mostrando, que servia tão desinteressado, que nem da terra que agricultava, esperava paga do beneficio: mas

que muito, fizesse pouco caso do que podião produzir os penedos de Cintra, quem soube pisar com desprezo os rubins, e diamantes do Oriente!

Achava-se D. João no melhor de seus annos, estimulado a servir com os exemplos de sua mesma casa; e como a guerra de Africa com a nova conquista do Oriente, ou se dissimulava, ou se esquecia, havendo o mundo por mais gloriosa a fama que vinha de mais longe, resolveo D. João passar á India, cuja conquista enchia o Reino de fama, e de victorias, embarcando-se sem pedir posto, ou mercê alguma, havendo por mais sua a honra que se vai a ganhar, que a que se leva.

Passou naquella occasião a governar a India D. Garcia de Noronha seu cunhado, que estimou levar a D. João de Castro com meritos de successor, e praça de soldado. El Rei, logo que entendeo a resolução de D. João, lhe mandou dar mil cruzados cada anno o tempo que servisse na India, e portaria da fortaleza de Ormuz, que elle (não sei se com maior ambição, ou com maior temperança) não acceitou, por ser mais rara a memoria das mercês que se engeitão, que das que se recebem: acção mais facil de louvar, que de imitar.

Embarcou-se D. João de Castro com seu filho D. Alvaro de treze annos, dando-lhe por entretenimentos daquella idade os perigos, e tormentas de tão prolixos mares. Chegou a armada de D. Garcia á India com prospera viagem, onde achou ao Governador Nuno da Cunha com armada prompta para soccorrer a Diu, e peleijar com as galés do Turco, que o tinhão sitiado naquelle illustre cerco que defendeo Antonio

da Sylveira. Tomou D. Garcia, com a posse do Governo, a obrigação de soccorrer a Praça, para o que se lhe offereceo D. João de Castro, que como soldado da fortuna alvoroçado se embarcou no primeiro navio, parece que já presago dos futuros triunfos, a que o chamava Diu. Pórém a retirada dos Turcos privou a D. Garcia da victoria, ou lha quiz dar sem sangue, se menos gloriosa, mais segura.

Falleceo brevemente D. Garcia, a quem succedeo D. Estevão da Gama, que na India teve os brios dos de seu appellido, e parece que tivera a fortuna, se não fora tão breve o seu Governo. Emprehendeo huma facção, no perigo, e na gloria, grande; qual foi embocar o Estreito do mar Roxo, e queimar as galés dos Turcos, que no porto de Suez se fabricavão, com voz de lançar os Portuguezes da India; empreza que o Turco reputava por digna de seu poder.

Pósta de verga d'alto toda a armada, não houve soldado de valor a quem não alvoroçasse o risco de tão nova jornada, na qual tanta fama merecia a victoria, como o atrevimento. Partio D. Estevão da Gama com doze navios de alto bordo, e sessenta embarcações de remo, o primeiro de Janeiro de 1541. Aqui foi D. João de Castro Capitão de hum galeão, e seguindo sua viagem com Levantes, avistárão a costa da Arabia, posto que derramados. O Governador D. Estevão da Gama a vio em monte Feliz, e surto na bocca do Estreito, esperou os navios de sua conserva. Aqui foi certificado, que as galés inimigas estavão varadas em terra, porém tão vigiadas, que se não podião queimar senão com força descuberta; o qual seria impossivel aos navios redondos, em ra-

zão dos baixos, e restingas daquelle porto: com tudo D. Estevão da Gama, desprezando o aviso, e o perigo, passou avante com algumas fustas, huma das quaes levou D. João de Castro, deixando o seu navio. Passárão pelas primeiras ilhas, situadas em doze gráos e meio, e pela enseada velha em treze escassos, tomárão a da Fortuna, que está na mesma altura. Em todas estas angras, e enseadas da boca do Estreito até Suez, foi D. João de Castro tomando o sol, e fazendo roteiro, formando juizo, já de Filosofo natural, e já de marinheiro, mostrando como caminha cega a experiencia rude dos Pilotos sem os preceitos da arte. Aqui tão judicioso, como soldado, discursou doutamente sobre as causas, por que ao mar Roxo foi imposto este nome; e tambem dos impulsos, e movimentos naturaes das crescentes do Nilo nas monções do Estio; materia que desvelou muitos engenhos, a quem a natureza tantos annos escondeo estes segredos. Assim contaremos deste Varão como parte menor de sua grandeza, o que os Romanos com tão soberba eloquencia escrevem de seu Cesar, que com tanto juizo tomava a penna, como com valor a espada. Este Tratado, e outro de que daremos mais inteira noticia; escritos entre as ondas do mar, e o açoute dos ventos, dedicou áo Infante D. Luiz, offerecendo-lhe o fruto das letras que juntos aprendêrão.

Nesta paragem vírão o monte Sinai, onde com fabrica de Anjos forão as reliquias de Santa Catharina collocadas em illustre deposito; a cuja vista D. Estevão da Gama armou Cavalleiro a D. Alvaro de Castro, o qual em memoria de tão célebre Sanctua-

rio tomou por timbre de suas armas a roda de navalhas, com que religiosamente as illustrão ainda hoje seus descendentes. Do effeito desta jornada não daremos particular noticia, porque a vigilancia dos Turcos nos frustrou o effeito.

Tornando D. João ao Reino, como querendo deixar crecer as palmas do Oriente, que havião de coroar suas victorias, não desembarcou outras riquezas, mais que a fama de suas obras; e estando com os vestidos do mar ainda mal enxutos, o nomeou el Rei por General das armadas da costa, dando-lhe novas occasiões de servir, em premio do que tinha servido. Sahio logo D. João no anno de 1543, a comboiar as náos, que de viagem se esperavão da India, e parando na altura de seu regimento, houve vista de hum Corsario Francez, que com sete navios infestava todos aquelles mares, e havia feito algumas presas em navios de nossas conquistas, que o tinhão atrevido, e rico. Logo que D. João o avistou, se fez naquella volta com os navios arrasados em popa, e atacando a Capitania do inimigo, a abordou, e rendeo depois de porfiada resistencia; metteo dous navios no fundo, e outros se salvárão com o favor da noite. Os casos particulares desta briga não pude achar escritos, assim ficará nosso silencio desculpado com o descuido alheio.

Houve D. João vista das náos dentro em poucos dias, que com reciprocas salvas lhe ajudárão a festejar a rota do Corsario; entrou com ellas pela barra de Lisboa, sendo tão geral o applauso com que foi recebido, que parecia haver passado já os perigos do odio, e da enveja; felicidade, ou miseria, que

só na sepultura alcanção, ou evitão, os varões excellentes. Porém destes successos conseguio D. João sómente o premio na victoria; porque quando as dividas são grandes, os Reis por não ficarem escassos, arriscão-se antes a parecer ingratos; mais faceis a confessar os vicios na pessoa, que na Magestade.

Pouco tempo deixárão a D. João de Castro descançar no gosto da victoria, porque logo para negocio de maior cuidado, tornou a vestir as armas, como referirei mais largamente, ainda que contra meu costume; por não truncar a Historia, buscarei principios afastados. Vio-se aquelle famoso Corsario Haradin Barba-Roxa quasi desbaratado com a perda de Tunes, e Goleta, e muito mais com a das galês, perdendo na terra a authoridade de Tyranno, e no mar as forças de Pirata. Porém não ficou este inimigo de todo tão quebrantado, que deixasse de gemer ainda Italia muitos annos debaixo de seu açoute. Tinha depositado em differentes partes o melhor de seus roubos, como segunda taboa em que salvar-se; fez delles hum presente a Solimão Senhor dos Turcos, de tanta estimação, que pôde fazer esquecer, ou desculpar a desgraça da armada, e fugida de Tunes, de que Solimão ainda tinha a dôr, e a memoria fresca. Representou-lhe o muito que podia obrar em damno dos Christãos, pois começando a tentar o mar com duas galeotas mal armadas, o valor, e os successos o fizerão temido, e poderoso, e fazendo-lhe cruel guerra com seus proprios despojos; que não cabião já os cativos nas masmorras de Africa; que no Reino de Napoles, e em toda a Apulha, e terra de Lavor, fizera taes estragos, que ainda agora,

nem o sangue, nem às lagrimas estavão enxutos; que as galés de Sicilia, temerosas apodrecião ancoradas no porto; que aquelle André Doria, tão buscado dos Principes da Europa, diria quantas vezes, por se desviar de Barba-Roxa, tinha forçado o remo; que seguramente daria por testemunhas de suas obras seus proprios inimigos: que o Emperador Carlos, irritado de tantos damnos, vendo que só Barba-Roxa fazia ás suas victorias sombra, mais impaciente que soldado, juntára para o destruir todas as forças de Allemanha, Italia, Hespanha, e Flandes, expondo temerario o melhor de seus Reinos, ao caso de huma ruina, ou de huma victoria, e ainda que o não desacompanhou sua antiga fortuna, só tirou da jornada fama sem fruto, restituindo a Tunes hum inimigo por desapossar outro; que se não recolhêra tão inteiro, que lhe não custasse a victoria navios, e soldados; e que com as despezas de tão numeroso poder, esgotára os thesouros de Hespanha; que agora era o tempo opportuno para arruinar a Christandade, enfraquecida com huma larga guerra, descuidada com huma apparente victoria; que no Estreito de Gibraltar estava a célebre Cidade de Ceuta, pórta por onde já os Africanos entrárão com victoriosas armas a dominar Hespanha; que os Portuguezes a tinhão com fracos muros, e hum debil presidio, mais attentos a inquietar os visinhos, que acautelar-se delles, porque altivos com as prosperidades do Oriente, desprezavão sua propria morada, á maneira de rios, que quanto mais distão do berço em que nascêrão, são maiores; que se a Magestade do Grão-Senhor se inclinasse a senhorear esta parte tão principal

da Europa, elle se offerecia com hum justo numero de galés, a entregar-lhe Ceuta, para que as Nações do ultimo Occidente vivessem na reverencia de seu Imperio. Assim discorreo o Corsario, tentando restaurar com forças alheias o credito, e estado de que havia cahido. E como nas Côrtes dos Principes, as cousas grandes são melhor ouvidas que as possiveis, e em Barba-Roxa a experiencia, e o valor tinhão tantos abonos, Solimão altivo, e bellicoso, começou a dar ouvidos a empreza de tantas consequencias, que parecia opportuna pela paz, e prosperidade, que gozava seu Imperio. Ouvio diversas vezes a Barba-Roxa, que lhe persuadio serem os uteis desta facção maiores que as difficuldades. Inflammavão mais a indignação do Turco os Mouros Africanos, queixosos de que não podião respirar, senão debaixo da paz de nossas armas, chorando huns a liberdade, outros a injuria do seu Profeta nas postradas Mesquitas. No remedio destes damnos empenhavão o Turco por zelo, e por grandeza; porque huns tocavão á Religião, outros á Magestade; motivos que cobrião a ambição, e justificavão a jornada.

O Emperador Carlos, que da negociação de Barba-Roxa em Constantinopla andava cuidadoso; entendendo que aquelle tronco, de quem cortára as ramas, não ficára tão secco, que com calor alheio, não pudesse brotar novo veneno, teve industria para saber a resolução do Turco ácerca da invasão de Hespanha; e ainda que o primeiro golpe ameaçava a Ceuta, como nunca a corrente da victoria pára onde começa, não querendo cahir tambem sobre nossas

ruinas, mandou armar navios, alistar gente, e dobrar os Presidios nos pórtos do Estreito, escrevendo a el Rei D. João seu cunhado os avisos que tinha, para que juntos dispuzessem a resistencia do commum inimigo.

Chegada a Portugal esta nova, tratou logo el-Rei de fortificar Ceuta, que não tinha outra defensa, que a que ensinava a disciplina daquelles tempos; e como nós em Africa eramos conquistadores, defendiamos nossas Praças com temor alheio. Governava naquelle tempo Ceuta D. Affonso de Noronha, a quem el Rei encommendou a fortificação, e a defensa, mandando-lhe gente, materiaes, e engenheiros. Pedia o Emperador a el Rei, que mandasse sahir a armada, para que unida com a que tinha em Cadiz, á ordem de D. Alvaro Baçâo, esperassem o inimigo na bocca do Estreito, onde em qualquer successo terião no abrigo de seus portos segura a retirada. Posto o negocio em conselho, pareceo que as armadas se juntassem, porque não ficasse sobre nossas forças todo o peso da guerra.

Entrou el Rei em consideração de buscar quem governasse a armada, e dado que no Reino havia muitos homens, a quem as experiencias, e perigos de nossas Conquistas tinhão feito soldados, o nome de D. João de Castro se fazia lugar entre os maiores: fez brio de não pedir, nem engeitar o serviço da Patria. Sabemos que el Rei D. João, ainda que o amava por valeroso, lhe era pouco affecto por altivo; de sórte que o que grangeava por huma virtude, vinha a perder por outra: assim não vimos que na Casa Real tivesse Officio, ou valimento;

porque Varão tão livre podião-no soffrer como vassallo, mas não como criado. Estava já com velas mettidas toda a armada, e embarcada muita parte da Nobreza do Reino, e os soldados na expectação de quem havia de governar facção tão importante; quando de repente se divulgou a nomeação em D. João de Castro, feita com geral satisfação, ainda dos mesmos pretendentes.

Mandou el Rei chamar a D. João, a quem communicou os Avisos do Emperador, e designios do Turco, significando-lhe a enveja com que o mandava a tão honrada empreza, mas que pois era huma prisão Real das Magestades, poder dar honras sem poder merecellas, lhe entregava aquella armada, esperando que havia de ajuntar ás Ruelas dos Castros as bandeiras que aos Turcos ganhasse, para que a seus descendentes as deixasse ainda mais honradas do que lhas entregárão. D. João beijou a mão a el Rei, agradecido: entendendo que dos Principes era melhor ser bem avaliado, que bem visto.

Aos doze dias de Agosto de 1543, se fez á véla toda a armada, e em poucos dias com ventos de servir, surgio á vista de Gibraltar, onde achou sobre ferro a armada Imperial, que recebeo a nossa com toda a cortezia naval, alegrando, ou assombrando o lugar com repetidas salvas. Veio logo D. Alvaro Bação com os principaes Cabos da armada visitar a D. João de Castro ao mar, onde depois de saudações cortezes, lhe deo conta das noticias que tinha do inimigo, que segundo os avisos, a primeira invasão seria sobre Ceuta. Alli se discorreo, como unidas as armas de dous tão grandes Principes, convi-

nha á reputação de humas, e outras armas; peleijar com o inimigo; que dado que viesse com maiores forças, peleijavámos nos nossos mares á vista de nossos portos; que no conflicto nos podião soccorrer com gente descansada; e os navios destroçados terião o abrigo visinho; e que quando bem a victoria se inclinasse aos Turcos, ficarião tão quebrados, que não pudessem intentar facção nas Praças do Estreito, as quaes sempre remitirião peleijando em ambos os successos: maiormente, que as ordens, que trazião cerradas de buscar o inimigo, não soffrião outra interpretação com que se salvasse a honra, e a obediencia. Tomada esta resolução, ainda que precisa, briosa, ficárão os soldados alvoroçados, e os Cabos sollicitos nas ordens, e disposição de tão grande negocio; quando de repente chegárão apressados avisos, que Barba-Roxa com toda a armada junta demandava o Estreito. Mandou logo D. João de Castro recolher alguma gente que andava em terra, dar ordens aos Capitães, empavesar navios, e avisar a D. Alvaro de como se levava. O qual com a imaginada vista do inimigo, resfriando daquelle ardor primeiro, escreveo a D. João de Castro, que novos casos necessitavão de novos conselhos; e que pelas noticias das espias, sabia, que Barba-Roxa trazia dobrado numero de baixeis do que as armadas tinhão; que não era intenção, nem serviço de seus Principes, perderem-se com risco tão sabido; que estando aquellas armadas inteiras não podia o inimigo intentar cousa grande; e se acaso na peleija ficassem destroçados, ficarião as Praças do Estreito por premio da victoria;

que elle em deixar de peleijar se violentava muito, mas que primeiro estava o serviço de Cesar, que o brio dos particulares; que lhe pedia recolhesse naquelle porto a armada, e que da resolução dos Turcos tomarião mais seguro conselho. D. João de Castro respondeo ao General Castelhano, que elle não mudava de opinião á vista do inimigo; que bastava para animar os Turcos o verem-se temidos; que pois elles pretendião pisar terra de Hespanha, as armadas se devião arriscar pela reputação quanto mais pela injuria; que juizo havia de fazer o mundo das forças de dous tão grandes Principes, quando se colligavão para fazer a Barba-Roxa a guerra defensiva! deixando senhorear a bandeira do Turco nossos mares á vista das Aguias do Imperio, e Quinas de Portugal; que elle se resolvia em esperar o inimigo, seguro de lhe imputarem culpa em hum, e outro acontecimento; porque no máo successo, os perdidos não davão conta de nada, e aos victoriosos de nada se pedia.

Mas nem esta resolução bastou para o General Castelhano D. Alvaro Bação mudar de conselho; não sabemos se o tomou por melhor, se por mais seguro. D. João de Castro se pôz na bocca do Estreito, onde esteve surto tres dias: aqui teve aviso, que se fizera em outra volta a armada do inimigo, por dissensões que houvera entre os Cabos maiores; ou como em outras memorias achamos, por haver recebido Barba-Roxa novas ordens do Turco, que recolhesse a armada. Porém a gentileza com que D. João de Castro a esperou no Estreito, mereceo dos presentes, enveja, e dos futu-

ros, gloria; pois para conseguir huma illustre victoria, não faltou o valor, faltou o conflicto; bem que desta tão generosa resolução, se fizerão em Hespanha juizos differentes, pondo-lhe nota aquelles que a todas as acções não vulgares chamão temeridades: porém eu creio, que ainda os que mais condemnárão esta acção, tomárão ser os authores della.

Vendo pois D. João, que com a retirada do inimigo ficára assegurado o receio daquellas Praças, se foi a Ceuta a communicar algumas cousas de sua instrucção com D. Affonso de Noronha; o qual recebeo a D. João com tantas salvas de artelharia, que os Castelhanos em Gibraltar se persuadírão, que peleijava a armada: mas nem assim quizerão desaferrar do porto, faceis em alterar o primeiro conselho, tenazes no segundo. Aqui teve D. João de Castro aviso, que os Mouros tinhão Alcacer Ceguer em apertado cerco; Praça, que os nossos sustentavão em Africa com despeza, e perigo inutil, de que era Capitão hum Fidalgo do appellido de Freitas. Despachou logo a seu filho D. Alvaro com hum troço da armada, e ordem que mettesse o soccorro na Villa, e que até se levantar o inimigo estivesse no porto; o que executou promptamente, bastecendo, e municiando a Praça. Como o exercito dos Mouros se compunha de gente tumultuaria, faltando-lhes o calor da primeira invasão, levantou o sitio, e D. Alvaro se tornou a aggregar á armada, que depois de assegurar Ceuta, e livralla do receio dos Turcos, se recolheo ao porto de Lisboa; aonde já havia chegado a fama de hum,

e outro successo, que como cahírão sobre valor tão bem reputado, parecêrão maiores. Mas D. João, que nenhuma cousa tinha por grande, querendo tratar com desprezo suas mesmas obras, fugio das honras populares ao retiro de Cintra, ou tão modesto, ou tão altivo, que não avaliava suas acções por dignas de si mesmo.

Entrou el Rei D. João em consideração de buscar quem governasse o Estado da India, porque Martim Affonso tinha acabado o tempo, e pedia Successor com repetidas instancias, porque as cousas do Oriente estavão por varios accidentes hum pouco declinadas, e não queria que a guerra com algum desar lhe desluzisse a gloria de seus feitos, como quem sabia, que dá a ignorancia do Povo poder a huma desgraça para desauthorisar muitas victorias. Para negocio tão grande se representárão a el Rei sujeitos differentes; huns que pela antiguidade do sangue costumavão a ser, senão benemeritos, herdeiros dos lugares maiores (segunda tyrannia de reinar, que inventou a Nobreza) : outros humildes por nascimento, e illustres por si mesmos, que o que se lhes devia por seus merecimentos, perdião por falta dos alheios ; assim que para posto de tanta authoridade, nem bastava valor plebêo, nem qualidade inutil.

Com estas considerações el Rei irresoluto na escolha de Varão, de quem pudesse fiar o peso de tão grande governo, perguntou ao Infante D. Luiz, quem no estado presente fizera Governador da India. O qual lhe significou o conceito que tinha dos espiritos de D. João de Castro; porque na occasião

do Estreito a muitos havia parecido que se houvéra com animo sobejo, he certo, que não haveria soldado que não estimasse ser reo de tão honrada culpa; o que dado que seus emulos o arguião de altivo, e retirado, por não pedir mercês, nem cortejar Ministros, erão estes defeitos de tão boa qualidade, que vinhão a ser melhores os vicios de D. João, que as virtudes de outros; que não via quem pudesse conservar a disciplina da primitiva India, senão D. João de Castro, o qual servia tão alheio de todos os interesses, que parecia desprezar os premios da terra, como se Sua Alteza não fôra Rei dos homens, senão Deos dos vassallos; que era affeiçoado a D. João de Castro por suas qualidades, porém tão livremente, que seus merecimentos ainda separados do sujeito, amára em qualquer outro.

El Rei com quem a opinião do Infante tinha credito grande, vendo que avaliava as cousas de D. João com zelo de Principe, e noticias de amigo, approvou a inculca feita pelo Infante, cuja authoridade qualificou o conceito de todos, e mandando chamar a D. João de Castro a Evora, onde tinha sua Corte, lhe disse em sala pública: « Andei estes dias » cuidadoso em buscar Varão que governasse o Esta- » do da India, e não duvidava podello achar na fami- » lia dos Castros, de cujo tronco os senhores Reis » meus Antecessores tirárão sempre Generaes para » os exercitos, Regentes para os Póvos: assim me » prometto, que de tão valerosa raiz não póde de- » generar o fruto; mórmente se medir as futuras ac- » ções pelas passadas, as quaes vos tem dado justo » nome na opinião do Reino, e estimação na mi-

» nha: pelo que, confiadamente vos encommendo o » Governo da India, onde espero procedais de ma» neira, que possa dar vossas acções por regimento » aos que vos succederem. » D. João beijou a mão a el Rei, mais agradecido á honra, que ao officio; estimando só de tão grande cargo o não o haver buscado. Na Corte houve sobre esta eleição diversos sentimentos: alguns a notárão por enveja, e outros por costume; tanto, que nas virtudes em que lhe não podião achar faltas, lhe arguião excessos: foi porém tão bem avaliada dos mais, e dos melhores, que el Rei se alegrava de haver achado hum homem feito á vontade de todos.

El Rei lhe mandou logo despachos para aprestar a armada, sem correr o meneio della por outras mãos; como erradamente anda escrito, affirmando hum Author, que D. João passára á India descontente, por ser mal respondido em seus particulares: cousa tão encontrada com as noticias que temos, e com a pouca ambição deste Fidalgo, que mais se desvelava no que havia de engeitar, que no que havia de pedir; como senão tivera Rei a quem rogar, senão a quem servir.

Determinou levar comsigo a seus filhos D. Fernando, e D. Alvaro, que era o mais velho; o qual mandou cortar algumas galas, das que pedião a profissão, e os annos; e passando D. João acaso pela Jubiteria, vendo estar penduradas humas calças de obra, parando o cavallo, perguntou de quem erão; e tornando-lhe o official, que as mandára fazer D. Alvaro filho do Governador da India, pedio D. João de Castro huma tisoura, com que as cortou todas, dizendo

para o mestre: Dizei a esse rapaz, que compre armas. Não lemos que fosse mais exemplar, ou austéra a disciplina dos antigos Romanos.

Aprestou D. João a armada brevemente, sem violencia, nem queixa dos pequenos, porque ainda então as extorsões com que os Ministros maiores armão á graça dos Principes, senão usavão, ou senão conhecião. Era o corpo da armada de seis náos grandes, em que se embarcárão dous mil homens de soldo. A Capitania S. Thomé, em que o Governador hia, que lhe deo este nome, que depois appellidou nas batalhas, invocando já como de justiça ao Apostolo da India por patrão de huma, e outra conquista. Os outros Capitães de sua conserva erão D. Jeronymo de Menezes, filho, e herdeiro de D. Henrique irmão do Marquez de Villa Real, Jorge Cabral, D. Manoel da Silveira, Simão de Andrade, e Diogo Rebello.

Aos dezasete de Março de 1545 desafferrou do porto toda a armada, e a poucos dias de viagem foi avisado o Governador, que na sua náo hião quasi duzentas pessoas que recebião ração sem assentarem praça; huns que por inuteis forão recebidos, e outros que por delictos se embarcárão escondidos. Instavão os Ministros da náo com o Governador que os embarcasse na caravella de refresco para desempachar a náo, e levarem mantimentos sobrados para os casos de tão larga viagem: porém o Governador mais compassivo que acautelado, fazendo huma mesma a causa dos miseraveis, e a sua, seguio sua derrota. Passados alguns dias começou-se a conhecer a falta dos mantimentos, com o que os marinheiros, e soldados

formárão a queixa contra o Governador, que com tão arriscada piedade queria pôr em contingencia pelo remedio de poucos a salvação de todos. Os mais erão de parecer, que se lançasse esta gente nas Ilhas de Cabo-Verde, onde os criminosos, e os pobres ficavão assegurados, estes da fome, aquelles da justiça. Porém o Governador considerando, que os ares, e o terreno das Ilhas, buscados fóra de monção, erão conhecidamente nocivos, resolveo amparar os miseraveis no seu mesmo navio, crendo se salvaria com elles, e por elles, dizendo, que era deshumanidade lançar do mar a quem fugia da terra. Assim forão navegando com tempos escassos, até que lhe entrárão os geraes na costa de Guiné, onde a náo do Governador tocando, esteve soçobrada, sendo, na opinião dos mareantes, aquelles mares limpos, e onde a Carta não sinalava baixos. Foi a confusão como de quem se via beber a morte inopinadamente; as horas, e o temor fazião maior o perigo, até que a náo estando atravessada, e sem governo, começou a sordir sobre a vaga, seria caso, mas pareceo milagre. O Governador mandou tirar tres peças, para que as náos que vinhão por sua esteira dessem resguardo ao baixo; as quaes não entendendo o sinal, arribárão sobre elle, e com melhor fortuna, que conselho, sendo do mesmo porte que a Capitania, salvárão o baixo, achando sobre as mesmas aguas differente successo, cuja causa não souberão ajuizar os mareantes.

Seguindo o Governador sua viagem com toda a armada junta, surgio em Moçambique, onde o seu primeiro cuidado foi a desembarcação, e commodidade dos enfermos, ajudado de seus filhos D. Alvaro,

e D. Fernando, parecendo então herdeiros de sua piedade, depois de seu valor. Os dias que o Governador esteve em Moçambique notou que a fortaleza que alli tem o Estado, era obra mal entendida, por estar em distancia da praia, difficil aos provimentos, e soccorros de nossas armadas, situada em lugar baixo, onde podia ser batida de muitas eminencias que a senhoreavão, impedindo-lhe juntamente a pureza dos ares em damno da saude. Communicou este negocio com as pessoas que desta arte tinhão alguma luz por uso, ou disciplina, e a todos parecêrão os erros da fortificação notados com juizo. Succedeo logo a execução ao conselho, e escolhido sitio conveniente, determinou materiaes, e mestres para a nova defesa; e como isto se obrava aos olhos do Governador, os Fidalgos á volta dos piões acarretavão as pedras; humas que servião á lisonja, outras ao edificio.

Posta já em defensa a fortaleza, e reparada a saude dos enfermos com ares, e refrescos da terra; deo o Governador á vela, e navegando sempre com ventos de servir, ferrou a dez de Setembro a barra de Goa, onde por hum navio que se adiantou, soube Martin Affonso de Sousa que tinha o Successor visinho, dispondo-se a recebello com festas que mostrassem o gosto com que agasalhava o hospede, e deixava o governo. Foi logo buscallo ao mar em hum bargantim esquipado, donde o trouxe á quinta de Antonio Correa, em quanto se dispunha a solemnidade de seu recebimento. Alli banqueteou ao Governador, e aos Fidalgos, e Capitães da fróta, com tanto primor no serviço, e abastança tão grande nas viandas, que parecia solemnizar as ultimas honras do cargo que espi-

rava. Houve aquella noite bailes, e folias; festins que a singeleza de Portugal antigo levou ao Oriente. Aqui esteve o Governador dous dias, assistido de todos os Fidalgos, desemparando a Martim Affonso de Sousa até aquelles, que como creaturas suas, tinha feito de nada; aprendendo a ingratidão Oriental dos Indios, que apedrejão o Sol quando se põe, e o adorão quando nasce.

Chegado o termo da entrada, se metterão os dous Governadores em huma falua com os remos dourados, e o toldo de sedas differentes. As torres, e os navios os festejárão com horror de repetidas salvas; e os vivas, e expectações da plebe lisongeavão sem artificio ao novo Governo. Assim chegárão a desembarcar em hum grande theatro, onde os aguardava a Camera da Cidade em corpo de Camara. E assentados com as ceremonias que a vaidade inventou em semelhantes actos, fez hum dos Vereadores sua estudada arenga, em que se promettia o Estado prosperidades grandes com o novo ministro. Depois de ouvir o Governador as lisonjas publicas, ouvio tambem as secretas de muitos, que com ellas abrião a porta a seus particulares interesses.

Acabada a solemnidade daquelle acto, e entregue D. João do governo da India, se partio Martim Affonso para Cochim a tratar do seu apresto para o Reino. Entrou logo o novo Governador em cuidados molestos de aquietar o Povo alterado pela mudança de moeda, que os Ministros Reaes havião feito com damno dos vassallos, e escandalo do Gentio visinho. Direi de seus principios o caso.

Corre na India huma moeda de baixa lei, que

chamão Bazarucos, a qual entre Christãos, Mouros, e Gentios conservou sempre a mesma estimação vulgar. Esta como se lavra de cobre (material que naquelle tempo passava de Portugal por droga) pareceo aos Ministros que se lhe devia sobir o preço em beneficio da fazenda Real. Publicou-se solemnemente a alteração da moeda, começando a correr com nova estimação; porém como aquelle valor legal não era intrinseco, pois tinha só o que recebia da lei, e não do peso, o Gentio, que não estava sujeito a leis alheas, faltava com a ordinaria provisão de mantimentos, e os Póvos padecião, como por decreto de seu mesmo Governo. Os Ministros maiores defendião, como Real, a causa, zelando a utilidade do Rei na perdição do Povo; o corpo da Cidade clamava, que os Reis de Portugal nunca fizerão de suas miserias thesouros, nem costumavão beber as lagrimas de seus vassallos em baixelas douradas; que os Gentios, e Mouros se gloriavão de que não podendo destruir os Portuguezes com o ferro, os acabavão com suas mesmas leis, armando contra elles a ambição de seus Governadores. Crecia a fome, e a liberdade dos queixosos, que fazia maior a justiça da causa, e a conformidade do aggravo commum. Com estas queixas forão os Vereadores da Cidade, entre pobres, mulheres, e meninos, huns com razões, e outros com lastimas, demandar ao Governador; o qual mandando quietar a plebe, ouvio a huns como juiz, a outros como Pai; e porque o mal da fome não se cura com remedios tardos, lhes remetteo a conclusão para o seguinte dia: assim os despedio confiados, crendo alguns, pelo costume da India, que como obra de seu

Antecessor lhe parecesse injusta. Logo naquella mesma tarde chamou os Ministros da fazenda Real, e ouvidos os fundamentos que tiverão, deo parte da materia aos homens mais scientes nas leis, e na politica daquelle Estado, os quaes, sem discrepancia, resolvêrão ser cruel o Decreto, e repugnante á piedosa intenção de nossos Principes. E este parecer se corroborou com os fôros, e privilegios populares, e outras legalidades que deixamos, por não fazer prolixa nossa Historia. Revogada esta lei pelo Governadór, começárão a correr os mantimentos do Sertão, e os Póvos lhe vierão offerecer as vidas, que lhes havia remido com a nova indulgencia do tributo.

Concluido este negocio com tanto credito da clemencia Real, vierão Embaixadores do Hidalcão, que depois de lhe darem as saudações ordinarias, e congratulações do cargo, lhe pedião entregasse certo prisioneiro na forma que com seu Antecessor estava concertado. E porque este negocio chegou a alterar o Estado com guerra descuberta, não deixaremos em silencio a origem que teve.

Morto Bazarb Principe do Balagate, no tempo que foi Governador Nuno da Cunha, ficou Meále ainda no berço de sua infancia, havido por indubitavel Successor da Coroa. Era o Hidalcão neste tempo a segunda pessoa do Reino em authoridade, a primeira em valor, porque nas guerras dos Principes visinhos, tinha dado de suas obras hum testemunho grande. E como estes Barbaros mais reinão por occasião, que por justiça, o Hidalcão vendo que suas forças, e a impossibilidade do herdeiro lhe abrião larga porta á ambição da Coroa, começou a sollicitar os corações

dos Grandes, com os quaes artificiosamente se lastimava da miseria do Reino com Successor menino, com quem havião de servir, ou soffrer como a Reis todos os seus validos; que os Principes com quem trazião guerra, não perderião a occasião de os acabar, vendo no berço quem os havia de defender; que buscassem hum Varão, onde havia tantos, para salvar a Patria; que elle seria o primeiro que lhe obedecesse, porque o governo do Reino não podia esperar os tardos movimentos com que a natureza havia de dar a hum menino primeiro forças, depois entendimento; que quando com inutil obediencia, abraçados aos peitos das amas adorassem Meale, não duvidava, que por conservarem o Rei, perderião o Reino. Mostrou-se logo affavel com os Povos, com os soldados liberal, como quem não queria imperar para si, senão para elles, valendo-se ambiciosamente de todas as virtudes, não como necessarias para viver, senão para reinar. Chegárão em fim os principaes a offerecer-lhe a Corôa, crendo, que sempre se acordasse que fora creatura de seus mesmos vassallos, ao qual sempre seria grata a memoria de tão grande beneficio.

Era o Hidalcão liberal, e valeroso, e sem duvida fora hum grande Principe, se conservára o Reino com as mesmas virtudes com que soube adquirillo; porém logo que se vio obedecido, cessárão aquellas artes fingidas, como não tinhão movimento natural, e rebentárão a ambição, e soberba, como vicios de casa. Não tratou logo de matar a Meale, ou por clemencia fingida, ou por crueldade nova, querendo quiçá, que o pobre Principe, com obediencia servil lhe authorisasse o Sceptro que lhe tyrannisava. Os Sa-

trapas do Reino, vendo-se fóra de tempo arrependidos, e que já não podião ser traidores, nem leaes sem perigo, andavão consultando meios de assegurar Meále da tyrannia do Hidalcão, como se tivéra o desgraçado Principe mais justiça para viver, do que para reinar. Nestes discursos passárão alguns annos, nos quaes Meále chegou a idade que podia conhecer seu perigo, e considerando que sua presença arguía a consciencia culpada do tyranno, o qual maquinava com seu sangue apagar a memoria da intrusão da Coroa, aconselhado dos mesmos que lhe tirárão o Reino, se passou á Cambaya, onde foi bem recebido, mostrando o Rei, e o Povo que se compadecião de miserias Reaes; porém como aquelles favores tinhão mais de ambição que de piedade, chegárão a durar pouco, porque só os primeiros dias lhe fizerão tratamento como a Rei, os outros como a perseguido. Com tudo Meále se deixou ficar em Cambaya, havendo por mais toleraveis os desfavores do hospede, que as injurias do tyranno.

Entretanto o maior cuidado do Hidalcão era destruir aquelles que lhe derão a Coroa, que, ainda que como complices da traição lhe pudérão ser gratos, os abòrrecia, ou porque lhe acordavão a obrigação, ou o delicto. E como já vivia temeroso de suas mesmas obras, entendeo que mais o podia assegurar a crueldade que a clemencia; assim o fazião duas vezes cruel, o vicio, e a necessidade. Aos maiores foi usurpando as fazendas para os igualar com a plebe, com pretexto de castigar delictos impostos, ou esquecidos, cubrindo a tyrannia com sombras de justiça, crendo que com abaixar os poderosos se faria acceito aos pe-

e D. Fernando, parecendo então herdeiros de sua piedade, depois de seu valor. Os dias que o Governador esteve em Moçambique notou que a fortaleza que alli tem o Estado, era obra mal entendida, por estar em distancia da praia, difficil aos provimentos, e soccorros de nossas armadas, situada em lugar baixo, onde podia ser batida de muitas eminencias que a senhoreavão, impedindo-lhe juntamente a pureza dos ares em damno da saude. Communicou este negocio com as pessoas que desta arte tinhão alguma luz por uso, ou disciplina, e a todos parecêrão os erros da fortificação notados com juizo. Succedeo logo a execução ao conselho, e escolhido sitio conveniente, determinou materiaes, e mestres para a nova defesa; e como isto se obrava aos olhos do Governador, os Fidalgos á volta dos piões acarretavão as pedras; humas que servião á lisonja, outras ao edificio.

Posta já em defensa a fortaleza, e reparada a saude dos enfermos com ares, e refrescos da terra; deo o Governador á vela, e navegando sempre com ventos de servir, ferrou a dez de Setembro a barra de Goa, onde por hum navio que se adiantou, soube Martin Affonso de Sousa que tinha o Successor visinho, dispondo-se a recebello com festas que mostrassem o gosto com que agasalhava o hospede, e deixava o governo. Foi logo buscallo ao mar em hum bargantim esquipado, donde o trouxe á quinta de Antonio Correa, em quanto se dispunha a solemnidade de seu recebimento. Alli banqueteou ao Governador, e aos Fidalgos, e Capitães da fróta, com tanto primor no serviço, e abastança tão grande nas viandas, que parecia solemnizar as ultimas honras do cargo que espi-

rava. Houve aquella noite bailes, e follas; festins que a singeleza de Portugal antigo levou ao Oriente. Aqui esteve o Governador dous dias, assistido de todos os Fidalgos, desemparando a Martim Affonso de Sousa até aquelles, que como creaturas suas, tinha feito de nada, aprendendo a ingratidão Oriental dos Indios, que apedrejão o Sol quando se põe, e o adorão quando nasce.

Chegado o termo da entrada, se meterão os dous Governadores em huma falua com os remos dourados, e o toldo de sedas differentes. As torres, e os navios os festejárão com horror de repetidas salvas; e os vivas, e expectações da plebe lisongeavão sem artificio ao novo Governo. Assim chegárão a desembarcar em hum grande theatro, onde os aguardava a Camera da Cidade em corpo de Cabido. E assentados com as ceremonias que a vaidade inventou em semelhantes actos, fez hum dos Vereadores sua estudada arenga, em que se prometia o Estado prosperidades grandes com o novo ministro. Depois de ouvir o Governador as lisonjas publicas, ouvio tambem as secretas de muitos, que com ellas abrião a porta a seus particulares interesses.

Acabada a solemnidade daquelle acto, e entregue D. João do governo da India, se partio Martim Affonso para Cochim a tratar do seu apresto para o Reino. Entrou logo o novo Governador em cuidados molestos de aquietar o Povo alterado pela mudança de moeda, que os Ministros Reaes havião feito com damno dos vassallos, e escandalo do Gentio visinho. Direi de seus principios o caso.

Corre na India huma moeda de baixa lei, que

quenos, aos quaes sempre he grata a ruina dos Grandes por odio natural de sua fortuna. Porém elles vendo que não bastava o soffrimento, consultárão meios de restituir Meále, huns por vingança, e outros por remedio. Fizerão suas juntas secretas, onde tomárão differentes acordos, os quaes lhes fazia variar cada dia o temor, e a difficuldade do negocio, mais arduo na execução, que no conselho. Acabárão em fim de apurar a obediencia forçada com os aggravos novos; tentárão pois com a morte do Hidalcão remir a culpa, e cobrir a infamia da traição passada: não sendo deste voto os atrevidos, senão os desesperados, porque já o Hidalcão neste tempo vivia com forças de Rei, e cautelas de tyranno. Era assistido do Povo, que aborrecendo o Rei, amava as crueldades executadas contra a Nobreza, infesta pela desigualdade de huma, e outra fortuna. Os conjurados temerosos de si mesmos, e que com a dilação se fazião os odios mais remissos, e a paciencia servil se fazia costume, vendo que para tão grande empreza não tinhão forças proprias, buscárão as alheas. Acordárão communicar o negocio com Martim Affonso de Sousa, Governador que então era do Estado da India, pedindo-lhe mandasse vir Meále de Cambaya, e o tivesse em Goa. E quando engeitasse a gloria de o restituir, teria sempre ao Hidalcão temeroso, e propicio para todas as occurrencias do Estado.

Persuadido Martim Affonso, que este fogo de discordia, que começava a arder entre o Hidalcão, e os seus, convinha mais soprallo, que extinguillo, e que seria util ao Estado enfraquecer hum visinho soldado, e poderoso; cobrindo estas conveniencias com

causas mais honestas, quaes erão, pôr á sombra de nossas armas hum Principe desapossado, e perseguido; facção para os de fóra gloriosa, e para os nossos util; resolveo mandar buscar Meále a Cambaya, significando-lhe a disposição de seus vassallos ácerca da restituição do Reino, cujos animos se esforçarião vendo que lhe amparava o Estado, a causa, e a pessoa. Recebida do Mouro tão inopinada mensagem, havendo por desacostumada a piedade de homens, por religião não só differentes, mas contrarios, se encommendou á fé, e clemencia do Estado; e embarcando-se com sua pobre familia, aportou a Goa, onde foi recebido do Governador com grandes honras, mais merecidas de seu sangue, que de sua fortuna, se bem forão de alguns interpretadas, antes em injuria do visinho, que em favor do hospede. Derramada por toda aquella cósta a vinda de Meále, que já começava a reinar nos animos de muitos, tomou o seu partido maiores forças entre os conjurados, vendo que já a sombra de nossas armas amparava sua causa, e que começava a soar bem seu nome nos ouvidos do Povo.

Considerando o Hidalcão, que o Estado não chamára a Meále só para segurar a pessoa, mas defender a causa, cujas armas como victoriosas, e visinhas lhe erão mais formidaveis, mandou a Martim Affonso de Sousa huma embaixada, significando-lhe como tinha sabido, que estava em seu poder Meále, a quem parecia, que a fortuna andava guardando para perturbar a paz do Oriente; que sabia como fora chamado de alguns sediciosos, que cansados de obedecer, querião crear senhores novos a quem poder mandar; que elle Hidalcão não referia as razões que tivera para tomar

porque o havia de esperar dos Portuguezes, de quem era inimigo? Que quando se visse restituido, e poderoso, a primeira lança que se arrojasse contra o Estado havia de ser sua, porque lhe seria suspeitosa a visinhança de homens tão valerosos, que o fizerão Rei; e que para nos aborrecer, bastava a memoria de tão grande beneficio.

Resoluto em fim Martim Affonso a entregar Meále por fundamentos menos considerados, despedio os Embaixadores, e com elles a Galvão Viegas, hum Cavalleiro honrado, com largos poderes para assentar o contrato na fórma referida, mandando logo tomar posse das terras firmes, em virtude da offerta do Hidalcão, com beneplacito de seus Embaixadores.

Neste estado achou D. João de Castro as cousas de Meále, pedido agora pelo Hidalcão com nova embaixada, em fé do capitulado com seu Antecessor: porém D. João com differente acordo respondeo ao Hidalcão, que os Portuguezes erão fieis aos amigos, quanto mais aos hospedes; que as propostas do seu Antecessor mais forão para conhecer a causa, que para resolvella; que as terras firmes pertencião ao Estado por doações mais antigas, e que dos rendimentos era justo alimentar Meále por gratidão dos Reis seus Antecessores, que as vinculárão ao Estado; que o deixasse lograr quieto esta pequena memoria de seu direito, e que o amparar o Estado sua pessoa até gora não era protecção, senão piedade; que não alterasse a paz com impacientes armas, porque então viria a fazer certo o que temia, irritando o Estado para que se fizesse author de huma

e outra vingança. E porque seus Embaixadores apontavão, que com a negação de Meále seria forçoso o rompimento, lhe lembrava, que as mais das fortalezas que fizemos na India, tinhão os alicesses sobre cinzas de Reinos abrazados; que os Portuguezes tinhão a condição do mar, que com as tormentas se levanta, e crece; que elle assim como não buscava a guerra, tambem pouco a sabia engeitar.

Com esta resposta despedio o Governador os Embaixadores, que na constancia com que lhes respondeo, entendêrão que o não dobraria a entregar Meále, temor, ou beneficio. Apercebeo-se logo para fazer, e esperar a guerra, que como era de Principe visinho, primeiro poderiamos sentir o golpe, que vêr a espada. Mandou logo alistar a gente de cavallo, que serião duzentos homens, e servião debaixo de huma só bandeira, milicia mais valerosa que ordenada. Encarregou a guarda da Cidade a gente da ordenança, e os soldados pagos teve promptos para qualquer invasão subita do inimigo. Tratou logo de aprestar a armada, que achou desbaratada pelas viagens, e guerras de seu Antecessor, e pobreza do Estado, e como as forças navaes são as mais importantes, aqui se empregou todo. Reparou as embarcações que estavão no rio, fez tres galés, e seis navios redondos com estranha brevidade, não faltando aos officiaes com a paga, e o agrado, com que a obra medrava, vencendo a diligencia o tempo. Destas galés, e navios nomeou Capitães, que assistião ás obras, como a cousa propria, expediente que foi assaz importante para a brevidade do apresto, bondade, e abundancia das munições, e mantimentos,

com que a armada se pôz de verga d'alto em tempo opportuno, e breve, e com ella pôz freio aos Principes visinhos para se colligarem com o Hidalcão, que já os sollicitava a sacudir o jugo, como em beneficio da commua liberdade.

Entendida pelo Hidalcão a resolução do Governador, recorreo á justiça das armas, querendo lançar fóra de casa a guerra, antes que com a presença de Meále tumultuassem os vassallos, a quem farião fieis os postos, e os premios da milicia, defendendo como commua a causa. Vedou logo com rigorosas leis aos vivandeiros trazer a Goa a ordinaria provisão de mantimentos, que como os recebia do Sertão, não estava basteoida para aturar tão repentina guerra. Traz isto mandou Acedecão hum valeroso Turco com dez mil homens a senhorear as terras firmes, que estavão á nossa obedienoia.

Mas D. João de Castro entendendo que a guerra recebe opinião dos primeiros successos, sahio com dous mil infantes, e a cavallaria da terra a fazer rosto ao inimigo; e sendo de muitos Fidalgos persuadido que não empenhasse sua pessoa com partido tão desigual, que não era authoridade do Governador da India cingir a espada contra hum Capitão do Hidalcão, nem dar a entender ao mundo que fazia tanto caso desta guerra, mórmente quando tinha Fidalgos benemeritos da honra, e do perigo desta empreza, não foi possivel dissuadillo da primeira resolução, dizendo com maior confiança do que permittião as forças de seu campo, que sahia a castigar, e não a vencer. E marchando duas legoas de Goa, avistou o inimigo, que alojado ao pé de hu-

ma serra, tendo na frente hum rio, que lhe servia de cava, e de trincheira, com as vantagens do numero, e do sitio, esperou aos nossos, que ainda que cansados da marcha, cobrando novo alento, ou com a presença do Governador, ou com a vista do inimigo, começárão a passar o rio com mais resolução que disciplina. Não foi possivel aos Cabos detellos, ou ordenallos, porque os mais temerarios se lançárão ao rio, e nos sisudos a desconfiança fez necessidade, nos mais, para seguir aos companheiros, o exemplo pareceo disciplina.

O Governador com singular acordo, mandou aos que ficavão, que passassem o rio, entendendo que o que no principio fora erro, agora era remedio; e porque este dia não teve lugar de dispôr como Capitão, peleijou como soldado. Envestirão logo os nossos aos Mouros tão impetuosamente, que assombrados daquella primeira invasão, forão largando o campo, turbadas as fileiras, e por si mesmas rotas forão desordenadas, e vencidas; vendo os nossos (o que raras vezes succede) hum exercito sem perda, e mais desbaratado. Recebêrão os Mouros grande damno na fugida, nenhum na resistencia. Forão os nossos duas legoas executando as licenças, e crueldades da victoria, recolhendo as armas que miseraveis largavão como carga, e não como defensa. Durou em fim o alcance o que durou o dia, sendo aos inimigos o horror da noite remedio contra o da victoria. Recolhidos os soldados, cheios de sangue, de gloria, e de despojos, se deixou o Governador ficar no campo ao seguinte dia, sem arguir aos soldados a desordem, que lhe deo a victoria;

seguindo a condição dos juizos humanos, que nunca déo louvôr ás desgraças, nem ás victorias culpa.

Entrando o Governador em Góa, foi recebido com singular applauso daquelle Povo tão costumado a vêr, e desprezar victorias. E porque nesta, e nas mais batalhas que D. João venceo, appellidou o nome de S. Thomé Apostolo da India, cremos que forão havidas com o auspicio de hum Patrão tão grande; o qual por gratificar a piedade, e honrar a memoria de D. João de Castro, se servio de descobrir nos dias de seu governo aquella maravilhosa Cruz, achada em Meliapor na costa de Coromandel, quasi cubertos de huma mesma terra a milagrosa Cruz, e o Corpo Santo. E como D. João de Castro venerava este sinal de nossa redempção com devido, mas peregrino obsequio, pois sempre que topava Cruz, se apeava do palanquim, ou cavallo, pondo-se de joelhos; não parecerá casual a maravilha deste descobrimento; pois as misericordias do Ceo não vem por accidente. Daremos a relação deste mysterio por involver hum milagre successivo, testemunho da fé Oriental cultivada naquellas Regiões com o sangue, e doutrina de nossos Portuguezes.

Depois da maravilhosa invenção do Corpo deste Sagrado Apostolo na Cidade ou ruinas de Meliapor, que então se chamava Calamina, os Reis D. Manoel, e D. João ardião em piedoso zelo de soprar aquellas cinzas mortas, que da primeira Christandade do Apostolo alli ficárão, ainda que corruptas já com a doutrina de Sacerdotes Arme-

nios, e Caldeos, que separados da Igreja Catholica Romana, davão a beber áquelles innocentes Christãos, perniciosos dogmas: os quaes purgados em parte com o trabalho de nossos Missionarios, tratárão de levantar huma Igreja no lugar onde fora achado o precioso Corpo do Apostolo; e abrindo os alicesses para a Fábrica, achárão huma Cruz lavrada em hum pedestal de marmore de quatro palmos de alto, e tres de largo, horrifada de gottas de sangue ao parecer fresco. Tinha esta Cruz a fórma das que usão os Cavalleiros de Aviz; nos baixos da pedra estavão algumas Cruzes mais pequenas com a mesma figura que a maior, salpicadas com as mesmas nodoas de sangue. Estava a Cruz grande assombrada pelo alto de huma pomba pendente: tinha em torno humas letras antigas, cujo significado ignoravão os naturaes da terra, por não estarem em lingua conhecida, nem se formarem com clausulas atadas. Forão buscados velhos, e antiquarios scientes em differentes linguas, sem que nenhum pudesse rastrear a letra, nem o sentido da escritura, até que dahi a alguns tempos foi trazido hum Bramene de Narzinga, que nos deo a exposição della em sentido corrente, e dizia assim:

« Depois que appareceo a Lei dos Christãos no » mundo, dalli a trinta annos, a vinte hum de » Dezembro, morreo o Apostolo S. Thomé em » Meliapor onde houve conhecimento de Deos, » e mudança de Lei, e destruição do Demonio. Este » Deos ensinou a doze Apostolos, e hum delles » veio a Meliapor com hum bordão na mão,

» onde fez hum Templo: e el Rei do Malabar,
» Coromandel, e Pandi, e outros de diversas Na-
» ções, e Seitas, se sujeitárão voluntariamente á
» Lei de S. Thomé. Veio tempo em que o San-
» to foi morto por mãos de hum Bramene, e com
» seu sangue fez esta Cruz. »

E como esta traducção era de interprete assalariado, não lhe derão os nossos inteira fé em negocio tão grave; assim chamárão outro Gentio douto no conhecimento de todas as linguas Orientaes, o qual sem ter noticia da exposição primeira, declarou as letras na mesma fórma, sem discrepancia alguma. A el Rei D. Sebastião foi trazida a copia da estampa no anno de mil quinhentos sessenta e dous, como aqui parece.

Continuárão os nossos a fábrica da Igreja com maiores despezas pela veneração do lugar, que era deposito dos penhores sagrados, sendo grande a piedade, e concurrencia do Povo Malabar á vista de tão illustre testemunho da Fé que conservavão. Acabou-se a Fábrica do Templo brevemente, servindo no Altar Maior de retabolo a Cruz, gravada no marmore que temos referido. Começárão a celebrar-se os Officios Divinos com a decencia que permittia hum lugar tão remoto; quando aos dezoito de Dezembro, dia da Expectação da Senhora, estando-se officiando a Missa á vista de muito Povo, começando o Sacerdote o Evangelho, começou tambem a Cruz Sagrada a cubrir-se de hum suor copioso, destillando sobre o Altar não miudas gottas; e porque ficassem maiores sinaes daquella maravilha, parou no Sacrificio

o Sacerdote, limpando com os corporaes a humidade que a Cruz evaporava, os quaes subitamente se banhárão em sangue á vista do numeroso Povo que assistia. Foi logo a Sagrada Cruz mudando a côr alabastrina em pállida, e desta passou a hum negro escuro, que tornou a mudar em azul, com hum resplandor maravilhoso, que durou em quanto o Sacrificio da Missa; e depois de acabada, tomou a côr natural em que foi descuberta.

Successivamente se vio o mesmo milagre muitos annos naquelle mesmo dia, e ainda agora sabemos por Authores, e relações fieis succede algumas vezes, com que aquella Christandade recebe os preceitos da nossa Lei com Fé já mais robusta. Este milagre se qualificou ante o Bispo de Cochim em contraditorio juizo, cujos autos vierão a este Reino em tempo do Cardeal Rei D. Henrique, que com authoridade do Papa Gregorio XIII., authenticou o milagre, já divulgado em nossas Chronicas, e Authores estranhos. As novas deste milagre recebeo D. João de Castro com não vulgares mostras de piedade, amparando aquella Christandade de S. Thomé, opprimida da servidão dos Principes Gentios, que lhe havião revogado certos donativos, e graças, que por intervenção do Santo Apostolo lhe forão concedidas dos Reis Antecessores, das quaes hoje pelo odio dos infieis, e corrupção dos tempos, só guardavão as memorias.

Não cessava o Hidalcão de inquietar os nossos com ordinarias correrias nas terras firmes, que bastavão a nos ter em continua vigia, e impedir

a cultura aos Lavradores: a cuja causa se resolveo o Governador a dar-lhe o golpe onde mais o sentisse. Mandou logo embarcar a seu filho D. Alvaro na armada que apreståra, com ordem que nos pórtos do Hidalcão fizesse todo o damno possivel, offerecendo aos soldados escala franca, para, com as esperanças do saque, os fazer dissimular alguns soldos vencidos, que lhes devia o Estado, e desviar a outros dos tratos mercantís; corrupção que hia lavrando em muitos, e já com feio exemplo dos maiores.

Sahio D. Alvaro com novecentos Portuguezes, e quatrocentos Indios em seis navios, e alguns baixeis de remo; e a poucos dias de viagem houve vista de quatro náos do Hidalcão, que com roupas, e outras drogas da terra navegavão a Cambaya. Mandou logo D. Alvaro aos Capitães, que lhe puzessem a proa, e aos navios de remo, que se fossem cozendo com a terra, por se acaso o inimigo tentasse de encalhar desesperado. Erão as náos de mercadores, com pouca guarnição de soldados; e vendo, que nem podião fugir, nem defender-se, mandárão á Capitania Mouros mercadores, que entre razões, e lágrimas se mostravão innocentes nas discordias do Hidalcão com o Estado, offerecendo para os gastos da armada hum justo donativo; porém, nem a cubiça dos soldados, nem a razão da guerra soffria que os ouvissem; assim forão as náos entradas, e mandadas a Goa, para que conforme o bando do Governador se repartisse a preza. Chegadas estas náos ao porto de Goa, foi estranho o alvoroço do Povo, vendo que hu-

me a outra se alcançavão as victorias, louvando na primeira os esforços do Pai, na segunda a fortuna do filho.

Vendo D. Alvaro que as occasiões, e o tempo peleijavão por elle, e que tinha os soldados contentes, por terem já em seguro o fructo da jornada, mandou ao seu Piloto, que governasse ao Porto de Cambre, onde o Hidalcão tinha dobrado as guarnições depois do rompimento. Havia duas fortalezas na entrada da barra com artelharia grossa, e pela estreiteza do canal não podião as nossas náos passar, nem surgir sem perigo evidente. Consultou o General D. Alvaro com os Capitães da armada as difficuldades que se representavão, e a todos parecêrão dignas de reparar, dizendo, que emprezas voluntarias não se acommettião com risco tão sabido; que maior guerra fazião ao Hidalcão senhoreando-lhe seus mares, fazendo prezas, e tolhendo o commercio á vista de seus olhos; que nas facções de terra era maior o risco que o proveito: que o canal vião estava tão cingido daquellas fortalezas, que os nossos navios havião de passar quasi roçando sua artelharia; que o primeiro navio que desaparelhassem impediria a passagem dos outros. E como D. Alvaro instasse, que era preciso executar as ordens que levava, que erão saltar em terras, e abrazar os portos do inimigo, lhe replicárão no Conselho, propondo que se ficasse elle General no mar mandando, e que os Capitães dos mais navios commetterião a barra, porque se ao General daquella armada, filho herdeiro do Governador da India, lhe acon-

tecesse algum desastre, que maior damno poderia receber o Estado, que o empenho em que ficava na necessidade de tão justa vingança: do que D. Alvaro indignado, atalhou a prática, dizendo, que elle não queria victorias, onde o seu perigo não fosse igual ao do menor soldado, porque só para obediencia era seu General, e para o risco era seu companheiro, que a instrucção que trazia do Governador, era arriscar sua pessoa facilmente, a seus soldados com grande necessidade; que os riscos, que lhe representavão, ainda lhe parecião mais pequenos que os que vinha a buscar, porque a honra não se ganhava sem perigo; què de Portugal viera a buscar este dia, que esperava fosse muito formoso para todos, e que nesta resolução não queria conselho, só na fórma de acometter lhes pedia consultassem o modo. A temeridade do General desculpárão então o brio, e a mocidade, e depois o successo. Assentou-se que a gente passasse aos bateis, e que no quarto da alva pojasse em terra, ainda mal declarada a luz do dia, para que as peças do inimigo não pudessem fazer certa a pontaria. Aquella noite se apercebêrão todos, vendo já no semblante do General huns longes da victoria. Deixada guarnição necessaria nos navios, saltou o General em terra com oitocentos homens escolhidos, e com tão declarada fortuna, que dando nos bateis muitas balas, não houve alguma que matasse, ou ferisse soldado, sendo este accidente para a victoria, disposição, ou principio.

Era a Cidade de cinco mil visinhos; derrama-

da por huma estendida planicie. As casas entre si desunidas, e independentes humas de outras, sem mais policia, união, ou medida que a que ensinava o gosto, ou poder dos moradores. Com tudo os pateos, e eirados de cada casa representavão juntos huma magestade barbara, como de homens que edificavão com maior ambição, que architectura. Tinhão ao Norte huma pequena serra, donde descião alguns rios sem nome, que assim servião ao deleite, como á fertilidade da campanha. Fora a Cidade antigamente habitada de Bramenes, e agora de Mouros mercadores; lugar entre os Orientaes sempre famoso, então pela superstição, hoje pela riqueza. Não tinha o lugar defensa de muros, ou trincheiras, assegurados seus habitadores, ou na grandeza de seu Senhor, ou na paz dos Principes visinhos; porém ao presente, como a guerra que faziamos ao Hidalcão começou por victorias, virão os Mouros seu perigo em seus mesmos exemplos: assim trouxerão para defender a Cidade dous mil soldados pagos, que com a milicia da terra fizerão número bastante a defendellos, conforme ao seu discurso.

Estes vierão debaixo de suas bandeiras, impedir a desembarcação aos nossos, com tanta ousadia, que nos embaraçárão espaço grande, peleijando a pé firme, e tão travados, que não podião os nossos soldados ajudar-se da espingardaria, da qual só recebêrão a primeira carga com notavel constancia. Aqui deo D. Alvaro mostras de seu valor, e acordo, inflammando os seus na peleija, já com palavras, já com o exemplo de suas obras.

Virão-se em fim tão apertados os nossos, que mais peleijavão pela vida, do que pela victoria; por espaço de huma hora esteve duvidoso o successo, até que hum grande troço dos moradores, cortados do temor, e do ferro, desampararão o campo, mostrando no primeiro conflicto valor mais que de homens, no segundo menos que de mulheres: cousa muito ordinaria nos bisonhos, succeder o maior temor á maior ousadia. Com o exemplo destes se forão os outros retirando timidos, e desordenados. Nesta volta recebêrão os Mouros grande damno, porque quasi sem resistencia perecião, sendo os que cahião tantos, que estorvavão a fugida aos outros.

Entrárão os nossos de envolta com os Mouros a Cidade, onde os miseraveis se detinhão presos do amor, e lágrimas das mulheres, e filhos, que acompanhavão já com piedade inutil, mais como testemunhas de seu sangue, que defensores delle; taes houve, que abraçadas com os maridos se deixavão trespassar de nossas lanças, inventando os miseraveis nova dor, como remedio novo: dos nossos soldados, huns as roubavão, outros as defendião, quaes seguião os affectos do tempo, quaes os da natureza. Algumas destas mulheres com desesperado amor se mettião por entre as esquadras armadas a buscar os seus mortos, mostrando animo para perder as vidas; lastimosas nas feridas alheias, sem lastima nas suas. Ganhámos em fim a Cidade com menos damno que perigo, porque na resolução da entrada por baixo da artelharia do inimigo, mais arrastou a D. Alvaro o valor, que a

disciplina. Dos Mouros pereceo a maior parte, huns no conflicto, os mais na retirada. Maior animo mostrárão as mulheres, que os maridos; elles perdêrão as vidas, que não souberão defender; ellas podendo-as salvar, as desprezárão. Dos nossos morrêrão vinte dous: forão mais os feridos, em que entrou o General de huma setta. Foi necessario acabar hum estrago, para começar outro. Cessou a ira, começou a cubiça. Mandou D. Alvaro dar a Cidade a saco; onde o despojo igualou a victoria; porque não tinhão os Mouros posto em salvo cousa alguma; ou fosse confiança, ou descuido, e até a gente inutil para a defensa guardárão na Cidade, ou por desprezo de nossas armas, ou por não mostrar sombra de temor os defensores, forão em fim as fazendas tantas, que senão pudérão recolher aos navios; os soldados recolhião as mais preciosas, e deixavão as outras como para alimento do fogo, com que se havia de abrazar a Cidade, a qual D. Alvaro deixou entregue a huma lastimoso incendio, que fez não pequeno horror nas povoações visinhas, por ser este lugar de toda a Costa o mais rico, e defensavel, que quasi servia aos outros de muro, agora de miseravel exemplo.

Levou-se o General com toda a armada, e se fez na volta de Goa, a descarregar os navios, que com o muito peso hião empachados, determinando deixar ahi os feridos, e alguns enfermos, para tornar a continuar a guerra, a qual desejavão os soldados, contentes da liberalidade, e fortuna do novo General. Chegou primeiro a nova, que os navios

a Goa, o Governador fez grande estimação da victoria, a plebe dos despojos. Logo se teve aviso, que os que escapárão da rota forão representar ao Hidalcão o miseravel destroço da Cidade, e entre a primeira dôr dos filhos, e parentes, contavão o segundo estrago das fazendas, e edificios, onde a voracidade do fogo deixára tão confusas humas, e outras cinzas, que não podião chorar os seus mórtos com lágrimas distinctas. Dizião ao Hidalcão, que se com tal gente determinava continuar a guerra, irião habitar os desertos, onde não verião estas feras do Occidente, nascidas para escandalo, e ruina da Asia. Assim contavão, e maldizião nossas victorias huma a huma, mais engrandecidas em seu temor, que em nossas escrituras.

O Hidalcão, vendo a fortaleza de nossas armas, as queixas, e o estrago dos visinhos, e muitas vontades alheias de seu serviço, que a guerra, e os successos fazião mais atrevidas, inclinou o animo á paz para remediar as discordias, e sedições de casa, que podião tomar maiores forças com as liberdades de gente armada; e pondo em conselho o estado das cousas presentes, a todos pareceo devião cobrir seus aggravos com huma paz fingida, esperando que o tempo lhes mostrasse monção mais opportuna, para com as forças de alguns Reis offendidos cometter o Estado juntamente; e como estes Mouros mais guerreão pela conveniencia, que pela injuria, mandou o Hidalcão Embaixadores ao Governador, desculpando a guerra que fizera, com frivolas escusas, e acordando os beneficios que de sua amizade recebêra o Estado.

O Governador ouvio os Embaixadores em sala pública com grande anthoridade, respondendo-lhes que assim como não buscava a guerra, tão pouco a sabia engeitar; que a prosperidade do Estado consistia em ter mais inimigos, porque com despojos, e victorias se engrandecêra sempre; mas que tambem nunca negára a paz a quem com obras, e amizade fiel a merecia; que elle queria privar a seus soldados das commodidades, que desta guerra se promettião; mas que soubesse, que o primeiro dia que tinha de Rei, era este em que capitulava paz com os Portuguezes. Assim despedio os Embaixadores assombrados de animo tão altivo; e com este mesmo desprezo tratou sempre as guerras do Oriente, nas quaes mostrou valor igual á sua fortuna.

Voltou logo o animo ao expediente dos negocios particulares; premiando aos soldados que havião servido, aos quaes deixava tão satisfeitos do despacho, como do agrado. Deo Capitães ás fortalezas vagas, em quanto os providos por el Rei não entravão; fazendo do merecimento dos homens estimação tão justa, que nem á conveniencia, nem ao Estado ficava devedor: virtude nos Principes difficultosa, e nos Ministros rara.

Não ardia menos no zelo da honra de Deos, que na do Estado, porque entre a confusão da guerra, e estrondo das armas, acudia aos negocios da Religião, como se só para os zelar fora enviado; e porque el Rei D. João assim conhecia seu valor, como sua piedade, lhe encommendava a dilatação da Fé, e culto Divino; e de huma Carta que sobre esta materia lhe escreveo, se colhe bem, quão

inflammados andavão na causa de Deos o Rei, e o Ministro; de que daremos a cópia, para que veja o Mundo, que nossas armas no Oriente trouxerão mais filhos á Igreja, que vassallos ao Estado.

## CARTA DEL REI A D. JOÃO DE CASTRO.

« Governador amigo: O muito que importa » olharem os Principes Christãos pelas cousas da Fé, » e na conservação della empregar suas forças, me » obriga avisar-vos do grande sentimento que tenho, » de que não só por muitas partes da India a nós su- » jeitas, mas ainda dentro da nossa Cidade de Goa, » sejão os Idolos venerados; lugares em que mais » fora razão que a Fé florecêra; e porque tambem » somos informados da muita liberdade com que ce- » lebrão festas gentilicas, vos mandamos, que des- » cobrindo todos os Idolos por Ministros diligentes, » os extinguais, e façais em pedaços, em qualquer » lugar onde forem achados, publicando rigorosas » penas contra quaesquer pessoas que se atreverem » a lavrar, fundir, esculpir, debuxar, pintar, ou ti- » rar á luz qualquer figura de Idolo em metal, bron- » ze, madeira, barro, ou outra qualquer materia, » ou trazellos de outras partes, e contra os que cele- » brárem pública ou privadamente alguns jógos que » tenhão qualquer cheiro gentilico, ou ajudarem, e » occultarem os Bramenes, pestilenciaes inimigos » do nome Christão. A qualquer de todos os sobredi- » tos, que encorrerem semelhantes crimes, he nossa » vontade que os castigueis com a severidade que » dispuzer a Pramatica, ou bando, sem admittir ap-

» pellação, nem dispensar em cousa alguma: e por-
» que os Gentios se sugeitem ao jugo Evangelico,
» não só convencidos com a pureza da Fé, e alenta-
» dos com a esperança da vida eterna, senão tam-
» bem ajudados com alguns favores temporaes, que
» amansão muito os corações dos subditos; procura-
» reis com muitas véras, que os novos Christãos da
» qui adiante consigão, e gozem todas as exempções,
» e liberdades dos tributos, gozando dos privilegios,
» e officios honrados, que até aqui costumavão gozar
» os Gentios. Havemos tambem sido informados,
» que em nossas armadas vão muitos Indios força-
» dos, fazendo para isso despezas involuntarias; e
» desejando Nós o remedio de tão grande excesso,
» vos mandamos, que desta violencia sejão os Chris-
» tãos isentos, e sendo a necessidade mui urgente,
» provereis, como, em caso que vão, se lhes dê satis-
» fação cada dia de seu trabalho, com a fidelidade
» que de vosso cuidado, e diligencia esperamos. Ha-
» vendo tambem sabido de pessoas graves, e fidedi-
» gnas (com particular sentimento nosso) que alguns
» Portuguezes comprão escravos por pouco preço pa-
» ra os vender aos Mouros, e outros mercadores Bar-
» baros, por interessar alguma cousa nelles, com no-
» tavel detrimento de suas almas, pois poderião fa-
» cilmente ser convertidos á Fé, vos mandamos em-
» pregueis todas vossas forças em atalhar tamanho
» mal, impedindo semelhantes vendas, pelo grande
» serviço que nisso se faz a Deos, e nos fareis, se
» com o rigor que o caso pede, remediais huma cou-
» sa que tão mal nos parece. Procurareis, que se re-
» free a excessiva licença de muitos usurarios, que

» havemos sabido andão, sem embargo de huma lei
» das antigas de Goa, a qual desde logo revogamos,
» e vós revogareis, tirando-a do corpo das demais,
» como contraria á Religião Christã. Em Baçaim
» dareis ordem, como se levante logo hum Templo
» com a invocação de S. Joseph, sinalando-lhe, por
» nossa conta, renda para hum Reitor, e alguns Be-
» neficiados, e Capellães, que nelle sirvão. E por-
» que os Prégadores, e Ministros da Fé padecem al-
» gumas necessidades por tratarem da conversão
» dos Gentios, queremos, e he nossa vontade, que
» se lhes dem algumas ajudas de custo, e só para is-
» to lançareis de tributo cada anno, tres mil pardaos
» ás Mesquitas que tem os Mouros em nossos senho-
» rios. Tambem por conta de nossas alfandegas, e
» direitos, dareis trezentas fanégas de arroz perpe-
» tuas, para alimentos daquelles, que nas terras de
» Chaul ha convertido, e converter o Vigario Mi-
» guel Vaz; a qual quantidade mandamos entregar
» ao Bispo, para que elle a reparta, conforme vir a
» necessidade. Havemos tambem sabido, que nas
» terras de Cochim são defraudados os pesos, e medi-
» das dos Christãos de S. Thomé pelos nossos merca-
» dores, que alli vendem pimenta, e que lhes tirão
» as crescenças, que com justo peso, e medida se
» davão de sobejo, conforme o antigo costume, nos
» quaes por muitos respeitos fora melhor favorecer,
» que aggravar; pelo que dareis ordem, que se lhes
» guardem seus antigos costumes. Assim mesmo tra-
» tareis com el Rei de Cochim, que faça tirar certos
» ritos, e superstições Gentilicas, que na venda da
» pimenta costumão fazer seus agoureiros, pois nisso

» lhe vai pouco a elle, e he de grande escandalo pa-
» ra os Christãos que alli contratão. E porque ha che-
» gado á nossa noticia a violencia, que este Rei faz
» aos Indios que recebem a Fé, tomando-lhes as fa-
» zendas, procurareis, com muitas véras, apartar
» ao dito Rei (a quem sobre o caso escrevemos) de
» tão barbara crueldade, pois della resulta tanto mal
» para as almas, e corpos de seus vassallos; o que fa-
» rá por ser nosso amigo, pondo vós da vossa parte
» o cuidado que vos encommendamos. E no que por
» vossas cartas, e informações nos avisastes acerca
» de livrar os póvos de Socotorá da miseravel servi-
» dão em que vivem, nos pareceo remediallo de ma-
» neira, que o Turco, cujos vassallos são, não infeste
» esses mares com suas armadas, o que provereis,
» como mais convier, com conselho do Vigario Mi-
» guel Vaz, cuja experiencia vos ajudará muito, as-
» sim neste, como em todos os negocios arduos que
» se offerecerem. Os da pescaria das perolas, além
» de outros males, e aggravos que padecem, sabe-
» mos que recebem damno em suas fazendas, cons-
» trangendo-os nossos Capitães com pouco temor de
» Deos, a que só para elles fação a pescaria com con-
» dições intoleraveis. Pelo que desejando Nós, que
» nenhum de nossos vassallos padeça aggravo ou
» violencia, vos mandamos que aos taes Póvos se
» lhes não faça semelhante aggravo, nem nossos Ca-
» pitães pretendão adquirir tão injusta posse. E assim
» para evitar taes vexações, e forças, vereis se aquel-
» las côstas estão sufficientemente guardadas, e se he
» possivel cobrarem-se nossos direitos, sem que alli
» haja armada; e achando que isto póde ser, tirareis

» nossos Capitães, mandando que não se navegue
» por aquellas cóstas, porque desta maneira possão
» os naturaes gozar suas fazendas, e se excusem ag-
» gravos, e extorsões. Sobre tudo vos encommenda-
» mos, que em tudo o que se offerecer consulteis ao
» Padre Francisco Xavier, e principalmente sobre
» se convem ao augmento da Christandade da costa
» da Pescaria, que os novamente convertidos senão
» occupem nella; ou, quando se lhes permitta, que
» seja de maneira, que se conheção nelles, com a
» nova Religião, novos costumes, limitando-se-lhes
» a grande soltura com que se hão nella. Havemos ti-
» do tambem informação, que os que de novo se
» convertem da Gentilidade á nossa santa Fé, são
» mal tratados, e desprezados de seus parentes, e
» amigos, desterrando-os de suas casas, e despojan-
» do-os de suas fazendas, com tanta injuria, e vio-
» lencia, que lhes he forçoso viver miseravelmente,
» com grande necessidade, e trabalho: para que
» cousa semelhante se remedee, fareis, com conse-
» lho do Vigario Miguel Vaz, sejão soccorridos á
» nossa custa, entregando o que se lhes houver de
» dar ao Reitor que delles tiver cuidado, para que
» cada anno lho reparta da maneira que mais con-
» vier. Juntamente havemos sabido, que de Ceilão se
» veio para Goa hum mancebo fugindo á furia, e in-
» dignação de seus parentes, e que sendo (como he)
» de casa Real, lhe pertence a successão do Reino;
» sobre o que nos pareceo, que para exemplo dos
» mais convertidos, e por converter, o accommodeis,
» já que he Christão, no Collegio de S. Paulo dessa
» Cidade, onde á nossa custa seja provido de tudo o

» que lhe fôr necessario para sua sustentação, e regalo, e casas onde esteja, em maneira, que bem se veja nossa grandeza com semelhantes pessoas; além do que tratareis de averiguar o direito que pretende ter ao Reino; e o que ácerca deste ponto vos constar, nos mandareis authentico, para provermos o que mais convier; e entretanto he nossa vontade, que com todo o rigor tomeis conta ao Tyranno das crueldades que executou nos que á nossa Santa Fé se convertêrão, obrigando-o que dê satisfação a tão grande insolencia, para que todos os Principes da India vejão quanto nos apraz a justiça, e como tomamos á nossa conta o favorecer os que pouco podem. E porque não he conveniente, que os officiaes Gentios fundão, pintem, ou lavrem (como até agora se lhes permittio) imagens, e figuras de Christo Senhor nosso, nem de seus Santos, para venderem; mandamos que ponhais toda a diligencia em o impedir, pondo penas, que o que se provar que fez alguma imagem das sobreditas, perca sua fazenda, e lhe dem duzentos açoutes, porque sem dúvida parecerão muito mal imagens, que representão mysterios tão santos, andarem por mãos de idolatras Gentios. Da mesma maneira sabemos, que as Igrejas de Cochim, e Coulão, que de novo se começárão, estão por acabar, descubertas, e expostas a todas às inclemencias do tempo, o que não só parece mal, mas ainda he em prejuizo do edificio; pelo que mandareis que se continuem até se acabar, sem reparar no custo; e isto por mãos, e traça dos melhores Architectos, e Officiaes. Em Narão mandareis tambem edificar huma Igreja

» em honra, e com a invocação do Apostolo S. Tho-
» mé; e acabar em Calapor a que está começada
» com o nome de Santa Cruz; e na Ilha visinha de
» Corão levantareis outra, da traça, e magestade que
» vos parecer conveniente, pois he cousa, que nada
» mais despertará nos Gentios a devoção ás cousas de
» nossa Santa Fé, que a affeição que de nossa parte
» virem. Além do que vos encommendo mui apertada-
» mente, que em lugares accommodados fundeis es-
» tudos, e casas de devoção, ás quaes em certos dias
» acudão aos Sermões, e Praticas espirituaes, não só
» os Christãos, mas tambem os Gentios, para que
» por esta via se affeiçoem á nossa Santa Fé, e ao co-
» nhecimento dos erros em que vivem, alumiando-
» lhes as almas com a luz do Evangelho; para o que
» escolhereis Ministros em que haja as partes que se-
» melhante ministerio requer. E porque sobre tudo
» grandemente desejamos, que nesse Estado seja o
» nome do Senhor Deos conhecido, e reverenciado,
» e sua Santa Fé recebida, queremos, e he nossa
» vontade, que em todas as terras de Salsete, e Bar-
» dez, sejão de raiz arrancados todos os idolos, e o
» culto infernal, que nelles ainda se lhes faz; e pa-
» ra que isto se execute com menos difficuldade, e
» sem ser para isso necessaria força, ou violencia al-
» guma, ordenamos que os Prégadores em seus Ser-
» mões, e Disputas lavrem com tanta prudencia, e
» zelo os corações dos Gentios, que com o favor de
» Deos, conheção o bem que se lhes procura, em os
» trazer ao conhecimento de seus erros, e tirar da
» miseravel servidão do Diabo em que estão, da qual
» só se podem livrar, abraçando-se com a Santa Fé,

» que he o caminho unico de conhecer a cegueira em
» que os traz Satanaz, para não verem quanto lhes
» importa a salvação de suas almas; e pelo muito
» que importa a este negocio, que os Ministros delle
» sejão de boa vida, e costumes, e letras sufficientes,
» os elegereis taes, que se possa esperar delles o ef-
» feito que desejamos; encommendar-lhes-heis o cui-
» dado, e diligencia, que importa ponhão de sua par-
» te, e da vossa procurai attrahir, e favorecer a to-
» dos, em particular aos Nobres, e Principaes (a cu-
» jo exemplo os demais se movem), de maneira,
» que reduzidos estes á nossa Santa Fé, pouca dif-
» ficuldade haverá em converter a gente commua,
» que logo fará o que vir fazer aos seus Maiores. Os
» que se converterem sejão bem tratados, para que
» os mais se affeiçoem, favorecendo-os não só em ge-
» ral, mas ainda em particular, por pobres, e mise-
» raveis que sejão. De tudo isto nos pareceo dar-vos
» conta, para que segundo a confiança que de vossa
» diligencia, e cuidado temos, deis a tudo o reme-
» dio, de que resultará a Deos Nosso Senhor muita
» gloria, e Nós vo-lo teremos em particular serviço.
» Dada em Almeirim a oito de Março, anno do Nas-
» cimento de Nosso Senhor Jesu Christo de mil qui-
» nhentos quarenta e seis. »

REI.

Desta Carta deo D. João á execução aquillo que com as armas na mão podia obrar, porque foi o tempo de seu Governo huma continuada batalha, e os soldados com as licenças da guerra estavão mais promptos a estragar leis, que a emendar costumes;

porém a Historia nos mostrará não leves argumentos de seu zelo, gratificado do Ceo com sinaes, e maravilhas, de que referirei huma, que aconteceo nas Malucas, que por ter a direcção de seu Governo, substanciarei o caso brevemente, como he meu costume.

Havia naquellas Ilhas resplandecido a luz do Evangelho, porque S. Francisco Xavier, como fiel obreiro da vinha do Senhor, alimpou em grande parte aquella terra das espinhas, e cardos da infidelidade; se bem devemos a primeira cultura ao grande Portuguez Antonio Galvão, valeroso Governador, e Apostolo zeloso daquelle paganismo. Ao valor respondeo o fruto com maravilhosa conversão de almas, que recebêrão com o Bautismo o suave jugo de Christo, assim da plebe, como dos regulos, e magnates, todos doceis á obediencia do Evangelho. Sentia o Demonio, que naquellas trévas da Gentilidade apparecesse a luz do Ceo a descubrir-lhe os caminhos da vida, e armou contra a innocente Christandade hum Gentio daquellas partes, que havia tyrannizado a Ilha de Moro, e se dizia Tolon; o qual com zelo infernal começou a perseguir os novos convertidos, obrigando-os com inventadas crueldades a ser apostatas da Fé que tinhão professado, pela qual muitos chegárão a derramar o sangue com felice martyrio; porém outros com fé menos robusta cedêrão aos tormentos. Crescia o desaforo do Tyranno com injuria de nossas armas, obrigadas ao castigo deste idolatra em obsequio da Fé, e serviço do Estado. Os perseguidos, e os temerosos acudião com queixas aos Portuguezes, que estavão em Ternate, os quaes resolutos a domar este

Barbaro, se dispuzerão, com mais zelo, que forças, a buscallo em sua mesma casa. Não pode ser este movimento tão occulto, que o não entendesse o Tyranno, que se apercebeo para a defensa, fortificando a entrada da Ilha com trincheiras, e estacadas fortes; e quando os nossos ganhassem estes reparos, tinha cuberto os passos que guiavão á Cidade com estrepes, e pûas de ferro, tocados de herva, onde passando os nossos furiosos da cólera, e victoria, se perderião sem remedio. Assim foi, que vencida a primeira estacada, que os Barbaros largárão com facil resistencia, quiçá fiados no segundo engano, querendo a nossa gente passar incauta, cevada mais no alcance com a fugida do inimigo, (caso maravilhoso!) cahio do Ceo repentinamente tanta cinza, que fez parar os nossos, até que purificados os ares seguírão a victoria por cima dos estrepes, onde a cinza abrio caminho sólido, e seguro; assim o referião depois os mesmos Barbaros admirados, servindo-lhes este milagre de argumento para as verdades da lei que perseguião.

Assim se davão as mãos na Asia a Fé, e o imperio nos dias de D. João de Castro, trazendo em huma mão a lei, e noutra a espada, dando que discorrer ao Oriente, sobre huma acção tão grande, como fora soster huma guerra voluntaria pela tutela de Meále, hum Mouro perseguido a quem os vassallos negárão a fé, e os Principes de seu sangue hum piedoso amparo.

Pouco tempo o deixou reclinar a Asia sobre os triunfos de suas victorias, porque logo o começou a despertar Cambaya com os rumores de outra

nova guerra, de que já as intelligencias do Estado ouvião os eccos: a qual referiremos em Livro separado, por ser de nossa Historia a porção mais illustre.

# LIVRO II.

## ARGUMENTO.

Trata el Rei de Cambaya de tomar Diu, persuadido de Coge Çofar. Quem era Coge Çofar. Como veio a Cambaya. Suas razões para a empreza de Diu. O Sultão as approva, e lhe encarrega a empreza. D. João Mascarenhas Capitão de Diu. Avisa ao Governador, que escreva ao Sultão. Direito dos Reis de Portugal sobre as Malucas. O Governador as dá a Cachil Aeyro. Vão Castelhanos a ellas. Quem era o Capitão dos Castelhanos. Fernão de Sousa chega a Maluco. O Castelhano trata de entretello. Reposta de Fernão de Sousa. Continúa o Castelhano no primeiro intento. Vêm-se os dous Capitães. Acordo que tomão. Falta o Castelhano á promessa; o que nisto faz Fernão de Sousa. Proposta de Çofar ao Capitão de Diu. Reposta do Capitão. Avisa ao Governador, o qual soccorre Diu com gente, e munições. Traição intentada por Çofar. Prevenções de D. João Mascarenhas. Chega Çofar com gente de guerra. Descripção de Diu. Prática de Coge Çofar aos seus. Insta de novo o Capitão de Diu. Reposta do Capitão. O Governador manda a Diu a seu filho D. Fernando. Re-

parte o Capitão de Diu os póstos da Fortaleza. Falla aos soldados. Entrão mais soccorros ao inimigo. Começa a bater a Fortaleza. Estratagema do inimigo em huma náo, desbaratada pelos nossos, e trazida á Fortaleza. Chega D. Fernando a Diu. D. João Mascarenhas o recebe. Publica o Governador guerra contra Cambaya. Emprestimo que pede aos Mercadores. Recorre a Deos com preces públicas. O Capitão de Diu avisa por terra a el Rei. Senhoreão os inimigos a cava. Chega o Soltão com muita gente. Retira-se, e fica Juzarcão em seu lugar. Acção notavel de Diogo de Anaya. Valor das mulheres de Diu. Morre Coge Çofar de huma bala. Succede-lhe Rumecão seu filho. O Vigario Coelho vai ao Governador. Partidos que aos nossos offerece Rumecão. Reposta do Capitão Mór. Assalta o inimigo o baluarte S. João, e o de S. Thomé. Resistencia dos nossos. Retira-se o inimigo com perda. Recorre Juzarcão a superstições. Outro assalto. Entrão Turcos o baluarte S. Thomé. Juzarcão enveste a Couraça. Valor de huma mulher Portugueza. Acode o Capitão Mór, e lança fóra os inimigos. Sóbem Turcos á Igreja. Vai o Capitão Mór a elles. Retirão-se. Morte de Juzarcão, e de muitos Turcos. O Capitão Mór avisa o Governador. Cuidados do Governador sobre soccorrer Diu. Chega-lhe o aviso do Vigario. Manda seu filho D. Alvaro com soccorro, e primeiro a D. Francisco de Menezes com sete navios. Parte D. Alvaro com dezanove. Capitães que com elle hião. Aprestos do Governador. As mulheres de Chaul offerecem suas joias. Offerta, e Carta de huma Dona. Antonio Moniz acceita ir a Diu. Vem outro Juzarcão a continuar o cer-

co. Levanta o inimigo hum bastião; os nossos o desfazem. Valor de quatorze soldados. Assalto geral. Reparo dos nossos contra o fogo. Recolhe-se o inimigo com morte de trezentos. Trata Rumecão entulhar a cava. Torna o Vigario a Diu. Novo assalto. Resistencia dos nossos. Juzarcão enveste o baluarte S. João. Perda grande dos inimigos. Necessidades da Fortaleza. Como se remediou a falta de panelas de polvora. Tomão os nossos huma lingua. Que novas deo do inimigo. Mina-se o baluarte S. Thomé. Trata Rumecão divertir-nos. D. Fernando doente acode ao baluarte. Finge o inimigo novo assalto. Dá fogo a mina. Pessoas, que nella perecêrão. Valor notavel de cinco soldados nossos. Esforço de Isabel Fernandes, e mais mulheres. O Vigario anima os Soldados. Nomes dos cinco soldados. Retira-se Rumecão. Particular valor de Isabel Madeira. Determinação do Capitão Mór. Viagem de D. Alvaro de Castro. Arriba a Baçaim. Chega Antonio Moniz a Baçaim. Salva o caravelão dos mantimentos. Partem dous Fidalgos para Diu. Miguel de Arnide os acompanha. Perigos da viagem. Chegão a Diu. Desconfiança briosa destes dous Fidalgos. Dão novas de D. Alvaro. Avisa o Capitão Mór a D. Alvaro; o qual sahe de Baçaim. Continua Rumecão as minas. Os nossos acodem ao reparo dellas. Anima Rumecão os seus para outro assalto. Comettem o baluarte Sant-Iago. Rebenta a mina com damno dos inimigos. Continúão as mulheres seu valor. Retirão-se os inimigos com perda. Avisado Rumecão de tres escravos fugidos. Dá outro assalto. Valerosa resistencia dos nossos. Acomette Rumecão o baluarte S. João, e retira-se. Intenta arrom-

bar a cisterna. Rebenta outra mina com damno dos inimigos. Perigo grande dos nossos. Arvora o inimigo tres bandeiras no baluarte Sant-Iago. Cuidado do Capitão Mór nos reparos. Sahe de Baçaim Luiz de Mello. Perigos que tem na viagem. Resiste aos que querem arribar. Chega a Diu, e dá novas de D. Alvaro. Chegão outros Fidalgos. Peleija-se no baluarte Sant-Iago. Perigo da Fortaleza, e valor dos nossos. Retira-se Rumecão com muito damno. Entra soccorro ao inimigo. Desconfia Rumecão da empreza. Abre outra mina que se atalha. Dá-se-lhe fogo, e os nossos defendem as roturas. Retira-se o inimigo. Acomette Rumecão o baluarte S. Thomé. Successos no baluarte Sant-Iago. Valor particular de hum soldado. Retira-se outra vez o inimigo. Sahe Antonio Correa a fazer alguma preza. Enveste com doze Mouros, que o prendem. He presentado à Rumecão. Quer persuadillo a deixar a Fé. Affrontas, que lhe faz. Manda-o degollar. Extremos em que está a Fortaleza. Torna D. Alvaro a arribar. Chega Rui Freire a Diu. Prosegue D. Alvaro a viagem. Toma huma náo de Cambaya. Chega á Fortaleza com quarenta navios. Como he recebido do Capitão Mór. Avisão ambos ao Governador do estado da Fortaleza. Enveste o inimigo outra vez, e retira-se. Determinão os nossos ir buscallo. O Capitão Mór trata dissuadillos. D. Alvaro, e D. Francisco fazem o mesmo. Proseguem os soldados seu intento. O Capitão Mór, e Fidalgos os acompanhão por atalhar o maior perigo. Sahem os nossos, e em que ordem. Resistencia dos inimigos. Reprehende o Capitão Mór os amotinados. Valor, e disciplina de D. Alvaro. Sóbe o muro, donde cahio

de huma pedra. Passa hum pelouro a Luiz de Mello. Morte de D. Francisco de Menezes. Acordo do Capitão Mór. Fidalgos que se assinalárão neste dia. Investe Mojatecão a Fortaleza, e retira-se Ordena o Capitão Mór os soldados. Perda dos nossos nesta desordem. Anima-se Rumecão com este successo. Continúa as minas, e os nossos os reparos. Fabricão huma nova Cidade. Cuidados do Governador. Chega do Reino a Goa D. Manoel de Lima. Tem o Governador novas de Diu. Piedade, e alegria com que as recebeo. Valor com que se portou na morte de D. Fernando seu filho. Procissão em acção de graças. Soccorros que manda a Diu. Chega Vasco da Cunha a Baçaim. Entra em Diu com Luiz de Almeida. Vai Luiz de Almeida esperar as náos de Meca. Toma duas. Entra em Diu com ellas. Não quer D. Alvaro resgatar hum Janizaro, e manda-o enforcar. Tomão os nossos quatorze Gelvas ao inimigo. O Governador declara em conselho a resolução de ir a Diu. Parecer de D. Diogo de Almeida em contrario. Reposta do Governador. Continúa Rumecão com outra mina; a qual deo fogo sem damno nosso.

---

## LIVRO II.

Com a morte de Soltão Badur Rei de Cambaya, ficou o nome Portuguez mais temido, que amado dos Principes da Asia; porque como suas culpas erão occultas, e o castigo público, tinha Badur em favor de seu sangue os juizos dos homens, ou pela commisera-

ção natural dos que padecem, ou por veneração da Regalia, e odio de nosso imperio, tão aborrecido por estranho, como por poderoso.

Mahamud Rei de Cambaya, herdeiro da Coroa, e da injuria de Badur, cuja morte succedida no governo do grande Nuno da Cunha referem nossas Chronicas, inflammado igualmente da gloria, e da vingança, emprehendeo tomar aos Portuguezes Diu, e com liga de outros Principes, lançallos da India; negocio (ao parecer dos seus) não mui difficil; porque discorrião, que o Estado era hum corpo monstruoso, pois tendo a cabeça no Occidente, nutria membros distantes de si mesmo por infinito espaço com tantos mares, e terras interpostas; e que era tão grande o poder de Cambaya, que tanto com a ruina, como com a victoria podia opprimir o Estado, enfraquecido então por varios accidentes. Os Grandes, e Satrapas do Reino se partião em pareceres differentes; huns ajuizavão já por fataes as armas Portuguezas em damno de Cambaya, argumentando com o primeiro cerco, do qual ainda tinhão as feridas, e a memoria fresca: e ainda que os estimulava a morte de Badur, com a paciencia de outros offendidos, desculpavão a sua. Reprehendião os primeiros, que assentárão pazes com o Estado, e aos que agora intentavão quebrallas; estes, porque não sabião guardar a fé, nem aquelles conhecer a injuria. Outros (como costuma succeder nas cousas incertas) discorrião ao contrario, e achavão tantas razões para a guerra, como para a victoria.

Entre todos Coge Çofar, o mais poderoso, e aborrecido de Cambaya, e que da privança del Rei lograva a melhor parte, persuadia cauteloso a guerra,

crendo que com o perigo commum cessarião as envejas de sua fortuna, e as emulações dos Grandes, como vicios da paz, e que com os póstos, e meneios da guerra, faria homens de novo, que como creaturas suas lhe serião fieis. Darei huma breve noticia deste homem, porque diversas vezes nestes escritos se ha de ouvir seu nome.

Foi Coje Çofar de Nação Albanez, filho de Pais Catholicos, ainda que da raiz degenerou o fruto. Servio alguns annos nas guerras de Italia, mais conhecido por insolente, que soldado; nos motins, e rebelliões era buscado, como peior que todos; assim passou alguns annos aquella vida livre, sem premio, nem castigo; e como homem inquieto, querendo antes buscar a fortuna, que esperalla, mudou de profissão, passando de soldado a mercador, porque era intelligente, e cobiçoso, e para seus intentos era este caminho mais breve, e mais seguro. Começou em pouco tempo a crecer nos tratos, como quem sabia as opportunidades, e monções do commercio, sendo em hum mesmo tempo, liberal, e avaro, servindo-se com artificio dos vicios, e virtudes. Veio em fim a medrar com cabedal, e credito, de sorte, que navegando o Estreito com tres setias suas, carregadas de differentes drógas, encontrou a Rax Solimão, General do Soltão do Cairo, que o envestio, rendeo, e despojou. Foi a preza maior que a victoria, e Solimão por credito de sua mesma fama, lhe fez honrado tratamento, apresentando-o ao Soltão, como prisioneiro de maior porte, fazendo maior estimação da pessoa, que da preza. Começou Coge Çofar a contentar-se da sua desgraça, como se a buscára; tinha

sufficiente prática da guerra, aprendida nos exercitos de Italia, e Flandes; fallava no poder dos Christãos com odio, e desprezo, como ensinando a Soltão a conhecer suas mesmas forças. Com estes artificios veio o Soltão a pôr os olhos no escravo para cousas maiores; começou a ouvillo, ao principio por curiosidade, logo por affeição. Approvava-lhe Coge Çofar os erros, e os acertos, com huma lisonja tão encuberta, que parecia liberdade, porque não mostrava que queria agradar, senão servir. Encobria a graça do Soltão; e evitava favores públicos, mais cauto, que modesto. Chegou a ser Thesoureiro do Cairo, Officio de grande confiança, que administrou com juizo, e verdade, louvadas pelo Soltão, como virtudes entre Barbaros novas. Era o seu voto de maior peso nos conselhos de guerra, já pela pratica, já pela valia. Nas facções contra Christãos, votava com grande bisarria, particularmente nas que se havião de executar por outros; e assim cresceo de maneira, que já não podia com sua mesma fortuna; e não querendo conservar-se com as mesmas artes, com que havia medrado, veio a descobrir a ambição, e soberba; fez-se senhor dos lugares, buscando com maior attenção os postos que os amigos; os quaes já não queria para arrimo, nem para companhia; só do Soltão queria parecer escravo, e dos outros senhor. Empenhava, e destruia os maiores com pretextos públicos, como querendo introduzir Monarchia de dous; até que cançados os Mouros de tão servil paciencia, começárão a publicar queixas com que perturbar o animo do Soltão na graça de Çofar; lhe representárão com grande sentimento seus aggravos, dizendo que já era es-

cusado armar galés contra Christãos, se depois havião de fazer senhores a seus mesmos escravos, quando os Turcos mais nobres recebião dos Christãos tão cruel tratamento, que andavão por Italia, e Hespanha arrastando cadeas, chegando a escrever-lhes no rosto com infames letras os sinaes de cativos; que não era toleravel, que tantos Baxás illustres estivessem recebendo leis de hum vil escravo; que ainda que vião com seus olhos cada dia suas mesmas injurias, já não podião soffrer as do Profeta; não entrando em suas Mesquitas hum vil Christão, soberbo, e irreverente, que não faltava já mais, que nas Praças do Cairo, mandar levantar Cruzes, e adorallas.

Forão estas cousas ditas com tanta liberdade, que mais parecião conjuração, que queixa, e como entre os aggravos particulares envolvião a causa da Religião, que costuma levar traz si a justificação, e amor público, forão bem ouvidas do Soltão, privando a Çofar dos cargos, e mandando-lhe que mudasse de crença: tão caduca he a graça dos Principes, ainda com suas creaturas mesmas.

Vendo-se Çofar cahido, tornou a vestir a primeira humildade, e as artes, que a necessidade do tempo lhe ensinava; e como de Christão só conservava o nome, e a memoria, foi-lhe facil trocar pelo veneno do Alcorão a saude Evangelica, mudando o nome imposto no Baptismo, por este de Coge Çofar, que lhe démos antecipadamente, por ignorarmos o primeiro que teve. Feito Çofar cultor de Mafamedo, começou a grangear maiores confianças com os Mouros, saneando o odio dos emulos com dadivas, e o da plebe com a nova apostasia, com que purgou as

sospeitas na fidelidade, obrando com ambição mais cauta, com que se fazia mais affavel aos inimigos, que aos estranhos; mas conhecendo a instabilidade do Soltão, temeroso de segunda quéda, não tendo por segura huma vontade já reconciliada, matando huma noite á traição a Rax Solimão seu mortal inimigo com hum filho que tinha, juntou as joias, e dinheiro que pode, e se passou secretamente ao serviço del Rei de Cambaya, de cuja grandeza, e liberalidade tinha inteiras noticias, e da estimação que fazia de homens estrangeiros, principalmente daquelles que tinhão alguma prática das guerras, e politica da Europa. Respondeo-lhe o successo ao pensamento, porque em breve tempo chegou a gozar a melhor parte da graça de Badur, ou já por sua fortuna, ou por sua industria, sendo companheiro de suas victorias, e de suas desgraças, achando-se na ultima de sua mórte, como nossas Historias referem; porém já tão engrandecido nos favores Reaes, que em poder, e authoridade era o maior vassallo; conservando com Mahamud Successor da Coroa a mesma estimação, ao qual inflammava na vingança da mórte de Badur, pelos fins que temos referido, e por merecer a graça do novo Principe, com o amor, e fidelidade que mostrava ás cinzas do defunto; he fama, que ante o Rei, e Satrapas de Cambaya fallou nesta substancia:

« As mercês que por espaço de dez annos re-
» cebi de Soltão Badur, são manifestas a todos;
» aos de fóra com espanto de sua grandeza, aos
» de casa com enveja de minha fortuna; poz-me
» os olhos, e levantou-me como vapor da terra,
» antepondo-me estranho, e peregrino, aos que

» lhe nascêrão em casa, sendo vassallo me tra-
» tou como amigo, e me amou como filho. A es-
» te clementissimo Principe (cujas cinzas venero
» como de Senhor, chôro como de Pai), de bai-
» xo do sagrado da paz, tirárão os Portuguezes a
» vida com escandalo de todos os Reis, e não
» menor injúria de seus vassallos, indignos de o
» havermos sido de Principe tão grande, pois in-
» sensiveis, e ingratos, estamos alimentando os
» homicidas de nosso Monarcha em nossa mesma
» casa, gozando como herança a Praça, que asse-
» gurárão com tão atroz delicto; hontem hospe-
» des, e agora senhores. Vós, ó Principe herdei-
» ro, e Senhor deste Imperio, vedes vossos vassal-
» los cada dia receber leis destes insultuosos; a
» vós toca determinar a quem havêmos de obede-
» cer primeiro, se a nosso Rei, se a nossos inimi-
» gos. Crescerá com a nossa paciencia o seu atre-
» vimento. Depois de comettido o maior delicto,
» qual não terão por leve? Quem duvidará ser of-
» fensor onde se não vingão injúrias? Acabemos
» pois de despertar deste mortal lethargo; mettamos
» até os cotovellos os braços no sangue destes crueis
» tyrannos; neste veneno banhemos os alfanges,
» porque percão com as vidas a gloria de tão gran-
» des insultos. Com o sangue de Badur recebêrão
» as armas Portuguezas a maior fama do mais atroz
» delicto, deixamos-lhes na mão a espada, com
» que nos degollárão o Rei, para que com ella
» mesma nos usurpem o Reino; tiremos pois den-
» tre nós estas viboras nascidas no ultimo Occi-
» dente para inficionar a Asia toda, como se ve-

» rá discorrendo por seus estragos, que elles cha-
» mão victorias. E começando naquelle primeiro
» Gama, a quem os mares, para perturbar a paz
» do Oriente, dérão fatal passagem, o Çamorim
» de Calicut foi o primeiro a quem cortou seu fer-
» ro. As náos de Meca, que no amparo do Profe-
» ta, e paz das ondas, navegavão seguras, forão
» assaltadas, e rendidas deste feliz Corsario, que
» tantos annos, como monstro do mar, teve por
» casa as ondas, e por abrigo os ventos, e as tor-
» mentas. Pois aquelle D. Francisco de Almeida,
» que em hum só dia, e com o mesmo golpe des-
» troçou as armadas de Egypto, e Cambaya, que
» na vingança da morte de seu filho, parece que
» queria beber o sangue do Oriente todo, se hum
» Albuquerque successor de sua crueldade, e seu
» governo, lhe não viera tirar das mãos a espada.
» Este nasceo para injúria de todas as Monarchias,
» porque com senhorear Malaca, poz a todo o
» Sul freio; rendeo Ormuz, empório das rique-
» zas do Mundo; tomou Goa ao Sabayo para ca-
» beça de seu tyrannisado Imperio; e sem trazer
» os exercitos de Xerxes, ou Dario, fez tributarios
» mais Reinos do que trazia soldados; levantan-
» do o pensamento a querer tirar do Mecà o Corpo
» do Profeta, poz em conselho mudar ao Nylo as
» correntes; para alagar o Egypto; emprehenden-
» do seu espirito fazer duas tão famosas injúrias,
» huma ao Ceo, outra á natureza. Não poderei re-
» ferir a ambição de tantos, que com nossas inju-
» rias se fizerão illustres, porque temo me não
» caiba no tempo ou na memoria; porém lançai

» pelas mais remotas partes do Oriente a vista, ou
» o juizo, vereis a maior parte do Mundo receber
» leis de poder tão pequeno. Elles navegão da-
» quella parte de Africa, que corre do Cabo de
» Boa-Esperança até as portas do Estreito do mar
» Roxo, dominando por aquella parte Moçambi-
» que, Çofála, Quiloa, e Mombaça : e discorren-
» do o Cabo de Gurdafú, olhando para as gar-
» gantas do mar Roxo, Adem, Xael, Herit, Ca-
» xem. Temem suas armadas as Cidades de Dofar,
» e Norbete no Cabo de Fartaque, e logo Curia,
» Muria, Rozalgate. Aqui fica a Cidade de Ormuz,
» alli a Ilha de Queixome, Curiate, Calayate,
» Mascate, Orfacão, e Lima; o Cabo Mocandão,
» e Jazque, que fórmão a bocca do Estreito, que
» se estende até o rio Indo; logo o Cabo Guza-
» rate, e Cinde nesta nossa Cambaya, donde até
» o Cabo de Comori passeão suas armadas á India
» por espaço de trezentas leguas, e começando des-
» ta nossa Cidade de Cambaya discorrem por Ma-
» digão, Gandar, Baroche, Çurrate, Reyner,
» Moscarin, Damão, Taraper, Baçaim, Chaul,
» Bandor, Cifardão, Galanci, Dabul, Cortapor,
» Carepatão, Tamega, Banda, Chapora. Senho-
» reão Goa, assento de seus Governadores, e lo-
» go o maritimo do Canará, com Onor, Baticalá,
» Braçalor, Bracanor, e Mangalor; e logo aquella
» parte principal do Malabar, que aquentão suas
» frotas, onde está o Reino de Cananor, e nelle
» Catecoulão, Marabia, Tramapatão, Maim, Pa-
» repatão. Com não menos soberba assombrão o
» Imperio de Calicut com seus pórtos de Panda-

» rane, Coulate, Charé, Capocate, Parangale,
» Tanor, Panane, Balcançor, e Chatua. Nos Rei-
» nos de Cananor, e de Cochim quasi dominão com
» absoluto Imperio em Porcá; Coulão, Calecou-
» lão, Dotorá, Birinjão, Travancor. Alcança o
» respeito de suas armas até o famoso Cabo Co-
» mori, defronte do qual está a illustre Ilha de
» Ceilão, onde carregão as náos de differentes dro-
» gas. Não perdoão á anseada de Bengala, ou seio
» de Ganges, avistando Tacancuri, Manapar, Vaï-
» par, Calegrande, Chereapale, Tutucuri, Cale-
» caré, Beadala, Canhamorra. Correm Negapatão,
» Nahor, Triminipatão, Tragunbar, Colorão,
» Calapate, Sadrapatão. Amedrentão com a multi-
» dão, e grandeza de seus baixéis Biznagá, e a
» cósta brava de Orixa, e toda aquella distancia,
» que ha de Segopora até Oristão, e as boccas do
» Ganges. Atravessão o Cabo de Negraes, Arra-
» cão, e Pegu com tantas, e tão maravilhosas Ilhas.
» Passão por Vagatú, e Martavão, Tagala, e Fa-
» vay, Tanaçari, Lungur, Tairão, Quedá, So-
» lungor, navegando até sua Malaca, cabeça de
» todo aquelle Archipelago. E logo dobrando o Ca-
» bo de Sincapura, ancorão nos pórtos dos Reinos
» de Syão, Camboya, Champá, e Cochinchina. E
» passando aos Reinos da China, se atrevêrão a
» olhar aquelle tão recatado Imperio, que nunca
» soffreo a communicação de gentes estrangeiras:
» alli fundárão a celebre Cidade de Macáo, por
» onde persuadem aos Chinas os Mysterios de sua
» crença, fazendo juntamente do commercio a Re-
» ligião escada. Daqui se divertem para as innu-

» meraveis Ilhas de Japão, visitando Tava, Ti-
» mor, Borneo, Banda, Maluco, Lequios,; de sór-
» te, que as vélas Portuguezas com incansavel na-
» vegação, rodeião a mór parte do Mundo em
» distancia de mais de nove mil leguas; que a tão
» ardua navegação os estimulou sua ambição, guiou
» sua fortuna: Repeti prolixamente todo o mari-
» timo da Asia, onde as armas Portuguezas, por
» Imperio, ou Commercio, se hão feito conheci-
» das, porque de tão derramadas conquistas, faz
» o Mundo erradamente o maior argumento de seu
» poder, e eu de sua fraqueza; porque sendo Por-
» tugal hum abbreviado Reino no ultimo Occiden-
» te, e com perpetuas guerras na Africa visinha,
» onde se consomem com os successos prosperos,
» e adversos; comendo-lhes sempre gente a guer-
» ra nas facções, e nas Praças que guarnecem, e
» agora não podendo caber onde nascêrão, como
» aborrecendo o Ceo, e o clima que os ha produ-
» zido, andão vagando o Mundo, como se lhes fô-
» ra usurpado o senhorio dos homens, das terras,
» e dos ventos. Agora deixo ao mais rasteiro enten-
» dimento, que julgue o pouco que se pódem te-
» mer forças tão divididas, as quaes na maior pros-
» peridade vão acabando suas mesmas victorias.
» Que temos que recear deste Imperio de loucos,
» que com hum braço na India, outro no Occiden-
» te querem abarcar o Mundo? Na India tem mui-
» tos Principes sujeitos; porém nenhum amigo: to-
» dos os dominantes adorão, e aborrecem, porque
» com nenhum assentárão os Portuguezes paz, se-
» não depois de victorias, e estragos; de sórte que

» não o amor, senão a injúria os tem feito con-
» formes; e todos estes servem em quanto não pô-
» dem offender. Mas que será se virem o Soltão
» Mahamud armado na campanha? Quem duvída,
» que todos os offendidos serão nossos soldados?
» Fizerão muitos Reis tributarios á força de ar-
» mas, e dado, que dellas mesmas hoje recebem
» amparo, mais facilmente esquece hum beneficio,
» que huma injúria. Selim, Senhor dos Turcos,
» ainda vê abertas as feridas dos seus Janizaros re-
» cebidas em Diu; e quem está tão pouco costuma-
» do a receber injúrias, não perderá a occasião de
» vingar a primeira, ou sendo author da guerra, ou
» companheiro nella: ambicioso tambem de que a
» melhor parte do Mundo conheça seu Imperio.
» Çamorim depois que entrárão os Portuguêzes no
» Oriente, não tem porto que não fosse theatro
» de victórias suas; e apenas tem vassallo que não
» fosse cortado de seu ferro. O Hidalcão cada dia
» vê regadas de sangue as terras de Bardez, e Sal-
» sete; e depois de o Governador lhe fazer injusta
» guerra, trouxe Meále a Goa, querendo hones-
» tar-lhe sua ruina com a justiça alheia. Todos os
» outros Principes se hão de armar contra o com-
» mum inimigo, para poderem respirar na antiga
» liberdade em que vivião. Pelo que a mim toca,
» os filhos, a fazenda, e a pessoa offereço a esta
» guerra; se acabar nella, em meu sangue verá
» Badur minha fidelidade; e em ambos os successos
» não terei por menos honrada a mórte, que a vi-
» ctoria. »

As razões de Coge Çofar forão bem ouvidas,

pelo odio da causa, e authoridade da pessoa. El Rei, depois de lhe engrandecer a fidelidade, lhe cometteo a empreza, como a maior que todos no zelo, e disciplina. Começou logo a dar calor aos aprestos, com differentes missões aos Reis visinhos, acordando-lhes suas mesmas injurias, e offerecendo-lhes as armas de seu Principe, como em beneficio dos aggravos de todos. Despachou Embaixadores a Constantinopla convidando o Turco a restaurar o credito de suas armas com a expulsão dos Portuguezes da India, negocio tão importante á Religião, como ao Estado. Facilitava o soccorro, que lhe pedia, com hum donativo de tanta estima, que era mais apto a despertar a ambição do Turco contra suas riquezas, que a dar-lhe armas auxiliares com que as defendesse.

Era neste tempo D. João Mascarenhas Capitão Mór de Diu, a quem o nascimento fez em Portugal grande, o valor no Oriente; varão tão benemerito de sua fama, como de sua fortuna. Este, sabendo por intelligencias secretas os desenhos de Coge Çofar, e que todos seus apercebimentos ameaçavão aquella fortaleza, escreveo ao Governador D. João de Castro os avisos que tinha, e como estava falto de gente, munições, e petrechos: descuidos que cubria a paz de tantos annos, ou quiçá assegurados os nossos no respeito da primeira victoria. Accrescentava, que os aprestos do Soltão estavão mui avante, o inimigo visinho, e que os temporaes do inverno não tardarião muito, com que ficarião cerradas as portas ao soccorro.

Quando D. João de Castro recebeo este aviso, tinha já mandado duzentos soldados áquella fortaleza,

debaixo das Capitanias de D. João, e D. Pedro de Almeida, filhos de D. Lopo de Almeida; erão os outros Capitães Gil Coutinho, e Luiz de Sousa, filho do Chanceller Mór do Reino. E para conhecer o estado em que se achava o inimigo, despachou dous Enviados práticos no maritimo, e sertão de Cambaya com Cartas a Soltão Mahamud, em que lhe significava as noticias que tinha das conducções, e aprestos que fazia, de que lhe devia dar conta; pois como amigo o queria acompanhar na empreza: que na occasião presente lhe seria mui facil, por ter prompta no mar huma poderosa armada; e que tambem na fortaleza de Diu tinha soldados valerosos com munições sobejas, aos quaes seria mais grato enriquecer com despojos da guerra, que com o soldo limitado de huma paz ociosa. E logo encommendou aos Enviados, que notassem com sagacidade as forças do inimigo, os soccorros que tinha, o rumor do Povo, para por elle penetrar os desenhos da empreza. Mas em quanto os nossos Enviados dão á véla, poremos hum pequeno silencio nas cousas de Cambaya, por dar lugar aos successos de Maluco, que tiverão a direcção deste mesmo governo.

Estiverão as Malucas muitos annos á obediencia de nossas leis, descubertas, e conquistadas com as armas desta Coroa, que forão as primeiras da Europa, que virão aquellas Ilhas. As quaes entravão na nossa demarcação, conforme a repartição que os Papas fizerão entre os Reis de Portugal, e Castella, tendo el Rei D. Manoel em seu favor o direito das armas, e o das leis, não sendo estas Ilhas de Portugal sómente por conquista, mas tambem por herança; por-

que no tempo del Rei D. Manoel, o ultimo, e primeiro deste nome, corrião naquellas Ilhas com igual prosperidade o divino, e humano, resplandecendo por beneficio de seu zelo as luzes do Evangelho nas trévas daquelle Paganismo, recebendo muitos Reinos de tão ditoso Principe Religião, e Imperio. Foi, entre outros, el Rei D. Manoel (que em Goa recebeo o Bautismo) Rei, e Senhor das principaes Ilhas de Maluco, o qual depois de bem instruido nos Mysterios de nossa crença, voltando a governar, e doutrinar seus Póvos, falleceo em Malaca sem descendencia alguma; e por gratidão dos beneficios, que desta Coroa havia recebido, deixou a el Rei D. João o Terceiro desto nome por herdeiro dos Reinos de Maluco, em testamento solemne, outorgado com todas as legalidades civís, para que andasse vinculado successivamente na Coroa Portugueza. Estas Ilhás descubertas com trabalho, defendidas com o sangue, possuidas com justiça, viemos a deixar a Castella contra a opinião dos melhores Juristas, e Geografos.

Achou o Governador D. João de Castro em Goa a Cachil de Aeyro, pessoa de grande authoridade nas Malucas, benemerito no serviço do Estado, e da linha Real do ultimo Principe D. Manoel, o mais conjunto em sangue, porém tão pobre por varios accidentes, que passou á India, encommendando-se á clemencia dos nossos. O Governador, parecendo-lhe suas miserias indignas de seu sangue (crendo que ficava a memoria de nossos Reis mais honrada com dar hum Reino, do que recebello) lhe deo a Envestidura da Coroa de Maluco, com que ficasse o uso da Regalia dependente do Sceptro Portuguez, nelle, e seus

descendentes, attribuindo os Reis da India tão grande donativo, huns a prodigalidade, outros a desprezo; espantando-se, que fizessemos tanto por adquirir, o que sabiamos largar tão facilmente.

Entre tanto, as cousas de Maluco estavão alteradas com a vinda de tres navios Castelhanos, que derrotados avistárão aquellas Ilhas, desembarcando na de Tidore para reparar-se das fortunas do mar, e levar a seu Principe sinaes mais certos de seu descobrimento. Deixarei de referir a opposição que os nossos lhes fizerão, por cahirem estes successos debaixo de outro Governo, e andarem já com melhor penna escritos: tratarei só precisamente do succedido nos dias de D. João de Castro, o qual mandou a Maluco, Fernão de Sousa de Tavora para desalojar os Castelhanos, que convidados da abundancia, e riqueza da terra, querião gozar o fruto dos trabalhos alheios, perturbando-nos a paz, e commercio daquellas Ilhas, de que a conquista, e herança nos fizerão duas vezes senhores. Governava os Castelhanos Ruy Lopes de Villalobos, homem mais cauteloso que valente. Este havia feito ostentação soberba das grandes forças do Emperador Carlos V., seu Senhor, e dos grandes uteis, que podião receber de sua amizade aquelles Reis Gentios na guerra, e no commercio, tratando a fama de nossas cousas com grande abatimento: e como na opinião dos homens he maior o esperado que o presente, algumas daquellas Ilhas tomárão a voz do Castelhano, buscando para isso motivos, ou aggravos, huns leves, e outros esquecidos.

Neste tempo aportou em Maluco Fernão de Sousa, mandado pelo Governador, que informado de

Jordão de Freitas Capitão Mór da Fortaleza, do estado das cousas, entendeo, que o partido dos Castelhanos se engrossava na esperança do soccorro, e riquezas, que promettião de Hespanha; porém logo que Ruy Lopes teve aviso da vinda de Fernão de Sousa, e do negocio a que era mandado, querendo com arte escusar, ou entreter o rompimento comnosco, até chegar o soccorro de Hespanha, que esperava; o mandou visitar, escrevendo-lhe saudações cortezes, lembrando-lhe que estavão entre Gentios, desejosos de nossas discordias, para ficarem senhores de si mesmos; que assaz de guerras, e inimigos tinhamos na India; que para povoarmos sós hum Mundo tão grande, eramos muito poucos; que nos offerecia suas armas para com ellas termos o Gentio mais obediente, porque como Hespanhoes erão bons para soldados, e como Catholicos mui fieis para amigos; que considerasse, que era mais importante a Portugal a paz do Emperador, que o cravo de Maluco, porque estas dissensões entre vassallos podião vir a ter os effeitos das minas, que rebentão muito distantes donde se pega o fogo.

A esta Carta composta de feros, e lisonjas, respondeo Fernão de Sousa, que elle era pequeno de corpo, mas tão abbreviado na resolução, como na estatura: que aquellas Ilhas erão del Rei de Portugal seu Senhor; que com a mesma espada com que as ganhára podia defendellas; que bem sabia que era Hespanhol, e Catholico, porém que isso não lhe dava justiça para tomar-lhe a capa; que o Emperador não faria guerra a Portugal, sem ler primeiro nas Chronicas de Castella os successos de seus Antecessores;

que ou se havia de embarcar para a India, ou metter-se com os seus naquella fortaleza, onde lhe daria embarcação segura para Hespanha.

Desta Carta tão dura entendeo o Castelhano, que Fernão de Sousa não queria curar o negocio com remedios largos: porém vendo que não podia resistir, nem lhe convinha obedecer; escreveo segunda vez a Fernão de Sousa, que suspendessem as armas, avisando a seus Principes do estado das cousas, para que elles com pacifico acordo determinassem a causa; porque se antes desta diligencia se derramasse sangue, ficaria por conta dos Reis vingar a injuria dos vassallos; que entre Portugal, e Castella havia direito, e aggravos que a paz cobria; que não quizesse soprar o fogo sepultado nas cinzas de hum largo esquecimento; que se os Castelhanos se retirassem queixosos, facilmente os tornaria a trazer sua mesma offensa; que ainda que desbaratados do mar, e das doenças, se os obrigassem a condições injustas, maior força lhes faria o brio, que a necessidade em que estavão.

Fernão de Sousa, entendendo dos rodeios desta Carta, e de outras noticias, que os Castelhanos se querião remir com dilações, respondeo, que deixados argumentos, tratasse de defender com espada seu direito.

Ruy Lopes de Villalobos, vendo desta reposta que o entendião, ou que o desprezavão; escolheo deixar-se vencer da razão, primeiro que da força, e logo respondeo a Fernão de Sousa, que se vissem ao outro dia no mar com sós tres companheiros, para assentarem as condições da passagem, e embarcação, que lhe offerecia; o que assim se fez, sahindo Fernão

de Sousa da Fortaleza em huma embarcação lustrosamente tóldada, e emproando com a dos Castelhanos, que já o aguardavão, sobre qual dos Capitães havia de passar á outra, em ceremonias prolixas gastárão largo tempo. Entrou o Castelhano na de Fernão de Sousa, onde entre saudações, e urbanidades, abrio a conversação pórta ao negocio.

Tratou Fernão de Sousa com grande comedimento das razões de sua causa, reduzidas a escrituras outorgadas entre os Reis de Portugal, e Castella, que Ruy Lopes de Villalobos folgou de ver, como quem de nosso direito havia de formar sua desculpa. Assim ficárão acordados, que dentro de tres dias virião os Castelhanos metter-se dentro na nossa fortaleza de Ternate, onde lhes darião embarcação para a India, levando livremente a roupa, drogas, e armas que tivessem; e que el Rei de Tidore seu faccionario ficaria em nossa graça. As solemnidades com que rematárão esta concordia, forão hum largo banquete, brindando alegremente ás saudes dos Reis, beneficio, que lhes repetírão muitas vezes. Ao convite accrescentou Fernão de Sousa o seu çaguate, ao uso da India, dando algumas joias ao Capitão, e companheiros, com que os deixou mais satisfeitos do trato, que do despacho que levavão, porque com o sainete do cravo saboreavão os desabrimentos da terra.

Despedidos os Capitães se tornou Fernão de Sousa á fortaleza, contente de alhanar hum negocio tão escabroso, por meios tão commodos á sua honra, como ao Estado. Ao terceiro dia, que era o aprazado para os Castelhanos se virem á nossa Fortaleza, se pôz Fernão de Sousa mui galante,

para demonstração do gosto com que esperava os hospedes, que foi buscar ao mar. O que sabendo Ruy Lopes despedio huma embarcação da terra, pedindo-lhe suspendesse o negocio para o seguinte dia, porque andava vencendo alguns inconvenientes, de que lhe daria conta. Fernão de Sousa entendendo, que a dilação era cautela, e que o Castelhano faltava no concertado, como lhe derão o recado no mar, mandou forçar a vóga; e com mais paixão, que acordo, se foi metter desacompanhado entre os Castelhanos. O que visto por Ruy Lopes, o veio esperar á praia com oitenta arcabuzeiros que trazia de guarda, e levando-o a seus aposentos, lhe deo conta da alteração, que entre os seus havia; porque D. Alonso Henriques Capitão de hum navio, cobrindo seu particular interesse com o zelo de servir a seu Principe, não queria estar pelo capitulado, e tinha convocado amigos, e homens inquietos, que sustentavão seu partido, persuadindo cousas fantasticas a el Rei de Tidore, e a outros, por engrossar seu bando, chamando á sua sedição zelo, e á moderação do General fraqueza, pois entregava as armas, e as bandeiras de Hespanha, que jurára defender com a vida; e privava ao Emperador do Senhorio de tão abundantes Ilhas, e aos pobres soldados do fruto, e premio de navegação tão perigosa; e que os Portuguezes, como Nação soberba, e sempre opposta á sua, farião riso, ou gloria de tão vil rendimento. Porém que elle sabia, que todas estas bizarrias armavão sobre falso, porque os não estimulava o serviço do Cesar, nem o zelo da honra, senão o amor do cravo, de que ti-

nhão recolhido quantidades grandes, e não fiavão de nós, que lhes deixariamos levar á Hespanha as novas desta droga, cuja valia lhes havia de compensar os perigos, e trabalhos passados. O que entendido por Fernão de Sousa, e os mais, que seguião sua voz, os assegurou nesta parte de todos seus receios, e como o brio dos Castelhanos servia de cuberta ao interesse, se vierão ao outro dia metter na fortaleza, esquecidos dos brios com que bizarreavão.

Mas já o estrondo das armas de Cambaya não soffre esta pequena digressão de negocios menores. Governava Coge Çofar esta guerra com absoluto imperio, librando o bom successo della, parte na força, e parte nos enganos. Em quanto pois juntava bagagem, e soccorros, que pela grandeza delles necessitavão de espaços differentes, escreveo a D. João Mascarenhas, que desejava tirar qualquer escandalo que perturbasse a paz capitulada entre o Soltão, e o Estado, para que se lograssem com reciproco amor os frutos de tão justa concordia; que no ajustamento passado tinhamos dado consentimento a que se fizesse hum muro entre a Fortaleza, e a Cidade, o que se não executára por não mostrar desconfiança em tão tenra amizade; porém agora, que a paz de tantos annos tinha purgado qualquer injusto affecto, convinha satisfazer ao Povo, que pedia esta separação, como sinal da liberdade em que vivia; que quando por aquella parte desmantelámos a Cidade, fora com a ira, ou licença da victoria, e que não querião os moradores acordar-se cada dia de sua injúria com tão fea memoria; que os sinaes do odio, como não estavão no animo,

não era bem que se conservassem nas pedras derribadas; que pois eramos hospedes em Diu, não convinha dar leis como Senhores; e que levarião asperamente os moradores o que lhes ordenavão seus Reis, tolher-lho seus visinhos; que de vassallos alheios deviamos querer amizade, e não obediencia; que o Soltão lhe dera aquella Cidade, a qual determinava engrandecer com novos moradores, aos quaes queria mostrar, que aquella Fortaleza não estava como freio, senão como amparo dos habitadores; que aos Portuguezes convinha dar grandes satisfações ao Povo, para assegurar huma paz fundada sobre aggravos.

Por esta Carta entendeo D. João Mascarenhas, que Çofar buscava causa ao rompimento, havendo, que se lhe concedia o muro, facilitava a empreza; se lho negava, justificava a guerra; e assim lhe respondeo, que em huma paz tão assentada com o Estado, mais seguro lhe seria derribar paredes, que intentar levantallas; que o muro nem a nós seria de perigo, nem a elles de amparo; que entre a Fortaleza, e a Cidade estava outro reparo maior que a defendia, que era a fidelidade Portugueza; que do novo Senhorio lhe dava o parabem, e que dos Portuguezes que alli estavão, fizesse a mesma conta que dos outros vassallos; que o negocio, que propunha, tocava ao Governador da India, o qual estava aprestando a armada para vir visitar aquella Fortaleza, que chegado elle lhe communicaria a sua proposta. E logo avisou ao Governador do estado das cousas, que já pelos Enviados, que mandára a Cambaya, tinha de certo no-

ticia mais inteira, recebendo do Soltão huma resposta incerta, sem declarar, nem encobrir a jornada, fazendo relação intempestiva de passádas offensas, como quem (sem alterar a paz) queria começar a guerra.

Porém o Goverdador, dando-se todo a este negocio, pesando a importancia daquella Praça, resolveo sobre sua defensa empenhar as forças todas do Estado, sem perdoar a despeza, perigo, ou diligencia. A's Cidades de Baçaim, e Chaul, que erão as mais visinhas, encommendou affectuosamente os soccorros de Diu, lembrando-lhes a honra, o premio, a obrigação; e logo em Goa mandou aperceber hum caravelão com munições, e bastimentos, e duzentos e cincoenta soldados, que por acharem já os mares grossos, chegárão a Baçaim com trabalho, e tentando atravessar a Diu, forão os ventos tão ponteiros, e furiosos, que tornárão a arribar destroçados.

Coge Çofar em quanto não tinha as forças juntas, nos acomettia com ardís differentes. Com largas dadivas, e promessas maiores comprou a fidelidade de hum soldado nosso, para que no silencio da noite desse fogo á polvora, ou lançasse peçonha na cisterna, e que não podendo conseguir nenhum destes intentos, tentasse dar entrada na Fortaleza aos Mouros pelas casas em que vivia, commodas a esta maldade, por estar visinhas ao muro. O soldado temeroso, ou irresoluto, deo parte do negocio a hum Mourisco seu familiar amigo; e como nas traições mais seguro he o premio de as descobrir, que de as executàr, delatou ao Capitão Mór o caso, o

qual tendo noticia delle por duas vias mais, e considerando que este delicto era feito para exemplo, para castigo pouco averiguado, e que a culpa não merecia perdão, nem o tempo permittia castigo, enviou este soldado a Goa com cartas ao Governador, significando-lhe os indicios da traição imaginada.

E como D. João Mascarenhas tinha a guerra por certa, ordenou que se comprassem os mantimentos que na cidade havia, em quanto aquella paz fingida fazia sombra ao commercio; diligencia que entreteve, ou remediou a fome muitos dias; porém logo se alterou a segurança do trato, entrando na Cidade hum Capitão com quinhentos Turcos, mais a dispôr, que a fazer guerra. Este trazia novas cartas de Coge Çofar para o Capitão Mór, nas quaes cauteloso, e importuno, instava em levantar o muro; a que D. João Mascarenhas já não quiz dar reposta, dizendo ao Turco, que os Portuguezes não deferião a petições escritas com o arcabuz no rosto. Não foi este dia o primeiro da guerra, sendo da paz o ultimo; porque ao seguinte entrou Coge Çofar com oito mil soldados para dar principio ao cerco, tolhendo-nós os soccorros da terra, porque os do mar começavão já a impedir os temporaes do Inverno, que era o mais duro inimigo que a fortaleza tinha. E como esta Praça foi o theatro em que os Portuguezes obrárão maravilhas tão grandes, daremos de seu sitio huma breve noticia.

A Ilha de Diu, celebre pela riqueza de seu trato, lastimosa pela ruina de seus habitadores, il-

lustre pela fama de nossas victorias, está situada em huma anseada, e ponta, que limita o Reino de Cambaya, em altura de vinte dous gráos da banda do Norte. Da antiguidade de sua fundação fabulão os naturaes, dando-lhe principios mais illustres, que averiguados, cujas memorias conservão suas tradições na falta dos escritos. Foi sempre o porto da anseada a principal escala, frequentada das náos que navegão a Meca, cuja viagem fez aos Mouros grata a Religião, e o commercio. He a cidade apartada da terra firme por hum estreito, que em torno a vai cingindo; pela qualidade do terreno he forte, e ajudando-se de arte a natureza, a faz mais defensavel. O estreito, que a rodea, faz duas boccas, huma ao Norte, que por ser aparcelada, e baixa, he ao serviço inutil; outra ao Sul, tambem desacommodada pela aspereza do rochedo, em que bate. Tem outro canal na face da Ilha, onde pódem ancorar navios, e deste recebe a Cidade mais commoda passagem. Não segui a fórma, em que a descreve João de Barros, por se haver alterado com a differença dos Mouros que a senhoreárão, fortificando-a cada hum delles com vária disciplina, conforme o juizo, ou variedade dos tempos lhes ensinava.

Entrando Coge Çofar na Cidade com oito mil soldados, muitos delles Turcos trazidos a seu soldo, sessenta peças grossas em que entravão dezoito basiliscos, com munições, e bastimentos de homem que antevia a duração do sitio. Trazia mil Janizaros no campo com avantajado soldo, os quaes com sua ordinaria soberba desprezavão a empreza,

accusando o temor de Çofar, em convocar soccorros, e inquietar as armas do Grão Senhor contra quatro miseraveis Christãos, defendidos de huma fraca parede, com os quaes nem na peleija se ganhava honra, nem na victoria despojo. Coge Çofar nem louvava, nem reprehendia o animo dos Turcos, mas da victoria fazia mais incerto juizo, ensinado do temor, ou da experiencia, e no abrir as trincheiras, plantar batarias, formar esquadrões, mostrou que era soldado : e logo que teve posto sitio á fortaleza, fez aos Turcos huma breve prática, dizendo :

« Companheiros, e amigos, não vos ensinarei » a temer, nem a desprezar esses poucos Portu» guezes, que dentro daquelles muros estais ven» do encerrados, porque não chegão a ser mais » que homens, inda que são soldados. Em todo o » Oriente atégora os acompanhou ou servio a for» tuna, e a fama das primeiras victorias lhes facili» tou as outras. Com hum limitado poder fazem » guerra ao mundo, não podendo naturalmente » durar hum Imperio sem forças, sustentado na » opinião ou fraqueza dos que lhe são sujeitos. Ape» nas tem quinhentos homens naquella fortaleza, » os mais delles soldados de presidio, que sem» pre costumão ser os pobres, ou os inuteis : por » terra não pódem ter soccorro, os do mar lhes » tem cerrado o Inverno. Estão faltos de muni» ções, e mantimentos, assegurados na paz, ou » na soberba, com que desprezão tudo. Como são » poucos, sempre naquelle muro hão de assistir » os mesmos defensores, sem haver soldado reser-

» vado para o lugar de outro; falta-lhes peona-
» gem para reparar as ruinas da nossa bataria, e
» por força os ha de render o trabalho repartido
» em tão poucos. Estão insolentes com o destroço
» que fizerão nas galés do Grão Senhor no cerco
» desta mesma fortaleza. A tão honrados Turcos,
» e valentes Janizaros, como estais presentes, to-
» ca acudir pela honra de vossa gente, e de vos-
» so Imperio, como causa mais justa da guerra,
» que fazemos; que ainda que Cambaya tem ex-
» ercitos, e soldados, não convem á reputação do
» Grão Senhor vingar suas injúrias com as armas
» alheias. Com este fim vos trouxe a esta empre-
» za, porque vos não furtassem outros a gloria de
» tão justa vingança. Esta mesma terra, que ago-
» ra estais pisando, cobre os ossos de vossos com-
» panheiros, parentes, e amigos, que a cada hum
» de nós (me parece) estão chamando por seu no-
» me, contando-nos as mortes, e as feridas, que
» destes homicidas recebêrão, esperando por vosso
» esforço poderem descansar vingados. Estes mes-
» mos são os matadores de Badur, ingratos aos
» beneficios, atrevidos á Magestade de Principe
» tão grande, cuja vingança será grata a todos os
» que se chamão Reis, precisa a todos os que so-
» mos vassallos. »

Acabada esta prática, ou querendo justificar mais a guerra, ou ganhar tempo para esperar soccorros, tornou a tentar o animo de D. João Mascarenhas, com condições mais graves, instando na porfia de levantar o muro, e pedindo que as náos do Soltão, seu Senhor, pudessem navegar livres sem cartazes de

nossos Generaes; injuria, que o Soltão tolerava como amigo, e não podia soffrer como Monarcha. Pedio mais, que as náos de mercadores não fossem obrigadas tomar aquelle porto; liberdade que devia outorgar em beneficio do commercio. D. João Mascarenhas lhe respondeo, que entre tambores, e bombardas não se fazião acordos de amizade; que aquella Fortaleza estava costumada a dar leis a todos, e não a recebellas de ninguem; que em breve esperava castigallo, como a quebrantador das pazes, e que então soffreria a seu pesar condições mais duras, escritas com o sangue de seus mesmos Janizaros.

Já neste tempo o Governador tinha feito aprestar nove embarcações com estranha brevidade, dizendo aos soldados, que occasião tão honrada só a havia de fiar dos seus mimosos; que elle trocára agora as prisões de seu cargo pela liberdade de qualquer soldado; que ainda que estava resoluto em ir descercar Diu, não podia negar as envejas que tinha aos que primeiro que elle havião de vir a braços com os Turcos. E logo chamando a seu filho D. Fernando, lhe disse em sala pública. « Eu vos mando, filho, com este soccor-
» ro a Diu, que pelos avisos que tenho, hoje estará
» cercado de multidão de Turcos; pelo que toca á
» vossa pessoa não fico com cuidado, porque por ca-
» da pedra daquella fortaleza arriscarei hum filho.
» Encommendo-vos, que tenhais lembrança daquel-
» les de quem vindes, que para a linhagem são vossos
» avós, e para as obras são vossos exemplos; fazei por
» merecêr o appellido que herdastes, acordando-vos
» que o nascimento em todos he igual, as obras fa-
» zem os homens differentes; e lembro-vos, que o

» que vier mais honrado, esse será meu filho. Esta » he a benção que nos deixárão nossos maiores, morrer gloriosamente pela Lei, pelo Rei, e pela Pá» tria. Eu vos ponho no caminho da honra, em vós » está agora ganhalla. » Com isto lhe lançou a benção, e o encommendou a Diogo de Reynoso, hum dos mais valentes Cavalleiros que passárão á India. Neste soccorro foi Sebastião de Sá, filho de João Rodriguez de Sá, que nesta occasião, e em outras deo de seu valor hum testemunho illustre. Com elle passou D. Francisco de Almeida, filho de D. Lopo, a acompanhar dous irmãos, que tinha já em Diu. Com o mesmo soccorro forão Antonio da Cunha, Pedro Lopez de Sousa, Diogo da Sylva, Jorge Mascarenhas, Antonio de Mello, e outros muitos Fidalgos, que naquelle tempo andavão apôz os perigos, como se lhes fugírão.

Escreveo o Governador a D. João Mascarenhas huma carta mui honrada, dizendo-lhe, quanto maior cousa era nesta occasião ser Capitão de Diu, que Governador da India; que naquelle soccorro lhe mandava seu filho D. Fernando, para que depois no Reino, entre as vanglorias da velhice, contasse que fora seu soldado; que estivesse certo, que todas as forças do Estado se havião de empenhar na defensa daquella Fortaleza; que naquelles navios hião muitos Fidalgos moços, cujo orgulho devia moderar, porque a obrigação dos cercados só era defender-se; que alli lhe mandava munições, que bastavão a esperar segundo soccorro, dous engenheiros, e muitos officiaes mecanicos para reparar as ruinas da bataria, com os instrumentos, e materiaes convenientes. No que D.

João de Castro não só mostrou zelo de Ministro, mas prática de soldado, antevendo as necessidades do sitio, e occorrendo a todas.

Já neste tempo D. João Mascarenhas tinha mandado quebrar a ponte, que dava serventia, por cima da cava do baluarte Sant-Iago, á outra banda, mandando fazer outra levadiça. A torre de Sant-Iago entregou a Alonso de Bonifacio Escrivão da Alfandega; o baluarte S. Thomé a Luiz de Sousa; o de S. João a Gil Coutinho; o que ficava sobre a porta, a Antonio Freire; e outro baluarte Sant-Iago, que descubria o rio, a D. João de Almeida com seu irmão D. Pedro de Almeida; o de S. Jorge a Antonio Peçanha; a couraça pequena a João de Venezeanos; a grande a Antonio Rodriguez. Por estes Capitães repartio cento e setenta soldados, ficando elle de sobre rolda com trinta, para soccorrer as estancias. Com tão pequenas forças esperava D. João tão numeroso poder, como contra si tinha, dispondo com tanta segurança a defensa, que lhe não fazia o perigo temor, ou novidade. Com as munições, e mantimentos mandou ter grande conta, pela contingencia em que estava poder receber outros com os estorvos do tempo, e do inimigo. Entre os escravos, e outra gente inutil para tomar as armas, repartio o trabalho de acudirem ao muro com lanças, panelas de polvora, pedras, e mantimento, por desviar os soldados de outra occupação mais que a da peleija. Neste serviço entreteve os meninos, ou velhos, e as mulheres, para que na Fortaleza não houvesse pessoa inutil, ou ociosa, pela idade, ou sexo. E logo juntando os soldados no terreiro da fortaleza, lhes disse com alegre semblante:

« Esses Turcos, e Janizaros, que deste lugar
» estamos vendo, vem a restaurar comnosco a honra
» que no primeiro cerco perdêrão; porém nem elles
» valem mais que os que então forão vencidos, nem
» nós valemos menos que os vencedores. Eu vos con-
» fesso, que me criei sempre com a enveja do menor
» soldado que defendeo esta Praça; pois ainda agora
» a memoria de seu valor honra seus descendentes,
» que menos conhecemos pelo appellido, patria,
» ou solar, que por filhos, ou netos, daquelles que
» tão gloriosamente acabárão, ou triunfárão em
» Diu. Os mais illustres honrárão sua familia: os
» mais humildes derão a ella principio. Trouxe-nos
» a fortuna esta empreza, áquella nada desemelhan-
» te; não sepultárão comsigo aquelles valerosos Por-
» tuguezes toda a gloria das armas, ainda nos deixá-
» rão esta, que nos fará illustres. Não nos assombre
» a desigualdade do poder, porque a fama não se al-
» cança com perigos vulgares. Navegámos cinco mil
» legoas só a buscar este dia, para nelle ganhar a
» honra, que nos não podem dar os Reis, nem as
» gentes; porque os Reis dão premios, não dão me-
» recimentos. Não nos faltão munições, nem man-
» timentos para entreter o cerco até chegar soccor-
» ro; e ainda que andão os mares levantados, por
» serem os tempos verdes, temos hum D. João de
» Castro, que por debaixo das ondas virá com a es-
» pada na bocca a soccorrer-nos, e tantos outros Fi-
» dalgos, e Cavalleiros, que terão por injuria ga-
» nharmos nós sem elles a honra que se nos offerece,
» com a qual não temos que esperar mais da fortu-
» na, pois seremos contados no número daquelles,

» que ao Rei, e á Patria fizerão algum memoravel
» serviço, cuja honra viemos a sustentar do ultimo
» Occidente a tão remotas partes. E o que mais he
» que tudo, peleijamos com inimigos de nossa Fé,
» e não nos póde faltar favor para tão justa causa,
» pois servimos ao Deos das victorias. »

Acabada a prática, se ouvio logo no campo dos Turcos huma grossa salva, com que Coge Çofar festejava hum soccorro de dous mil Infantes, que lhe havião chegado de Cambaya, todos soldados velhos, que fazião o soccorro maior na qualidade, que no número. Acompanhavão esta gente, entre outros, dous Capitães Mogores, pessoas entre os seus de grande nome. No mesmo dia entrou grande parte da nobreza da Corte, que se alojou separada do campo, em mui lustrosas tendas, com tal concerto, que não devião nada á policia da Europa. Os nossos com desestimação da vida divertião o horror de tantos apparatos, animando-se com discursos conformes ao tempo, tirando da necessidade conselho para as cousas presentes.

Ao seguinte dia, que foi Quinta feira maior deste anno de mil quinhentos quarenta e seis, amanheceo visinho á fortaleza hum baluarte entulhado de terra amassada, com suas bombardeiras, e nellas algumas peças grossas, e por cima do muro quantidade de saccas de algodão, forradas de couros crús para fazerem resistencia ao fogo; maquina que espantou aos nossos, pelo silencio, e brevidade com que se havia obrado; mostrando bem, que não era esta fabrica desenho de multidão barbara, e confusa; porque em todo o conflicto mostrárão igual o valor á discipli-

na. Logo começárão a bater ditosamente a nossa Fortaleza, porque nos cegárão quatro peças, das quaes a sua bataria recebia mais damno.

O bom successo deste dia lhe deo para os outros conselho, formando em cinco noites cinco fórtes em proporcionada distancia, para darem geral assalto por brechas differentes, a que não podião resistir divididos tão poucos defensores. Ao designio pudéra responder o successo, se o nosso forte do mar, que estava a cavalleiro dos seus lhes não fizera tanto damno, que julgárão lhes convinha acudir primeiro ao reparo, que á offensa. Callárão as bombardas dous dias, em quanto para segurança da primeira fabrica, maquinárão segunda. Lançárão ao mar huma náo alterosa cheia de polvora, alcatrão, e outros materiaes dispostos ao fogo; estes dispuzerão na primeira cuberta, como ardil reservado para segundo intento, por cima delles fizerão huma grande esplanada, onde podião peleijar quasi duzentos homens, para com elles intentar a escala: ficava a náo senhoreando o forte, donde com a vantagem do número, e lugar da peleija, entendião que serião os nossos entrados facilmente; e quando a resistencia fosse tão porfiada, deixada a náo, lhe pegarião fogo, que ateado no forte, o abrazaria, sem damno, nem perigo dos seus; e que logo occupadas as ruinas, que deixasse o fogo, sobre ellas levantarião outro, donde se pudesse bater a nossa Fortaleza, ficando os seus baluartes seguros deste padrasto, com que poderia laborar sem damno a sua artelharia. Estratagema inventado com militar discurso.

Da obra, e do intento teve o Capitão Mór avi-

so por espias que trazia no campo, e chamando o Capitão do mar Jacome Leyte, soldado de grande confiança, lhe disse, que lhe não queria roubar a honra que tocava a seu posto, que estimasse, que a primeira facção deste cerco fosse sua; e praticando-lhe tudo o referido, lhe ordenou, que na segunda vigia da noite, tivesse tudo a ponto. Sahio Jacome Leyte na hora determinada, com dous catures, e trinta soldados, remando a vóga surda, e emproando com a náo, a começou a servir de muitas penelas de polvora. Virão os Mouros seu perigo com o mesmo fogo, que os estava abrasando, e acudindo ás armas, turbados do temor, e do sono, se defendião com huma resistencia timida, e confusa, impedindo-se huns aos outros com as vozes, e desacordo, causado do subito acomettimento. Alguns se começárão a lançar ao mar, estes fizerão aos outros caminho, e exemplo; em fim entre queixas, e alaridos despejárão a náo, fazendo pôr em arma o campo todo. Teve Jacome Leyte tempo para dar hum cabo á náo, e trazella atoada; a quem o Capitão Mór deo muitos abraços, e louvores, estimando esse successo por dar á guerra tão ditoso principio. Os Mouros ordenárão que se continuasse a bataria a risco aberto, custando-lhes cada pedra que derribavão da fortaleza, soldados, e artilheiros. Não fazia a sua bataria damno consideravel, só o baluarte Sant-Iago, ou por mais fraco, ou por melhor batido, estava por duas partes aberto, e já com roturas capazes de se entrar por assalto, se bem os de dentro se reparavão com alguns travezes, fazendo reparos do entulho que furtavão de noite.

Continuava a bataria não sem effeito, porque já se via o muro por muitas partes aberto, por todas abalado, e não podia pelas ameas assomar soldado, que não fosse encravado das settas do inimigo, ou ferido das balas, que erão tantas, que parecião huma continua salva, doendo pouco a Coge Çofar despender munições, e arriscar soldados, como quem de tudo estava prevenido, e sobrado. Tambem da Fortaleza lhe respondia a miudo a nossa artelharia com mais damno, porque como era tanta a multidão dos Mouros, nenhuma bala se julgava perdida.

Instavão os Turcos, porque se desse o assalto, porque já em muitos lugares pelas ruinas da bataria, se podia subir ao muro; porêm Coge Çofar os detinha; ou esperando maior poder, ou querendo, que o trabalho, e feridas quebrantassem o orgulho dos nossos, cuja furia esperava domar com lentas armas, apurando as forças, as munições, e ainda a paciencia dos cercados: discurso, que não era de todo errado, porque o inverno, que começava furioso, impossibilitava os soccorros necessarios, e forçosos desde o primeiro dia, em razão de que os descuidos da paz, e a subita invasão do inimigo, tinha os nossos menos apercebidos para soster o peso desta guerra; sendo nesta parte tão demasiada a nossa confiança, que depois do cerco de Antonio da Sylveira, só com o respeito daquella victoria, se defendia a Praça; e D. João Mascarenhas se achava só com quarenta barris de polvora de bombarda, e vinte de mosquete: a estreiteza de mantimentos, como de homens, que primeiro virão a guerra, que a esperassem; os defensores erão duzentos, os mais delles soldados de guar-

nição, a quem a gloria deste cerco deo a primeira fama.

Trazião ao Capitão Mór sollicito o estado das cousas, e a incerteza dos soccorros, que importava encobrir tão cautamente aos de casa, como aos de fóra, e não queria nos principios do cerco taixar os mantimentos, e munições, vendo por huma parte ser damnoso, e por outra preciso; quando as vigias lhe vierão dar aviso, que a huma vista parecião nove vélas, e que pela feição dos vasos mostravão serem nossas. Chegárão os soldados todos ao muro com o alvoroço desta nova, causando variedade nos juizos a distancia da vista, e cerração do tempo; porém dentro de huma hora divisárão as bandeiras de quadra, e logo com as armas Reaes a Capitânea, que com os ventos ponteiros, vinha forçando as ondas em demanda da nossa Fortaleza. Vinhão todas com flamulas, e galhardetes, empavezadas, e guerreiras. Salvárão logo as torres, donde lhes respondêrão com a mesma cortezia naval. Os Mouros lhe tirárão muitas peças de terra, em quanto davão fundo. Forão desembarcando as munições, e mantimentos, traz elles os soldados, e o ultimo de todos D. Fernando, ou fosse instrucção do Pai, ou brio do filho.

O Capitão Mór depois de receber aquelles Fidalgos, como companheiros de sua fortuna, sabendo que vinha alli D. Fernando, o foi buscar ao navio, e o encontrou na escada da Fortaleza, por onde já sobia, e levando-o nos braços, lhe disse palavras accommodadas ao lugar, e tempo, e offerecendo-lhe sua mesma pousada, a não quiz acceitar

D. Fernando, pedindo-lhe, que aquella honra lhe poupasse para o tempo da paz, que agora o baluarte mais arriscado havia de ser a sua guardaroupa, porque lhe não prestaria o sono hum passo desviado da muralha. D. João Mascarenhas o tornou 'a abraçar, espantado de vêr espiritos varonís em annos tão verdes.

Vinha nos navios quantidade de polvora, armas, e mantimentos, com que se podia entreter o cerco até outro soccorro: tambem se lembrou o Governador de mandar aos enfermos, e feridos, remedios, e regalos. Mostrou o Capitão Mór aos soldados a Carta do Governador, em que (como dissemos) o assegurava de sua vinda, para a qual se ficava aprestando com a maior diligencia, e forças, que soffria o Estado; o que deo corações novos aos cercados, com que já as necessidades, e aprestos da guerra mostravão outro semblante; a qual se hia continuando, recebendo Coge Çofar cada dia soccorros, e traçando artificios, para que tinha conduzido Engenheiros de differentes partes, que a emulação, e premio incitava a inventar cousas novas, que fazia os nossos mais attentos ao perigo occulto, que ao descuberto.

Porém o Govervador, logo que despedio seu filho D. Fernando, mandou pregoar guerra, a fogo, e sangue, contra el Rei de Cambaya, como perjuro, e quebrantador da paz, que tinha com o Estado, e isto com instrumentos militares, e solemnidades legaes, para fazer públicas, e justificadas as causas de huma guerra, que tinha attentos os juizós do Oriente todo. Escreveo aos moradores

de Baçaim, lembrando-lhes que como mais visinhos lhes tocava a obrigação de soccorrer á Diu; que as outras Praças acodião ao perigo do Estado, elles ao seu proprio, pois as bombardas, que batião a Diu, abalavão os edificios de Baçaim; que elle se aprestava para ir descercar a Fortaleza, e fazer a Cambaya as hostilidades possiveis, porque o Estado nunca fizera guerra defensiva aos Reis do Oriente; que lhes pedia estivessem promptos para o acompanhar com navios, e gente, como de tão honrados Cidadãos, e leaes Portuguezes se devia esperar; que o serviço de cada hum deixava em seu mesmo arbitrio, entendendo, que qualquer delles, com a fidelidade, e amor de seu Rei, excederia á possibilidade.

Na mesma fórma escreveo a todas as Praças, de que podia receber soccorros, achando os animos dispostos a servir, e despender as fazendas; felicidade, que contaremos por singular em seu governo, como em differentes successos mostrará a Historia. Começou a dar grande calor aos aprestos da armada, e achando o Estado pobre para tantas despezas, pedio aos Mercadores grandes sommas sobre sua verdade, que era o ouro, e diamantes, que só enthesourára: prenda sobre a qual os homens de negocio lhe offerecião tudo; e não sei se entre os poderosos correm hoje fazendas desta lei em tanta estima. Mandou fazer orações públicas, e secretas, pedindo a Deos amparasse a causa dos Fieis, pois era sua, fiando mais dos sacrificios, que das armas. Discorria de ordinario com os soldados de experiencia sobre as cousas de Diu, não se inclinando ao voto mais authorisado, senão ao mais experto.

Em Diu não descansavão as armas. Foi o Capitão Mór avisado, que no exercito se esperava por huma grande cáfila de mantimentos, que se havião de carregar por aquella costa de Balsar, até Damão: o que entendido, despedio o Capitão do mar Jacome Leyte com tres navios, para que a fosse esperar até a Ilha dos Mortos; o qual sahindo de noite pela barra fóra correndo a cósta, na qual tomou muitas Cotias, que vinhão bastecer o exercito, passou os Mouros á espáda, excepto alguns que reservou, para trazer enforcados nas vergas dos navios, quando entrasse a barra; o que assim se fez, dando com elles ao exercito huma lastimosa vista, certificado mais do successo com o fogo em que vio arder as Cotias; os mantimentos se recolhêrão na Fortaleza, que era a dróga mais importante para o tempo.

Tinha já Coge Çofar perdido muita gente, sem vêr na Fortaleza, nem nos animos dos cercados quebra, que lhe désse esperanças de ganhalla: os nossos passeavão no muro com galas, e plumagens, que mostravão o gosto, ou desprezo da guerra que sostinhão. Vendo Coge Çofar que estavamos senhores do mar com tão pequenas forças, e que as provisões, que recebia o exercito vinhão furtivas, e arriscadas, mandou sahir huma armada da barra de Surrate, a qual encontrou tres embarcações nossas, que de Baçaim, e Chaul vinhão prover a Fortaleza; peleijárão os Portuguezes desesperadamente; mas como era tão desigual o poder, os mais ficárão mortos vendendo tão bem as vidas, que não tiverão os Mouros, que festejar na preza, ou na victoria. D. Fernando de Castro pedio ao Capitão Mór licença

para sahir ao inimigo em alguns navios do soccorro, que lhe não deo, por entender seria diligencia perdida, porque o inimigo fez aquella sahida furtado, e se recolheo logo.

Tratou D. João Mascarenhas de avisar por terra a Sua Alteza do estado das cousas, para o que se lhe offereceo hum Armenio pratico na lingoa, e costumes dos Mouros; o qual despachou em hum Catur ligeiro, para que o lançasse na cósta de Pôr; e dahi em trajos de Jogue (que entre elles he habito religioso, e pobre) se passasse ao Cinde, e dahi a Ormuz, com Cartas ao Capitão. Este fez a jornada em companhia de Mercadores de Baçorá, que o passárão a Babylonia pelo rio Eufrates, onde havia de esperar as cáfilas, para atravessar os desertos da Arabia.

Continuava Coge Çofar as obras da fortificação com não menos perigo que trabalho, e com porfia tão barbara, e cruel, que os mesmos corpos dos gastadores, que os nossos matavão, lhe servião ao entulho, usando tão deshumana disciplina, quiçá por encobrir o damno, que começava já a ser conhecido no exercito, se bem se restaurava com quotidianos soccorros, que por horas engrossavão o campo. Mandou Coge Çofar assestar nas estancias sessenta peças grossas, em que entravão basiliscos, salvagens, aguias, e camellos, sem outra artelharia miuda, de que era maior número. Aos cinco baluartes, que havia levantado, assegurou com novos muros, cobrindo os gastadores com paredes torcidas em tantas voltas, que os não podia pescar a nossa artelharia. Com este

Fernandes, a quem nossos Escritores em lugar de elogios que honrassem sua memoria, chamão a Velha de Diu; célebre por este nome nos annaes, ou memorias do Oriente. Despendeo parte de seus bens esta grande Matrona em mimos, e regalos, com que no mais vivo do conflicto, alentava aos soldados, exhortando-os á defensa, e á peleija, com razões maiores, que de hum espirito, e juizo feminil. Em fim a diligencia destas matronas servia de alivio no trabalho, nos perigos de exemplo, acodindo a qualquer obra servil, ou arriscada que fosse, promptas, e opportunas.

Vendo Coge Çofar, que tudo quanto suas armas arruinavão de dia, nossa industria reparava de noite, maquinou hum artificio mais sutil pela traça, que util pelo successo. Defronte do baluarte S. Thomé, que pela materia, e disposição do sitio estava mais aberto, determinou levantar outro, que lhe ficasse igual, ou eminente, para que batido pelo alto derribasse as ameyas, tolhendo peleijar aos defensores, e ainda de noite, poder fazer reparos, ficando as peças para aquella parte assestadas de dia, com pontaria certa. Mandou logo trazer montes de terra, e rama para entulhar a cava, fortalecendo a esplanada com troncos de arvores grossas para lhe assegurar o terrapleno. A quantidade dos gastadores, que servião o campo, era outro novo exercito, com que a obra medrava sem tempo, e sem medida. Entre tanto a artelharia do nosso baluarte jogava com damno do inimigo, porque como esta peonagem servia amontoada, e descuberta, não se tirava da Fortaleza tiro algum perdido.

Reparou Coge Çofar no damno, por ser grande, ordenando que na obra se trabalhasse de noite, para que tirando os nossos com pontaria incerta, e vaga, fosse menor o effeito, mandando fazer maior ruido, onde se obrava menos, a fim de que os nossos artilheiros, guiados pelo ouvido, apontassem as peças ao tiuo do rumor, e dos eccos. O que entendido por D. João Marcarenhas, mandou cobrir de luminarias a Fortaleza, para que os gastadores, que trabalhavão amparados do escuro da noite, ficassem expostos ao mesmo perigo, que de dia. Porém Coge Çofar, que tinha prática aprendida na milicia da Europa, mandou fazer estradas torcidas, e encubertas, por onde continuárão os Mouros mais seguros a elevação do fórte, gastando a nossa artelharia balas inuteis, e perdidas.

Deo o negocio ao Capitão Mór cuidado, porque crescendo aquella máquina, não ficava na Fortaleza lugar algum seguro, jogando a artelharia do inimigo a cavalleiro dos nossos baluartes, com que dos cercadores aos cercados, não havia no lugar vantagem, ficando os Mouros com a do número tão desigual aos nossos. Posto o caso em conselho, todos conhecião o perigo, e nenhum o remedio. Alguns com maior ousadia, que prudencia, votárão que sahissem os nossos, e lhes estorvassem a obra a risco descuberto, sem vêr que era maior o perigo que acomettião, que o de que se livravão. Poucos approvárão este conselho; nenhum sabia dar outro. Fizerão os nossos algumas sortidas, porém de pouco effeito, porque o inimigo poderoso, e vigilante, tinha com grossa escolta assegurados os póstos aos gastadores; mas como

nos apertos grandes costuma o perigo ser o melhor conselheiro, lembrou-se D. João Mascarenhas, que na Fortaleza havia huma eminencia, que sobreleva-va o fórte S. Thomé, por cima do qual podia jogar a artelharia. Aqui mandou encavalgar algumas peças, as quaes tirárão com tão ditoso effeito, que em poucos dias derribárão aquella máquina, levantada, e cahida com o sangue dos que a fabricárão. Porém como esta Hydra tinha tantas cabeças, emprehendeo Coge Çofar cegar a cava com as mesmas ruinas; o que era mais fácil, por ser obra que não havia mister medida, disposição, ou engenho.

Começárão dous mil piães a cobrir a cava com os materiaes do fórte. Entretanto hum grande troço do exercito com dardos, settas, e espingardaria impedia os nossos assomar-se ao muro. Cresceo a obra, e perigo nos cercados, porque como os altos da Fortaleza estavão desmantelados, pouco que subisse o terrapleno, ficava igual ao muro. Desvelava-se o Capitão Mór por lhe frustrar o intento; e vacillando nos meios convenientes, alguns velhos criados na fortaleza, lhe dissérão, que no lugar onde estavão, tinha o muro hum postigo, que o discurso dos tempos cubrira com terra movediça, e que por aquella parte sem risco, e com facil trabalho se podia furtar o entulho. Pedia a necessidade execução prómpta; mandou cavar o Capitão Mór, e achou o postigo accommodado a seu intento. Sahião os nossos de noite, e furtavão o entulho por baixo, deixando a superficie vã, que cobria os vasios, sólidos na apparencia do inimigo: porém como aquella terra estava no ar violentada, trouxe-a seu mesmo peso ao centro, cahin-

do todo aquelle vulto fantastico á vista do inimigo.

Foi logo avisado Coge Çofar da industria, com que lhe frustrámos tão custoso trabalho, e acudindo áquella parte, impaciente na contraposição que achava a todos seus desenhos, sahio da Fortaleza huma bala perdida, que no meio de hum esquadrão de Turcos, lhe levou a cabeça. Houve no exercito sentimento público pela falta de tão grande soldado. Virão os nossos com destemperadas caixas, e arrastadas bandeiras dar sepultura ao corpo com todo o funeral militar, e politico, que ensinou a vaidade da guerra. Jurou logo seu filho Rumecão sobre o sangue do Pai tomar justa vingança; que entre elles a dôr, e irá he a ultima piedade que offerecem em sacrificio a seus defuntos.

Succedeo Rumecão ao Pai no odio, e cargo, continuando a guerra com a obrigação de General, e sentimento de filho, tão empenhado pela dor, como pelo officio. Mandou continuar por seis partes o entulho da cava, sendo por horas soccorrido o exercito de gastadores, bastimentos, munições, e soldados, crescendo por toda a parte a obra que Rumecão esforçava, como disposição para nos dar o assalto. Tratou tambem de continuar a máquina que o Pai começára, contrapondo hum artificio a outro: lavrou seis estradas encubertas, que todas hião a parar no postigo da Fortaleza, por onde os nossos lhe limpavão o entulho; estas hião fechar sobre a ponte de madeira, que naquelle lugar tinhamos levantado para o mesmo intento de lhe furtar a terra sobre que armavão a máquina que temos referido, e sobre a ponte lançárão

pedras, e traves de tamanha grandeza, que a fizerão encurvar com o peso, e logo vir-se a terra, não sem damno dos servidores, que por baixo della andavão recolhendo a terra. O que visto pelo Capitão Mór, mandou cerrar o postigo, por ficar já esta serventia inutil, e evitar alguma subita invasão do inimigo, o qual sem estorvo continuava a obra, em quanto os nossos vacillavão em descobrir algum engenho, ou força, com que pudessem contrastar fábrica tão damnosa, porque os Mouros com festas, e algazarras, mais mostravão gozar já da victoria, que esperalla.

A estes cuidados succedião outros não menos pesados, porque já não havia na Fortaleza duzentos homens defensores, huns rendidos do trabalho, outros de enfermidades, e feridas, mais necessitados de reparar as forças, que de offerecellas a segundo trabalho. E nos soldados ordinarios já a desconfiança hia abrindo pórta ao temor. Faltavão munições, e mantimentos; os mares verdes, o inverno furioso, tiravão toda a esperança de soccorro, pois nem para o pedir, nem para o receber era o tempo opportuno.

Era Vigario da Fortaleza João Coelho, que sobre as virtudes do Sacerdocio, tinha resolução para emprehender qualquer justo perigo. Este se offereceo ao Capitão Mór (a quem era singularmente acceito) para, a despeito dos temporaes, tentar os mares, e aportando em Baçaim, ou Chaul, significar aos Capitães, com certeza de vista, o estado das cousas; e dahi avisar ao Governador por correios de terra, promettendo na fé do habito voltar a Diu com a primeira reposta, como fiel companheiro da fortuna de to-

dos. O Capitão lhe mandou logo esquipar hum Catur com doze Marinheiros, onde o deixarémos lutando com as ondas, até darmos razão do successo, que teve viagem tão animosa, e pia.

Os Mouros trabalhavão por força no entulho da cava, mas Rumecão cruel, e imperioso os mandava morrer, ou aturar no trabalho, de que recebião por premio, na mesma obra, miseravel sepulchro. Em fim chegárão a igualar a cava; e pelo baluarte de Gil Coutinho, que senão podia entulhar, atravessárão grandes mastos com taboas pregadas, que lhes servião de ponte, para picar o muro, o que se lhes não pode defender com a artelharia, por trabalhar cubertos.

Ordenou logo D. João Mascarenhas humas cadeas grossas, que do muro alcançassem á ponte, das quaes pendião muitas saccas de gunes envoltas em polvora, salitre, e outros materiaes faceis ao fogo, as quaes lançadas, ateárão na ponte com tal braveza, que logo a desfizerão. Acudio Rumecão a sustentar a obra com novo madeiramento, e maior copia de servidores, e soldados, huns que assistião á defensa, outros ao trabalho, a que os nossos se oppuzerão, dando-lhes miudas cargas de artelharia, e espingardaria, de que o inimigo recebeo grande damno; mas insistia Rumecão na obra tão porfiadamente, que por cima dos mortos fazia sobir outros, que ainda que violentados, vencião o perigo com a obediencia. Chegou em fim por meio de tão custoso trabalho a igualar a cava.

Conhecendo pois Rumecão o estado em que nos achavamos pelos poucos defensores que occupavão os postos, nos quiz tentar os animos, crendo, que em

tão perigoso estádo nos ensinaria a razão, e a nature za, a não engéitar as vidas. Cerrada a noite, ouvirão os do baluarte Sant-Iago brádar pela vigia, em lingua Portugueza, dizendo, que era Simão Feyo, que queria fallar ao Capitão Mór em negocio importante. Foi logo avisado D João Marcarenhas, e pondo-se com o soldado á falla, elle lhe disse, que era Simão Feyo, que vinha mandado por Rumecão, que affeiçoádo ao valor de tão grandes soldados, lhes queria poupar as vidas, que agora desesperadamente defendião; que bem via a Fortaleza arruinada toda; a maior parte dos defensores enfermos, ou feridos, sem esperança alguma de soccorro, faltos de munições, e mantimentos; que não quizessem perecer obstinados, affeando com a temeridade dos fracos o muito que tinhamos obrado; que nos rendessemos, porque para gloria sua desejava conservar vivos tão valerosos inimigos; que nos faria todos os partidos honrados, deixando-nos com a liberdade as fazendas, e os navios para nossa passagem: o que não acceitando passariamos pelas leis da guerra, e pelas licenças que dava nos estragos a ira, e a victoria. D. João Mascarenhas lhe respondeo, que a Fortaleza onde estavão Portuguezes, não havia mister muros, que no campo raso a defenderião ao poder do Mundo; que esta verdade conheceria no primeiro assalto; que tratasse de pedir ao Soltão mais gente, e melhores soldados; que os Portuguezes desprezavão victorias tão pequenas; que as ruinas da Fortaleza esperava reparar com cabeças de Turcos; que se lhe faltassem mantimentos, ao seu arrayal os iria buscar como despojos; que em quanto seus soldados tinhão armas,

não lhes podia faltar nada entre seus inimigos; que a boa passagem que lhes offerecia, esperava fazer cedo com a espada na mão por meio de seus esquadrões armados; e a elle Simão Feyo dizia, que ainda que repetia forçado palavras alheias, não tornasse com segunda mensagem, porque o mandaria espingardear do muro.

Vendo pois Rumecão, que dos perigos, trabalhos, e fomes, nos serviamos como de alimento, injuriado no desprezo desta reposta, determinou dar o primeiro assalto. Amanheceo aos nossos hum temeroso dia, que foi aos dezanove de Julho deste anno de mil quinhentos quarenta e seis; em róda da Fortaleza appareceo o exercito inimigo. Juzarcão com mil e quinhentos soldados escolhidos acometteo o baluarte S. João, de que era Capitão Luiz de Sousa, acompanhado de D. Fernando de Castro, Sebastião de Sá, Diogo de Reynoso, Pedro Lopes de Sousa, Diogo da Sylva, Antonio da Cunha, e de outros Fidalgos, e soldados, que não passavão de trinta. Estes esperárão o primeiro impeto do inimigo com tanta gentileza, que rebatêrão os primeiros oitenta que sobírão, mostrando o damno que recebêrão nas vozes, no sangue, e na cahida. Logo lhes succedêrão outros, fazendo-lhes a sobida mais facil os corpos dos que cahírão mortos. Juzarcão os inflammava com a honra, com o premio, com a vingança. Os ares feridos de instrumentos de fogo, e de vozes humanas, fazião nas paredes da Fortaleza huma impressão medonha. A bataria continuava nos outros baluartes; em S. João, e S. Thomé o assalto; porque fossem mais faceis de render forças, sobre pequenas, divididas.

Rumecão com os Turcos assaltou o baluarte S. Thomé, de que erão Capitães D. João de Almeyda, e Gil Coutinho; e como gente pelo valor escolhida, pela Nação soberba, arremettêrão tão furiosos, que pelas lanças dos nossos intentavão subir atravessados, buscando pela morte a victoria. Elles tinhão a vantagem do número; a do lugar os nossos; e os que tinhão cavalgado o muro, ou havião de entrar victoriosos, ou morrer estropeados, porque lhes era mais perigosa a retirada, que a peleija. O inimigo sempre com nova gente reforçava o assalto; os nossos valendo-se de humas mesmas forças, se mostravão superiores aos primeiros, iguaes aos ultimos. As mulheres acudião com armas, e panellas de polvora, vestindo os espiritos do tempo, não os da natureza. Algumas com regalos, e bebidas alentavão os soldados, e não podendo mostrar esforço proprio, servião ao alheio. Taes houve, que com exhortações os animavão, merecedoras de forças varonís em corações tamanhos; mas nos feitos deste cerco contaremos os seus pelos mais raros, senão pelos maiores. Via-se hum monte de córpos mortos aos pés dos baluartes, huns desangrados do ferro, e outros abrazados do fogo. Alguns agonizando entre a ira, e a dor, pedião vingança; e talvez os que hião a satisfazellos, acabavão primeiro. Em fim os nossos este dia fizerão cousas maravilhosas, mais faceis de ajuizar pelo successo, do que pela escritura; porque sempre no particularizar accidentes, he a verdade incerta; mórmente nos acontecimentos de guerra, onde a ira, ou o temor, e outros affectos, arre-

batão o juizo de maneira, que apenas poderia cada hum ser Chronista fiel de suas mesmas obras.

D. Fernando de Castro mostrou este dia esforço igual a seu sangue, maior que seus annos. Sebastião de Sá nos deixou de seu valor huma clara memoria, até que atravessado de huma setta hervada por hum joelho, cahio quasi mortal; e não podendo sustentar a peleija, não queria deixalla. Foi em fim retirado dos companheiros com lastima, e enveja, deixando já nos inimigos seu sangue bem vingado. Todos em fim obrárão tão valerosamente, que este só dia bastava para os fazer soldados. Depois de duas horas de peleija, parecia que começavão o assalto, obrando Rumecão, como quem queria acabar a guerra em hum só dia; mandou peleijar as Nações divididas, ou para que a emulação as incitasse, ou por conservar melhor a obediencia, e elle, mandando, e peleijando, com a voz, e com o exemplo os obrigava; e não se fartando do sangue, que via derramado, louvava os ousados, affrontava os remissos, mostrando entre o horror das armas, cólera com acordo. D. João Mascarenhas se mostrou não só Capitão, mas ainda companheiro de todos nos maiores perigos, peleijando, e governando tão sabiamente, que não ficou devendo nada ao valor, menos á disciplina.

Vendo Rumecão os muitos mórtos que estavão em torno dos baluartes, e que os seus acodião já com obediencia mais remissa, mandou tocar a recolher; retirando com pressa os mortos, e feridos, como para cobrir aos seus o damno, aos nossos a victoria; porém delles mesmos soubemos,

que perdêrão quinhentos soldados neste assalto, muitos mais os feridos; dos nossos morreo hum só soldado, os feridos forão menos de vinte. Nesta despreporção se vê, que não se alcançou a victoria só com forças humanas, e que Deos defendia a causa como sua, sendo de seu poder nossas armas felices instrumentos; de que ainda nos mostrará a Historia argumentos maiores.

Recolhido o inimigo, chamou o Capitão Mór os nossos a segundo trabalho; o qual lhes fez mais facil, ou a necessidade, ou a victoria. Era preciso reparar as ruinas da Fortaleza; sendo as pedras, e o barro os leitos molles, em que os nossos havião de restaurar as forças já tão quebradas; acodírão todos, faceis, e alegres ao serviço, a que o Capitão Mór os obrigava com seu proprio exemplo, vencendo, depois dos inimigos, a mesma natureza. Amanheceo a Fortaleza em parte reparada, respirando os nossos no trabalho, como em novo descanço; não lhes fazendo o peso das armas differença da noite ao dia. Ficou o inimigo tão cortado deste assalto, que se não atreveo em muitos dias vir com os nossos a braços; fazendo-o a experiencia mais cauto, ou temeroso. Tentava a Fortaleza por momentos com algumas arremettidas leves para quebrantar os nossos com rebates continuos, e notar a disposição dos animos no occupar dos postos; não cessava porém a bataria, intentando enfraquecer-nos com hum lento assedio; mas como cada dia engrossava o campo com diversos soccorros, e o Soltão significava o empenho em que estava nesta guerra, resolveo Rumecão dar segundo assalto á Fortaleza.

Considerando porém o damno, que havia recebido, peleijando com tão superiores forças, entendeo que o estrago dos seus devia ter causas maiores, para o que convinha aplacar o Profeta. Ordenou logo, que se tirasse huma bandeira com a figura de Mafoma, e com ella désse o exercito diversas voltas em torno da Mesquita, e com outras expiações barbaras, e ridiculas, tivessem a Mafamede aplacado, e propicio, cuja ira retardava aos seus a victoria. Fernão Carvalho Capitão do baluarte do mar, vio discorrer aquella noite o exercito com grande cópia de luzes, ouvindo a tempos as vozes, e clamores, que logo paravão em subito silencio, e tornavão a rebentar em huns gemidos de multidão confusa, succedendo aos ais, e alaridos instrumentos de guerra: e nesta supersticiosa vaidade occupárão muitas horas da noite. Deo a Fernão Carvalho cuidado a novidade, de que não pode fazer juizo. Avisou com tudo a D. João Mascarenhas do que víra; que entendeo serião disposições para o assalto, ajudadas de algum barbaro culto, ou supersticioso rito, com que entendião conciliar a indignação de seu falso Profeta.

Apercebeo-se o Capitão Mór para esperar esta segunda invasão do inimigo, achando a todos os soldados espiritos sãos em forças tão quebradas: os feridos, e enfermos desamparavão os leitos, e os remedios, mais promptos a buscar o perigo, que a saude. D. João Mascarenhas obrava, e dispunha as cousas necessarias á defensa com valor, e juizo. Amanheceo o inimigo sobre a Fortaleza (ainda mal declarada a luz do dia) com vozes, e alaridos me-

donhos, entre bellicos instrumentos, que fazia mais temerosos o silencio da noite. Vinha o exercito dividido em tres esquadras; trazião diante, entre outras, huma bandeira, em que estava figurado o seu Profeta, para que os incitasse juntamente a Religião, e a Regalia. Ao mesmo tempo assaltárão os baluartes S. João, e S. Thomé, e a guarita de Antonio Peçanha, com tanta furia, que lhes não deixava vêr, nem temer o perigo; porém forão recebidos dos nossos de maneira, que voltárão mais depressa do que havião subido, cahindo muitos mórtos, os mais feridos, e outros abrazados do fogo. Ouvião-se as vozes de Juzarcão, e Rumecão, que incitavão outros a escalar os baluartes. Estes subírão de refresco, favorecidos da escopetaria do exercito, innumeraveis settas, e outros tiros missivos. Aqui se ateou com grande calor o assalto, instando os Turcos por restaurar a opinião perdida, peleijavão estimulados da furia, ou da vergonha, porfiando a sobir por entre o ferro, e fogo, como homens que estimavão a vida menos que a victoria; assim chegárão a igualar-se com os nossos, peleijando corpo a corpo sobre o baluarte.

Luiz de Sousa, D. Fernando de Castro, com os Fidalgos, e soldados de sua companhia, derão este dia novo credito a nossas armas, obrando de maneira, que Rumecão os nomeava aos seus, humas vezes para exemplo, e outras para injuria. Os Turcos tinhão por momentos soccorros successivos; os nossos sempre os mesmos, tão valentes se mostravão aos ultimos, como aos primeiros. Fervia a guerra em todos os lugares. Dos inimigos erão

já muitos mortos, ou estropeados; porém o furor, e a ira, ou encobrião, ou desprezavão o damno; porque sobre o corpo daquelle que cahia, estribava outro o pé para arrojar a lança, ou peleijar mais firme, inventando o ardor, e a impaciencia da victoria, novas finezas, ou crueldades novas.

Entrárão em fim o baluarte S. Thomé, que sustentárão por hum espaço largo, cahindo huns, e succedendo-lhes outros. Aqui foi grande a furia do inimigo, e tambem o estrago. Os tres irmãos, D. João, D. Francisco, e D. Pedro de Almeida, se mostrárão tão irmãos no valor, como no sangue, sustentando o peso de tantos inimigos o tempo que durou o assalto.

Os Turcos do terço de Rumecão peleijavão com os nossos corpo a corpo, iguaes no sitio, no número maiores, o perigo accrescentou o esforço. Dos que entrárão o baluarte, poucos baixárão vivos, mas como tinhão já esta porta para a victoria aberta, a todo risco querião sustentalla. Rumecão, como este era o primeiro favor que lhe derão as armas nesta guerra, com louvores, e promessas accendia o orgulho dos Turcos. Entre os nossos se derramou huma voz, que o baluarte era ganhado, e esta fama, ou fosse ardil, ou caso, pudéra perder a Fortaleza, porque os que nas outras estancias peleijavão, quasi tinhão desamparado os postos por soccorrer o baluarte, que havião perdido; principalmente os que guardavão as casas da banda da rocha, acodírão com tanto impeto ao soccorro, que se aliviárão em parte os companheiros, que do trabalho, e feridas, tinhão já as forças lassas, e quebradas.

D. João Mascarenhas andou pelas estancias certificando a todos, que estava por nós o baluarte, e do valor com que nelle se peleijava; que Rumecão estava vendo no destroço dos seus, que banhados em sangue se precipitavão do muro, acabando de perecer na quéda. Durava o assalto, e com as mortes, e feridas, parece, que crescião em huns, e outros inimigos as forças, e a braveza; o que considerando Juzarcão, crendo que os poucos defensores, que tinha a Fortaleza, estarião nos baluartes escalados, sahindo do conflicto, se foi com alguns soldados torneando o muro, e chegando áquella parte da Fortaleza, que chamão a Couraça, a qual a natureza fizera defensavel sem arte, pela altura, e aspereza do rochedo, em que o mar batia, e vendo que estava deserta, sem presidio, ou vigia, entendeo, que a qualidade do sitio nos tinha assegurados; e mandando chamar hum Sangiaco de cem Turcos, e prevenir escadas, começárão a subir por aquella parte sem que fossem vistos, nem resistidos, porque os soldados que estavão alli de guarda, com a nova do baluarte S. Thomé ser perdido, desamparando o posto que guardavão, com mais valor que disciplina se forão a soccorrello.

Subirão os Turcos ousadamente a rocha, e forão demandar humas casas, que estavão encostadas á Igreja de Sant-Iago, e davão passo a huma varanda baixa, em que logo arvorárão escadas para subirem outros; e Juzarcão de fóra os animava, crendo que havia roubado a Rumecão a honra, e a victoria. Ganhárão os Turcos as casas, pelas quaes forão descendo á Fortaleza, e hum mais atrevido,

ou diligente entrou em casa de huma mulher casada, pedindo-lhe dinheiro com seguro da vida; a pobre mulher cortada do temor mostrou que sahia á buscallo, e entrando na casa de outra visinha, lhe contou desmaiada o perigo em que estavão; e esta com o sobresalto da nova, deo aviso a outra; a qual com acordo, e forças de varão, tomou huma chuça, e indo a demandar a casa em que os Turcos estavão, vio hum delles á porta, como vigiando o que passava fóra, e remettendo a elle, tirando-lhe alguns botes de chuça, o fez recolher dentro, ficando-lhe o juizo tão livre no perigo, que teve acordo para cerrar a porta, e animo para esperar os Turcos, e impedir-lhes a sahida, digna por certo, que entre os varões mais claros, ficasse sua memoria.

As mulheres que vivião para aquella parte assombradas de hũm temor tão justo, forão em demanda do capitão Mór, gritando: Turcos na Fortaleza; o qual achárão com tres soldados correndo os baluartes, e ouvindo as vozes das mulheres, não menos acordado, que animoso mandou que se callassem, levando-as comsigo por guia á casa onde estavão os Turcos; e despedindo hum soldado dos que o acompanhavão, lhe mandou que tirasse alguma gente dos baluartes, que menos apertasse o inimigo, callando o perigo da Fortaleza aos que peleijavão: e logo despedio outro soldado, para que lhe trouxesse a gente que achasse derramada por fóra das estancias. No caminho se lhe ajuntou André Bayão com outro companheiro; e chegando á casa onde estavão os Turcos, vio aquella mulher,

que os tinha encerrados, defendendo-lhes a sahida com esforço mais que varonil; faltando-lhe na vida premio, nesta Historia nome.

D. João Mascarenhas, havendo por presagio da victoria, achar em huma mulher valor tão novo, sabendo della, que estavão os Turcos encerrados na casa, mandou a hum Abexim, que a caso alli apparecêra, que lhe trouxesse huma panella de polvora, e porque se despachava lentamente, lhe travou de hum braço, a tempo que do eirado da Igreja, onde já estavão alguns Turcos, sahio hum pelouro, que matou o Abexim, servindo ao Capitão de escudo. Chegou logo hum soldado com huma panella de polvora, e tomando-lha das mãos D. João Mascarenhas, lançando de hum vaivem as pórtas dentro, a quebrou entre os Turcos, onde o fogo abrazou os mais delles, sem lhe tocarem muitos pelouros, que de dentro tirárão com pontaria certa; o que a muitos pareceo fortuna, a outros mysterio; e mostrando-se este dia igualmente Capitão, que soldado, cubérto de huma rodéla com a espada na mão, investio os Turcos com mais quatro que o acompanhárão, e á força de cutiladas os levou até a varanda, onde os apertou tanto, que os fez precipitar da rocha com igual perigo ao de que fugião, porque os mais delles mórtos, ou estropeados, perecêrão na quéda.

Aqui foi D. João Mascarenhas avisado, que sobre o eirado da Igreja se vião muitos Turcos com dous guiões arvorados, os quaes do alto começavão a escopetear os nossos, que já vinhão chegando. Foi aqui grande o perigo, porque como tu-

do erão armas de fogo, obrava menos o valor, que a contingencia. Os nossos erão menos de sessenta, os Turcos mais de cem. E vendo D. João de Mascarenhas, que em quanto aquelles sustentavão o lugar, crescião outros, mandou que lhe trouxessem escadas, ordenando o caso, e a necessidade, que na sua mesma Fortaleza desse elle o assalto. Encostárão os nossos ao muro huma pequena escada, e o primeiro soldado, que se lançou a ella, voltou logo derribado de muitas lançadas que os Turcos lhe derão. Chegárão logo escadas mais capazes, e arrimadas ao muro, querendo o Capitão Mór subir primeiro, lhe fizerão os soldados justa força para que não passasse. Acomettêrão os nossos a subida pelas paredes do Apostolo Sant-Iago, cuja a Igreja era, assegurando-lhe o lugar a victoria. O sitio fazia desigual a peleija, huns firmes, outros dependurados quebrárão duas escadas, porque entre os nossos a competencia, e o ardor de qual havia subir primeiro, era outra nova guerra. O Capitão Mór com as palavras, e com o exemplo animava os soldados, mais por officio, que por necessidade. Andava a briga mui travada; dos nossos alguns cahírão mórtos, nenhum se retirou ferido. Nos que estavão debaixo, a impaciencia de não ter lugar para subir, causava maior dôr, que as feridas que vião receber aos companheiros, porque ainda em tão prólixo, e perigoso cerco os não fartava a guerra. Cortavão-se huns aos outros com estranha crueza.

Juzarcão animava, e soccorria os seus com nova gente; assim encheo brevemente de soldados o lugar donde peleijava, que era o cirado; ou abo-

beda da Igreja. Em fim os nossos a preço de seu sangue cavalgárão o muro depois de porfiada contenda, mostrando a differença do valor na desigualdade do lugar, e do numero. Tres horas largas durou a briga, na qual os poucos que nella se achárão, obrárão de maneira, que merecia só esta facção particular Historia; porém nem ainda os nomes lhes achámos escritos, havendo merecido com seu sangue mais distincta memoria. Forão mórtos quasi todos os Turcos, huns na quéda, outros na resistencia, e sempre serião os melhores os que merecêrão ser escolhidos para facção tão grande.

O Capitão Mór entendendo, que nos baluartes inda durava o assalto, levou os companheiros a descançar em segundo perigo; e visitando as estancias achou os nossos tão empenhados na resistencia, que parecia, depois de quatro horas, começar o assalto. Ao pé dos baluartes estavão tantos mórtos, que lhes faltava a terra, cujos córpos facilitavão a subida do muro. Rumecão de fóra animava, ou reprehendia aos seus, segundo o brio, ou fraqueza com que se combatião, incitando-os com premios, ou castigos, mostrando em todas as facções deste cerco valor, e disciplina. D. João Mascarenhas não descançava, ordenando, e provendo o necessario em todas as estancias, de sórte que em nenhum perigo o achavão os companheiros menos. Neste dia, que foi do Apostoló Sant-Iago, parece que nos quiz mostrar o Santo, que era a victoria sua, não menós poderoso contra Mouros agora na Asia, que antes na Hespanha.

Durava a briga de huma, e outra parte cruel.

e temerosa, e Juzarcão com a dôr viva de não effeituar a escala da Fortaleza, que lhe foi tão custosa, vinha com os soldados de sua obediencia dar calor ao assalto, porém de hum pelouro da Fortaleza, que lhe deo pelos peitos, cahio atravessado, e morto. E como era pessoa de tanta conta pelo valor, e posto, que occupava, foi logo a nova derramada pelo exercito, e chegando aos ouvidos de Rumecão, a recebeo com grande sentimento, ou fosse temor, ou piedade: mandou logo tocar a recolher, e retirar o corpo de Juzarcão, perda que senão pode encobrir aos seus, que como fosse sobre outras muitas, ajuizavão, que já a victoria não valia o que tinha custado; e quando bem a alcançassem, quem havia de ficar que lograsse o triunfo? Que bem se mostrava o Profeta estar contra elles indignado, pois soffria vêr sua bandeira ignominiosamente rota; e a estas considerações juntavão outras, accusando a fortuna do General, e as cousas da guerra, avaliando como culpas as desgraças presentes. Rumecão curava estas desconfianças com varios artificios, cubrindo a perda dos seus, e encarecendo a nossa; pondo-lhes diante dos olhos as mercês do Soltão, e a fama, como parte melhor do premio que esperavão. Em este assalto perdemos sete soldados, e feridos trinta; dos Mouros passou de mil o número dos mortos, e forão perto de dous mil os feridos.

D. João Mascarenhas, depois de ordenar o enterro dos mortos, e cura dos feridos, em que não faltou com o cuidado, e menos com a fazenda, que despendeo sem conta, avisou por hum catur ao Governador do estado das cousas, significando-lhe a

falta que tinha de gente, munições, e mantimentos. Nesta fusta, ou catur se embarcou Sebastião de Sá, a rogo do Capitão Mór, e amigos, dizendo elle que só no baluarte onde fora ferido, podia ter saude, a qual lhe desejavão poupar todos, porque naquelle cerco merecião suas obras fama, e vida muito mais dilatada. Chegou a Baçaim com a fusta quasi soçobrada, acodindo a o receber, e hospedar D. Jeronymo de Menezes, Capitão da Fortaleza, enviando logo ao Governador as Cartas com os avisos do D. João Mascarenhas.

Andava neste tempo D. João de Castro mui cuidadoso dos successos de Diu, porque os temporaes do inverno lhe impedião ter novas, e despachar soccorros; porém sem perdoar a despeza, ou perigo, quasi por debaixo dos mares, lhe acodio com munições, e gente, nos maiores apertos, como logo mostrará a Historia. Tinha abalado todo o poder da India com animo de ir em pessoa a descercar Diu, e parece que os successos lhe respondião ao intento, porque os Reis da India lhe fazião mui honradas offertas; e os Fidalgos, e soldados, sem soldo, ou mercê, se lhe offerecião.

Neste tempo, que era já na entrada do mez de Julho, chegou á barra de Goa a náo Espirito Sancto, Capitão Diego Rebello, a qual era da conserva do Governador, e por ruim navegação havia invernado em Melinde; e ainda que chegou com alguma gente enferma, os ares da terra, o cuidado do Governador, e o alvoroço da jornada de Diu, lhes fez em breve reparar a saude. Alegrou-se D. João de Castro com tão opportuno soccorro, para

engrossar a armada; porém tardavão novas da Fortaleza, que o povo interpretava como indicio de algum máo successo; quando chegárão as Cartas enviadas pelo Vigário, das quaes o Governador entendeo o aperto do sitio, as fórças do inimigo, a falta em que os nossos estavão de gente, e bastimentos; e como o tempo pedia mais conclusão, que conselho, assentou comsigo enviar a seu filho D. Alvaro de Castro com hum troço da armada, contra o parecer dos mareantes, que havião por temerario este acomettimento no principio do inverno. Porém D. João de Castro sem deixar-se vencer do amor do filho, nem dos medos do tempo, resolveo enviar o soccorro; o que entendido pelos soldados, e Fidalgos, se lhe vierão offerecer, ainda aquelles que pelos annos, e authoridade já estavão escusos. Entre estes foi D. Francisco de Menezes, que depois de occupar grandes póstos, se offereceo ao soccorro com praça de soldado; o Governador o levou nos braços, pedindo-lhe se guardasse para passar na armada em sua companhia; mas vendo que estava resoluto a ir neste soccorro, lhe deo sete navios, para que com elles tentasse o golfão, com os quaes partio D. Francisco, com muitos soldados de brio, e alguns parentes seus, amigos de ganhar honra, que o acompanhárão.

Dahi a tres dias partio D. Alvaro, reconciliado já com o Pai da queixa de enviar seu irmão D. Fernando, primeiro, como se lhe tocassem por herança os primeiros perigos. Neste soccorro se embarcou grão parte da Nobreza; a quem o gosto da empreza, e o da companhia do General, fazia des-

prezar os Turcos, e as tormentas. O Governador lhe lançou a benção, e o embarcou com grande saudade do Povo, entregando os filhos pela Patria, de quem se mostrou mais amoroso Pai, que de seu mesmo sangue. Depois de o Governador dar ao filho algumas instrucções secretas, lhe ordenou que estivesse á obediencia de D. João Mascarenhas, sem embargo de o eximir o posto, e assim lho escreveo; porque foi sempre D. João de Castro justo estimador de virtudes alheias. Erão dezanove os navios da armada, cujos Capitães forão D. Jorge de Menezes, D. Duarte de Menezes filho do Conde da Feira, Luiz de Mello de Mendoça, e Jorge de Mendoça seu irmão, D. Antonio de Attayde, Garcia Rodrigues de Tavora, Lopo de Sousa, Nuno Pereira de Lacerda, Athanasio Freire, Pedro de Attayde Inferno, D. João de Attayde, Balthasar da Sylva, D. Duarte Déça, Antonio de Sá, Belchior Moniz, Lopo Vaz Coutinho, Francisco Tavares, e Francisco Guilherme.

Logo que o Governador despachou esta armada, ficou aprestando a em que determinava passar, buscando bastimentos, e dinheiro, pedido sobre sua verdade, que era só o thesouro, que conservou na India, com que se fez senhor dos corações, e fazendas de todos; o que certificaremos com os exemplos, como argumentos vivos.

As donas, e donzellas de Chaul, movidas de hum mesmo espirito, juntárão todas as joias com que se adornavão de ouro, e pedraria, e com liberalidade maior que de mulheres, as enviárão ao Governador, sem preceder obrigação, ou rogo, si-

gnificando-lhe, que de seus proprios filhos; e maridos tinhão menos saudade, que enveja, pois o acompanhavão. Não lemos nos Annaes dos Cesares, acção mais generosa das matronas de Roma.

A caso se achava em Goa huma dona de Chaul, chamada Catherina de Sousa, quando chegou o presente, e juntando em huma boceta todas as joias que tinha, as enviou ao Governador com esta carta: « Senhor, eu soube como as mulheres de Chaul » tinhão offerecido a V. Senhoria as suas joias para » a guerra. Ainda que eu me achasse em Goa, não » quiz perder a parte da honra, que me dahi cabe. » Por Catherina minha filha mando as minhas joias » a V. Senhoria. Não julgue, em quão poucas são; » as que póde haver em Chaul, porque lhe certifi- » co, que eu sou a que menos tinha, porque as » tenho repartido por minhas filhas. E crea V. Se- » nhoria que só das joias de Chaul, póde fazer a » guerra dez annos sem se acabarem de gastar. E a » mercê que peço a V. Senhoria he, gastar logo » estas minhas na ida do Senhor D. Alvaro, porque » eu espero em Nossa Senhora, que haja elle tama- » nhas victorias, que se escuse a ida, e trabalhos a » V. Senhoria. Isto peço em minhas orações, e as- » sim que accrescente a vida a V. Senhoria, e o » deixe ir a Portugal diante dos olhos da senhora » sua mulher, e filhas. Escrita em Goa nas casas » de D. Maria minha filha, hoje onze de Junho. » Minha filha Catherina empenharei, se for neces- » sario, para o serviço de V. Senhoria. » Não sei se do amor da Patria, se da benevolencia do Governador, nascião estes extremos. Vimos iguaes ne-

cessidades na India, mas não iguaes finezas, como nos dias de D. João de Castro. Muitos Fidalgos acabárão de ser Generaes, e os velhos arrimados nos bordões se vinhão offerecer para soldados, porque não havia corpo, que pela authoridade, ou pelos annos parecesse pesado.

Despedido hum, e outro soccorro, ficou o Governador juntando o resto do poder, dispondo o governo da Cidade em sua ausencia; e sempre com hum braço na paz, e outro na guerra, todas as occurrencias do Estado o achavão presente. E porque de munições, e mantimentos havia na Fortaleza falta, além dos que já tinha enviado, carregou hum caravelão grande, que por ser embarcação pesada, podia mal soffrer os mares. Alguns soldados lha tinhão engeitado, parecendo-lhes risco sem gloria, lutar com os elementos, mas pela importancia do negocio desejava entregar a caravela a pessoa de conta, a quem a honra fizesse o perigo mais facil. Communicou este negocio com Manoel de Sousa de Sepulveda, Fidalgo, que pelo valor, e juizo lhe era muito acceito; este lhe disse, que Antonio Moniz Barreto tinha brio, e industria para cousas maiores; que ainda que tinha delle Governador alguma leve queixa, seria para não pedir, mas não para engeitar o serviço Real em occasião tão ardua; que elle o tentaria, e da resolução traria reposta. Assim foi, que entendido por Antonio Moniz o gosto do Governador, e que lhe dava huma viagem engeitada de alguns só por difficultosa, a acceitou promptamente. Do successo, e perigos que teve, diremos a seu tempo.

Com a vigilancia do Governador havião entrado na Fortaleza alguns soccorros, com que o perigo, e trabalho carregavão sobre forças maiores; bem que não tinhão proporção com as do inimigo, porque o ultimo soccorro, que chegou ao exercito, era de treze mil Infantes, conduzidos por outro Juzarcão, não menor no valor, nem melhor na fortuna, que o primeiro. Este trouxe apertadas ordens do Soltão para estreitar o cerco, escrevendo a Rumecão, que não era possivel, que viessem quatro miseraveis do fim do mundo fazer aos Principes de Cambaya injurias em sua mesma casa; que morressem todos na empreza, porque antes queria hum Imperio deserto, que sujeito; que pois nas ruinas da Fortaleza estavão já os Portuguezes meios enterrados, quando os não pudessem render como a homens, os matassem como a leões em suas mesmas cóvas. Rumecão não respondeo com mais, que apontar para as muralhas, e baluartes, todos postos por terra, já para gloria, já para desculpa; furioso de lhe parecer que o Soltão estava mal satisfeito do que tinha obrado; mais irritado da desconfiança, que do premio, prometteo satisfazer-lhe com a morte, ou com a victoria, e como a crueldade o fazia mais obedecido, que o cargo, mandou levantar hum bastião defronte do Baluarte Santiago, que se obrou com incrivel presteza; o qual guarneceo de artelharia, e gente, que ficando a cavalleiro dos nossos, não podião assomar-se, que os não pescassem as balas do inimigo.

Deo este negocio ao Capitão Mór não pequeno cuidado, porque se Rumecão déra por aquella par-

te o assalto, como era seu desenho, não podião resistir-lhe os nossos defensores, sem que ficassem descubertos ás balas do inimigo; e resoluto a derribar esta máquina, encommendou a facção aos dous irmãos D. Pedro, e D. João de Almeyda; os quaes sahindo com cem soldados no quarto da modorra, achárão os Mouros huns dormindo, e outros descuidados na confiança do lugar, e da hora, e dando subitamente nelles, fizerão em pequeno espaço estrago grande; porque desacordados se mettião nas lanças, e espadas dos nossos, sem conhecer a morte, ou o inimigo. Os que pudérão escapar fugindo, despertárão o arrayal com gemidos, e vozes, sem saber affirmar cousa certa. Com a mesma confusão chegou a Rumecão a nova; e como os perigos da noite se fazem parecer maiores, entendeo elle, que o atrevimento dos nossos estribava em forças maiores trazidas em algum soccorro, que havia chegado a furto de suas sentinellas. Chamou os Cabos a conselho, em quanto se punha o exercito em arma, e resoluto em soccorrer o bastião com o poder todo; entre ordens, e aprestos gastou o tempo de obrar, e quando já chegou, achou a fabrica desfeita, degolado o presidio, os nossos recolhidos; facção não menos ditosa, que importante; morrêrão 300 inimigos, nenhum dos nossos.

Rumecão mandou logo levantar humas grossas paredes defronte do baluarte S. João, asseguradas com huma tropa de Mouros, que por quartos fazia sentinella, e sobre o terrapleno hia plantando alguma artelharia, para daquelle sitio, em mais proporcionada distancia, bater o baluarte. Porém D.

João Mascarenhas, como andava vigilante em impedir os desenhos do inimigo, em huma noite tormentosa, e escura, lançou quatorze soldados por huma bombardeira, que dando de subito nos Mouros, os lançárão do posto, em quanto os servidores com picões, e outros instrumentos desfizerão a obra; do que sendo Rumecão avisado, resolvêo assaltar a Fortaleza com força descoberta; ordenando hum assalto geral para o seguinte dia; no qual fez huma pratica aos soldados, incitando-os com as injurias que tinhão recebido de tão poucos inimigos, quasi desbaratados dos trabalhos, da fome, e das feridas; que mais honrados estavão os que alli acabárão, que os que ficárão vivos, sendo no Mundo testemunhas infames de huma affrontosa guerra; que em seus braços estava salvar a honra de seu Rei, vingar seus companheiros, e deixar de si no Oriente huma clara memoria; que das mercês do Soltão estivessem seguros; porque havia de premiar, e contar huma a huma as feridas de todos; que se algum se atrevia a governar o bastão de General, promettia como soldado ser o primeiro que sobisse no muro.

Assim os despedio igualmente irritados da gloria, e da injuria. Logo ao outro dia ao romper da alva se abalou o exercito ao som de muitos instrumentos bellicos com as bandeiras descenroladas, que se vião tremolar dos nossos, e chegando aos muros, começárão em torno da Fortaleza a arvorar escadas, favorecidas do corpo do exercito, com innumeraveis, e differentes tiros de settas, pelouros, e outras armas, ajudando o horror deste con-

flicto, confusas, e duplicadas vozes, que incitando furiosamente os animos, e turbando os juizos, impedião mandar, e obedecer. Sobírão os Mouros ousadamente os muros, e os Turcos por outra parte, como envejando cada hum o perigo alheio, trabalhavão todos por ser primeiros no risco, e nas feridas. Os nossos ainda que poucos, sendo cada hum Capitão, e despertador de si mesmo, obravão de maneira, como se estivesse por conta de cada hum a honra de todos. Os primeiros que sobírão, com o sangue, e as vidas pagárão a ousadia; mas logo com o mesmo ardor lhes succedião outros, incitados huns do valor, outros do General, que debaixo louvava, ou reprehendia aos que sobião, segundo o animo, ou fraqueza, que nelles descobria.

Lançavão os Mouros nos baluartes granadas, panellas, e alcanzias de fogo em tanta quantidade, que os nossos peleijavão entre as chammas, que prendendo nos vestidos os abrazavão vivos. Occorreo o Capitão Mór neste perigo com algumas tinas de agua, que em parte extinguião, ou refrigerávão o ardor do fogo; porém como o inimigo entendia o damno, continuou o ardil em todos os assaltos, a que os nossos inventárão hum remedio mais facil, que efficaz, vestindo-se muitos de couro, em que o fogo não podia prender tão levemente; e D. João Mascarenhas da colgadura de guadamecins que tinha, fez reparar a muitos, ficando-lhe as paredes núas, e os soldados vestidos.

Fervia a guerra, e apenas se divisava a Fortaleza, escondida entre nuvens de fumo, e só a des-

cobria com breve luz o continuo fuzilar dos tiros; fazia horror o que se via, e o que se ouvia. Estavão ao pé do muro innumeraveis córpos, huns mórtos, outros agonizando; e tudo o que se apresentava á vista, e ao juizo, era hum feio espectaculo de mórtes, horrores, e feridas. Em todos os baluartes se peleijava em ambas as partes com grande valor, ainda que desigual pela desproporção do número entre cercadores, e cercados. Mas o baluarte de Luiz de Sousa onde estava D. Fernando de Castro, quasi esteve perdido, porque o tomou o assalto com maiores ruinas, e foi acommettido pela gente mais escolhida do campo. Porém fizérão os defensores illustres próvas de valor, peleijando entre chammas de fogo com tão nova constancia, que nenhum desamparou o lugar, mostrando-se sobre valentes insensiveis. Aqui se singularisou D. Fernando de Castro com esforço de maiores annos; parece que o valor não esperou a idade. Obrárão este dia os Portuguezes cousas dignas de melhor penna, e mais larga escritura. E os mesmos Turcos forão testemunhas fieis de suas proezas, dizendo, que só os Frangues merecião trazer barbas no rosto.

Em quanto durou o assalto, deo o baluarte do mar muitas cargas ao inimigo, que como peleijava em trópas descuberto, recebeo grande damno. O que advertido por Rumecão, vendo suas bandeiras rotas, perdidos os melhores soldados, e que os Portuguezes havião defendido as ruinas de sua Fortaleza, sem perder huma pedra, mandou tocar a recolher sentindo o damno menos que a injuria. Foi este dia a nossas armas muitas vezes felice, por-

que morrendo dos inimigos trezentos, e levando dous mil feridos, não faltou nenhum dos nossos, ainda que alguns ficárão bem sangrados. Proveo logo o Capitão Mór na cura dos feridos; sendo a benevolencia com que lhes assistia, o primeiro remedio, acodindo aos enfermos com as despezas, e tambem com a dor, e sentimentos, parecendo pai na paz, na guerra companheiro. Logo ao perigo succedeo o trabalho, reparando todos de noite o que as batarias derribavão de dia; porém acodião todos tão alegres ao serviço, que parecia vinhão a descançar, acarretando as pedras, a terra, e a faxina.

Vendo Rumecão o risco, e a difficuldade que tinha tomar a Fortaleza por escala, mandou correr com o entulho da cava do baluarte S. João até o de Sant-Iago, obra que encommendou aos Janizaros, os quaes por opinião, ou por valor soberbos, buscavão com ambição os maiores perigos deste cerco. Erão já mortos quatrocentos, deixando entre os seus fama, e sentimento; os que restavão assistião a esta obra, que para elles foi de nenhum fruto, e de grande perigo; porque a nossa artelharia os pescava, e a muitos servidores, cujos córpos lançavão no entulho com disciplina barbara, e cruel. Crescia a obra, como era de faxina, e terra, quasi amassada com sangue dos miseraveis que nella trabalhavão; chegárão a encavalgar algumas peças, com que fazião damno aos baluartes, principalmente ao de S. Thomé, onde nos cegárão hum camelo, e mostrava já a bataria disposição para cousas maiores.

Neste tempo chegou á Fortaleza o Vigario João Coelho com nove soldados em huma embarcação

pequena; e ainda que achou os mares grossos, e os ventos ponteiros, o trabalho, e a necessidade fez vencer o perigo. Referio, que o Governador se aprestava com vivas diligencias para acodir ao cerco, e os grossos soccorros, que já tinha enviado. Que em Baçaim ficavão quinhentos homens, que com o primeiro tempo esperavão atravessar o golfão; e que muito impacientes na tardança tinhão tentado os mares. Pela Fortaleza se derramou logo esta nova, que foi festejada dos soldados com folias, e musica; e pondo todos os olhos no mar, as nuvens lhes parecião navios: tão credulos são homens em qualquer esperança. Forão os Mouros sabedores das novas do soccorro, e antes que os nossos se engrossassem com as forças que esperavão, dispuzerão hum assalto geral, resolutos a entrar a Fortaleza, ou dar ao Mundo, e ao Soltão desculpa com as mortes, com o sangue, e com as ruinas.

Começou a bataria aquelle dia com vinte e tres canhões, e alguns basiliscos, e continuárão até o pôr do Sol, e no seguinte dia até as tres da tarde. Arruinárão a mór parte dos muros, sem que os nossos se pudessem cobrir com alguns reparos, ou travezes, pelas continuas cargas, que dava a espingardaria do inimigo. Chegárão logo os Turcos a cavalgar o baluarte S. Thomé pelas ruinas da bataria; porém o Capitão Luiz de Sousa, D. Fernando de Castro, e D. Francisco de Almeida com outros valerosos soldados, que o guarnecião, os recebêrão nas lanças com tal furia, que os fizerão voltar, huns mórtos, outros estropeados. Succedêrão logo outros de novo, que cortados do nosso ferro, fizerão aos

primeiros companhia. Nos outros baluartes se peleijava com a mesma fortuna, sendo o damno igual nos Mouros, e o valor nos nossos. Estava tão raza a bataria, que os Mouros peleijavão com os nossos iguaes no sitio, como em campo partido, servindo-lhes as ruinas de escada, mas com grande vantagem do numero, e instrumentos de fogo. Porém os nossos merecêrão este dia huma immortal memoria, sustentando muitas horas o peso de tão desigual batalha; porque dos inimigos aos cançados, ou feridos, lhes succedião outros; os Portuguezes sempre os mesmos, não mostravão no valor, ou no tempo differença.

D. João Mascarenhas andava por todas as estancias mandando, e peleijando, humas vezes Capitão, e outras companheiro de todos; e vendo que o baluarte S. Thomé tinha o maior perigo, por ser mais carregado do inimigo, mandou trazer muitas panellas de polvora por aquellas honradas matronas, que desprezando o riseo, e o trabalho, acodião opportunas a servir entre as lanças, e os pelouros, com nunca visto exemplo, e algumas exhortações aos soldados, com juizo, e valor grande; outras com regalos, e mimos os esforçavão, parecendo que buscavão, ou merecião fama igual com elles. Tinhamos o vento contrario, e levantando nuvens de pó da terra movediça que os Mouros pisavão, quasi cegava os nossos, que estiverão a risco de perder-se só por este accidente; porém elles peleijando com os olhos cerrados, acomettião os Mouros, mais attentos a offender, que a repararse. Os inimigos peleijavão desesperadamente; acor-

dando-lhes Rumecão por momentos á honra de seu Rei, e a sua.

Juzarcão com os soldados de sua obediencia acometteo o baluarte S. João com tanto valor, que estiverão os nossos em grande perigo; porque depois de derribar os primeiros que havião subido, tornárão outros a cavalgar as paredes com tanta furia, que sustentárão a peleija igual por muitas horas, até que desangrados do nosso ferro, huns mórtos, outros desalentados, perdêrão o lugar, e as vidas. Aqui foi maior o esforço, e tambem o perigo, porque estando os nossos com as forças já lassas, e quebradas, sobrevierão outros Mouros de novo; porém elles, como se tiverão poupadas as forças, e o espirito para o maior trabalho, assim rechaçárão os ultimos, como os primeiros.

Na guarita de Antonio Peçanha se peleijou com não menor valor, nem desigual fortuna; e sem particularisar accidentes, podemos ajuizar pelo successo, os casos deste dia; porque deixou o inimigo mil seiscentos mórtos, fóra innumeravel cópia de feridos; cousa incrivel de pouco mais de duzentos soldados, que serião os nossos; assim o achamos escrito nas Relações, e Historia deste cerco, que sendo nossas, costumão escrever louvores proprios com pennas mui escaças. Nós ficámos com tres soldados menos, e com trinta feridos.

Da bataria, que precedeo a este assalto, ficou a Fortalêza quasi em róda arruinada, e aberta, faltando-nos para reparalla tempo, materiaes, e gente; porém furtavão os nossos as horas ao descanço, trabalhando de noite, e derribando as ca-

sas da fortaleza, se servião das pedras, e madeiramento, fazendo huma fórma de defensa, subita, e furtiva, mais conforme ao tempo, que á necessidade.

Faltavão as munições, e os mantimentos, porque não havia mais polvora, que a que se podia fazer dia por dia, pouca, e mal enxuta; falta que já começavão a conhecer os Mouros, concebendo esperanças, e ousadia para aturar o cerco, avisados, que a esta necessidade respondião as outras, porque já valia a tres cruzados hum alqueire de trigo, e ainda a falta delle era maior, que o preço. Os doentes, na falta de gallinhas, comião gralhas, que acodião a cevar-se nos córpos mórtos, as quaes os soldados matavão, e vendião por excessivo preço. Chegou em fim a tanto extremo a fome, que não perdoavão a cães, e gatos, e outras viandas semelhantes, nocivas, e immundas; e com tão miseravel alimento reparavão as forças, desprezando perigos, e trabalhos, vencendo com a grandeza dos animos, as paixões, ou affectos da mesma natureza.

Entre outros instrumentos offensivos que faltavão, erão panellas para a polvora, de que se serve a milicia da India em mar, e terra; e neste cerco forão de não pequeno effeito. Esta falta se reparou, ajuntando duas telhas com os vazios para dentro, e breadas por fóra, de que pendião murrões com as pontas accezas, e arrojando-as entre os inimigos, abrazavão a muitos, e com este facil engenho ajudárão os nossos a victoria.

Desejava o Capitão Mór tomar lingua para sa-

ber os passos do inimigo, que sagaz, e ardiloso nos encobria seus desenhos com estranho recato; além de que do fórte do mar havia tido aviso, que as mais das noites chegavão alguns Mouros até a ponte da fortaleza, onde paravão, como gente, que vinha a medir, ou reconhecer o sitio para algum effeito; o silencio, a hora, e a continuação mostravão não ser a diligencia acaso; pelo que D. João Mascarenhas encommendou a Martim Botelho, soldado de confiança, que com dez companheiros se fosse huma noite lançar na ponte, e que por força ou manha trabalhasse por lhe trazer hum destes Mouros. Foi lançado Martim Botelho com os mais companheiros pelas bombardeiras da Couraça no quarto da modorra, levando só espadas, e rodélas; e chegando ao lugar determinado, se baqueárão em terra para não ser vistos dos Mouros, e a pouco espaço applicando o ouvido sentírão gente, que vinha a demandar a ponte, e levantados acomettêrão subitamente os Mouros, que erão dezoito, que como se vírão de improviso assaltados, voltárão as cóstas aos primeiros golpes, ficando só hum Nobi no campo, que se defendia com huma lança mui valerosamente; porém Martim Botelho, vendo que era mais importante prendêllo, que matallo, lhe desviou hum bote de lança com a espada, e arcando com elle, o trouxe apertado nos braços até á Fortaleza, onde foi recebido com a honra, que merecia o feito.

Deste prisioneiro soube o Capitão Mór os intentos do inimigo, servindo-se do aviso para se vigiar de alguns ardís, que maquinavão os Turcos.

Mais lhe disse, que faltavão do exercito cinco mil homens mórtos ao nosso ferro, sem outros Cabos de nome; e que os soldados de melhor voto, desconfiavão da empreza, entendendo seriamos soccorridos com a primeira vaga que o mar fizesse; porém que Rumecão com as perdas recebidas estava mais obstinado em proseguir o cerco, como homem empenhado na honra, e na palavra que havia dado ao Soltão. E assim aconselhado de hum engenheiro Turco de Dalmacia, ordenou que se minasse o baluarte S. Thomé, onde estava D. Fernando com Diogo de Reynoso, e outros Capitães, e Cavalleiros; o que se fez com estranho silencio, sem que os nossos pudessem rastrear o intento, quiçá por lhes parecer, que os instrumentos de fogo não erão tão praticados na Asia, como na nossa Europa; mas como os principaes Cabos do exercito erão os Turcos, parece que assim trouxerão o valor, como a disciplina.

Em quanto se trabalhava na mina, mandava Rumecão picar o muro por differentes partes, para que os nossos attentos ao perigo público, não dessem no secreto; e por nos divertir a attenção com outra industria, mandou fabricar alguns cavallos de madeira, e póstos naquella parte que olhava o baluarte S. Thomé, dava huns longes de o tomar por escála, e determinando dar o assalto aos dez de Agosto, aos nove mandou recolher a artelharia, que tinha nas estancias; e porque desta novidade lhe podiamos rastrear o intento, tratou de nos assegurar com outro novo engenho. Mandou na mesma noite hum Abexim á Fortaleza, industriado de hum

subtil engano; o qual chegado ao muro, fingindo hum temeroso recato, bradou pela vigia, dizendo, que o recolhessem dentro, porque queria tratar com o Capitão cousas de grande peso. Recolhido, e escutado por D. João Mascarenhas, começou a arengar discretamente, execrando a perdição do estado em que se achava, pois nascido de Pais Christãos, perjurára a fé paterna, em que fôra creado, como fructo abortivo de Catholicas plantas, e que agora já com os olhos abertos vinha bater ás portas da Igreja, para que os Sacerdotes Latinos encaminhassem ao curral de Christo tão perdida ovelha; que esta era a miseravel relação de tão desconcertada vida; que nos particulares de Cambaya lhe affirmava, que o Soltão tivera aviso como o Mogor com poderoso exercito entrava pelos confins do Reino, pondo-lhe tudo a ferro; e que Juzarcão, que pouco antes viera ao exercito com treze mil infantes, trazia ordem para se unir com Rumecão, e juntos fazerem opposição ao inimigo; que com esta resolução mandára recolher a artelharia: porém que estivesse avisado para esperar hum assalto geral ao seguinte dia, porque querião os Turcos que aquella guerra acabasse com algum estampido. D. João Mascarenhas lhe louvou, e confirmou a resolução Catholica, que havia tomado, e no mais lhe agradeceo o aviso, tornando-o a lançar pelo muro, para que o fizesse sabedor de qualquer novidade que houvesse no campo.

Derramou-se pela fortaleza a nova de levantarse o cerco com a certeza do futuro assalto; e os

soldados alegres vestírão aquelle dia galas, huns festejando a vinda do inimigo, outros o fim da guerra. O Capitão Mór achou a gente mui disposta a esperar o assalto, que como na opinião de todos era o ultimo de tão prolixo cerco, cada hum queria deixar de suas obras a memoria mais fresca.

D. Fernando de Castro estava de cama, curando-se de febres, e sabendo do assalto que se esperava, se levantou, fazendo força o brio á natureza: o que D. João Mascarenhas tratou de lhe impedir, humas vezes como Capitão, e outras como amigo; mas como nesta parte a desobediencia parecia virtude, quiz antes errar contra a saude, que contra a opinião, vestindo armas, é acodindo ao baluarte.

Amanheceo o dia do glorioso S. Lourenço, dedicado com sua felice batalha a martyrios de fogo. Acodírão a suas estancias Fidalgos, e soldados, com tanto alvoroço, como se já tivérão posse do prémio, e da victoria. Logo vírão de longe abalarse o exercito inimigo com ordenada marcha, derramando-se em torno da Fortaleza. Laborava a nossa artelharia com não pequeno effeito; porque o inimigo, como soldado, soffreo a carga sem descompôr a ordem com que vinha marchando, até ganhar o posto, e arvorar escadas para dar o assalto. Chegárão a acometter os baluartes com resolução grande, querendo cevar os nossos na peleija, para que a confusão do conflicto servisse da cuberta ao engano de fogo, que tinha maquinado. Fazião os nossos grandes gentilezas nas armas, como quem se apressava a descançar na victoria, promettida no termo deste dia.

No baluarte S. João se resistia á violencia do ferro, sem temer a do fogo. Peleijavão os inimigos tibiamente, até que lhes chegou o sinal de se dar fogo á mina, retirando-se a hum mesmo tempo todos; porém o temor igual, e subito nos descobrio o engano. Bradou logo o Capitão Mór dizendo, que deixassem o baluarte, para que sem damno rebentasse a mina, já conhecida na improvisa retirada do inimigo. Obedecêrão todos ás vozes do Capitão Mór, deixando o posto; porém Diogo de Reynoso, com desordenado valor, sustentou o lugar, tratando de covardes aos que o desamparavão. A estas vozes tornárão todos a occupar o posto, não querendo seguir a razão senão o exemplo. Rebentou logo a mina com espantoso estrondo, e aquelles valerosos defensóres sustentárão mórtos o lugar, que defendêrão vivos. Aqui acabou D. Fernando de Castro em idade de dezanóve annos, levantado de huma doença que a natureza pudéra fazer leve, e o valor fez mortal. Morreo D. Francisco de Almeyda, continuando-se nelle o valor, e as desgraças dos de seu appellido. Aqui ficárão tambem sepultados Gil Coutinho, Ruy de Sousa, e Diogo de Reynoso, que pagou com huma vida tantas mórtes, de que havia sido generoso, mas fatál instrumento. D. Diogo de Sotto-Maior, voando com huma lança nas mãos, cahio em pé na Fortaleza, sem receber lesão do fogo, nem da quéda. Alguns cahirão no arraial dos inimigos; quasi sessenta homens perecêrão nesta desaventura, e treze que escapárão com a vida, ou ficárão feridos, ou disformes do fogo. Escrevem outros com dilata-

da penna os casos deste incendio. Nós por não lastimar a attenção de quem lêr esta Historia, quizeramos nos successos de tão illustre cerco deixar antes em silencio este infelice dia. Admirárão-se os nossos de vêr, que foi tão grande o effeito da polvora opprimida, que as pedras da Fortaleza, arrebatadas do violento impulso, matárão muitos no campo do inimigo, obrando o fogo mais á vontade da natureza, que ao regulado limite do inventor da mina.

Passado algum espaço logo que o fumo desassombrou a Fortaleza, mandou Rumecão entrar quinhentos Turcos pelas ruinas do baluarte abrazado, seguindo-os de tropel o restante do campo; porém achárão cinco valerosos soldados, que lhes fizerão rosto, sustentando largo espaço o peso de tão nova batalha. Verdade tão estranha, que necessita de tanto valor para se escrever, como para se obrar; porém calificada então na confissão dos proprios inimigos, e agora nas cãs de tantos annos. Acodio logo áquella parte D. João Mascarenhas com quinze companheiros, e vio dous espectaculos, hum que merecia lastima, outro espanto, e soccorrendo aos cinco soldados, fizerão todos tão dura resistencia ao inimigo, que bastárão a retardar a furia de hum exercito já quasi victorioso: caso que referido só com a verdade núa, excede tudo o que escrevêrão, ou fabulárão os Gregos, e Romanos.

Correo voz pela Fortaleza, que os Turcos estavão já senhores do baluarte abrazado, com o que alguns soldados, que nas outras estancias peleijavão, corrêrão áquella parte, como de mór perigo,

e quiçá que este falso rumor salvasse a Fortaleza, porque formárão hum grosso, que bastou a fazer rosto a treze mil infantes, que tantos contão nossas Historias, que comettêrão o baluarte da mina. As mulheres, como ensinadas a desprezar as vidas, acodírão a ministrar lanças, pelouros, e panellas de polvora; e aquella valerosa Isabel Fernandes com huma chuça nas mãos, ajudava aos soldados com as obras, muito mais com o exemplo, e com as palavras, dizendo em altas vozes: Peleijai por vosso Deos, peleijai por vosso Rei, Cavalleiros de Christo, porque elle está comvosco. Os inimigos, como o successo da mina lhes havia aberto para a victoria huma tão larga pórta, determinárão este dia concluir a empreza, incitados do General, e da occasião, peleijando já como favorecidos: os que combatião no baluarte, pela ambição de ser primeiros em facção tão illustre, se portavão com mais ardor, que os outros; e como erão Janizaros, e Turcos, querião só para si a gloria deste dia. Rumecão mandou nas outras estancias reforçar o assalto, para com a diversão, em poder tão pequeno, facilitar a entrada.

Esteve por muitas vezes perdida a Fortaleza. Os inimigos muitos, e descançados; os nossos, sobre tão poucos, vencidos do trabalho de resistencia tão desproporcionada. Aqui acodio o Vigario João Coelho com hum Christo arvorado, dizendo, que aquelle Deos, cuja causa defendião, era o Author das victorias; com cuja vista alentados aquelles fieis, e fortes companheiros, parecia que obravão com forças mais que humanas; porque nenhum mostrava

das feridas fraqueza ou sentimento; durando na batalha com o mesmo ardor, e espirito com que a começárão.

Já declinava o dia, e os Turcos com os nossos mortalmente abrazados, por humas mesmas feridas vertião sangue proprio, e alheio; e como hum exercito inteiro carregava sobre tão poucos defensores, chegárão os nossos soldados a receber muitas lançadas em huma só ferida. Parecerá exageração o que como verdade referimos. Os grandes feitos, que os Portuguezes obrárão neste dia, o Oriente os diga: eu cuido, que da illustre Diu, lhes será cada pedra hum epitafio mudo. Porém dos cinco Cavalleiros, que havemos referido, não deixaremos com ingrata penna os nomes em silencio. Estes forão Sebastião de Sá, Antonio Peçanha, Bento Barbosa, Bartolomeo Correa, Mestre João Cirurgião de nome. Com a peleija se acabou o dia; mandou Rumecão tocar a recolher, depois de haver perdido neste assalto setecentos soldados, e sem conta os feridos, de que morrêrão muitos mal assistidos na cura, porque pela multidão cançavão os mestres, e faltavão os remedios. Dos cinco Cavalleiros, que defendêrão o baluarte, morreo só Mestre João despedaçado de muitas feridas, que deixou bem vingadas, sem querer deixar a briga, nem obedecer aos amigos, que o retirárão como pessoa tão importante pela arte, pelo valor não menos. Isabel Madeira sua mulher acodio a atar-lhe as feridas mortaes, e depois de o enterrar por suas mãos com poucas lagrimas, e grande sentimento, acodio ao trabalho das tranqueiras com as outras matronas, valor estra-

nho, ou raras vezes visto ainda no varão mais constante.

Logo que se retirou o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mórtos, que estavão nas ruinas do baluarte, sendo levados de hum sepulchro a outro. Forão enterrados juntos pela estreiteza do lugar, e do tempo; faltando funebres honras, e piedosas lagrimas a tão honradas cinzas: porém dormem com saudade maior da Patria em humilde jazigo, que aquelles, que em urnas de alabastro deixárão de huma vida sem nome ociosa memoria. A D. Fernando de Castro depositárão em separado enterro por se o Governador seu Pai quizesse trasladar-lhe os ossos a lugar differente: lavrar-lhe-hia tumulo mais soberbo, porém não mais illustre. Depois que o Capitão Mór cobrio aos companheiros de piedosa terra, acodio a reparar o estrago que deixára o assalto nas paredes, a que ajudárão as mulheres companheiras do trabalho, e perigo, sem reservar tempo, e lugar para a dôr, e lagrimas dos filhos, e maridos que vírão espirar com seus olhos, e ellas mesmas havião sepultado, encobrindo o sentimento natural com nunca visto exemplo.

Reparados os baluartes com as pedras ainda quentes do sangue, e do incendio, chamou o Capitão Mór a conselho os poucos companheiros, que sobrevivêrão ao estrago, representando-lhes o miseravel estado em que se achavão, a maior parte dos defensores mórtos; os que ficavão enfermos, e feridos; destroçadas as armas; corrupto o mantimento; as munições gastadas; a Fortaleza posta por terra; os mares com os temporaes do inverno cada

vez mais cerrados; o inimigo vigilante, e soccorrido por horas, com a noticia de todas estas faltas; o que considerado pedia a todos, que não se lembrando das vidas, o aconselhassem, como melhor poderião salvar a honra de seu Rei, e as suas; que entendessem, que estavão como espectaculo do mundo, e tinhão sobre si olhos do Oriente todo, expostos a merecer a maior fama, ou a maior infamia; que senão podião alcançar a victoria, podião privar della aos inimigos, pois estava nas mãos de todos o poder acabar gloriosamente, ganhando mais honra destroçados, que os Mouros victoriosos; que os havia chamado para lhes communicar a resolução em que estava, esperando, que todos a approvassem; a qual era, que em se gastando esse pouco mantimento, e munições que havia, queimar a roupa, cravar a artelharia, e sahir com as espadas nas mãos a buscar o inimigo, para que não pudesse chamar victoria aquella, em que não acharia cativos, nem despojos. Ouvido D. João Mascarenhas, não houve soldado a quem não parecesse que tardava o effeito de resolução tão valerosa. Diga Roma, se acha nos seus Annaes escrita huma acção tão illustre dos seus Fabios, Scipiões, ou Marcellos.

Em quanto estas cousas passavão, andava D. Alvaro de Castro com as tormentas do inverno a braços; porque sendo vinte e quatro de Junho, tempo em que senão deixão navegar aquelles mares, elle, temendo o perigo da Fortaleza, e desprezando o da armada, forçava o remo navegando por debaixo das ondas. Era o vento travessão, e os mares

andavão tão cruzados, e soberbos, que comião os navios; huns abertos com a força do vento, outros sem mastros, e desenxarceados andavão sem governo á vontade dos ventos, e se hião alagando por hum, e outro bordo, sem nenhum obedecer ao leme. D. Alvaro obstinado em soccorrer a Diu, andava a huma, e outra parte errando, vendo-se por momentos soçobrado, até que com o trabalhar do navio, lhe saltou o leme fóra, com o que impaciente arribou a Baçaim destroçado com alguns navios de sua conserva; outros tomárão differentes portos, e enseadas. Aqui achou D. Alvaro a D. Francisco de Menezes arribado com a mesma fortuna, depois de haver huma, e outra vez tentado o golfão, que achou com tal braveza, que alijou ao mar as munições, e mantimentos que levava, por salvar o casco.

Neste tempo chegou Antonio Moniz Barreto com o caravelão das munições: e como era tão geral a tormenta, esteve muitas vezes perdido, e surgindo o entregou a D. Alvaro com animo de passar a Diu, a despeito dos mares, em qualquer embarcação que achasse, como saboreado de hum perigo para entrar em outro. Este dia, crescendo o tempo, começou a cassear o caravelão, e trincou duas amarras; e como era baixel tão importante, por trazer as munições do soccorro, tentou D. Alvaro acodir-lhe; e por mais que trabalhárão os marinheiros, não pudérão chegar-lhe com a força do tempo. Porém Antonio Moniz Barreto, mettendo-se em huma galveta, que acaso achou na praia, os de terra o virão mil vezes soçobrado; mas como era

embarcação tão leve, e não fazia resistencia aos mares, sobre elles vagamente se sostinha. Em fim chegou, deo cabo ao caravelão, o qual contra o juizo de todos, com mais fortuna que razão, trouxe atoado. E fazendo discurso, que só aquella embarcação, por leve, e pequena, poderia penetrar mares tão grossos, na qual faria menos impressão o choque, e embate das ondas, a comprou a hum mercador secretamente, e com alguns marinheiros pagos á sua vontade, se veio embarcar nella. Estava acaso na praia Garcia Rodrigues de Tavora, e vendo a resolução de Antonio Moniz, lhe pedio o levasse comsigo; escusou-se o Moniz, dizendo que lhe não convinha acompanhar-se de homem tão grande, que lhe fizesse sombra, porque queria só para si este perigo, sem que na sua embarcação parecesse segundo. Garcia Rodrigues lhe affirmou que em toda a parte confessaria, que elle era o que o levava, e que disto lhe passaria escritos. Com tanto escrupulo se tratavão naquelle tempo os pontos da opinião. Satisfeito Antonio Moniz deste comedimento, deo lugar a Garcia Rodrigues; e vendo-os fazer-se ao mar Miguel de Arnide, hum soldado de corpo agigantado, e maior ainda no brio, que na estatura, bradando-lhes da terra, lhes disse: Como, senhores, sem mim passais a Diu! Não cabeis cá (lhe respondeo hum delles.) Mas o valeroso soldado, lançando-se ao mar vestido, com huma espingarda na boca, hia nadando demandar a galveta. E vendo Antonio Moniz tão grande gentileza, parou para o recolher dentro, dizendo, que levava hum bom soccorro a Diu, em tão bom companheiro.

Forão aquelles Fidalgos navegando com tempos tão rijos, que andárão todo aquelle dia, e noite, á misericordia dos ventos, obedecendo a galveta aos mares sem carreira, ou governo. Humas vezes a fazião surdir as ondas, outras perder o que tinhão canjado. Forão correndo com huma moneta ao pé do masto á discrição dos mares, que a alagavão por hum, e outro bordo, os quaes apenas podião vencer com baldes. Nesta fadiga, e risco passárão a noite todos rendidos do continuo trabalho, sem que com a escuridão della, e cerração do tempo, pudessem conhecer a paragem em que estavão. Amanheceo o dia com pouca differença da noite, e elles continuando com a luta das ondas, até que sobre a tarde houvérão vista da Fortaleza; porém tão arrasada, que apenas se dava a conhecer pelas ruinas. Chegárão em fim a dar fundo, sem que fossem sentidos das vigias; argumento de ser a Fortaleza perdida. Bradou Antonio Moniz alto, e sendo ouvido dos de dentro, forão correndo dar aviso ao Capitão Mór. Aqui se conta, que perguntando as vigias, quem erão? Respondêra hum soldado, que Garcia Rodrigues de Tavora; o que Antonio Moniz soffrendo mal, disse: que elle era o que alli vinha; e pudéra a desconfiança chegar a maior rotura, se Garcia Rodrigues, cortez, e comedido, não temperára o animo de Antonio Moniz justamente sentido; se bem o tempo, e o motivo, pudérão fazer desprezar queixa tão leve. Chegou D. João Mascarenhas, e levando-os nos braços, lhes disse quanto estimava tão opportuno soccorro. Perguntou a Antonio Moniz, onde se achava D. Alvaro de

Castro, o qual lhe respondeo em voz alta, que os soldados ouvírão: Aqui, senhor, em Madresabat o tendes com sessenta navios, e com a primeira vaga do tempo lhes vereis as bandeiras. E em secreto lhe disse, que ainda ficava em Baçaim arribado, depois de tentar o golfo muitas vezes, mas tão impaciente na tardança, que não esperaria tempo para vir soccorrello. Esta nova foi festejada de maneira, que os soldados com danças, e folias esquecião os trabalhos passados, na esperança do soccorro visinho; e os que havião militado com D. Alvaro, com a experiencia de seu brio, certificavão a vinda a despeito dos mares, e dos ventos.

D. João Mascarenhas agasalhou os hospedes no baluarte S. João, e S. Thomé, que erão os mais arruinados, dando-lhes estes mimos da guerra, como a beneméritos dos maiores perigos. Não era neste tempo menor o risco, mas já menos temido. Mandou Antonio Moniz a embarcação, em que viera, a seu primo Luiz de Mello de Mendoça, que lha havia pedido. Passárão nella alguns soldados estropeados com cartas do Capitão Mór a D. Alvaro de Castro, em que lhe dava conta de todo o succedido, referindo-lhe em summa as necessidades que temos relatado. Chegou a galveta a Baçaim com grande alvoroço dos que a virão, pelas novas de estar ainda por el Rei a Fortaleza, se bem misturadas com as fezes de tantas mortes, entre as quaes foi mui sentida a de D. Fernando de Castro, que em tão verdes annos deixou de si tão honrada memoria. D. Alvaro a recebeo com a constancia de soldado, tomando por alivio achar-se com a espada

na mão para vingalla. E logo aquella mesma tarde mandou sahir a armada com ordem, que todos puzessem a proa em Diu, e que nenhum navio aguardasse por outro.

Entretanto Rumecão, vendo que obravão mais as minas, que os assaltos, sabendo de alguns escravos, que da Fortaleza havião fugido da fome, e do perigo, o sentimento com que os nossos estavão pela falta de tantas pessoas illustres, que acabárão na mina, e a estreiteza com que se repartião as munições, e mantimentos, resolveo continuar as minas, que se obravão com menos risco, e com maior effeito: para cujo intento mandou picar o baluarte Sant-Iago, e o lanço de muro que para elle corria, tudo por estradas torcidas, e encobertas, para nos esconder o desenho, e assegurar os seus trabalhadores. D. João Mascarenhas cauto, e prevenido, arguindo daquella breve pausa que fazião as armas do inimigo, que trabalhava em outra nova mina, temendo-se do baluarte de Antonio Peçanha, mandou-lhe fazer alguns reparos, e abrir escutas, por onde conheceo, que por aquella parte se picava o muro; o qual o inimigo achou tão forte, que o não podia romper o picão; difficuldade que venceo com vinagre, e fogo. Donde se vê que a estes inimigos da Asia não faltava valor, nem disciplina, como erradamente escrevem os que em abatimento de nossas victorias imaginárão os Mouros Orientaes barbaros, e bisonhos. Com este artificio começou a arruinar o muro; e logo entre o baluarte S. Thomé, e o Cubello, ordenou Rumecão, que se lavrasse a mina; a qual sendo conhecida dos nossos, lhe fizerão

contramina; e alevantárão por dentro huma parede forte; e, como estavão faltos de materiaes, e gente, acodírão aquellas honradas matronas ao serviço de tão pesada obra em beneficio dos feridos, e enfermos, que não podião supprir este trabalho, nem tão pouco escusallo.

Logo que Rumeção teve posta em perfeição a mina, determinou á sombra della dar hum geral assalto, e chamando a si os Cabos do exercito, e os que estavão escolhidos para escalar o muro, escrevem que lhes fez esta falla: « Aquellas ruinas, que estais vendo, tintas no sangue de nossos companheiros, hão de ser hoje nosso sepulchro, ou nosso alojamento. Cem soldados são os que guardão aquellas estragadas muralhas, aos quaes a fome, e as feridas tem tirado as forças, de sorte, que só peleijamos com as sombras dos que já forão homens, offerecendo os miseraveis aos nossos alfanges vidas sem sangue. A honra, que neste cerco tem ganhado com valor infelice, ha de ser toda nossa, porque do fim da guerra tomão nome as emprezas; que o mundo julga sempre o valor da parte da ultima fortuna. Acabemos de ganhar aquella Fortaleza, subamos a este monte de triunfos, vingaremos infinitas injurias com huma só victoria. Livremos esta escrava da Asia das prisões do tributo; livremos nossos mares, que debaixo de suas armadas violentados gemem. Com este ultimo assalto poremos fim a tão illustre empreza, e se acordará o Oriente idades largas com alegre memoria de tão formoso dia. »

Acabada a prática, fallou, e animou os particulares com razões accommodadas ao tempo, e ás pessoas, sinalando premios aos primeiros que subissem ao muro, como pudéra o mais sabio, e prático Capitão da Europa. No mesmo dia, que foi o de dezaseis de Agosto, sahio o inimigo com todo o poder, de seus alojamentos, e repartindo-se ordenadamente pelos baluartes, deixou o maior grosso do exercito, para acometter o de Sant-Iago, por onde esperavão abrir a porta á victoria; ao qual se arrojárão tumultuariamente, dando espantosas vozes, e tirando sobre elles grande copia de armas de arremesso para chamarem á defensa a maior força dos nossos. Ateou-se por esta parte com maior calor a briga, até que na força do conflicto, fingindo o inimigo que cedia á nossa resistencia, se retirou subitamente, como a sinal certo. Os nossos, que estavão sobre aviso, conhecendo o engano no temor simulado com que se retrahião, se apartárão tambem do baluarte, esperando que rebentasse a mina. Derão-lhe os Mouros fogo, o qual achando resistencia nos repuxos, e escarpas do muro que lhe contrapuzerão, rebentou pela face de fóra retrocedendo; e voando a cortina do muro, a lançou sobre os Mouros com tão grande violencia, que matou mais de trezentos, e muitos mais ficárão estropeados.

Ficou a Fortaleza espaço grande escondida em nuvens de pó, e fumo, sem que de huma, e outra parte se conhecesse o damno; mas logo que se começárão a adelgaçar os ares, acodio o inimigo em trópas a subir pelos estragos, e ruinas do

fogo, com tanta certeza de victoria, que huns aos outros fazião impedimento, estimulados da cobiça, do premio, ou da ambição da honra. Porém os nossos os recebêrão nas lanças, fazendo-os voltar em pedaços sobre os opprimidos da mina. Traz estes acometêrão outros, que depois de peleijarem grande espaço, forão tambem derribados dos nossos; aos quaes desatinavão muitas settas, chuços, e alcanzias de fogo, que tiravão do campo, com que nos encravavão alguma gente, e impedião a defensa aos soldados attentos a hum, e outro perigo; porém assim abrazados, e feridos, não houve algum que largasse o lugar que sostinha; onde fizerão tão heroicos feitos, como se deixão ver no successo, e na desigualdade da peleija. O fogo, que os Mouros lançavão no baluarte, era tanto, que os nossos peleijavão em hum incendio vivo, a que o Capitão Mór occorreo mandando trazer tinas de agua, onde mitigavão, ou extinguião os vestidos, e corpos abrazados. Como a esta parte se inclinou mais o poder do inimigo, tambem aqui lhes fez opposição maior a força dos nossos, com que se accendeo a peleija mais viva, soccorida dos Mouros por momentos com gente de refresco, e assistida com a presença, e voz do General, que os esforçava.

Antonio Moniz Barreto, e Garcia Rodrigues de Tavora, dérão aqui de seu valor huma illustre próva, sostendo o peso dos inimigos com constancia não vulgar, mostrando os mesmos brios nos perigos da terra, que nos do mar. Muita parte da honra deste dia coube áquellas nunca assaz louva-

das matronas, não só companheiras no trabalho, mas tambem no perigo. A boa velha Isabel Fernandes com huma chuça nas mãos, animava os soldados com palavras, e melhor com o exemplo; e as demais entre as settas, as lanças, e pelouros, ou mostravão seu esforço, ou servião ao alheio.

Nos outros baluartes não estavão as armas ociosas, porque em todos se peleijava, para com a diversão facilitar a entrada pelo de Sant-Iago, onde havia rebentado a mina. Ordenou tambem Rumecão, que se batesse a Igreja da Fortaleza, que podia ser arrazada por estar eminente, crendo naquelle lugar, seria mais sensitiva a offensa. Porém os nossos derão tão grande pressa ao inimigo, que chegavão já froxos, e tibios a escalar o muro, detidos no horror de seu estrago.

Mandou Rumecão tocar a recolher impaciente, deixando sobre quinhentos mórtos, sem conto os feridos. Qualquer dos nossos se podia contentar com a honra que ganhou este dia. Miguel de Arnide, aquelle valeroso soldado, se assinalou tanto, que mostrou ser ainda aquelle corpo pequeno para tamanho espirito, e como a tão crecida creatura acompanhavão forças proporcionadas, o que alcançava com o primeiro golpe, escusava o segundo. Mojatecão, que tinha vindo ao exercito com hum soccorro grosso, e do valor dos Portuguezes fallava com desprezo, formando differente juizo com as experiencias deste dia, dizia, que erão dignos de que os servissem as gentes; e que a fortuna do mundo estava em serem elles tão poucos, porque a na-

tureza, como a leões, os tinha feito raros; encerrando-os nas covas do ultimo Occidente.

Este dia perdemos sete soldados, e ficárão vinte e dous abrazados; e já os sãos erão tão poucos, que não bastavão a curar os feridos, e menos a reparar as ruinas da Fortaleza, para que faltava tempo, materiaes, e gente; mas como Rumecão achava nos assaltos tão dura resistencia, fazia de nossas forças differente conceito. Neste tempo fugírão para o inimigo tres escravos nossos, os quaes levados a Rumecão, lhe affirmárão, que na fortaleza não havia sessenta soldados, que pudessem tomar armas, e estes muito debilitados com a fome, e continuo trabalho das obras, e vigias, nos quaes não acharia mais que obstinação sem forças. Com a certeza deste aviso, resolveo Rumecão assaltarnos com todo o poder para o seguinte dia, declarando aos seus o estado em que nos achavamos, e mandando, que todos o ouvissem da bocca dos escravos; os quaes discorrendo pelo exercito, espalhavão alegres a relação de nossas miserias.

Logo que amanheceo, se ordenou o exercito para dar o assalto, no qual como o ultimo da guerra se quizerão achar todos, e alguns vestírão galas, crendo, que hião mais a triunfo, que a peleija. Sahírão de seus alojamentos, com todas as insignias arvoradas, tocando diversos instrumentos, que alternados com a vozeria do campo, articulavão éccos barbaros, e medonhos; e como trazião vencido o medo com as noticias que temos referido, de longe se avançárão ao baluarte S. Thomé, que por estar quasi todo arrasado, as ruinas lhes servião

de escadas. Era de Turcos esta primeira trópa, que arremettêrão confiados, como a dar a victoria; porém os nossos quebrando entre elles algumas panellas de polvora, os fizerão retirar abrazados. Com a mesma furia chegárão outros, que depois de peleijarem algum espaço, voltárão tambem como os primeiros, sangrados do nosso ferro. Mas Rumecão, crendo, que tão continua resistencia nos teria consumidos, como o ferro que cortando se gasta, ajuizando nossa fraqueza de seu mesmo estrago, bradou aos seus, que subissem a tomar posse da Fortaleza, que já não havia quem se lhes oppuzesse. Aqui arremetteo tumultuariamente hum grão troço de Mouros esforçados, ou credulos ás vozes do General. Estes com o primeiro alento cavalgárão o muro, e començárão a peleijar com os nossos braço a braço, muitos, e descansados contra poucos já lassos, e feridos; porém tirando forças do brio, e necessidade, se mostrárão tão valentes aos ultimos, como aos primeiros. Alguns dos inimigos cahião, e succedião outros, com que esteve a Fortaleza muitas vezes perdida. Aqui acodio D. João Mascarenhas animando os seus, como grão Capitão, peleijando como o melhor soldado, e provido a todas as occurrencias da guerra, tinha prompto todo o genero de armas, de que se ajudavão os nossos, ministradas por aquellas valerosas mulheres. Luiz de Sousa, Capitão daquelle baluarte, fez grandes gentilezas nas armas este dia. Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Pedro, e D. Francisco de Almeyda, fizerão obras dignas de maior escritura, e todos os

mais Cavalleiros, e soldados, que aqui se achárão, alcançárão bem merecida fama.

Mandou Rumeção acometter o baluarte São João, crendo pela informação dos escravos, que achasse a entrada franca; mas obrárão tanto os poucos defensores que tinha, que obrigárão a retirar o inimigo com perda, e com vergonha. Rumeção assombrado do que via, affirmava que eramos instrumentos da indignação do Ceo contra Cambaya, e segunda vez tratou de aplacar Mafoma com algumas expiações barbaras, e ridiculas; e porque nos assaltos perdia muita gente sem fruto, e os soldados já timidos desprezavão a obediencia com o horror de tão quotidiano estrago, tornou a tentar as minas, como artificio, ou mais efficaz, ou mais seguro. E primeiro mandou abrir muitas setteiras na parede, que dividia o exercito da nossa Fortaleza, por onde recebião os nossos muito damno, porque peleijavão como em campo raso, sem abrigo da muralha, que estava arruinada. Começárão a laborar os seus arcabuzes, dando continuas cargas.

Ordenou que com hum Quartão se batesse a cisterna, a qual se chegára a arrombar-se, nos perderiamos com sede, como mal sem remedio. Esta cisterna está á entrada de huma rua, que chamamos a Cova, que foi a cava antiga dos Mouros, onde se recolhia a gente inutil. Aqui cahião muitos pelouros com damno dos miseraveis, que alli se abrigavão, e perigo da abobeda que cobria a cisterna. A este perigo occorreo o Capitão Mór, ordenando huma tranqueira alta de vigas, e entu-

lho, com que remediou bem, e outro damno, furando as casas pela parte de dentro, com que de humas a outras se dava serventia segura.

Entre tanto trabalhavão os Mouros na mina, que hia demandar o baluarte Sant-Iago: o que entendido dos nossos, ordenárão per dentro repairos fortes, e abrirão alguns vãos por onde se vasasse o fogo. Chegado o termo de rebentar a mina, achou tal resistencia nas escarpas, que deo com parte do baluarte para a banda de fóra, matando quantidade de soldados, e mineiros que assistião na obra, sem que dos nossos perigasse algum, ficando inteira a cortina do muro; seria acaso, mas tão raro, que pareceo milagre. Em rebentando a mina, subirão de tropel os Mouros pelas ruinas do baluarte, donde se lhe oppuzerão os nossos, desvelados das continuas vigias, debilitados das fomes, e feridas, sustentados mais na grandeza do espirito, que em forças naturaes; mas ainda assim os animou a honra, e o perigo, de sorte que parecião peleijar com forças descançadas, e inteiras, detendo a furiosa corrente do inimigo á custa delle mesmo. Era o lugar capaz de peleijarem muitos, e a desigualdade do numero fazia o perigo maior. O ruido das armas, a confusão das vozes, impedião mandar, e obedecer. Cahirão muitos Mouros; mas pela diligencia dos Cabos, lhes succedião outros, com o que não deixavão respirar os nossos, acomettidos de longe com armas de arremesso, e de perto peleijando braço a braço. Assim aturárão muitas horas esta dura contenda. Tiverão os inimigos lugar de arvorar tres bandeiras no baluarte; de-

fendidas de boa cópia de espingardeiros. Deste lugar forão descendo ao muro até á Igreja do Apostolo Sant-Iago, que ficava encostada ao mesmo baluarte, mettendo-se nos altos da casa; com o que ficou o baluarte, e a Igreja; a metade sustentado dos Mouros, e a outra dos nossos.

Sobreveio a noite, pondo termo á discordia, não a paz, senão a natureza; e ainda assim com golpes vagos, e incertos continuárão huma céga batalha. Ordenou logo o Capitão Mór huma fraca trincheira, que mais nos dividia, que amparava do inimigo; a qual se obrou com as armas nas mãos, quasi furtiva, ficando por alojamento dos soldados o lugar da batalha; onde, nem sobre as armas, podião ter seguros hum pequeno repouso, porque nem para curar as feridas tinhão tempo, ou lugar opportuno. Não descançava o Capitão Mór com as armas, e menos com o espirito. Mandou aquella noite assestar hum camello á porta da Igreja, que ficava a cavalleiro do baluarte, e com elle varejava os Mouros, que recebião muito damno, em quanto conservavão a posse do que tinhão ganhado, até que se cubrírão com huma trincheira grossa, que os assegurava.

Não se passava menos perigo no mar, do que na terra, porque logo que chegou a Baçaim a galveta de Antonio Moniz, ao outro dia, que se contavão quatorze de Agosto, se embarcou nella Luiz de Mello de Mendoça com quinze companheiros, e apoz elle em hum catur D. Jorge, e D. Duarte de Menezes com dezasete soldados; e D. Antonio de Attayde, e Francisco Guilherme cada

hum em seu navio com quinze soldados. Luiz de Mello se foi logo engolfando, sordindo pouco, porque levava o vento pelo olho, e quanto mais se afastava da terra, via os mares mais grossos; e como a galveta era pequena, e estroncada, e as ondas tão soberbas, que rebentavão em flôr, quebrando-se cruzadas com a força do temporal, começou a entrar-lhe a agua por hum, e outro bórdo, que os marinheiros despejavão com baldes, vendo-se por momentos soçobrados, com que já areados, e timidos, grumetes, e soldados, requerião a Luiz de Mello, que arribasse, dizendo, que sabião peleijar com homens, e não com elementos; que já não era valor, senão porfia, perderem-se sem fructo; que contra a indignação de Deos não valia esforço. Porém Luiz de Mello os aplacou, dizendo, que naquella galveta, e com a mesma tormenta passára Antonio Moniz; que não levava melhores companheiros que elle, nem lhe tinhão mais cortezia os mares; que ninguem acabára cousas grandes sem perigo; e que quando seus companheiros, e amigos estavão ás lançadas com os Turcos, não havião esperar os mares leite, e os ventos galernos para ir a soccorrellos; que quando as ondas lhe comessem o navio sobre a espada havia de chegar a Diu; que trabalhassem, que Deos os havia de ajudar.

O temor, ou o pejo destas palavras, fez por então aquietar a todos; assim forão aquella tarde, e noite lutando com a tormenta, esperando que cada onda os soçobrasse, e não podendo já as forças com o trabalho, vendo crescer o temporal por

instantes, se conjurárão os marinheiros, e soldados a obrigar a Luiz de Mello por força que arribasse: do que sendo avisado por hum Gomes de Quadros, soldado de sua obrigação, tomou as armas todas, e recolhidas no paiol, se poz em cima com a espada na mão dizendo, que quem lhe fallasse em arribar, ás estocadas lhe havia de dar a resposta; que a vida de nenhum delles era de maior preço que a sua, para se não quererem perder, onde elle se perdia; que puzessem os olhos em Diu, porque nem a honra, nem a salvação tinhão já outro porto. Vendo os soldados esta resolução, e os marinheiros mais temerosos do Capitão, que da tormenta, seguírão sua viagem sempre alagados, e com a morte bebida, parecendo que cada rajada de vento os sepultava. Assim forão em continuo naufragio navegando, até que sobre a tarde houvérão vista da Fortaleza, donde forão olhados com espanto, e alegria. Os Mouros lhes tirárão muitas bombardadas ao entrar da barra; surgírão sem damno na Couraça, onde o Capitão Mór os veio a receber com grande alvoroço; a quem Luis de Mello affirmou, que não poderia tardar dous dias D. Alvaro de Castro; nova que foi festejada de todos com demonstrações que os Mouros entendêrão, de que fizerão juizo que andaria já no mar o soccorro, a cuja causa determinou Rumecão apertar mais o cerco. Luiz de Mello com os seus foi aposentado no baluarte Sant-Iago, de que o inimigo tinha a maior parte, que havia guarnecido com os soldados mais escolhidos do campo, apostados a morrer na defensa do que tinha ganhado. Ao seguinte dia

chegárão D. Jorge, e D. Duarte de Menezes, havendo passado os mesmos riscos, com a mesma constancia, que Luiz de Mello, com estes soccorros, maiores na qualidade, que no numero, parecia que tinha já outro semblante a guerra.

Importunárão os novos hospedes a D. João Mascarenhas, que os deixasse vêr o rosto ao inimigo, tentando deitallo fóra do baluarte Sant-Iago, o que elle concedeo levemente, querendo tambem acompanhallos. Aprestárão-se para o outro dia, e em amanhecendo subirão pelos muros com que o inimigo se cubria, lançando-se aos Mouros tão impetuosamente, que os deitárão fóra, sem lhes valer o esforço, e resistencia com que se defendêrão. O estrondo das armas chegou aos ouvidos de Rumecão primeiro, que o aviso, e acodindo com todo o poder áquella parte, tornou a travar com os nossos com igualdade no lugar, e vantagem no numero. Aqui se peleijou de ambas as partes, braço a braço, e corpo a corpo, ferindo-se com as armas curtas, sustentando cada hum com o sangue, e com a vida o lugar que occupava. Os nossos com tão inferior partido, fizerão tantas gentilezas nas armas, que os Mouros os olhavão de fóra com temor, e espanto; porém como erão tão desiguaes as forças do inimigo, tornou a recobrar aquella parte do baluarte, que já tinha ganhado, e reforçando-a com guarnição dobrada mandou dar hum assalto geral á Fortaleza. Peleijava-se por todas as partes com huma mesma furia, cahião muitos Mouros, huns cortados do ferro, e outros abrazados do fogo; mas no mais vivo des-

saltos, e obravão com maiores effeitos, determinou de as ir proseguindo. Com este desenho, mandou abrir huma grande mina no lanço do muro, que hia do baluarte S. João a fechar na guarita de Antonio Peçanha; porém como os nossos andavão sobre aviso, ainda que Rumecão cauto, e ardiloso fazia aos outros baluartes ponta, mandando trabalhar nelles de noite com estrondo, para com esta diversão cobrir o intento; com tudo D. João Mascarenhas teve noticias da mina, contra a qual se assegurou como das outras vezes, trabalhando os Fidalgos nos reparos, cujo exemplo fazia aos soldados o trabalho mais leve.

Chegado o termo de se dar fogo á mina, se abalou o exercito, e começou a tornear a Fortaleza. Vinhão diante dous Sanjacos capitaneando huma tropa de Turcos, que erão os que havião de entrar pelas roturas que se abrissem ao rebentar da mina; a qual com tremendo estampido voou pelos ares toda a face do muro. Corrêrão logo os Turcos, ainda cegos do fumo, e da terra levantada nos ares com o impulso do fogo; porém achárão outro muro contraposto, a que o fogo, ou não chegou, ou achou resistencia; virão com tudo, que a guarita de Antonio Peçanha ficára por tres partes aberta, e voltando áquella parte as armas, intentárão ganhalla; mas os nossos acodírão a defendella, como lugar mais fraco, retardando a corrente do inimigo.

Aqui andou por hum espaço a briga mui travada, peleijando cercadores, e cercados como em campo raso. E vendo Rumecão, que estava na-

quelle lugar todo o poder dos nossos, mandou acometter os outros baluartes, onde tambem os Portuguezes lhe mostrárão o ferro. Mettêrão este dia os inimigos infinitos pelouros na Fortaleza, dos quaes não recebemos damno, estando ella quasi arruinada; caso, que por ser raro, pareceo milagroso. Durou em fim o combate algumas horas, retirando-se o inimigo com o mesmo damno que outras vezes, os nossos com a mesma fortuna.

Rumecão, que já tinha por injúria a dilação do cerco, como homem que buscava os perigos, e o damno por desculpa, acometteo o outro dia o baluarte S. Thomé em pessoa, fazendo com seu risco exemplo, e mandou por differentes Capitães escalar os outros baluartes, parecendo a invasão destes dias hum successivo assalto. Aqui peleijárão os Mouros, mais como desesperados, que valentes, correndo atravessados pelas lanças, e espadas dos nossos a morrer, e a matar juntamente, mais promptos a offender, que a reparar-se; buscando a morte, como porta para a imaginada gloria que lhe promettião os Cacizes, maquinando este diabolico incentivo em beneficio da empreza, e desprezo da vida. Com este ardor soffrêrão o peso da batalha muitas horas, perdendo oitenta dos seus, sobre cujos corpos peleijavão, incitados da dor, e da injúria dos companheiros mortos. Peleijárão em fim com tal porfia, que sustentárão aquella parte do baluarte, onde se combatia, e nelle arvorárão bandeiras, cobrindo-se com vallos, e estacadas.

Não andavão menos quentes as armas no baluarte Sant-Iago. Duas vezes o tiverão ganhado os

inimigos, mas forão tão valerosamente resistidos, que o tornárão a perder depois de bem sangrados. Aqui foi tanto o fogo que os inimigos lançárão, que os nossos peleijavão abrazados, soccorrendo-se, por unico remedio, das tinas de agua para refrigerar-se. Antonio Moniz Barreto com dous soldados se achavão sós no baluarte, detendo a furia do inimigo; e querendo o Moniz sahir-se a mitigar nas tinas o ardor do fogo, travou delle hum soldado, dizendo : Moniz, deixais perder o baluarte del Rei? Vou-me banhar naquellas tinas (lhe tornou elle) que estou ardendo em fogo. Se os braços estão sãos para peleijar, tudo o al nada (lhe respondeo o soldado). Cuja advertencia acceitou o Moniz, tão pagado do valor que o soldado mostrava, que o trouxe comsigo para o Reino, e lhe alcançou despacho, confessando generosamente o seu desar para credito alheio; chamando-lhe sempre com honrado appellido, o soldado de fogo; nem as relações deste successo no-lo dão a conhecer por outro nome.

Nestes, e nos outros baluartes se peleijou este dia com valor, e perigo igual, que não podemos relatar por extenso, por serem os casos tão semelhantes, que parecendo huma mesma cousa repetida, se escrevem, e se lem com fastio; porém ainda que a relação deste cerco não deleite com a variedade, quem negará que foi esta facção huma das mais illustres que se achão nas historias humanas, da qual fizerão estimação justa as mais bellicosas Nações da Asia, e da Europa? Retirado do assalto o inimigo, se fortificou nas ruinas da For-

taleza, donde continuamente se mostravão as armas.

Ao seguinte dia despedio D. João Mascarenhas em hum catur a Antonio Correa, com vinte companheiros, soldado de grande valor, a quem não sabemos o nascimento, se bem suas obras o merecião ou suppunhão illustre. Sahio da barra, e torneando a Ilha, como lhe foi ordenado, se recolheo sem preza, e como os soldados de valor senão contentão com obrar bem, senão ditosamente, tornou o Correa ao mesmo negocio cinco vezes (mais desconfiado, que obediente) a tentar a fortuna; mas como o que parecia caso, era mysterio, ordenou ou permittio o Ceo, que o valeroso soldado fizesse da empreza porfia, o qual, como se a desgraça fora culpa, se accusava a si mesmo. Tornou em fim com mais importuna experiencia a rogar, ou conhecer sua sórte, e dando volta á Ilha, divisou ao longe hum fogo, que a distancia fazia mais pequeno, e remando contra aquella parte, deixando os companheiros no catur, saltou em terra; caminhou algum espaço só, até que a mesma luz do fogo lhe descobrio doze Mouros, que em torno delle reparavão o frio. Voltou logo aos companheiros alegre, dizendo, que sahissem, porque tinhão como nas mãos a preza que buscavão; porém os soldados, ou esquecidos de si mesmos, ou servindo a Providencia mais alta, o não acompanhárão, como dando lugar á fortuna do Capitão, o qual vendo a fea resolução dos soldados, se foi só a demandar os Mouros, bastando-lhe o animo para acometter o perigo, que não podia vencer. De repente envestio

os Mouros, os quaes amedrontados com o subito acomettimento, huns fugírão, outros se defendião timidos, e sobresaltados; mas tornando em si, e vendo-se acutilados de hum só homem, começárão a fazer-lhe rosto já com mais ousadia, voltando os que fugírão, a defender-se unidos; e em quanto Antonio Correa se acutilava com huns, outros o sojugárão pelos lados, e ainda depois de preso, como a féra, o temião atado; assim o levárão a Rumecão, mostrando as feridas, que recebêrão, em credito do preso.

Mandou Rumecão que o soltassem, perguntando-lhe que gente haveria na Fortaleza; se viria o Governador a Diu, com que poder, e em que termo se esperava o filho. Elle lhe respondeo, com grande segurança, que na Fortaleza havia seiscentos homens, que cada dia importunavão o Capitão que os levasse ao campo; que esperava brevemente a vinda de D. Alvaro com oitenta baxeis, o qual em desembarcando sahiria á campanha, porque algumas galés que trazia, havião mister chusma de Turcos; que o Governador aprestava maior poder, porque queria acabar de huma vez com as cousas de Cambaya. Rumecão, que sabia a verdade de nossas forças, envejou hum coração tão livre em tão baixa fortuna, fazendo estimação (como soldado) de quem entre prisões o despresava. Rogou-lhe que se fizesse Mouro, porque com melhor Lei teria melhor fortuna, e conheceria a differença de servir a hum Monarca rico, ou a Piratas pobres. Porém o valeroso Cavalleiro, escandalisado na injuria de favores tão feios, lhe respondeo, que os Portugue-

zes, pela Lei, e pelo Rei estavão sempre promptos a derramar o sangue; que Mafamede fora hum enganador, infame por obras, e doutrinas; que se em Cambaya havia renegados, serião de outras Nações, qual o fora seu Pai Coge Çofar, que como monstro da terra em que nascêra, os Pais, e a Patria o negavão de filho.

Rumecão, não podendo soffrer de hum escravo as injurias da Lei, e as da pessoa, inflammado do zelo, e do desprezo, o mandou ante si affrontar no rosto, primeiro que lhe tirassem a vida, crendo, que lhe seria mais leve a pena, que a injuria; e logo entre baldões, e mófas, o mandou passear nú as ruas da Cidade, inventor barbaro de tão novo supplicio, já contra o homem, já contra a humanidade. Porém o Cavalleiro de Christo, como soldado já de outra milicia, com mais castigado valor vencia soffrendo. Rumecão depois destas injúrias, dizendo que pedia satisfação de sangue a honra do Profeta, mandou que fosse degollado, e a palma, que começou a merecer soldado, alcançou martyr. Foi levantada a cabeça em huma pica, e posta em lugar onde os nossos da Fortaleza a vissem; os quaes com sentimento natural (mas injusto) como soldados, lhe vingárão o sangue; como Catholicos lhe envejárão a morte. Entrárão ao outro dia os soldados de sua companhia, os quaes o Capitão Mór não quiz ver, nem castigar, tendo respeito ao tempo; porém elles remírão a culpa, com se arriscar em todas as occasiões, como homens, que aborrecião huma vida sem honra. Muitos delles morrêrão quasi voluntariamente, accusados de seu mes-

mo delicto. Os Mouros nos fazião mófas, e algazaras de longe, apontando para a cabeça de Antonio Correa, havendo por satisfação de tantos damnos aquella recompensa, e já mais atrevidos fazião a despeito dos nossos algumas gentilezas.

Entre o baluarte S. Thomé, e o de Sant-Iago estava huma bandeira arvorada, a qual desejou arrancar hum Mouro, crendo o poderia fazer sem risco, por ser o muro baixo, e pouco vigiado; ao qual chegou furtado sem ser visto dos nossos, e subindo pelas ruinas, travou da haste, e ainda que a abalou forcejando, nunca pode levalla; e soltando-a temeroso, a deixou encostada; e vendo o pouco que lhe custára a primeira ousadia, tornou com o mesmo recato a buscar a bandeira; porém ao tempo, que para pegar nella, hia soltando o braço, hum soldado nosso lhe encarou a espingarda, e o derribou morto. Aconteceo isto á vista do arraial, que lhe tinha festejado o primeiro acomettimento com gritas, e louvores; agora o olhavão cahido com hum profundo silencio; corrêrão os nossos com grão velocidade a cortar-lhe a cabeça, que arvorárão, avistando-a com a de Antonio Correa.

Os Mouros, que estavão fortificados no entulho do baluarte S. Thomé, forão ganhando terra, palmo a palmo, á custa de seu sangue, levando sempre adiante montes de terra, e rama, que os cobria, e fortificava. Porém D. João Mascarenhas mandou levar hum Basilisco ás portas da Igreja, que como lugar eminente lhe ficavão em bataria os Mouros, donde os varejou com tanta furia, que lhes rompeo as defensas, e com morte de muitos forão desalojados.

Já neste tempo estava arrasada a Fortaleza, e os Portuguezes, em lugar de muros, defendião suas mesmas ruinas; o inimigo dentro dos baluartes ás portas da victoria; os mantimentos, huns erão pelo tempo corruptos, outros, pela qualidade nocivos, de que resultavão doenças de tão má qualidade, que os sãos recebião maior damno do contagio, que da hostilidade.

Tinha partido de Baçaim D. Alvaro de Castro com cincoenta navios, (assim chamavão quaesquer baixeis na India; ainda que sejão caravelas latinas, ou embarcações de remo;) e como vinhão empachados com munições, e bastimentos, não podendo soffrer mares tão grossos, tornárão a arribar em popa destroçados, e abertos, tomando diversas angrás, e enseadas, onde o temporal os lançava. Entre os mais navios, que forão correndo com a tormenta, foi o de que era Capitão Athanasio Freire, o qual indo demandar a terra, se foi mettendo na enseada de Cambaya quasi alagado, e tão perdido, que de commum acordo se assentou varar na primeira terra que avistassem, havendo, que precedia a vida á liberdade; assim forão encalhar junto a Surrate, onde forão cativos, e levados a Soltão Mahamud, que os mandou aprisionar, e metter na masmorra, onde tinha Simão Feio com outros Portuguezes.

Ruy Freire, que vinha na conserva de D. Alvaro em hum navio seu, com soldados pagos á sua custa, soffreo melhor os marés, e navegando aquelle dia, e outro com fortuna, avistou a costa de Diu, para onde se foi chegando até ir demandar a

Fortaleza; e entrando pela barra foi bem recebido de todos, e deo ao Capitão Mór as novas da vinda de D. Alvaro, tão esperada, como importante, porque ainda não sabia da arribada, de que daremos conta.

D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de Menezes arribárão com tormenta geral a Agaçaim perdidos, onde se reformárão brevemente, e tornárão a cometter o golfão com a maior parte dos navios de sua conserva; e vencendo a furia do temporal, houverão vista da outra cósta por junto de Madrefaval. Nesta paragem appareceo de longe huma náo grossa, que se vinha furtando á nossa armada. Mandou D. Alvaro ao Mestre, que arribasse sobre ella, o que fizerão mais dous navios, que vinhão na sua esteira. Amainou logo a náo, que era del Rei de Cambaya, e vinha de Ormuz, lançou dous mercadores fóra, que vierão apresentar a D. Alvaro hum Cartaz passado antes da guerra; o qual fez represalia na náo, e a mandou levar a Goa, para que visse o Governador se era de preza. As drógas que trazia, erão coral, chamelotes, larins, e alcatifas, que tudo foi julgado por perdido. E logo D. Alvaro de Castro, seguindo sua derrota, tomou a barra de Diu com quarenta navios empavezados; trazião todos flamulas, e galhardetes, dando de si huma mostra bellicosa, e alegre. Saudou a Fortaleza com toda a artelharia, que tambem lhe respondeo com a mesma, tocando todos os instrumentos de guerra. Mandou o Capitão Mór abrir as portas da Fortaleza para receber D. Alvaro, baixando todos os Fidalgos, e soldados a receber, e

festejar a armada, em que de mais da pessoa de D. Alvaro, vinhão Fidalgos, e Cavalleiros de muita conta. Trazião munições, e bastimentos para mui largo tempo; porque não quiz o Governador deixar á cortesia dos mares, negar, ou abrir passagem a segundo soccorro. Aposentou-se D. Alvaro no baluarte, em que acabou seu Irmão D. Fernando; passárão-se a elle os soldados de sua milicia, e os mais dos Fidalgos, huns como companheiros de sua dor, outros de suas victorias: e como a General do mar lhe hião pedir o nome, sem querer separar-se de sua obediencia; opinião encontrada com o tempo, e mais com a disciplina. Porém D. Alvaro disse ao Capitão Mór, que elle vinha sujeito a suas ordens; o que parecendo lanço de urbanidade a D. João Mascarenhas, lhe respondeo com a mesma cortezia; mas D. Alvaro lhe mostrou a instrucção que trazia, que entre as excellencias do Governador, não foi a mais pequena, na qual dizia, que a jurisdição do cargo, e as provisões Reaes o eximião de qualquer subordinação que não fosse a do Governador da India; que elle mandava a seu filho D. Alvaro, que estivesse ás ordens de D. João Mascarenhas, porque assim o pedia a muita honra que naquelle cerco tinha ganhado; temperança de Varão verdadeiramente grande; porque onde havia perdido hum filho, e aventurava outro, da fama, que ajudára a ganhar com seu sangue, não quiz para si nada; sem dúvida maior neste despreso, que depois na victoria.

Rumecão sabendo da vinda de D. Alvaro, disse, que já tinha na Fortaleza prisioneiros para hon-

rár seu triunfo, mandando trabalhár com mais calor nas minas. Despedio logo D. Alvaro o seu navio com Cartas ao Governador, do estado em que achára a Fortaleza; e D. João Mascarenhas o avisou de todos os successos passados. Haveria já na Fortaleza seiscentos homens, todos soldados de opinião, com os quaes lhe pareceo a D. João Mascarenhas que podiá intentar cousas maiores que a defensa. Mandou logo assestar tres Camellos contra as estancias do inimigo, que as batêrão tão furiosamente, que Rumecão reforçou as fortificações que tinha, tão attento a offender, como a defender.

Dos assaltos passados ficou nas ruinas do baluarte S. Thomé hum Basilisco soterrado de estranha grandeza, o qual o Capitão Mór desejou subír á Fortaleza, e ordenando cabrestántes, e engenhos, nunca lhe foi possivel, e querendo ao menos segurallo, para que os inimigos se não servissem delle, o mandou liar com viradores grossos; porém os Mouros forão cavando por baixo das paredes do baluarte, e picando as pedras do alicesse, até que faltando-lhe os fundamentos, vierão as paredes a terra, ficando o Basilisco atado, e suspenso nos ares. Acodirão logo os Mouros a entrar o Baluarte, aos quaes fez rosto D. Francisco de Menezes com os de sua companhia, que ahi se achavão, travando com os Mouros huma pendencia assaz bem renhida; e como este era o primeiro dia, que vírão a cara do inimigo, o carregárão com as mãos tão pesadas, que houve a seu pesar de retirar-se, deixando muitos dos companheiros no campo. Mas no tempo que mais fervia a briga, liárão outros o Basilisco com

hum calabrote forte, e o levárão arrastando, quasi a furto dos nossos, que attentos á peleija, não derão fé da obra que os Mouros fazião.

Andava D. João Mascarenhas com grande vigilancia sobre os desenhos do inimigo, temendo mais as minas, que ser acomettido com força descuberta; o que entendido pelos soldados de D. Alvaro, temerosos com o exemplo fresco de D. Fernando de Castro, e outros Fidalgos, e soldados, que morrêrão abrazados, se conjurárão em sahir a peleijar com o inimigo, timidos no perigo duvidoso, temerarios no certo.

Dizião, que não querião com obediencia inutil perecer abrazados, quando podião morrer na campanha victoriosos, ou vingados; que pois sabião peleijar como homens, não querião acabar como féras, atados ao perigo; que de dous escolhião antes o que podião vencer, que o de que não podião fugir. D. João Mascarenhas os dissuadio, quanto lhe foi possivel, primeiro cam razões, depois com a authoridade do cargo, e da pessoa; mas tudo foi sem fruto, porque estavão tão vãos, e altivos com sua mesma culpa (como tinha semblante de virtude) que esperavão da desobediencia premios, e louvores. D. Alvaro de Castro acodio a detellos, estranhando-lhes resolução tão fea, dizendo, que el Rei sentia mais a desobediencia de hum soldado, que a perda de huma Fortaleza; que ao Capitão Mór só tocava o governar, a elles obedecer, e peleijar. D. Francisco de Menezes lhes disse, que fossem embora a infamar o nome Portuguez, que a honra levavão já perdida, a vida grandemen-

te arriscada; que quando escapassem das armas de seu inimigo, não poderião livrar-se da indignação justa de seu Rei, ao qual desprezavão na pessoa de seu Capitão Mór com sedição tão fea. Porém elles fatalmente obstinados, se ordenárão para dar a batalha, dizendo, que de nenhum delicto se engeitava a victoria por desculpa; e quando se perdessem, ficavão fóra do premio, e do castigo; que elles acodião pela honra do Estado, que estava mais costumado a tomar Praças aos Mouros, que perder as suas.

O mais que se pode acabar com os amotinados, foi que ficasse a invasão para o seguinte dia, deixando-lhes por conselheiro aquelle breve tempo, em que podião considerar o que convinha á honra, e saude de todos. Porém elles fatalmente conformes, amanhecêrão resolutos, e promptos á batalha, dizendo ao Capitão Mór, que se os não quizesse governar, entre si mesmos escolherião cabeça. Vendo pois D. João Mascarenhas, que já acompanhar aos desatinados, era hum lanço forçoso, e que os de fóra sempre julgão melhor a causa dos temerarios, que a dos prudentes; elle, D. Alvaro, e os mais Fidalgos resolvêrão seguillos, onde com nova disciplina, obedecião os Capitães, mandavão os soldados.

Haveria na Fortaleza (como temos dito) seiscentos homens, dos quaes ficárão nas estancias cento; dos outros fez D. João Mascarenhas tres batalhas; as duas deo a D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de Menezes, e outra tomou para si. Logo sahírão da Fortaleza, e com o primeiro impe-

to ganhárão as estancias, que os Mouros tinhão feito na cava, deixando-lhas com facil resistencia. Por esta sombra de victoria começou a ruina, porque os nossos altivos, e desordenados remettêrão ao muro. O primeiro que sobio foi D. Alvaro, ajudado dos dous irmãos Luiz de Mello, e Jorge de Mendoça, que tras elles sobirão. D. Francisco de Menezes entrou por outra parte; sendo dos primeiros Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Jorge, e D. Duarte de Menezes, D. Francisco, e D. Pedro de Almeida.

Rumecão, Juzarcão, e Mojatecão, vierão com grossas companhias a encontrar-se com os nossos, entre os quaes se começou a batalha, sustentada de nossa parte com mais valor, que disciplina. D. Francisco de Menezes foi levando do campo os Mouros, que não podendo soffrer o peso deste encontro, perdêrão muita terra, até que soccorridos de outros muitos, detiverão a corrente dos nossos. D. João Mascarenhas sobindo o muro, quasi ao mesmo tempo, que os outros Cabos, vio muitos soldados do motim, que estavão ao pé delle sem ousar cavalgallo, e em voz alta lhes accusou com palavras feas, a desobediencia, e a fraqueza; os quaes callados, como querendo responder com as obras, o seguirão. E logo acomettendo os inimigos, que andavão baralhados com D. Alvaro, lhes fizerão perder parte do campo; mas como o partido era tão desigual, os Mouros se forão melhorando, e carregando os nossos, de sorte que se desordenárão.

D. Alvaro fez obras, que respondêrão bem ao

sangue, opinião, e ao valor; não faltou á disciplina difficil de conservar nas desgraças; porque foi ordenando, e recolhendo os seus, quanto lhe foi possivel, retirando-se mui acordado com o rosto sempre no inimigo, o qual lhe havia degollado alguma gente; e outra se desmandava, não podendo soffrer o impeto dos Mouros; o que vendo Jorge de Mendoça, ainda que estava já ferido, tomou a D. Alvaro nos braços para o subir ao muro; mas podendo-o mal fazer, por estar desangrado, foi ajudado de seu irmão Luiz de Mello; e estando D. Alvaro já sobre a parede, lhe derão huma pedrada, que o fez cahir da outra parte sem sentido.

Depois de Luiz de Mello acodir a D. Alvaro, salvou tambem o irmão, ficando elle com Garcia Rodrigues de Tavora, Antonio Moniz, e outros Fidalgos, detendo o impeto dos Mouros, em quanto os mais subião, até que foi passado de hum pelouro, de que cahio mortal. Os companheiros o levantárão, e puzerão em cima da parede, donde foi levado á Fortaleza, e dahi a Chaul, onde acabou da ferida, merecendo seu singular esforço, senão mais gloriosa morte, mais dilatada vida.

D. Francisco de Menezes, peleijando mui valerosamente, cahio atravessado de hum pelouro, com cuja morte os de sua companhia se começárão a retirar desordenadamente. Aqui foi o estrago maior, porque o inimigo, conhecendo o desarranjo dos nossos, carregou sobre elles com maior ousadia.

D. João Mascarenhas se portou nesta desgraça com valor, e acordo, humas vezes retirando os

seus, outras fazendo voltas ao inimigo em quanto se recolhião os desmandados, com que evitou grande parte do damno; e tendo já salvado as paredes, se derramou huma voz, que era a Fortaleza perdida, em que os soldados se começárão a espalhar por differentes partes, como gente desbaratada. Neste tão apertado conflicto brádou D. João Mascarenhas aos seus, afeando-lhes a retirada, e peleijando tão valerosamente, que só com alguns poucos que o seguião, deteve o inimigo. Os Fidalgos, que aqui se achárão, alcançárão em dia tão infelice illustre nome. Lopo de Sousa ao pé do muro se defendeo de hum grão tropel de Mouros, fazendo-os afastar muitas vezes, com tal valor, que o acomettião de longe com armas de arremesso, até que atravessado pelos peitos de hum dardo cahio morto, deixando bem vingado seu sangue. Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Duarte, e D. Jorge de Menezes, que trazia dezasete feridas, fizerão ao inimigo mui custosa a victoria.

Rumecão, querendo tirar maior fructo de nosso desatino, mandou a Mojatecão, que fosse demandar a Fortaleza com cinco mil soldados, cortando o passo aos que se recolhião destroçados, e acomettendo o baluarte S. Thomé, achou nelle a Luiz de Sousa, que com a artelharia, e espingardaria lhe matou muita gente, porém o Mouro atrevido com o calor da victoria, insistio na escalada; mas foi tão valerosamente resistido, que se tornou a retirar com damno conhecido. D. João Mascarenhas trabalhou tanto, que tornou a orde-

nar os soldados, que andavão derramados, dos quaes fazendo hum batalhão cerrado, guiou á Fortaleza, e encontrando muitos Mouros desmandados na segurança da victoria, deo nelles tão valerosamente, que muitos deixárão as vidas, e os de mais o campo. Perdêrão-se nesta desgraça trinta e cinco pessoas, em que entrárão os Fidalgos, que havemos referido, e forão mais de cem os feridos; mas em tão desordenada empreza, ainda se teve a desgraça por menor que o erro. O Capitão Mór foi logo demandar a D. Alvaro, que ainda achou sem falla, e a juizo dos Cirurgiões, mui contingente a vida, cujo perigo durou aquelles dias que a filosofia chama decretorios ou criticos. Porém fez a doença termo, cobrando D. Alvaro saude, com alegria de todos, que o amavão pelas qualidades do sangue, e da pessoa. Nuno Pereira se achou neste conflicto, o qual depois de pelejar com valor conhecido, se recolheo com quatorze feridas. Pedio licença para se ir curar a Goa, onde tinha sua casa, e era casado de pouco, com fazenda abundante, da qual no serviço del Rei gastou grão parte, até perder a vida, como diremos.

Vendo-se Rumecão com tão inopinada victoria, havida por hum valor desordenado dos nossos, concebeo maiores esperanças do successo, resoluto a vêr o fim da empreza, para a qual começou a achar nos seus mais prompta a obediencia, perdendo na experiencia daquelle dia muita parte do temor, que tinhão a nossas armas. Deo logo conta ao Soltão da victoria, que na Corte se festejou com alegrias públicas, Rumecão recebeo del

Rei honras de homem victorioso, sendo daquelle dia em diante mais assistido de gente, munições, e dinheiro, acodindo muita parte da Nobreza a militar com elle, esperando gozar de sua fortuna. Mandou logo continuar a obra do baluarte, furtando-lhe por baixo a terra, para que descarnado o arruinasse o pezo, faltando o fundamento sobre que assentava. Este desenho divertio D. João Mascarenhas, mandando fazer outro forte por dentro que fechava em circuito menor, que por abraçar menos terra, era mais defensavel. Não se pode esconder a Rumecão a obra, e carregando para aquella parte muitos Mouros, tiravão de contínuo aos trabalhadores pedras, dardos, alcanzias de fogo, huns com pontaria certa nas partes que descubria o muro, e outros por elevação, com que ferião a nossa gente, mais attenta ao trabalho, que á defensa; pelo que o Capitão ordenou se trabalhasse de noite com luzes escondidas, pondo as pedras pela estimação, e tino do que tinhão desenhado de dia.

Rumecão altivo, e confiado com o bom rosto que lhe mostrou a guerra na ultima peleija, como em desprezo da vinda do Governador que se esperava, começou a edificar huma nova Cidade, como quem já lograva os ocios do triunfo na imaginada victoria, ou fosse por dar aos seus confiança, ou que obrava como homem credulo na prosperidade dos successos, que já se promettia; fez palacios para sua pessoa com a policia, e grandeza, que pudéra em huma paz ociosa. Para os Cabos maiores ordenou aposentos, empenhando-os a

defender suas proprias moradas, mostrando nesta fabrica não menor artificio, que soberba. Mandou atravessar com barcas a passagem do rio naquella parte que se serve da Alfandega para a Villa dos Rumes, as quaes depois de firmes com mui grossas amarras, terraplenou igualmente, por onde (como em ponte, ainda que tremula, segura) tinhão facil passagem os carros, que basteciáo a Cidade. Da confiança com que Rumecão se dava a tão custosa fabrica, se derramou huma voz por muitos Reinos visinhos, e distantes de Cambaya, que era perdida a nossa Fortaleza, e esta fama como grata aos ouvidos dos Mouros, e Gentios, se espalhou por todo o Oriente, até chegar a receber o Soltão congratulações de muitos Principes, que lhe davão emboras da victoria. Em Goa se ouvião os éccos desta nova com temor, e silencio, e ainda que vaga, e sem author, chegou aos ouvidos do Governador, fazendo-se mais certa pelo secreto, e recato com que huns a referião a outros.

Esta desgraça que se temia, parecia que tomava certeza da tardança que havia nos avisos de Diu; porque nem da armada de D. Alvaro se sabia cousa certa, e os que querião divertir o Governador, mais podião desprezar que negar a fama que corria; e elle, sendo o mais interessado, vendo quão necessario era animar o Povo, mostrava hum coração inteiro, desmentindo com o semblante as novas que temia.

Com este cuidado passava o Governador, divertindo-se com os negocios, e aprestos da armada, que sollicitava com viva diligencia, quando lhe de-

rão aviso, que na barra surgíra huma náo do Reino, de que era Capitão D. Manoel de Lima, e se apartára de cinco mais, que vinhão na mesma conserva, á ordem de Lourenço Pires de Tavora. Das outras vinhão por Capitães D. João Lobo, João Rodrigues Peçanha, Fernão Alvares da Cunha, Alvaro Barradas. Estimou o Governador a vinda de D. Manoel de Lima, pela pessoa, e pela occasião. Vinha provído na Fortaleza de Ormuz, que el Rei lhe deo por desviar alguns encontros entre elle, e o Governador Martim Affonso de Sousa, com quem andava atravessado, esperando que viesse da India, para lhe pedir satisfação de algumas queixas. Estes desabrimentos curou el Rei, como pai, interessado na paz de hum, e outro vassallo. Quizera D. Manoel partir-se logo a Diu com trezentos soldados á sua custa, porém o Governador o divertio, querendo acompanhar-se delle na armada, servindo-se de seu valor, e experiencia na facção presente.

O Governador andava sobre maneira cuidadoso dos negocios de Diu, interpretando mal a falta dos avisos, quando aportou na barra de Goa a Capitania, em que fora D. Alvaro. Vinha o navio todo embandeirado, e dando alegres salvas, querendo indicar de longe as novas que trazia. Occorreo á praia grande parte do povo, sollicito a perguntar pelos filhos, parentes, e amigos, e os menos empenhados, pelo commum do Estado. O Capitão foi levado aos Paços do Governador, satisfazendo pelo caminho a duplicadas, e molestas perguntas. Achou o Governador com o Bispo D. João de Albuquerque, e Fr. Antonio do Casal, Custodio dos

Franciscos. A primeira cousa que o Governador perguntou foi, se estava ainda a Fortaleza por el Rei seu Senhor? Ao que o Capitão respondeo, que estava, e estaria. A cuja nova ajoelhando-se o Governador, com os olhos no Ceo, deo a Deos as graças, não sem derramar lagrimas, significadoras da piedade com Deos, do zelo com seu Principe. E logo recebendo as Cartas, soube da morte de seu filho D. Fernando, que recebeo com tanta constancia, que os de fóra lhe não conhecêrão mudança no rosto, ou nas palavras, como se fora fraqueza parecer pai, ou indignidade ter affectos de homem. Fez mercê ao Capitão, e o mandou que fosse alegrar a Cidade com as novas que trazia, e logo recolhendo-se, chorou em secreto o filho, esperando tempo á dor, sem injúria do lugar, e do animo. Aquelle mesmo dia aportou o navio, em que vinha Nuno Pereira, o qual das feridas falleceo no mar. Foi o corpo enterrado com todas as pompas funeraes, que se devião á pessoa, acompanhado do Governador, Nobreza, e Povo, deixando de si este Fidalgo saudosa memoria.

Ao seguinte dia se fez huma solemne procissão de graças, a que assistio o Governador vestido de escarlata, consolando com novo exemplo o Povo na morte de seu proprio filho. Por este navio soube da sahida que os nossos fizerão desordenada, e forçosa, que fora occasião de tantas mórtes, e do perigo em que ficava D. Alvaro, cuja dor soube aliviar, ou encobrir, como quem dos filhos estimava menos a vida, que a memoria.

No mesmo dia despedio Vasco da Cunha, para

que fosse pelas bahias, e enseadas da costa, recolhendo os navios da armada de D. Alvaro, e os levasse a Diu. Por elle escreveo a D. João Mascarenhas congratulações da honra que havia ganhado, não menos para si, que para o Estado; affirmando-lhe, que em breves dias iria avistar a Diu com todo o poder do Estado, para o que não perdoava a nenhuma despeza, ou diligencia; e que em quanto se aprestava a armada, lhe mandaria soccorros, que bastassem a assegurar a Fortaleza, e enfrear o inimigo; o que executou promptamente, porque logo apoz Vasco da Cunha, despachou a Luiz de Almeyda com seis caravelas, e quatrocentos soldados, com muitas munições, e bastimentos, e grão copia de materiaes importantes para as necessidades do cerco. E foi tão incansavel a diligencia com que se aprestava, que em brevissimo tempo se poz de verga d'alto toda a armada, e só lhe faltavão os soccorros de Cananor, e Cochim para levar-se; porque era tal o amor, e obediencia com que lhe assistião, que as Donas, e Cavalleiros de Goa lhe vinhão offerecer os filhos, e a fazenda; levando esta armada tantas benções do Povo, como outras soem levar lagrimas, e queixumes.

Vasco da Cunha, seguindo a instrucção que levava, foi recolhendo os navios que achou naquellas enseadas desaparelhados da tormenta, e com elles entrou em Baçaim, onde achou o Capitão Mór D. Jeronymo de Menezes com quinze navios aprestados para soccorrer Diu, empenhado de novo com o sentimento da morte de seu irmão D. Francisco, que temos referido; porém havia re-

tardado a partida alguns dias, por ter avisos certos, que o Bramaluco vinha cercar aquella Fortaleza logo que o visse ausente; diversão procurada pelo Soltão em beneficio dos cercadores. D. Jeronymo, vendo-se mais empenhado na defensa de Baçaim, que no soccorro de Diu, entregou a Vasco da Cunha os navios; o qual partido, encontrou a Luiz de Almeyda com as seis caravelas, e todos em conserva entrárão em Diu, representando soccorro mais crecido no número dos vasos; porém a Fortaleza ficou assegurada da fome, e do perigo; e os soldados pagos, e bastecidos, mais desejavão, que temião a guerra.

Era já o tempo em favor dos nossos, e começavão a senhorear o mar os navios do Estado. D. Alvaro, como Capitão Mór do mar, mandou a Luiz de Almeida com tres caravelas, de que elle hia por Cabo, e nas duas Payo Rodrigues de Araujo, e Pedro Affonso, com ordem, que fossem demandar a barra de Surratè a esperar às nãos de Meca que viessem buscar aquelle porto; os quaes seguindo sua viagem, a poucos dias virão atravessar duas nãos, huma grossa, e outra de menos porte. Logo que Luiz de Almeyda as avistou, foi demandallas com os traquetes dados. Vinhão as nãos arrasadas em popa, e tanto que houverão vista de nossas caravelas, voltárão noutro bordo; mas como as caravelas hião mais boiantes, e erão mais ligeiras, soltando as velas, as alcançárão logo. Luiz de Almeida abordou a não grande, em que vinha por Capitão hum Janizaro, parente de Coge Cofar, que fiado na grandeza da não, artelharia, e

gente que trazia, começou a defender-se, atcando-se entre huns, e outros huma bem renhida contenda. De ambas as partes se derramava sangue; peleijavão os Mouros por necessidade, os nossos por officio; e como erão melhores no valor, e disciplina, entrárão á náo, onde os Mouros, com ultima desesperação mais atrevidos, peleijavão como para acabar vingados, até que com a morte dos principaes, se rendêrão os outros. Ao Janizaro achárão atravessado de muitas feridas, o qual Luiz de Almeida mandou passar á sua caravela, e curar com resguardo. A outra náo rendeo Payo Rodrigues de Araujo com leve resistencia. Depois deste feito, se detéve Luiz de Almeyda naquella paragem os dias de seu regimento, nos quaes tomou algumas embarcações de mantimentos, que hião bastecer o exercito, fazendo varar outras em terra, com que se conheceo alguma falta na provisão do Campo; e logo entrou em Diu com as náos da preza, e os Mouros enforcados nas vergas, dando estranho pezar ao Campo tão lastimosa vista. Rumecão offereceo pelo Capitão Janizaro, que (como dissemos) lhe era conjunto em sangue, trinta e dous mil pardaos de ouro; porém D. Alvàro mandou que o enforcassem, porque não viera a vender sangue, senão a derramallo: que dos Mouros não queria outro despojo, que as cabeças. Espantou a Rumecão a ira, aos Turcos o desprezo, e por não ter D. Alvaro embainhada a espada dos seus, em quanto não chegava a batalha, mandou alguns navios de Baçaim, e Chaul tomar as Gelvas que bastecião o inimigo; o que fizerão tão ditosamente,

que preárão quatorze, trazendo pelas vergas os Mouros enforcados, de que já era menor o sentimento, que o espanto, vendo que não tinha a cólera, e vingança dos nossos, piedade, ou limite.

Entretanto D. João de Castro, resolvendo comsigo dar a el Rei de Cambaya hum castigo, de cujo exemplo resultasse nos Principes da Asia a paz, e reverencia do Estado, quiz primeiro palpar, ou satisfazer aos juizos de fóra, para que os que approvassem o intento, achasse doceis na execução de seu mesmo conselho. Para este effeito chamou a si o Governo da Cidade, Ecclesiastico, e Secular, com os Fidalgos, e soldados de nome, aos quaes declárou o animo com que estava de ir descercar pessoalmente a Diu, e dar a Rumecão batalha em seus alojamentos; que dado que todos o sabião como particulares, lho queria certificar em commum, para que na approvação da República, levasse como parte da victoria a justiça da causa. Ouvido o Governador, agradecêrão todos em primeiro lugar a modestia de se querer subordinar Ministro independente, logo o fervente zelo, com que queria em serviço da Patria sacrificar a vida sobre o sangue ainda fresco de seus proprios filhos. Chegados a votar na materia, discorrêrão com sentimentos differentes. D Diogo de Almeyda Freire, Capitão Mór de Goa, a quem os annos, e os casos da guerra tinhão dado experiencias largas, fallou desta maneira.

« As pequenas forças, que hoje temos, são for» midaveis a nossos inimigos, em quanto as não » conhecem, porque toda a Asia avalia nosso po-

» der pelas victorias, mais que pelos soldados, de
» sórte que só a fama das cousas passadas nos con-
» serva as presentes. Tem V. Senhoria junto nesta
» armada todo o poder da India, com que apenas
» podemos contar dous mil Portuguezes, e tenta-
» mos estremecer o mundo com brado tão pequeno.
» Esta arvore do Estado, de cujas ramas pendem
» tantos troféos ganhados no Oriente, tem as rai-
» zes apartadas do tronco por infinitas legoas, con-
» vem que a sustentemos, arrimada na paz de
» huns, e no respeito dos outros. Nunca podemos
» responder ao que se espera de nossas forças juntas,
» porque huma victoria pouco nos acredita, e hum
» só estrago nos acaba. Temos a nossa Fortaleza
» soccorrida; de que serve em huma chaga já cura-
» da, esperdiçar o remedio das outras? Que nova
» prudencia nos ensina aventurar em huma só ba-
» talha, o que se tem ganhado em tantas victorias?
» Temos poder para nos conservar inteiros, não
» temos forças para nos reparar perdidos. Nenhum
» grande soldado deo batalha campal senão necessi-
» tado, porque o destroço costuma ser igual, só
» fica com o victorioso o campo, e a fama inutil.
» De Diu não queremos, nem podemos ter mais
» que a Fortaleza; pois com que furia cega torna-
» mos a comprar com nosso sangue, o mesmo de
» que somos senhores? Que novos povoadores te-
» mos para habitar a Ilha? De que parte do mun-
» do podemos trazer outros, que deixem de ser
» Mouros, ou Gentios, de fé tão incerta com o
» Estado, como estes que agora nos offendem?
» Vamos a peleijar com Turcos, e com Mouros

» superiores em numero, iguaes em armas, e dis-
» ciplina; se tivermos hum successo adverso, não
» temos salvação, porque a terra he sua; se o
» alcançarmos prospero, nenhum fructo tiramos da
» victoria. Com armas navaes conquistámos a In-
» dia; com ellas a havemos de conservar, porque
» temos a vantagem dos vasos, e da marinharia.
» Se não queremos vencer, senão em batalhas,
» arrazemos as nossas Fortalezas, derribemos os
» muros das Cidades. Se me dizem que he honra
» do Estado, arruinar por huma offensa hum Rei-
» no, já estivéra despovoado o Oriente, se todos
» os que nos fizerão guerra, recebessem o ultimo
» castigo. Por ventura accusaremos a Affonso de Al-
» buquerque, porque depois de soffrer tantas hos-
» tilidades, e enganos dos Reis, e Governadores
» do Ormuz o não deixou abrazar? Perderá aquel-
» la grande fama, que mereceo na terra, porque
» nas offensas, e cavillações do Çamorim, não
» deixou o Malabar destruido? Maculará Nuno da
» Cunha aquelle illustre nome, porque depois das
» traições de Badur, não fez guerra a Cambaya?
» Iremos destruir ao Turco, pelo atrevimento,
» com que cercou o seu Baxá a nossa Fortaleza?
» Aprestaremos nossas armadas contra o Achém,
» porque tantas vezes nos assaltou Malaca? Mette-
» remos a fogo, e sangue este Hidalcão, por nos
» tolher cada dia os mantimentos, e inquietar as
» terras de Bardés, e Salsete? Que desesperação nos
» arrastra, a offerecer a garganta do innocente
» Estado ao cutello inimigo? Esta armada tão es-
» pantosa nas apparencias, e no poder tão debil,

» he freio a Rumecão, aos nossos muro: porém
» desembarcados em terra estes poucos soldados,
» abrirá o Oriente os olhos ao segredo de nossas
» forças, e todos estes Principes trabalharão por
» romper a fraqueza das prisões, em que os temos
» atados. Gloria foi do Imperio Romano, vencer
» muitas batalhas Quinto Fabio Maximo, depois
» foi salvação escusar huma. Os primeiros Conquis-
» tadores nos fizerão a casa, a nós só toca o con-
» servalla. Se na oppugnação de Diu perdeo o ini-
» migo hum exercito, que falta a esta facção para
» victoria? e que para castigo? A offensa intenta-se
» com forças iguaes; a vingança com muito supe-
» riores; porque não se ha de ir satisfazer hum
» aggravo com risco de nova injúria. Mormente
» que em nada tem a fortuna maior imperio, que
» nas cousas de guerra; alcanção-se muitas vezes
» as victorias por leves accidentes, e por outros se
» perdem. Será pois justo deixar na contingencia
» de hum successo o Sceptro Oriental, com espan-
» to, e enveja das gentes fundado sobre tantas
» victorias? Se perdemos esta armada, onde está
» junto todo o poder da India, que thesouros pou-
» pados tem Sua Alteza para nos mandar outra?
» Começaremos a rogar, ou a conquistar de novo
» os Principes da India; tornaremos á sua infancia
» este Imperio já encanecido; viveremos na corte-
» sia das Coroas que temos offendido, ficando crea-
» turas miseraveis daquelles de quem somos se-
» nhores. »

As razões de D. Diogo de Almeyda satisfizerão aos de sua opinião; abalárão os que tinhão outra.

Porém D. João de Castro, seguro na resolução tomada, discorreo em contrario, dizendo, que nenhuma Nação dominante se satisfazia com a guerra defensiva entre seus inferiores; que o Estado se fizera no Oriente arbitro da paz, e da guerra, buscando os mais dos Principes da Asia nossa sombra para viver seguros; que todas as Fortalezas, que tinhamos na India, se conservavão com as mesmas armas, com que forão ganhadas; que o respeito, que nos tinhão os Mouros, e Gentios, não duraria mais, que até saber que podiamos soffrer huma injúria; que todos estes Principes estavão attentos ao castigo de Cambaya, e não ousárão até agora ajudalla com forças auxiliares, temerosos de poderem cahir sobre suas ruinas; porém se vissem que nos contentavamos com reparar os estragos de nossa Fortaleza, e atar as feridas que nos tinhão aberto, as tornarião a rasgar de novo, encaminhando o segundo golpe ao coração do Estado; que a reputação era alma dos Imperios; o soffrimento nos particulares, virtude, nas Coroas, ruina: que tinhamos perdido neste cerco tantos Fidalgos illustres, tantos Cavalleiros, e soldados de nome, que cobririão os vivos, como sinaes infames, as feridas que recebêrão nesta guerra, se as não vissem vingadas; que ficava que contar ao Mundo deste cerco, senão a paciencia com que o tolerámos? Que o Estado mais se assegurava com a fama, que com todas as drógas do Oriente; as quaes só erão de preço, quando as recebiamos, não por commercio, senão como tributo; que, ultimamente, não queria, que a primeira fraqueza de nossas armas acontecesse

nos dias de D. João de Castro; que elle estava resoluto a peleijar, a culpa seria de hum só, a victoria de todos. Referio o Governador estas palavras com hum espirito presago do triunfo antevisto, ou da esperança do successo, ou da grandeza do animo.

Em Diu não estavão ociosas as armas, porque Rumeção valeroso, e constante, não o assombravão os damnos recebidos, nem os soccorros esperados dos nossos. Sabia o poder, com que o Governador vinha em pessoa, ainda estimado por maior na fama, que na apparencia; mas nem assim dobrou da resolução de proseguir o cerco, esperando a ultima fortuna. Mandou minar a guarita de sobre a porta, em que estava Antonio Freire, e ainda que se trabalhava com estranho silencio, divertindo a attenção dos nossos com ardís differentes, o Capitão Mór, a quem nenhum caso, ou accidente achava descuidado, lhe penetrou a obra, á qual contrapôz os mesmos reparos, que outras vezes. Derão os Mouros fogo á mina em dez de Outubro, a qual rebentou sem damno pela face de fóra, retrocedendo o fogo por achar resistencia nos repuxos, e virão os Mouros por dentro outra parede levantada, espantados de que anteviamos os fins de todos seus desenhos, não lhes valendo a força nem a industria contra tão valerosos, e prevenidos inimigos. Rumeção ainda que experimentava que nas minas era menor o fruto, que o trabalho, ou por cansar os nossos, ou por ter os seus em boa disciplina, começou a abrir outras, que sendo tambem conhecidas se atalhárão, as quaes

não referimos, porque não involvêrão successo memoravel, como por evitar o fastio de relatar cousas tão parecidas.

# LIVRO III.

## ARGUMENTO.

Parte o Governador para Diu; com que armada, e Capitães. Chega a Baçaim, e faz guerra a Cambaya. Lourenço Pires o vai buscar, e outros Fidalgos. Damnos que faz D. Manuel de Lima em Surrate. Assola a Cidade de Antote, e outros lugares; e recolhe-se. Chega o Governador a Diu. Faz conselho no mar. Mette gente na Fortaleza. Discurso de Rumeção. Que exercito tinha, e como o dispoem. Resolve o Governador dar batalha. Ordem que deo á armada. Faz outras prevenções. Falla aos soldados. Ordem em que os pôz. Comette a armada a terra: Acode alli Rumeção. O Governador sahe da Fortaleza. Brio lastimoso de tres soldados. Desafio estranho. Que fez D. João Mascarenhas. Que fez D. Alvaro de Castro. Perigo do Governador na ponte. Livra por milagre. Acclama victoria, e prosegue-a. Que diz de Lourenço Pires. Oppoem-se Rumeção. Peleija o Governador pessoalmente. Estancias dos Inimigos ganhadas, e por quem. Rumeção se forma no campo raso. O Governador, e seu filho o envestem. D. Alvaro o rompe. Torna Rumeção a fazer

rosto. Perigo, e constancia de D. Alvaro. Arvora Fr. Antonio do Casal hum crucifixo. Animão-se os nossos. Rumecão se retira, e D. Alvaro entra na Cidade. Ajunta-se-lhe D. Manoel de Lima, e D. João Mascarenhas. Offerece Rumecão nova batalha. O Governador o desfaz. Alcança-se a victoria. Morre Rumecão. Varia estimação do numero dos inimigos. Parabens da victoria. Despojos della. Saco da Cidade. Favor Divino, que nos assistio. Quantos Mouros morrêrão. Nossos mortos, e feridos. Reedifica o Governador a Fortaleza. Empenha para isso os cabellos da barba. Os Cidadãos de Goa lhos tornão. Hoje se conservão. Continúa a obra da Fortaleza, e a guerra de Cambaya. D. Manoel de Lima a faz. Vai á Cidade de Goga, que saquea, e abraza. Embarca-se, e periga. Destroe Gendar. Recolhe-se a Diu. Deixa D. João Mascarenhas a Praça. D. Manoel de Lima se offerece a ficar nella. Toma Antonio Moniz algumas náos. Vingança barbara del Rei de Cambaya. Avisos de Ormuz. Descripção de Baçorá. Os Turcos se fortificão nella. Vai D. Manoel de Lima para Ormuz; e D. João Mascarenhas torna a ficar em Diu. O que delle escreve o Governador a seu filho D. Alvaro; e a el Rei de todos. Deixa naquella costa a D. Jorge. Embarca-se para Goa. Chega, e he visitado no mar. Decreta-se-lhe triunfo. Fabrica delle. Entra o Governador. Hum Veriador lhe faz pratica. Recebem-no com paleo. Ordem do triunfo. Vai á Sé. Reconhece a Deos por Author de suas victorias.

## LIVRO III.

Aos dezasete de Outubro deste anno de mil quinhentos quarenta e seis, entregando D. João de Castro o governo da Cidade ao Bispo D. João de Albuquerque, e a D. Diogo de Almeida Freire, soltou as vélas em direitura a Baçaim, onde quiz esperar alguns soccorros, e mantimentos, que vinhão retardados, porque fez opinião de não estar o Governador da India em Diu hum só dia cercado, querendo com a felicidade de Cesar, chegar, vêr, e vencer.

Constava a armada de doze galeões grossos, de que era Capitania S. Deniz, em que hia embarcado o Governador; dos outros erão Capitães Garcia de Sá, Jorge Cabral, D. Manoel da Silveira, Manoel de Sousa de Sepulveda, Jorge de Sousa, João Falcão, D. João Manoel Alabastro, Luiz Alvares de Sousa. Os navios de remo erão sessenta, de que erão os principaes Capitães D. Manoel de Lima, D. Antonio de Noronha, Miguel da Cunha, D. Diogo de Sottomaior, o Secretario Antonio Carneiro, Alvaro Peres de Andrade, D. Manoel Déça, Jorge da Sylva, Luiz Figueira, Jeronymo de Sousa, Nuno Fernandes Pegado o Ramalho, Lourenço Ribeiro, Antonio Leme, Alvaro Serrão, Cosme Fernandes, Manoel Lobo, Francisco de Azevedo, Pedro de Attayde Inferno, Francisco da Cunha, Antonio de Sá o Rume, Cosme de Paiva, Vasco Fer-

nandes, Tanadar Mór de Goa, Cabo de quinze fustas, cotias, e tauris, em que hião os Canarins de Goa, e outros navios de Canánor, e Cochim.

Em seis dias afferrou Baçaim, vindo buscal-lo ao navio D. Jeronymo de Menezes seu cunhado, Capitão Mór daquella Fortaleza, consolando-se reciprocamente hum na morte do irmão, outro do filho. E porque o Governador não queria ter ociosas as armas, despachou D. Manoel de Lima com seis navios ligeiros, para que na anseada de Cambaya fizesse algumas prezas nos navios, que soccorrião, ou bastecião o Campo do inimigo. Naquella paragem andou alguns dias, em que tomou sessenta cotías de Mouros com mantimentos: mandou espedaçar os córpos, e trazidos á toa, os soltou nas boccas dos rios, pára que a corrente os levasse á Ilha, onde fossem vistos com horror, e espanto, de que a ira dos Portuguezes inventasse cada dia crueldades novas. Acabado o tempo do regimento, se recolheo D. Manoel com sessenta Mouros pendurados nas vergas dos navios; espectaculo mais grato á vingança que á humanidade. O Governador, alegrando-se com estes ensaios da guerra que emprehendia, tornou a mandar D. Manoel de Lima com trinta navios, e instrucção, que todo o maritimo de Cambaya puzesse a ferro, e fogo, para que a memoria do castigo durasse nas ruinas.

Lourenço Pires de Tavora, Capitão Mór das náos do Reino (como temos referido) aportou em Cochim com os mais navios de sua companhia, e achando ahi novas do cerco, partio a Goa com toda a diligencia, crendo que acharia o Governador

O

em terra; e sabendo que se tinha levado toda a armada, róta batida foi demandar Diu, antepondo o serviço Real aos interesses da viagem, cujo exemplo seguirão muitos Fidalgos Reinoes, sendo a primeira terra, que pisárão da India, as ruinas da nossa Fortaleza. Entre os quaes passou D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rei D. Garcia com sessenta soldados á sua custa: que estas erão as riquezas, que os Fidalgos daquelle tempo hião buscar ao Oriente, porque erão então melhores drógas as feridas, que agora os diamantes. Nestas náos teve o Governador Cartas do Infante D. Luiz, que referiremos, porque se veja a attenção com que o Rei, e o Infante olhavão as acções mais pequenas dos ministros, fazendo dellas acertado juizo, para lhes responder com premio, ou castigo; e a singeleza do trato, tão alheio da soberania, ou altivez de outros tempos: e não será para os saudosos daquella idade, prolixa esta memoria.

## CARTA DO INFANTE D. LUIZ.

« Honrado Governador, pelas Cartas que es-
» crevestes a el Rei meu Senhor, e a mim, vi o
» discurso de vossa viagem depois de partido de
» Moçambique até chegar á India, e o que nella
» fizestes até a partida das náos, e o estado em que
» achastes a terra, e a condição dos homens, e
» devassidão dos tratos, e a fraqueza da armada,
» e como vos houvestes com o Hidalcão nas cousas
» do Meále, e assim nas cousas de Ormuz, e com

» os Fidalgos que tinhão licenças de Martim Affon-
» so, para levarem lá drógas, e tudo mais que
» por vossas Cartas dizeis. E porque el Rei, meu
» Senhor, vos responde a todas estas cousas em
» particular, o não farei eu, senão em somma.
» E porém não deixarei de dizer, quanto me as-
» sombrou cá em terra o perigo, que passastes a
» travez da Ilha do Comaro, porque verdadeira-
» mente foi acontecimento mui grande, e teme-
» roso, e porém eu o tomo como por boa estrea,
» porque me parece, que vos quiz nosso Senhor
» mostrar nisto, que vos ha de salvar dos perigos
» da terra da India, para que he necessario tan-
» to milagre como usou comvosco, em vos sal-
» var de tamanho perigo, pelo que eu lhe dou
» muitas graças, e folguei de saber, que D. Je-
» ronymo de Noronha vos teve companhia neste pe-
» rigo, pois nosso Senhor tambem o salvou a el-
» le, e he cousa de homem tão honrado, como
» elle he, participar dos perigos, e trabalhos de
» seu Capitão. Quanto ás mais cousas, que me
» escreveis, porque el Rei, meu Senhor, vos
» responde a todas em particular, e eu fui pre-
» sente ás mesmas respostas, não me pareceo acer-
» tado tornar-vo-las a referir, porque por suas Car-
» tas vereis o contentamento, que tem, de co-
» mo nessas partes o começais a servir, e a boa
» opinião que a gente tem de vós, o que particu-
» larmente vos manda, que façais em cada cousa.
» O que vos eu disto mais posso dizer, he que es-
» tou mui contente do modo que levais nas cousas
» dessa terra, e do que nella fazeis, e dizeis,

» porque bem se mostra nisto, que o passar tantos
» climas, vos não mudou de quem ereis, e da
» conta em que vos eu sempre tive, porque vos
» não contentais de mostrar isto assim por obras,
» mas além disso, vos ides sempre penhorando
» com palavras de demonstrações a fazer o mesmo:
» o que eu tenho por mui certo, que vós fareis
» sempre inteiramente, quanto humanamente se
» puder fazer. Do modo que escrevestes a Sua Al-
» teza não estou menos contente, porque vierão
» vossas Cartas mui bem ordenadas, e nellas todas
» as cousas necessarias, e nenhumas superfluas;
» e bem se vê nellas o mesmo, que acima digo,
» e que entendeis as cousas, e que tendes zelo,
» e desejo de as fazer sem respeito temporal de
» amor, nem interesse; o que muito folgo de vos
» ouvir, porque ainda que eu tenho por certo,
» que o fareis assim, parece huma grande abun-
» dancia de coração, e de virtude, que nelle ten-
» des, folgardes tanto de o dizer; pelo que eu
» espero em nosso Senhor, que vos ha de cumprir
» vossos bons desejos, e que vos ha de trazer des-
» sa terra com muito vosso contento, e honra;
» porque não póde deixar de succeder isto, a quem
» nenhuma cousa procura, senão o serviço de
» Deos, e de seu Rei: e ainda que vos isto ha de
» custar grandes trabalhos, lembro-vos que nelles
» está o merecimento das cousas; que a Christo
» Senhor nosso conveio passallos para entrar na
» sua gloria, e se vos parecerem as cousas difficeis,
» lembre-vos que estas são as em que Deos poem
» a mão, e o que ajuda a quem o serve nellas com

» a tenção com que vós o fazeis, e os homens não
» podem pôr mais de sua casa que a vontade, e a
» diligencia; e por isso S. Paulo não attribuia a
» si, mais que o plantar das cousas, porque Deos
» ha de dar o incremento, e assim o dará elle em
» todas vossas cousas, como as plantardes com o
» zelo, que eu confio que vós tendes em todas;
» e por isso vos não espantem as grandes, nem te-
» nhais em pouco as pequenas; fazei igual ponde-
» ração, e os fins dellas remettei-os a nosso Se-
» nhor: e posto que algumas vos não sáião como
» desejais, nunca entre em vós desconfiança, em
» quanto fizerdes as cousas com justo zelo, e lim-
» pa tenção, porque muitas vezes permitte nosso
» Senhor aos que o mais servem, que fação er-
» ros, para que mereção na paciencia, e na con-
» fiança delle, e se espertem mais nas cousas, e
» se accrescentem em maior perfeição. Fazei jus-
» tiça, como a entenderdes, tomando sempre
» conselho, e parecer nas cousas, como fazeis;
» conservai-vos na limpeza de vossa pessoa, que
» usais ácerca dos combates dos gostos temporaes,
» e interesses dessa terra, e com isto venha o que
» vier, porque tudo será para bom fim. Nas cou-
» sas, que tocão ao culto Divino, na conversão
» dos infieis, vos esmerai muito, porque estas
» são as armas que principalmente hão de defen-
» der a India. Procurai de lançar dessa terra as
» despezas sobejas dos homens, e as branduras,
» e delicadezas de que usão; e os vestidos, e pa-
» ramentos de casas que tratão, dispondo-os pa-
» ra estas cousas branda, e suavemente com o ex-

» emplo, que lhes dais, e de vossos filhos, e
» com fazer favor, e mercê aos que usão do con-
» trario; e se estas cousas não puderdes emendar,
» não vos espanteis disso, porque as que se dam-
» não com tempo, com tempo se hão de tornar a
» emendar, e não se pódem remediar de improvi-
» so; por isso ide continuando com vosso bom
» proposito, e fazendo as cousas segundo a dis-
» posição do tempo, e o sujeito das pessoas em
» que haveis de obrar, que com isto espero em
» nosso Senhor, que encaminhe todas as vossas
» cousas a seu serviço, e ao del Rei, meu Se-
» nhor, e á vossa honra, como desejais. Quan-
» to ao que me dizeis, que procure que vossa es-
» tada seja lá breve, bem vejo que tendes muita
» razão de o desejar assim, e me parece que se
» não póde tratar até não ver as vossas Cartas, que
» este anno embora virão, e por isso deixo a re-
» posta deste ponto para o anno, que embora vi-
» rá. E ácerca do que me escreveis de D. Alvaro
» vosso filho, eu fallei a Sua Alteza naquelle ne-
» gocio, e Sua Alteza o conhece bem, e está
» bem informado das qualidades de sua pessoa, e
» deseja de lhe fazer honra, e mercê; e porém
» por algumas razões, que Sua Alteza vos manda
» escrever, e porque este anno escreve, que não
» manda lá nenhum despacho, houve por bem
» deferir este para responder a elle o anno que
» vem, e por entretanto lhe manda fazer a mer-
» cê, que vereis por suas Provisões: a mim me
» fica mui bom cuidado de lhe lembrar tudo o que
» a vossos filhos toca, espero em nosso Senhor

» que se faça de maneira, que elle receba honra, » e mercê de Sua Alteza, como vossos filhos, a » quem deseja fazer o que vós lhe mereceis; e » podeis ter por certo, que Sua Alteza está em » mui verdadeiro conhecimento da vontade com » que servís, e mui contente do modo, que o » tendes feito até aqui. Eu fallei a sua Alteza em » Affonso de Rojas, e por vosso respeito lhe fizé- » ra logo a mercê, que lhe eu pedi, mas porque » (como digo) manda dizer ás pessoas que andão » na India, que este anno não manda lá nenhum » despacho, deferio o de Affonso de Rojas para » o anno que vem, e diz que para então lhe fará » mercê. Eu terei cuidado, se a Deos aprouver, » de vos mandar a Provisão, e folgo eu muito das » boas novas, que me dais de Affonso de Rojas, » e de crêr he, que sendo irmão do mestre Olme- » do, e estando em vossa companhia, não póde » deixar de ser homem de bem. O que me man- » dastes nás náos que vierão, me foi dado, e » com tudo folguei, por ser cousa que veio da » vossa mão, agradeço-vo-lo muito. Escrita em » Almeyrim, a vinte seis de Março de mil quinhen- » tos quarenta e sete. »

O Infante D. Luiz.

Partido de Baçaim D. Manoel de Lima, entrou de noite o rio de Surrate, e sobindo por elle com a maré, avistou huma Povoação grande, que ainda que não era habitada de Abexins, tinha delles o nome. Estava a Povoação da banda de Levante, derramada em huma estendida planicie, e

ainda que o lugar era aberto, tinha dous mil visinhos, que asseguravão a defensa com algumas trincheiras, sem outra fortificação, fiados quiçá em que os seus nesta guerra erão os invasores, e nas espaldas, que lhes fazia o exercito que tinhão na campanha. Sahio D. Manoel em terra, e os nossos com a mesma ordem, com que desembarcavão, hião envestir o inimigo, mais valerosos, que disciplinados. Os Mouros tiverão animo para esperar, não para resistir, menos assombrados do temor dos nossos, que do horror de seus primeiros mórtos, cujo sangue os intimidou de maneira, que voltarão as cóstas. Perecêrão muitos na fugida, poucos na resistencia; foi o estrago grande, porque não perdoou a espada dos soldados a sexo nem a idade. Mandou D. Manoel pôr fogo ás casas, abrazárão-se fazendas, e edificios. O furor desprezou a cobiça; mandou cortar as mãos a hum só Mouro, que deixou com vida, para que não levasse novas sem sinaes da victoria.

Sahio do rio a armada, e costeando dous dias, houve vista da Cidade de Antote, conhecida pela soberba dos edificios, e riqueza de seus habitadores grossos com o commercio maritimo. Estes prevenidos com o estrago alheio, resolvêrão-se a defender suas casas, ou morrer dentro nellas; tão iguaes andão na estimação com a vida estes bens da fortuna. Tomou D. Manoel terra, ainda que não sem sangue, porque os Mouros vierão esperar os nossos, mostrando-se na resolução soldados, mas não na disciplina, porque divididos em magotes, acomettião aos nossos com tiros vagos, e incertos, descobrin-

do o mesmo temor na resistencia, que depois na fugida. D. Manoel os foi levando até os encerrar na Cidade, onde a vista das mulheres, e filhos os fez deter piedosos. Aqui pareceo aos nossos, que tinhão inimigos, porque peleijavão com amor de pais, tibios em defender as proprias vidas, valentes em amparar as alheas; mas como o valor não era natural, e nascia de affectos piedosos, ou cobardes, cedeo a piedade ao temor, deixando-nos a Cidade, os filhos, e a victoria. E como D. Manoel hia mais a destruir, que a vencer, deo a Cidade ao fogo. A crueldade sobejou ao estrago, porque a muitas donzellas Bramanas, na côr, e formosura, como as da nossa Europa, não perdoou a victoria, eximindo-as da culpa o sexo, o parecer da espada.

Foi D. Manoel de Lima assolando os Lugares da cósta por toda aquella anseada de Cambaya, fazendo taes estragos, que o não fartava o sangue, nem a victoria. Em fim se recolheo com mais gloria que despojos, e achou o Governador já na Ilha dos Mórtos com toda a armada junta, com a qual no seguinte dia, que forão seis de Novembro, se fez na volta de Diu; hião os navios boiantes, cheios de flamulas, e galhardetes, dando de si huma formosa vista.

Tanto que da Fortaleza descobrirão a armada, foi o contentamento universal de todos, como os que depois de tantos diluvios de sangue, vião quem lhes levava a paz, pela victoria. Embandeirou-se a Fortaleza toda, vestindo-se de alegria as postradas ruinas. Mandou o Capitão Mór desparar a

artelharia. O Governador lhe respondeo do mar com huma espantosa salva, a que succedêrão os instrumentos musicos, e guerreiros das trombetas bastardas, solemnisando com alegres vesperas hum temeroso dia. Os Mouros tambem desparavão muitas peças, mostrando da chegada do Governador alegria, ou desprezo.

Ficou D. João de Castro no mar aquella noite, donde mandou chamar ao seu navio o Capitão Mór, Garcia de Sá, Manoel de Sousa de Sepulveda, Jorge Cabral, e outros Fidalgos de conselho; aos quaes significou a resolução com que vinha de peleijar, sobre que não queria parecer alheio; que o Governador da India não desembainhava a espada para se defender, senão para castigar; que no modo de cometter o inimigo, o aconselhassem todos. Garcia de Sá lhe approvou, e louvou a resolução tomada, apontando razões, que ao Governador forão mui gratas, pela pessoa, e pelos fundamentos. Sobre a fórma de peleijar se discorreo, e assentou modo, que se teve encouberto até a execução. Ordenou que se mettesse a gente na Fortaleza no silencio da noite, e em quanto desembarcava, com musicas, instrumentos, e tiros dos navios, occultar a Rumecão o intento. Em tres noites passou a gente á Fortaleza por escadas de corda: o que se obrou tão cautamente que o não pode entender o inimigo.

Rumecão mostrando-se mais ousado no perigo visinho, disse aos seus, que se o Governador quizesse peleijar na campanha, entrarião os Mouros na Fortaleza pelas portas, e não pelas muralhas; que

com as bandeiras Portuguezas esperava varrer a casa do Profeta; que peleijavão pela liberdade de tantos Principes, que gemião opprimidos do peso da servidão, e tributos; que poupassem o valór para vingar injúrias de muitos annos em hum só dia; que com o peso de tantas victorias já não podia o Estado; que ordenava a fortuna trazellos juntos, para os acabar de hum só golpe. Esforçou estas arrogancias o Turco, com mandar que a todos os soldados se dobrassem as pagas. Passava de quarenta mil homens o exercito; erão os mais dos Cabos Turcos, soldados velhos, chamados com avantajadas pagas, a quem a famá do valor fizéra conhecidos. Havião chegado de refresco ao Campo setecentos Janizaros, que quizerão, com soberba, militar separados, como para verem os Mouros, quem lhes dava a victoria. Guarneceo Rumecão as estancias, e pôz o grosso do exercito nas partes onde lhe pareceo, que poderia pojar a nossa armada, sem que a confiança lhe fosse impedimento á disciplina. Desta sórte esperou a invasão dos nossos, á resistencia prompto, e na batalha incerto.

Tendo o Governador recolhido na Fortaleza já todos os soldados, achou sobre acometter o inimigo opiniões diversas; e como as razões de huns, e outros cahião sobre a contingencia do successo, não se podia escolher, nem reprovar, sem o conhecimento do futuro a todos escondido. Garcia de Sá com authoridade dos annos, do valor, e do sangue, discorreo outra vez sobre conveniencias da batalha; mas D. João de Castro, mandando guardar silencio a todos, disse, que a sórte estava já

lançada; que dos valerosos seria bem julgada, dos fracos não queria approvação, e os de fóra esperarião o successo para fazer juizo. Aquella tarde gastou em dispôr os soldados para o seguinte dia, para que a dilação não alterasse os animos, ou a resolução. Ordenou que os bateis da Armada esperassem signal com tres foguetes da Fortaleza, para que no mesmo tempo, que os nossos determinassem sahir, fossem remando contra aquella parte onde o inimigo se temia, tocando todos os instrumentos de guerra, fingindo todas as demonstrações de saltar em terra, mettendo pelas perchas das fustas, muitas lanças, cuja vista daria apparencias ao engano; e a do Governador se daria a conhecer de longe, pelo lugar, e bandeira Real, e pelos atavios; simulação, que ou nos deo, ou ajudou a victoria.

Amanheceo o dia, em que se contavão onze de Novembro, dedicado á memoria do glorioso S. Martinho Bispo Turonense, que nos podia favorecer Santo, e ajudar Soldado. Com a primeira luz do dia appareceo o Governador no terreiro da Fortaleza com bastão de General, vestido de armas brancas com tanta magestade, que na pessoa se respeitava o cargo. Celebrou-se Missa em hum Altar patente a todos, para que ao Deos dos exercitos se pedisse a victoria. Commungou o Governador. e a maior parte dos soldados, e o Custodio dos Franciscanos publicou Indulgencia plenaria aos que morressem na batalha. Acabado este acto, mandou tirar as portas da Fortaleza, e guizar com ellas hum almoço aos soldados, para que a confiança do

General, e a desesperação de algum abrigo igualmente servissem á victoria, fazendo-lhes o peleijar preciso, por gloria, ou por necessidade; disse assim aos soldados: « Entramos em huma batalha, » onde vencidos, honraremos nosso Deos com o » sangue, vencedores, nosso Rei com a victoria. » A força do exercito inimigo, são Turcos, e Ja» nizaros, os quaes como soldados mercenarios, » buscão a guerra, aborrecem a peleija. A outra » parte se compoem de Nações differentes, o sol» do as obriga a estar juntas, mas não a estar con» formes. Não são estes mais valerosos que seus » pais, e avós, não serão mais felices: a todos » sujeitárão nossas armas. Este Imperio da Asia » he filho de nossas victorias, criâmo-lo em seu » primeiro berço, sustentemo-lo agora já robus» to, que depois de largas idades nos ha de mos» trar ao mundo com o dedo a fama deste dia. » Animar a batalha, fora esquecer-me que somos » Portuguezes. »

Nesta fórma tinha ordenado a gente. Deo a vanguarda a D. João Mascarenhas, devendo-se-lhe este maior perigo, como premio dos outros; aggregou-lhe quinhentos Portuguezes, seiscentos Canarins, quinhentos Naires. A D. Alvaro de Castro, outros quinhentos Portuguezes, ém que entravão todos os Fidalgos, e Capitães de sua armada. A D. Manoel de Lima outros quinhentos. O Governador ficou com os mais, que serião oitocentos Portuguezes com alguns Canarins, e Malabares.

Os Mouros cada dia engrossavão o campo, e

de refresco tinhão chegado Alucão, e Mojatecão com cinco mil soldados. Mandou o Governador fazer sinal á Armada com os foguetes; o qual conhecido, partio á voga arrancada, e arrimandose á praia, desparou a artelharia toda nas estancias dos Mouros; escondeo a fumaça os navios por hum espaço largo, com que o inimigo não acodio ao que havia de temer, senão ao que temia, sollicito no perigo imaginado, descuidado no certo. Rumecão com o grosso do exercito, carregou áquella parte do mar a impedir a desembarcação aos nossos. O Governador sahio a este tempo da Fortaleza com escadas prevenidas para encostar ao muro. D. João Mascarenhas foi com os de sua companhia cingindo a cava, por subir por aquella parte, onde estava o baluarte de Diogo Lopes de Sequeira. Antonio Moniz Barreto, que hia nesta conserva, encomendou a sua escada a tres valentes soldados; estes forão os primeiros que ensanguentárão a victoria, sem que chegassem a vella. Tinhão vindo aquelle anno nas náos do Reino com Lourenço Pires de Tavora; erão naturaes da Villa do Torrão, e trazião Cartas a Antonio Moniz de sua Mãi, que lhos recommendava, ás quaes lhe derão estando para entrar na batalha; elle as recebeo alegre, dizendo aos soldados, que se livrasse com vida, lhes faria bons officios com o Governador; ao que elles respondêrão conformes, que só naquelle dia necessitavão de seu favor, que ao diante seus procedimentos lhes farião passagem: que lhe pedião lhes entregasse aquella escada, seguro de que a saberião arvorar, e defender com as vidas. Antonio

Moniz, vendo brios tão honrados em soldados humildes, lha entregou confiado, dizendo, fiava delles o credito, e a escada, a qual logo que levantárão com desgraçado valor, hum tiro cego lhes estroncou as cabeças.

Referirei hum estranho desafio, que deixára de escrever por lastimoso, senão fora tão illustre. D. João Manoel, e João Falcão, Fidalgos de muita opinião, andavão entre si mal avindos por desconfianças leves, que no juizo dos homens, vem a pesar aquillo em que se estimão. Tratárão de averiguar no campo estes desabrimentos, fazendo juiz desta porfia o valor, ou o caso. Os padrinhos, que entravão na contenda com mais livre juizo, reduzírão a questão a mais honrado duello, discorrendo que o Governador tinha a pique a jornada, e que o desafio, que sempre era delicto, seria agora escandalo, que pelo bando perdião as cabeças; e que D. João de Castro não era pai, ainda que o parecia; soffria culpas, mas não atrevimentos; que podião sanear as honras, onde arriscavão as vidas; concertando-se, que o que primeiro, e com maior valor sobisse o muro do inimigo, ficasse por melhor reputado na singular, e na commum batalha, inventando, com engenhoso valor, mortes com premios, desafios sem culpa. Satisfizerão-se da proposta hum, e outro inimigo; pedírão a parentes, e amigos lhes tivessem as escadas, como homens, que havião de peleijar pela honra do Estado, e pela sua. Começárão de sobir a hum mesmo tempo: D. João Manoel, lançando huma mão ao muro, lha levá-

rão de hum golpe; acodindo com a outra, também lhe foi cortada, soccorrendo-se dos cotos para ferrar o muro, com hum golpe de alfange lhe levárão a cabeça. João Falcão acometteo ao mesmo tempo o muro, e tendo-o já vencido, defendendo-se valerosamente, foi morto a cutiladas. Sobre qual destes dous contendores deo maiores próvas de valor, fizerão os soldados de brio juizos differentes; nós diremos, em beneficio de ambos, que não devia mais á honra, quem deo tudo por ella.

Começou D. João Mascarenhas com os seus a arrimar as escadas, sobindo muitos com tanta resolução, como fortuna, porque ainda que recebidos nas lanças, vencêrão a resistencia; estes comprárão a gloria de ser primeiros com o perigo de se achar sós no campo, tendo o peso dos Mouros em quanto lhes chegavão os companheiros. Os feitos de armas, que se obrárão nesta primeira escala, se deixárão conhecer da postura com que se combatia; pois os Mouros peleijavão firmes, e os nossos pendentes. D. Alvaro de Castro, e D. Manoel de Lima atravessárão o muro por differentes partes, recebendo na maior resistencia, maior damno. Perdêrão alguma gente em quanto peleijavão derramados, logo que se firmárão, derão lugar mais franco a que os seus sobissem.

O Governador achou no raso maior perigo, que teve na sobida, porque encaminhou logo á ponte, que estava defendida com hum grosso de gente, e muitas peças assestadas nella: a importancia de ganhalla era igual ao perigo. Cometteo-a

o Governador a risco aberto; o valor foi singular, o caso milagroso; porque chegando muitas vezes os Mouros o murrão ás peças escorvadas, nenhuma tomou fogo; successo para milagre, opportuno; para accidente, raro. Porém não quiz o Ceo toda a victoria, porque crecendo os Turcos na defensa da ponte com escopetas, panellas de polvora, lanças de arremeço, retardárão o impeto dos nossos. Alguns voltárão os rostos aos pelouros, quiçá para mostrar-nos Deos quanto valemos, deixados em nós mesmos; fugião os fracos, detinhão-se os valentes, porém D. João de Castro a nenhum inferior no esforço, maior que todos no acordo, com alguns que o acompanhavão, cerrou com o inimigo, bradando a vozes altas: Victoria, fogem os Turcos. Esta voz se derramou com tão felices éccos, que os nossos outra vez unidos, buscárão sua bandeira; e os inimigos timidos, ou crédulos, forão perdendo o campo, sendo esta voz do General a porta por onde entrou a victoria. Aqui fizerão os nossos estrago, como de vencedores, e o que era ardil, já parecia verdade. O Governador, sem perdoar instante á sua fortuna, foi atravessando o Campo, e como nem a victoria tem temeridades, nem o temor conselho, D. João cercado de quasi todo o exercito inimigo, se acclamou victorioso, fugindo por aquella parte os Mouros, sem damno, mas já desordenados. Em fim tivemos por seu lado a victoria, primeiro que a batalha. Entre os da companhia do Governador, se affirmou sem contradição, que fora elle o primeiro que cavalgára o muro, e deste feito não

achou testemunha contra si, mais que a si mesmo, que lisamente disse, que Lourenço Pires de Tavora primeiro afferrára o muro, não querendo o credito da fama menos averiguada, havendo por escusado furtar honra, quem sabia ganhalla.

Avisado Rumecão da desordem com que os seus fugião, acodio com hum grosso batalhão de Turcos a deter, ou estorvar a victoria, e como a vantagem do número era tão superior, retardando a furia dos nossos, igualou a batalha. Durou a porfia espaço largo. Foi derribada duas vezes a bandeira Real: o que vendo o Governador, bradou impaciente: que he isto Portuguezes? Tirão-vos das mãos a victoria? Tirão-vos a bandeira? E remettendo ao inimigo cuberto de huma adarga, em que trazia duas settas cravadas, com a voz, e com o exemplo animou os soldados de maneira, que com furiosa corrente, fizerão retroceder os Mouros, fugindo os ultimos com o terror dos primeiros.

D. Alvaro de Castro, e D. Manoel de Lima, feitos em hum só corpo, se fizerão envejar de seus soldados, e de seus inimigos. Acomettêrão a Alucão, e Mojatecão valentes Turcos, e Cabos principaes do exercito, que muito espaço lhes fizerão duvidosa a victoria. O sangue tingia as armas, tingia a terra; a vozeria dos Mouros estremecia o Campo, como perigo novo; o horror, e a confusão arrebatava os sentidos, de sórte, que muitos sentião as mortes, primeiro que as feridas: cedeo em fim ao valor o número, e os Turcos se retirárão com infinitos mortos, as estancias perdi-

das. D. João Mascarenhas acometteo a Juzarcão, ao qual ganhou o posto, com não menos valor, nem peior fortuna. Rumecão, não perdendo animo, nem acordo com a primeira desgraça, esperou a ultima, formando seus esquadrões no campo aberto, ou fosse necessidade, ou confiança, porque em tão numeroso exercito, mais se conhecia o temor, que a perda, e como he proprio nas desgraças accusar a fortuna, fez Rumecão suas expiações com vozes, e alaridos supersticiosos, que os nossos ouvírão, como para conciliar a indignação dos Astros.

D. João de Castro, não querendo perder hum só momento de tão formoso dia, juntou a si o pequeno exercito, e dando a vanguarda a seu filho D. Alvaro, arrostou o inimigo, que o esperou formado, e estendendo as pontas da mea lua, com que estava plantado, veio cingindo a nossa infantaria; porém D. Alvaro, como se quizera para si só a gloria deste dia, envestio o inimigo com tanta gentileza, que foi entre os seus o primeiro, que chegou a ferir os Mouros, comettendo, ou abrindo com espada, e rodela hum esquadrão cerrado. Sustentou o inimigo o campo na primeira envestida, mas não podendo soffrer o peso da batalha, começou a retirar-se com desordem. Os nossos rompendo de todo as fileiras turbadas, seguião mais, que destroçavão os inimigos rotos. Por esta parte se começou a declarar a victoria; mas Rumecão com hum grosso batalhão de Mouros, e Janizaros, fez aos nossos rosto, que derramados no alcance, ou desprezárão, ou esquecêrão a disciplina.

Aqui esteve D. Alvaro perdido, porque não podendo seus soldados resistir divididos, hião deixando aos inimigos o campo, e a victoria, sem que as vozes de D. Alvaro, e constancia com que peleijava, pudesse deter a huns, nem ordenar a outros; tão pendente está do mais leve accidente a fortuna da guerra. Fr. Antonio do Casal, de cujo valor religioso fazem os Authores memoria, com hum Crucifixo arvorado, começou com piedosas, e esforçadas razões, a reprehender, e animar os nossos, mostrando-lhes a imagem de Christo, exposta outra vez na Cruz, a segundas injúrias; aconteceo, que huma pedra perdida desencravou hum braço do Crucifixo, e lho deixou pendente, mostrando-se em huma mesma perspectiva o sagrado transumpto, aos filhos inclinado, aos infieis cahido. Os nossos com maior espirito nas injúrias do Ceo, que nas do Estado, mostrárão differente valor em differente causa, devendo mais á offensa de quem erão creaturas, que ao imperio de quem erão soldados. Subitamente se unírão conformes, e recobrando forças, mais forão os instrumentos da victoria, que os authores della. Rumecão se retirou desbaratado, e D. Alvaro baralhado com elle, entrou de envolta na Cidade, achando já maior estorvo nos mortos que cahião, que resistencia nos vivos, que senão defendião.

A este tempo chegou D. Manoel de Lima, tão valeroso no mar, como na terra; o qual pela parte que lhe tocou, rompeo o inimigo, até se juntar com D. Alvaro, e entrados na Cidade, fizerão cruel estrago nos Mouros, que rotos, e di-

vididos buscavão salvação na fugida, mais que na resistencia. Já o semblante da guerra mais parecia saco, que batalha; os nossos achavão Mouros, não achavão inimigos; muitos mettidos pelas casas roubárão suas mesmas fazendas, que occultavão, como furto á victoria; outros deixavão as armas, por fugir mais ligeiros. D. João Mascarenhas entrou por outra parte na Cidade, dando neste dia glorioso fim a tão illustre cerco.

O Governador ainda peleijava no Campo, sollicito da victoria dos seus, certo na sua, quando lhe chegou aviso, que a Cidade estava já rendida. Mas Rumecão, pondo tropeços á victoria, tornou a rebentar, como mina, com oito mil soldados, ordenando-se em forma de dar, ou esperar nova batalha; que era o poder tão grande, que das reliquias do seu estrago fez outra nova guerra. Sahião a este tempo da Cidade D. Alvaro de Castro, e D. João Mascarenhas, e D. Manoel de Lima a congratular-se da victoria com o Governador, quando vírão a Rumecão no campo com outro novo exercito. O Governador não querendo, que a suspensão parecesse temor, quasi com o mesmo alento da primeira batalha cometteo a segunda, ordenando tres esquadrões, os dous, que buscassem os inimigos pelos lados, e elle pela frente. Nesta ordem cometteo o inimigo, o qual mais desesperado, que constante, aguardou o primeiro impeto dos nossos; mas como peleijava já timido, e desconfiado, e os seus com cobarde, e forçada obediencia lhe assistião, com leve resistencia nos deixárão o campo. Bem que em todas

ás facções do cerco, e da batalha, se mostrou Rumecão tão valeroso, como disciplinado; mas nas adversidades merece-se melhor, do que se alcança, a fama.

Abrírão-se os Mouros pela frente, e o Governador, á maneira de rio impetuoso, cuja corrente tudo leva diante, quasi indefesos os foi desbaratando. Já no Campo se fazia estrago sem batalha; os Mouros parecião inimigos na fugida, e não na resistencia; e como os nossos acomettião algumas mangas, que se mantinhão inteiras, elles mesmos se desordenavão por remedio, fugindo huns dos outros com igual, ou mais certo perigo, que fugião dos nossos. Outros, por não parecer inimigos, arrojavão as armas, como instrumentos que nos podião acordar aggravo, ou vingança. Em fim naquella tragedia se representavão todos os affectos, de que o temor se veste. Rumecão vendo tudo perdido, vestindo huma pobre cabaya, se lançou entre os mortos, occultando-se á ira, e á victoria; porém huma pedra tirada de mão incerta, o livrou, com a morte, do triunfo. Muitos deste homicidio se fizerão authores, como já nos tempos de Galba, de quem quizerão ser mais os matadores, do que forão as feridas. E em nossos dias, e nosso mesmo Reino, vimos tambem hum caso nada desemelhante.

Advertidamente callei os casos particulares desta batalha, porque se não podem louvar huns, sem injúria de outros; só dos Cabos, e pessoas maiores démos breve noticia, por reverencia do lugar, e do sangue; de mais, que na confusão de

huma batalha, difficultosamente se podem particularisar accidentes com o rigor da verdade; e he certo, que aquelles, a cuja penna não escapárão os atomos do caso mais occulto, ou buscárão soccorros para a Historia, ou penetrárão os acontecimentos com vista mais aguda. Basta saber, que tão illustre empreza honrou naquelles tempos nossas armas, nestes nossa memoria; e creio, que em todas as facções da Asia, nos cercos não tivemos maior, nas batalhas não tivemos igual.

O número do exercito inimigo se não pode averiguar ao certo, porque com estimação desigual, huns o sobem a sessenta mil, outros disserão menos, e nem os Mouros, que ficárão cativos souberão formar juizo certo da gente que perdêrão. Mas de qualquer maneira, foi a desproporção tão notavel de hum poder a outro, que bastou a dar pelo Mundo hum espantoso brado; e nas Historias alheas achamos a victoria escrita com mais honrado applauso, do que em nossas memorias; e se a Patria imitára a gratidão do Imperio Romano com filhos benemeritos, déra a lêr ao Mundo as obras de D. João de Castro em sublimes Estatuas, que como annaes de bronze, fossem volumes públicos a todas as idades. Não achamos que respondessem os premios a seu merecimento, quiçá para o fazer maior, o alcançou nesta parte a desgraça dos varões excellentes; logrou porém, como premio de duração mais larga, a fama de seu nome. Os Principes da Asia com ambiciosas mensagens lhe derão emboras da victoria; a Camera de Goa o chamou Duque, ou fosse, que o advertia, ou que

o desejava. El Rei D. João o honrou com ó titulo de Visò-Rei da India, sendo do Estado quarto em tempo. Os outros premios devia dè os sepultar a mesma terra, que cubrio suas cinzas, ficando só sua posteridade hereditaria da gloria de tão grande ascendente.

Recolheo o Governador os despojos, que forão os Reaes, muitas bandeiras, e quarenta peças de artelharia grossa, em que entrava aquella, que hoje temos na Fortaleza de S. Gião, que do lugar, em que se ganhou ainda conserva o nome. Entregou a Cidade ao saco, sem reservar para si hum só ferro de lança, sempre das riquezas do Oriente desprezador constante. Desta, e outras virtudes nasceria affirmarem os Mouros, que fora o Governador assistido de algum poder Divino, porque sobre o tecto da Igreja vírão huma Donzella, cujos raios não podia soffrer a vista, cujo aspecto lhe enfraquecia os corações, com que deixavão as armas, huns tímidos, outros reverentes. Não temos este favor do Ceo por indigno de credito, se olhamos a piedade do General, a justiça da causa. Dos Mouros morrêrão cinco mil, em que entravão Rumecão, Alucão, Accedecão, e outros Turcos de nome; ficárão seiscentos cativos, que depois servírão ao triunfo; dos nossos faltárão trinta, forão quasi trezentos os feridos.

Poucos dias descançou o Governador nos ocios da victoria, porque entrou logo em cuidados molestos de reedificar, antes fundar, a Fortaleza desde a primeira pedra; obra, que a necessidade fazia precisa, o aperto impossivel, porque as despezas

de tão prolixa guerra tinhão apurado as rendas do Estado, e sobre ellas se havião feito empenhos, que só se podião remir com a paz de muitos annos, porém o Governador, sem se atar aos inconvenientes, começou a dar principio a nova fabrica, desenhando-a em fórma differente, que a antigua: porque a juizo de homens intelligentes, convinha estender o sitio, e engrossar o muro, fazer os baluartes mais visinhos, e lavrar armazens para recolher ás munições, e mantimentos em parte enxuta, em que se conservassem bem acondicionados, differentes dos outros, que pela humidade do terreno corrompião os bastimentos. Os materiaes não se podião comprar, nem conduzir sem pagas, e jornaes; pedreiros, piões, e architectos, pedião suas ferias. Não tinha o Governador baixellas, nem diamantes de que poder valer-se, assim recorreo a outros penhores, a que a fidelidade deo valia, a natureza não. Mandou desenterrar os ossos de seu filho D. Fernando, para fazer delles á Cidade de Goa hum nunca visto empenho: mas como a terra ainda tivesse o corpo mal gastado, cortou da barba alguns cabellos, sobre que pedio vinte mil pardaos á Camera de Goa, abrindo-lhe o amor da Patria huma estranha pórta, por onde não souberão entrar aquelles fidelissimos Decios, Curcios, e Fabios, de que Roma ainda hoje soberba, de entre as ruinas de seu Imperio lhe salvou a memoria. Acompanhava o penhor a seguinte Carta.

## CARTA QUE O GOVERNADOR D. JOÃO DE CASTRO ESCREVEO DE DIU A' CIDADE DE GOA.

« Senhores Vereadores, Juizes, e Povo da mui-
» to nobre, e sempre leal Cidade de Goa: os
» dias passados vos escrevi por Simão Alvares Ci-
» dadão desta Cidade, as novas da victoria, que
» me nosso Senhor deo contra os Capitães del Rei
» de Cambaya, e callei na Carta os trabalhos, e
» e grandes necessidades em que ficava, porque lo-
» grasseis mais inteiramente o prazer, e conten-
» tamento da victoria; mas já agora me pareceo ne-
» cessario não dissimular mais tempo, e dar-vos
» conta dos trabalhos em que fico, e pedir-vos aju-
» da para poder supprir, e remediar tamanhas cou-
» sas, como tenho entre mãos; porque eu te-
» nho a Fortaleza de Diu derribada até o cimento,
» sem se poder aproveitar hum só palmo de pare-
» de; de maneira, que não sómente he necessa-
» rio fabricalla este verão de novo, mas ainda de
» tal arte, e maneira, que perca as esperanças el
» Rey de Cambaya de em nenhum tempo a poder
» tomar. E com este trabalho tenho outro igual,
» ou superior a elle, aldemenos para mim muito
» mais incomportavel de todos, que são as grandes
» oppressões, e continuos achaques, que me dão
» os Lasquerins por paga, de que lhes eu dou mui-
» ta certeza, porque doutra maneira se me irião
» todos, e ficarei só nesta Fortaleza; o que será
» occasião de me vêr em grande perigo, e por esse

» respeito toda a India, como quer que os Capi-
» tães del Rei de Cambaya com a gente que ficou
» do desbarato, estão em Suna, que he duas le-
» guas desta Fortaleza, e el Rei lhes manda cada
» dia engrossar seu campo com gente de pé, e de
» cavallo, fazendo muitas amostras de tornar a
» tentar a fortuna, em querer dar outra batalha :
» para as quaes cousas me he grandemente neces-
» sario certa somma de dinheiro, pelo que vos pe-
» ço muito por mercê, que por quanto isto im-
» porta ao serviço del Rei Nosso Senhor, e por
» quanto cumpre a vossas honras, e lealdades,
» levardes avante vosso antigo costume, e grande
» virtude, que he acodirdes sempre ás estremas
» necessidades de Sua Alteza, como bons, e leaes
» vassallos seus, e pelo grande, e entranhavel
» amor, que a todos vos tenho, me queirais em-
» prestar vinte mil pardaos, os quaes vos pro-
» metto como Cavalleiro, e vos faço juramento
» dos Santos Evangelhos de vo-los mandar pagar
» antes de hum anno, posto que tenha, e me ve-
» nhão de novo outras oppressões, e necessidades
» maiores, que das que ao presente estou cerca-
» do. Eu mandei desenterrar D. Fernando meu fi-
» lho, que os Mouros matárão nesta Fortaleza,
» peleijando por serviço de Deus, e del Rei Nosso
» Senhor, para vos mandar empenhar os seus os-
» sos, mas achárão-no de tal maneira, que não
» foi licito ainda agora de o tirar da terra; pelo
» que me não ficou outro penhor, salvo as minhas
» proprias barbas, que vos aqui mando por Dio-
» go Rodrigues de Azevedo; porque como já de-

» veis ter sabido, eu não possuo ouro, nem pra-
» ta, nem movel, nem cousa alguma de raiz,
» por onde vos possa segurar vossas fazendas, só-
» mente huma verdade secca, e breve, que me
» Nosso Senhor deo. Mas para que tenhais por
» mais certos vossos pagamentos, e não pareça a
» algumas pessoas, que por alguma maneira po-
» dem ficar sem elle, como outras vezes aconte-
» ceo, vos mando aqui huma Provisão para o
» Thesoureiro de Goa, para que dos rendimen-
» tos dos Cavallos vos vá pagando, entregando to-
» da a quantia que forem rendendo, até serdes
» pagos. E o modo que neste pagamento se deve
» ter o ordenareis lá com elle. Hei por excusado
» de vos affeitar palavras, para vos encarecer mais
» os trabalhos em que fico, porque tenho por mui-
» to certo, por todos os respeitos, que assima di-
» go, haverdes de fazer nesta parte tudo, e mais
» do que puderdes, sem entrevir para isso outra
» cousa, salvo vossas virtudes costumadas, e o
» amor, que todos me tendes, e vos tenho. En-
» comendo-me, Senhores, em vossas mercês. De
» Diu, a vinte e tres de Novembro de mil qui-
» nhentos quarenta e seis. »

Chegado o mensageiro a Goa, lhe respondeo o Povo com maior quantidade, que a pedida, vendo que tinhão hum Governador tão humilde para os rogar, tão grande para os defender. Remettêrão-lhe outra vez aquelles honrados penhores, que hoje se conservão em mãos do Bispo Inquisidor Geral, seu dignissimo neto, que os recolheo em huma urna, ou pyramide de crystal, assenta-

da em huma base de prata, na qual estão gravados em torno disticos differentes, que fazem de acção tão illustre, engenhosa memoria, ficando aos successores de sua casa este honrado deposito, como para fazer hereditarias as virtudes de D. João de Castro. Levárão os portadores do dinheiro a Carta que se segue.

## CARTA DA CAMERA DE GOA,
### EM REPOSTA DA DO GOVERNADOR.

« Illustrissimo, e Excellente Capitão Geral, e
» Gvernador da India, pelo muito Alto, muito
» Poderoso, e muito Excellente Principe el Rei
» Nosso Senhor. Diogo Rodrigues de Azevedo che-
» gou a esta Cidade segunda feira seis dias do mez
» de Dezembro, e o dia seguinte deo em Camera
» huma Carta de Sua Illustrissima Senhoria, que
» foi lida com muito prazer, e grande contenta-
» mento, por sabermos de sua saude; a qual boa
» nova sempre queriamos saber, e muito melhores
» lhe desejamos; e por ella a Cidade, e todo este
» Povo em geral, e em especial, damos muitas
» graças a Nosso Senhor, e temos certa esperan-
» ça em Nossa Senhora Virgem Maria Madre de
» Deos nossa advogada, que tendo os Póvos da In-
» dia a V. Senhoria Illustrissima por seu Duque, e
» Governador, que em nossas affrontas, e traba-
» lhos nunca careceremos de ajudas divinaes, por
» merecimento de seu catholico, e modesto viver,
» e auto, e obras de muitas louvadas virtudes; e

» com esta esperança vivemos em novo repouso,
» porque a presente, e gloriosa victoria, que por
» seu prudente conselho, e grande esforço, e ca-
» vallaria venceo, e descercou a Fortaleza de Diu,
» e desbaratar, e destruir o poder del Rei de Cam-
» baya, com mais outros vinte mil homens Mou-
» ros, Turcos, Rumes, Coraçoes, e Christãos re-
» negados da Fé de nosso Senhor, Alemães, Ve-
» nezianos, Genovezes, Francezes, e assim d'ou-
» tras muitas, e diversas Nações, dos quaes grão
» parte delles forão mórtos a ferro de lança, e es-
» pada, de que a Cidade tem certeza de pessoas de
» bem, que de vista forão presentes; os quaes bons
» serviços nos mostrão claros sinaes, que ao dian-
» te, prazendo a Nosso Senhor, e a seu amparo,
» não temeremos outros trabalhos, que de futuro,
» se apresentão do proprio Rei de Cambaya com
» outro novo poder, e outros Reis, e Senhores
» nossos comarcãos, e os de toda a India, são
» de certo inimigos nossos, e de muitas inimiza-
» des, além de serem infiéis inimigos de nossa
» Santa Fé Catholica, dos quaes huns, e outros
» não temos segura nem firme paz, antes temos
» sinaes de falsas, e enganosas amizades. E quan-
» to ao emprestimo que em nome del Rei Nos-
» so Senhor nos manda pedir, responde a Cidade,
» que os moradores faremos de presente, e sem-
» pre que cumprir, servirmos Sua Alteza com as
» fazendas, e vidas, e com as almas. E porque a
» tenção da Cidade, e de todos he servir Vossa Il-
» lustrissima Senhoria, havendo respeito, que o tal
» emprestimo cumpre muito ao serviço del Rei Nos-

» so Senhor, cuja a Cidade he, e todos somos
» com muita diligencia, e cuidado daquelle dia,
» que Diogo Rodrigues de Azevedo deo o reca-
» do até o fazer desta, que são vinte e sete de
» Dezembro, se ajuntárão vinte mil cento quaren-
» ta e seis pardaos, e huma tanga, de cinco tan-
» gas o pardao, os quaes emprestou esta Cidade,
» a saber Cidadãos, e o Povo, e assim os Brame-
» nes mercadores, gameares, e ourives. E escre-
» vemos em certo a V. Senhoria que esta Cidade,
» e os honrados moradores pelo servir, temos obri-
» gação de pôr as vidas, e as fazendas com melhor
» vontade do que o faremos por nossas proprias hon-
» ras, e interesses. E quanto, Senhor, aos penhores
» que nos manda, a Cidade, e moradores nos temos
» por aggravados de V. Senhoria ter tão pouca con-
» fiança em nós, e em nossas lealdades, que para
» cousa que tanto cumpria ao serviço del Rei Nos-
» so Senhor, e a seu Estado Real, não erão neces-
» sarios tão honrados, e illustres penhores, por-
» que nossa lealdade nos obriga ao serviço del Rei,
» e a presente necessidade, e depois disso as obri-
» gações em que somos, e a grande affeição, e
» muito amor que V. Senhoria tem a esta Cidade,
» e moradores: e por ella, e tudo o mais que nes-
» te caso lhe sentimos, lhe beijamos as mãos, e ro-
» gamos a Nosso Senhor, que lhe dê perfeita sau-
» de, e o prospere de muita honra, e grandes vi-
» ctorias contra os inimigos de nossa Santa Fé. E
» todavia, Senhor, Diogo Rodrigues de Azevedo
» lhe torna a levar os seus penhores; e assim lhe
» levão elle, e Bartholomeo Bispo, Procurador da

» Cidade, o dito dinheiro, que lhe a Cidade, e
» Povo della emprestárão de sua boa, e livre von-
» tade. E assim lhe levão mais a provisão, que cá
» mandou para o Thesoureiro pagar o dito dinhei-
» ro, e lhe pedem por mercê que tudo acceite,
» como de leaes vassallos, que somos a el Rei
» Nosso Senhor, e a V. Senhoria mui obrigados.
» Escrita em Camera, a 27 de Dezembro de 1547.
» E eu Luiz Tremessão Escrivão da Camera o man-
» dei escrever, e sobscrevi por licença que para
» ella tenho. Pero Godinho. João Rodrigues Paes.
» Ruy Gonçalves. Ruy Dias. Jorge Ribeiro. Bar-
» tholomeo Bispo. »

Continuava a obra da Fortaleza com tanto gosto dos Officiaes, e jornaleiros, que crescia sem tempo; sendo tão pontuaes as pagas dos servidores, e soldados, que havião, que só para o Governador estava o Estado pobre. Além do emprestimo da Cidade, lhe enviárão as donas, e donzellas em hum cofre a pedraria, e joias, com que a fraqueza feminil serve ao poder, e á vaidade: offerta de que não podião esperar retribuição, ou usura: donde se vê, quanto melhor servidas são dos Póvos as virtudes, que as tyrannias dos Regentes.

Ordenou a D. Manoel de Lima, que com trinta navios avistasse os lugares da Cósta de Cambaya, e os abrazasse todos, mostrando ao Soltão, que a vingança não acabára na victoria; porém que na Cidade de Goga não entrasse; por ter aviso, que a ella se recolhêra toda a gente que escapou da batalha. D. Manoel, a quem ainda esperava a fortuna por aquella enseada, se foi correndo a Cósta; e

a poucos dias de viagem lhe sobreveio hum temporal tão rijo, que o levou a necessidade da tormenta a demandar abrigo no mesmo porto, que pela instrucção lhe fora prohibido. Os da Cidade, como ainda tinhão presente a imagem do passado perigo, tanto que vírão as mesmas armas, de que estavão cortados, desempararão a Cidade, assim os soldados, como a gente popular, e inutil, fugindo para o sertão com igual desacordo. Estava ancorada no porto huma náo de Mouros, que era do Zamaluco, bom correspondente do Estado, o qual vendo a fugida dos Mouros, começou a capear aos nossos, para que dessem na Cidade. D. Manoel, não entendendo o sinal do navio, pareceo-lhe que de confiado o chamava á peleija, e pondo-se logo em armas colerico, e impaciente, notou, que a Cidade se despejava, e o miseravel Povo corria como hum tropel confuso a demandar huma pequena serra, que lhe ficava á vista, crendo, que a distancia, e aspereza do sitio os livraria da invazão dos nossos. Conheceo D. Manoel o intento com que lhe capeava o navio, e perplexo entre a occasião, e a obediencia, pôz o caso em conselho: e como entre os soldados de valor, he sempre o brio o primeiro interprete das ordens, votárão, que se entrasse a Cidade, porque a instrucção do Governador não podia comprehender todos os accidentes, o qual se estivera presente, fora o primeiro que saltasse em terra. Seguio logo a execução o conselho. Entrou D. Manoel a Cidade quasi sem resistencia; o saco dos soldados foi grande, e o que desprezou a cobiça, se entregou

ao fogo, que abrazou fazendas, e edificios: foi o damno maior do que a victoria. Cativou D. Manoel tres Baneanes, dos quaes soube que toda a gente se salvára em hum lugar da serra, que ficava em pequena distancia: determinou assaltallo, para que aos fugitivos, e oppostos, igualasse o castigo. Foi amanhecer sobre o lugar, levando os Baneanes por guia, forçados com miseravel necessidade a entregar os filhos, e parentes; e os que se imaginavão no abrigo do sertão, seguros, virão primeiro sobre si a espada, que vissem o inimigo. Não fez o estrago differença de causa a causa, de pessoa a pessoa; naturaes, e estrangeiros, culpados, e innocentes pagárão com as vidas o delicto, ou proprio, ou alheio. Das pessoas passou á religião a injuria; dentro dos Pagodes mandou enforcar a muitos, que na vaidade de suas superstições he culpa inexpiavel. Degollou os gados do contorno, salpicando as Mesquitas com o sangue das vaccas, animal, que como deposito das almas, venerão com culto abominavel.

Embarcado D. Manoel de Lima, tornou a cortar a enseada, onde se vio perdido sem tormenta, porque o fluxo e refluxo das ondas he tão impetuoso, que basta a destroçar os navios. Passado mais adiante, houve vista da Cidade de Gandar, povoada de Mercadores Gentios, rica pelo commercio, e fraca pelos habitadores. Esta foi na primeira envestida, rendida, e abrazada, sendo, que entregavão os naturaes as fazendas como preço das vidas, que não pudérão salvar oppostos, nem rendidos; porque a ira, ou deshumanidade

dos soldados, antes buscava o sangue, que os despojos. Muitos outros lugares da enseada destruio, durando nas cinzas, e ruinas muitos annos as memorias do estrago: e os naturaes, que sobrevivêrão ás miserias dos outros, se recolhêrão ao interior do Reino, onde com segura pobreza entretinhão as vidas.

Deo D. Manoel volta a Diu, onde achou o Governador entre os materiaes da nova fabrica, a cuja vista crescia o edificio. Desejava deixar a Fortaleza em defensa, porque o chamavão a Goa differentes negocios. Porém D. João Mascarenhas, ou cansado ou satisfeito dos trabalhos do cerco, fez deixação da Praça, sem acabar o tempo, querendo aquelle anno vir ao Reino lograr tão merecida fama. Quizéra o Governador dissuadillo, temendo, que ninguem lhe acceitasse a Fortaleza, porque com a victoria, e alteração do commercio, faltavão os estimulos da honra, e do proveito, que são os maiores incentivos, de que os homens se vencem. Porém D. João Mascarenhas resoluto a passar ao Reino nas náos de Lourenço Pires de Tavora, obrigou ao Governador a que buscasse Capitão para a Praça, que já alguns Fidalgos lhe havião engeitado, aborrecendo lugar de tantas victorias, quiçá pelo perigo que tem succeder a varões excellentes: porém D. Manoel de Lima, ou por complacencia do Governador, ou confiança de si mesmo, se offereceo para ficar na Praça.

Entretanto o Governador se aprestava para passar a Goa, mandou Antonio Moniz Barreto com

alguns navios a esperar as náos de Cambaya, que por intelligencias secretas sabia, que havião de visitar a costa de Pór, e Mangalór; as quaes elle encontrou, rendeo, e trouxe a Diu, cujas fazendas ajudárão a reparar as despezas do Estado. El Rey de Cambaya com o sentimento de tantas perdas rebentou em huma vingança barbara, mandando matar dous prisioneiros nossos innocentes, que do tempo da guerra lhe ficárão cativos, vingando-se de tão grandes injúrias em sombras tão pequenas.

Concluidos os negocios de Diu, começou a fortuna a sobresaltar o Estado com novos accidentes. Teve o Governador duplicados avisos de Ormuz, que os Turcos com crescido poder tinhão lançado de Baçorá a Mahamet As-Enam, fiel amigo do Estado, o qual chamava nossas armas, para com forças auxiliares resistir ao commum inimigo. Vião-se não de longe os perigos, e as consequencias, que resultavão de tão roim visinho, com quem apenas podiamos caber no mundo, quanto mais no Estado. Ponderava-se a importancia de Baçorá, como fundamento lançado para cousas maiores: de cujo sitio daremos huma breve noticia. He Baçorá Povoação de quatro mil visinhos, situada na Arabia Felix, em altura de vinte e quatro gráos para a banda do Norte; apartase do rio Eufrates em pequena distancia. Distará da Fortaleza de Ormuz duzentas leguas, de Babylonia pouco mais de quarenta. De Ormuz a ella se navega ao longo da costa pela parte da Persia, por ter melhores surgidouros, e aguadas. A Ilha he

povoada de Mouros oppostos aos Turcos, por serem (ainda que cultores de Mafamede) differentes na crença, porque seguem os ritos, e ceremonias do Persa, a quem dá a beber o Demonio as abominações de Mafoma em vasos differentes. Aqui se fortificárão os Turcos, e começárão a ganhar os Arabios visinhos, huns com as armas, outros com beneficios, criando em Baçorá novo Principe, que como descendente de seus antigos Reis, seria aos Arabios grato, e aos Turcos fiel; liberalidade, com que mostravão entrar com semblante de amigos, escondendo a ambição de Senhores. A justiça deste, que os Turcos saudárão por Rei, escrevem outros em dilatadas letras, cuja relação deixo, por ser ao gosto importuna, e alhea da Historia.

Resolveo o Governador despachar a D. Manoel de Lima para a Fortaleza de Ormuz, que pela morte de D. Manoel da Sylveira lhe cabia, tomando a obrigação da guerra com os Turcos, como pensão da Praça, ficando outra vez a Fortaleza de Diu, como pedra reprovada dos que a edificavão, porque não havia Fidalgo, que quizesse ficar com o trabalho da fortificação, havendo D. João Mascarenhas levado as honras do perigo. Não sei se as cousas da India correm hoje por esta opinião. O Governador se molestava de que lugar de tantas victorias ficasse tão aborrecido. O que entendido por D. João Mascarenhas, se lhe offereceo para ficar aquelle Inverno na Praça; cousa que o Governador estimou sobre modo, dizendo-lhe, que em quanto a Fortaleza estava imperfeita, a fa-

ma de seu nome serviria de muro. E porque se veja quão facil era este grande Varão em authorisar honras alheas, referirei a Carta que escreveo a seu filho D. Alvaro, quando entendeo que D. João Mascarenhas iria a Goa para passar ao Reino. « Lá vai o Senhor D. João Mascarenhas, tal qual » os Mouros, e Gentios confessão; e eu, que » sou bom Christão, faço a mesma confissão de » seu esforço, porque em todas as batalhas o » achei sempre a meu lado. Vai-se embarcar para » o Reino, rogo-vos muito, que lhe façais o » mesmo tratamento, que a minha pessoa, e » não consintais que tome outra pousada, senão a » vossa; porque além de elle o merecer, espero » em Deos, que tornará muito cedo a estas par- » tes, a emendar meus descuidos. » Tambem escreveo a el Rei largamente sobre os merecimentos dos homens, de si não fallou nada, mostrando-se agradecido aos serviços de todos, e só aos seus ingrato.

Concluidas as cousas de Diu, deixou o Governador a D. Jorge de Menezes com seis navios, para que andasse o resto do Verão na enseada de Cambaya; e mandou lançar pregão em todos os lugares confinantes, que todos os Mouros, e Gentios pudessem tornar a povoar a Ilha; porque debaixo de sua justiça estarião as pessoas, e commercios seguros, gozando da paz, e liberdade antiga: e como a verdade recebe credito do valor, tornárão os Gentios a buscar assim o abrigo de nossas armas, como de nossas leis, vindo cópia de Mercadores, e visinhos a engrossar o trato, ba-

vendo por mais segura a paz, que começava nos limites da guerra.

Embarcou-se o Governador para Goa, onde o esperava o applauso universal das gentes, como éccos articulados da victoria. Chegou a tomar porto, em breves dias, onde vierão a visitallo ao mar o Bispo, Capitão Mór, e Regentes, pedindo-lhe se detivesse em Pangim, em quanto a Cidade dispunha o triunfo, com que o queria receber, porque não reputasse o Mundo aquelle Povo por barbaro, ou ingrato; que triunfo tão merecido não era ambição da pessoa, mas gloria do Estado; que das victorias levavão os Reis o fructo, os vassallos a fama; que bem podia desprezar o premio, sem engeitar a memoria.

Deixou-se o Governador vencer deste agrado do Povo, como quem não podia desprezar as honras do triunfo, sem injúria dos que lho ajudárão a merecer; nem pôr limite ás alegrias populares em odio da prosperidade de todos, de cujas demonstrações festivas tinhão na fortuna desculpa, nos Cesares exemplo. Para os quinze de Abril de quarenta e sete se destinou o dia do triunfo, primeiro, e ultimo, que vírão nossas armas, costumadas a lograr fama sem gloria. Fabricou a Cidade no Bazar de Santa Catharina hum espaçoso caes, cujo material cobrião varias alcatifas. Rasgou-se a porta da Cidade até o alto do muro, como que se mostravão as pedras humildes, ou gratas. Era á tapeçaria das muralhas de custosos brocados. A grandeza não podia sobir a mais; o gosto não se contentava com menos. Em partes era o adorno de

diversos veludos, para que o ouro servisse á magestade, as côres ao deleite. Na portada se viāo dous leões dourados, sustentando em huma, e outra tarja as Roelas dos Castros sempre illustres, agora triunfantes. Junto ao caes corria hum dilatado bosque de arvoredo, que com interrompidas sombras mitigava o calor, sem occultar o dia. Via-se o mar cuberto de náos, e galeões, de fustas, e almadias, que das Ilhas visinhas concorrērão, todas embandeiradas, e alegres. Estava no terreiro do Paço huma Fortaleza, desenhada pela planta de Diu, e dentro algumas bombardas carregadas sem bala, e outros instrumentos de fogo, com que figuravāo huma representação alegre dos passados horrores. Na mesma Fortaleza se escondiāo curiosas danças, que com acordadas vozes cantavāo ao Governador louvores a numeros atados, deleitando o ouvido na harmonia, o juizo na letra. O concerto das ruas, como para dar a conhecer a opulencia do Oriente; as telas de lavores, por usuaes, se olhavāo com desprezo. As galas dos moradores, taes, e tantas, que parecia, que triunfava o Povo. Nem seria menos dos animos o applauso, se os corações se virão, pois erão demonstrações voluntarias de naturaes affectos.

Abalou o Governador de Pangim em huma galeota, cujo adorno a fazia differente das outras; levava comsigo os Fidalgos velhos, que o acompanhavāo na jornada, igualmente parciaes na gloria, e no perigo. Iliāo diante os galeões da armada, a quem seguião as embarcações de remo com as vé-

las içadas nos palancos, e todos navegando assombrados com o verdor de differentes ramos, parecião da terra hum bosque tremulo, huma Cidade erratica. Logo que avistárão a Fortaleza, lhe derão huma tão temerosa salva, que a guerra parecia real, mais que apparente; como contraposta lhe respondeo a artelharía de terra, com tal horror, que os sentidos não conhecião differença da batalha ao triunfo. Para dar passo á galeota do Governador, se abrio a armada toda. Vinha custosamente trajado, dando o que era seu ao tempo, vestindo não menos airosamente as galas, do que vestia as armas. Trazia huma roupa Franceza de setim carmezim com troçaes de ouro, que lhe tomavão os golpes, e como quem não queria perder memorias de soldado, vestia huma coura de laminas assentada em brocado com seus tachões de prata, gorra com plumas, mostravão ouro as guarnições da espada. No caes o esperavão os Cabos da milicia, Nobreza, e Regimentos da Cidade, com os quaes entrou a primeira porta, onde hum Vereador na lingua Latina lhe orou discretamente, discorrendo, como por beneficio de seu valor tinhamos humilhado o mais soberbo Sceptro do Oriente, cujas ruinas serião de sua fama os elogios maiores; que agora tinha Portugal seguro o Estado, em seus braços segunda vez nascido, cujas armas servião tanto á Fé, como ao Imperio, obrando, que em tão remotas partes se ouvissem os brados do Evangelho; que agora os Mouros, e Gentios crerião, que não podia deixar de ser Deos grande, o Deos de tantas victorias; que ainda depois de idades lar-

gas no Oriente mostrarião com o dedo os navegantes o lugar da batalha, ficando por tradição o estrago de Cambaya de Nação a Nação, de Reino a Reino; que os pais o contarião aos filhos, ainda sobresaltados na memoria dos perigos passados; que já nossas bandeiras gloriosamente enroladas poderião descançar no templo da paz, aberto o da victoria. Sobre os accidentes de seu Governo, discorreo largamente, parecendo ao Povo, que antes abbreviava, que encarecia suas virtudes, maiores na consideração dos estranhos, do que em nossos elogios. Rematou a oração na suavidade de musicos instrumentos, differentes, e acordes. Logo se desparárão algumas peças cujas balas erão doces diversos, que cahindo em pequena distancia, forão á gentalha do Povo convite, inda que arrebatado, alegre. Os Vereadores da Cidade, recebêrão ao Governador com paleo, e logo hum Cidadão de authoridade, inclinado, e reverente lhe tirou a gorra da cabeça, pondo-lhe nella huma coroa triunfal, e na mão huma palma. Diante caminhava o Custodio dos Religiosos Franciscos com o Crucifixo, que levou na batalha, e o braço desencravado, e pendente; (sinal com que já de tão longe aquella Magestade Divina, nesta, e naquella idade nos assegura os Reinos, e as victorias.) Seguio-se a bandeira Real de nossas Quinas, olhadas com admiração nova de Mouros, e Gentios. Logo os estandartes de Cambaya arrastados á vista de Juzarcão, e outros Capitães maniatados, que representavão a tragedia de sua fortuna, a elles lastimosa, a nós alegre. Virão-se seis-

centos prisioneiros arrastrando cadeas; traz elles as peças de campanha, com varias, e numerosas armas. As damas das janellas banhavão ao triunfador em aguas destilladas de aromas differentes. Os officiaes, que tratavão o ouro, ou preciosas drógas, lhe vinhão a offerecer voluntarios tributos, sendo a igualdade dos animos, outra cousa maior que o triunfo. Os Templos adornados, e abertos, se mostravão benevolos, e gratos. Nesta fórma chegou a visitar a Cathedral Metropoli do Oriente, onde o Bispo, e Clero o recebêrão com o Hymno: Te Deum laudamus. Entrado na Sé, reconheceo com piedosas offertas ao Author das victorias, e por ser já tarde com abbreviadas ceremonias se recolheo aos Paços, não cabendo a magestade do triunfo nas horas de hum só dia.

## LIVRO IV.

### ARGUMENTO.

Alguns Religiosos Franciscos passão a Ceilão. Prégão a Fé em Candea, e el Rei se inclina a ella. Mostra inconstancia. Os Religiosos o animão. Sua resolução. O Governador zela esta conversão, e manda a isso Antonio Moniz. Sitio, e fortificação de Barroche. Trato dos Moradores. Madre Maluco a senhorea. D. Jorge entra de noite. Poem-lhe fogo. Toma della o appellido. Acode o Maluco tarde. O Rei de Cotta dissuade ao de Candea da conversão; o de Candea consente nisto. Viagem de Antonio Moniz. Chega a Candea, acha tudo trocado. Trata voltar-se. He comettido dos inimigos. Trabalhos que passa. Prudencia com que modéra os seus. Esforço com que peleija. Retira-se, Arrepende-se el Rei de Candea. Manda-lhe hum Mensageiro. Quer Antonio Moniz tornar. Os seus o encontrão. Recolhe-se a Armada. O Hidalcão manda sobre as terras firmes. Retirão-se de temor dos nossos. Manda outra gente, e quer elle vir. El Rei Aeyro preso em Goa. He absoluto pelo Governador. Levado a Ternate, e restituido aos seus. Conjurão varios Reis contra Malaca. Que fez o Capitão della. Sahe em terra o Achem, e recolhe-se logo. Sahe a buscallo a Armada. Tem novas delle o Capitão, e quer seguillo. Os soldados se amotinão. Diogo Soares os aplaca. Avistão, e comettem o inimigo. Rende Diogo Soares a Capitania. Embaixada dos Conjurados. Reposta do Capitão de Malaca. Faltão

novas da Armada. Queixa-se o vulgo. O Padre Xavier o socega. Prognostica a victoria; e annuncia o modo della. Cuidados do Hidalcão. Manda gente á terra firme. D. Diogo de Almeida lhe sahe. O Governador o faz recolher: e poem esta guerra em conselho. Dilata-se para outro tempo. Exercita guerra na paz. Favorece os soldados. Tem avisos de Diu. Communica-os ao Senado, e pede-lhe ajuda. Offerecem-lhe quanto tem; e as mulheres suas joias. Avisa Chaul, e Baçaim. Chegão náos do Reino. Ordens que trazem. Resolve a guerra do Hidalcão. Ordena sua gente. Vem-lhe Embaixadores do Canará. Ouve-os, e despede-os. Retira o Hidalcão á gente. O Governador os segue. D. Alvaro peleija na vanguarda. Os Mouros fogem. Manda o Governador seguillos. Retirão-se ao sertão. Volta a Goa. Torna a Diu. Chega a Baçaim. Manda D. Alvaro a Surrate. Despede D. Alvaro a D. Jorge, e outros Capitães. Que lhes succede. Voltão a D. Alvaro. Que fez o Governador em Baçaim. Ajunta-se com seu filho. Avista o Soltão. Apresenta-lhe batalha. Falla aos seus. Reposta dos Fidalgos, e Cabos. Está no campo tres horas, e embarca-se. Damnos que faz. Chega a Diu. D. João Mascarenhas faz deixação da Praça. O Governador a entrega a Luiz Falcão. Embarca-se, e damnos que faz. Compaixão do Governador. Paça a Baçaim. Sente não se tomar Surrate. Lembra a el Rei os que servirão. Torna o Hidalcão com guerra. O Capitão de Goa lhe quer sahir. A Cidade o encontra. Avisa ao Governador. Embarca-se logo. Avista Dabul. Sahe D. Alvaro em terra. O Governador o segue, e toma a Cidade. Chega a Agaçaim. Envestе os inimi-

gos. Fogem. D. Alvaro os segue. Voltão. Mata D. Diogo o General. Peleija o Governador. Alcanção a victoria em dia de S. Thomé; e com seu nome. Despacha às náos do Reino. Elogio de D. João Mascarenhas. Continúa o Governador a guerra. Damnos que faz. Assola Dabul o de cima. Tala a campanha. Vai a Baçaim. Faz damno a Cambaya. Raz Solimão quem foi. Chega a Adem. Degolla o Rei. Sitio de Adem. Solimão a occupa. Quem lhe succede. Os Moradores a offerecem a el Rei de Campar. Accita-a o Rei, e que faz. Que fazem os Turcos. São soccorridos. Mensageiro dos Moradores a Ormuz. Topa D. Payo de Noronha. Chega a Adem, e não se ha bem. Os Moradores envião a Goa. Alegra-se o Governador. Manda seu filho. Com que armada. Outra embaixada de Caxem. Reposta do Governador. O que passou em Adem. Chegão Turcos. Poem-lhe cerco. D. Payo manda recolher os nossos. Que fazem os Arabios. Successo de D. João de Ataíde. Viagem de D. Alvaro. Faz conselho, e que assenta. Vai a Xael. Intenta a escala. Peleijão os Arabios até morrer todos. Ganha-se a Praça. Chega Lourenço Pires a Lisboa. Festeja-se a nova de Diu. Que pede o Governador de alviçaras. Que mercês lhe faz el Rei. Manda el Rei seis náos à India. Chega huma a Goa. Adoece o Viso-Rei. Deixa o Governo. Falla aos do Conselho. Juramento que toma. Recolhe-se com o Padre Xavier. Sua morte. Enterro, e sentimento. Vem seus ossos ao Reino. Depositão-se em S. Domingos de Lisboa. Tresladão-se em Bemfica. Onde estão hoje. Ascendencia de D. João de Castro. Que filhos teve. Elogio de D. Alvaro de Castro.

# LIVRO IV.

Poucos forão os Reinos do Oriente, que no Governo de D. João de Castro não alterassem àquelle Estado com diversos movimentos de guerra, ou com armas oppostas, ou com reciprocas discordias, chamando nossas forças a conciliar a paz, ou ajudar a victoria; vendo-o muitas o Oriente, em serviço da Religião, cingir a espada.

Havia el Rei D. João enviado alguns Religiosos Franciscos á Ilha de Ceilão, exemplares na vida, e na doutrina; para que com o sangue, e com a palavra testemunhassem a verdade Evangelica, sendo este o maior cuidado de nossos Principes, cujas bandeiras mais vezes vio tremolar a Asia em obsequio da Religião que do Imperio. Entrados estes Religiosos na Ilha, forão recebidos del Rei de Cotta com benigna hospedagem; começando a nascer segunda vez no Oriente o Sol Divino! Ouvio aquella Gentilidade a voz do Ceo; e ao beneficio da terra inculta respondia o fruto, encaminhando ao curral da Igreja infinitas ovelhas.

Passárão estes Embaixadores do Evangelho a dar novas da luz a el Rei de Candea no coração da Ilha, o qual achárão grato no tratamento das pessoas, e facil na obediencia da doutrina; foi instruido nos Mysterios de nossa crença, para que com fé mais robusta se lavasse nas aguas do Bautismo. Deo aos Religiosos terra, materiaes, e despezas para a fa-

brica de hum Templo, sendo esta a primeira fortaleza, que levantou a conquista do Evangelho naquella Ilha contra os erros da idolatria; porque das vozes do Apostolo S. Thomé (se alli chegárão) nem nos entendimentos havia luz, nem na terra memoria.

Mostrava-se este Principe aos preceitos de nossa Religião obediente; mas ainda não constante, porque o temor de alterar os vassallos na mudança da lei, lhe fazia, por não perder o que amava, deixar o que entendia; porque como planta ainda sem raizes, o inclinavão a huma, e outra parte contradições humanas. Tentárão os Religiosos desviar-lhe estes tropeços do caminho da vida, affirmando-lhe, que debaixo do amparo de nossa Religião, e nossas armas, assegurava huma, e outra coroa, porque estava naquelle tempo governando o Estado aquelle D. João de Castro, que pela Fé sabia derramar o sangue, pelos amigos arriscar o Estado.

Ouvio bem o Rei esta proposta, dizendo, que se o Governador lhe mandasse soccorro; não só profèssaria a Fé, porém que a prégaria a seus vassallos. Com esta resolução partio hum Religioso a Goa, e certificado o Governador da causa de sua vinda, zelou a conversão daquelle Principe, como o maior negocio do Oriente; não menos prompto a dar á Igreja filhos, que ao Estado victorias. Despachou logo com sete fustas Antonio Moniz Barreto, e ordem, que encontrando-se com navios nossos os levasse comsigo; escrevendo áquelle Principe honradas Cartas, acompanhadas de muitos donativos. Mas em quanto Antonio Moniz vai navegando, fal-

laremos na tomada de Baroche, por guardar a ordem dos tempos na relação dos successos.

Tinha o Governador despedido de Diu a D. Jorge de Menezes, para que na enseada de Cambaya fizesse todas as hostilidades possiveis, mostrando ao Soltão, que com os estragos passados, nossas armas não embotárão os fios. Tomou D. Jorge algumas embarcações de mantimentos, que passavão a bastecer os portos do inimigo, porque acabasse a fome aquelles, que perdoára a espada. Deo huma tarde vista á Cidade de Baroche, cujos edificios lhe representárão na magestade à policia da Europa. Estava situada em huma eminencia, cingida de muros de ladrilhos, que mais servião ao adorno, que á defensa. Com tudo se deixavão vêr diversos baluartes, obrados não sem alguma luz de fortificação, guarnecidos de muita artelharia, que senhoreava as entradas do porto. Com a elevação do sitio se descobrião portadas de cantaria lavrada, onde a correspondencia de torres, e janellas mostravão de seus habitadores o poder, e artificio. Era o trato da terra, de finissimas sedas, dróga, que daquelle porto se navegava a muitos do Oriente. Possuia Madre Maluco esta Cidade, tributada das aldeas visinhas, que na fertilidade, e na grandeza lhe compunhão hum mediano Estado.

Acaso tomárão os nossos huma almadia de pescadores naturaes da terra; que perguntados, disserão da Cidade o que temos referido. E querendo saber D. Jorge, que presidios havia na Cidade, disserão, que toda a milicia levára Madre Maluco a Amadabá, Corte do Soltão, e que só ficavão ao

R

presente alguns mecanicos, e outra gente de trato. D. Jorge, parecendo-lhe opportuna a occasião de assaltar a Cidade, ainda que era o poder desigual para facção tão grande, como os successos pendem dos accidentes, determinou tentar a fortuna, e por assegurar os moradores, se fez na volta do mar, como quem navegava por differente rumo, levando comsigo os pescadores, para na entrada lhe servirem de guias. Tanto que anoiteceo tornou a armada a demandar o porto, e saltando em terra, sem que a confiança, ou descuido do inimigo se assegurasse em defensa, ou sentinella alguma, forão ferindo os nossos naquella gente desarmada, e fraca, onde a noite, a confusão, e o somno, os trazia a encontrar o perigo de que andavão fugindo; errando miseravelmente, se desviavão tanto dos seus como dos inimigos, fugindo dos que tambem fugião. Os gemidos dos filhos não movião os pais á piedade, e menos á vingança; porque o temor subito obrava com os peiores affectos da natureza. Os lamentos, e gritos das mulheres, esses as descobrião, sendo seus ais seu maior perigo. E os que escondidos em suas casas escapárão ao ferro, nellas mesmas os abrazou o incendio, não ficando aos miseraveis para a morte remedio, senão escolha. A hum mesmo tempo se fazia a invasão, e o saco. Foi o estrago como em guerra sem resistencia; o despojo, como em Cidade entregue. Alcançou em fim D. Jorge nesta empreza, fama sem risco, victoria sem inimigo. Porém não duvidamos, que se achára opposições maiores, pudéra conseguir seu valor o que obrou

sua fortuna. Mandou dar a Cidade ao fogo, onde em breves horas os nobres, e plebeos, as plantas, e edificios se convertêrão em lastimosas cinzas, sem que a natureza as distinguisse, lugar as separasse. Embarcou-se alguma artelharia miuda, e rebentou-se a grossa, sendo esta facção tão célebre entre os nossos, que fizerão tomasse o appellido de Baroche, quem tinha o de Menezes, como já as ruinas de Carthago derão a Scipião o nome de Africano.

Acodio o Maluco com cinco mil cavallos, cedo á lastima, tarde ao remedio; e vendo que o ferro, e fogo não deixára cousa alguma com semelhança do que havia sido, voltou impaciente a el-Rei de Cambaya, como quem levava em chaga fresca a dôr mais sensitiva. Representou-lhe o estrago da Cidade, aggravo que parecia maior, por ser depois de tantos. Sentio o Soltão este novo accidente, jurando acometter outra vez Diu, que era a pedra do escandalo, onde se quebravão as forças de tamanho Imperio. Em tanto, pois, que os odios de Cambaya respirão na imaginada vingança, discorramos no espiritual de Candea, que como semente affogada entre espinhos, não chegou a lograr fructo.

Entendia o Madune Rei de Cotta, como o de Candea buscava com a mudança de Religião, a protecção do Estado; e como estes Gentios são observantes zeladores de seus erros, buscou meios para lhe persuadir que era a idolatria necessaria á Coroa; affirmando-lhe, que com a nova crença, faria aos vassallos desobedientes, aos Reis inimi-

gos, ingrato a seus antigos Idolos, que havião prosperado o Sceptro de Candea tantos annos em Reaes ascendentes; que o Governador da India devia ser o mais insolente homem da terra, pois não soffria, que o Mundo tivesse outro Rei, nem outro Deos, mais que os que elle servia, e adorava; que não negava ser a Religião dos Portuguezes, ou melhor, ou mais felice, pois cultivão o Deos das victorias; porém, que a elle lhe bastava servir aos Deoses da Patria em que nascêra, sem desejar melhor posteridade, ou mais ambiciosa fortuna, que os que lhe precedêrão. E quem sabia se o Governador queria fazer da piedade motivo para lhe usurpar o Sceptro? Que não recebesse na Ilha homens tão valerosos, que em nenhuma parte sabião já estar senão como senhores. Que se os Frangues lhe promettião trazer a casa melhor Lei; augmentar-lhe o estado; quem com inteiro juizo havia de dar credito a tão nova bondade de homens que nunca víra; e mais quando estes não erão tão desprezadores do humano, que não viessem do fim do Mundo a dominar a Asia? Que se queria exemplos, mais Reinos acharia por elles destruidos, que doutrinados; que era verdade, que os seus Jogues (que elles chamão Sacerdotes) erão faceis em derramar o sangue pela Lei que ensinavão, mas que estes o farião, ou como ambiciosos do nome, ou prodigos da vida; se já não era que no Occidente havia mais loucos, que nas outras Regiões, e davão todos naquella perigosa teima de doutrinar ao Mundo; que ultimamente lhe aconselhava, como Rei, e amigo, que devia degollar o soccorro dos Fran-

gues, que esperava, para dar satisfação a seus antigos Deoses, justamente indignados de os querer desamparar por Divindade estranha; que pela soberba de lhe virem dar luz ao entendimento, ou pela ambição de lhe usurpar o Reino, merecião este castigo na contingencia de hum, ou outro delicto; que para este effeito o ajudaria com armas, e soldados, fazendo commum a causa, pois o era tambem a injúria dos Idolos de todos.

O miseravel Principe, não podendo levantarse de todo com o pezo de seus antigos erros, se deixou persuadir das razões do barbaro, e fraudulento amigo, porque os olhos ainda cégos com as nevoas da idolatria, não podião soffrer as luzes da verdade, que lhe amanhecia; e logo ou incauto, ou violentado conspirou na traição do Madune, como enfermo frenetico contra os instrumentos da saude indignado: esperárão em fim os hospedes, resolutos em executar a maldade que tinhão concebido.

Entre tanto, partido Antonio Moniz de Goa, achou em differentes pórtos alguns navios nossos, que conforme a instrucção que levava, aggregou á sua armada. Dobrado o Cabo de Comorim, e passados os baixos de Manar, foi demandar Baticalou, para dahi entrar em Candea, caminhando por terra. Levava doze fustas de remo, de que tirou cento e vinte soldados escolhidos, e com elles foi caminhando com a segurança de quem hia buscar hum Principe amigo, e obrigado, e sobre tudo, senão fiel ainda, ao menos grato já, e benevolo ás verdades da Lei que lhe prégavamos. Che-

gado a Candea, como tudo fervia em armas, não pôde ser a traição tão cauta, que Antonio Moniz a não entendesse por diversos avisos, e pela simulação com que tentárão dividir-lhe os soldados para os poder matar mais a seu salvo. De mais, que o Rei lhes não quiz vêr o rosto, quiçá por não descubrir nos affectos a consciencia temerosa, e culpada. Antonio Moniz se sahio logo da Cidade, mandando queimar os impedimentos, e bagages que trazia, ficando assim mais livre para a defensa, e para a retirada, e juntando os soldados lhes disse.

« Companheiros, e amigos: todos sabeis a trai-
» ção, que nos tem ordenado este Rei infiel, a
» quem viemos soccorrer, e servir; entendo, que
» nos cometterăõ com força descuberta, pois tem
» agora huma razão, ou causa mais para nos of-
» fender, que he havermos conhecido seus en-
» ganos. Nenhum de nós terá mais vida, que em
» quanto a souber defender. Póde salvar-nos o va-
» lor, e a conformidade; soccorros não espera-
» mos de fóra, pois estão em nós mesmos; e es-
» tes Barbaros não se empenharão na traição, se
» virem que he custosa; e que muito, façamos
» nós agora por nós mesmos, o que vinhamos a
» fazer por elles, que he derramar o sangue. Os
» caminhos, que guião a Batecalou, onde está a
» nossa armada, devem estar occupados do inimi-
» go, pelo que nos parece, que vamos demandar
» o Rei de Ceitavaca, fiel amigo do Estado, on-
» de acharemos hospedagem, e abrigo seguro, pa-
» ra dahi irmos a buscar nossa armada. »

Logo que Antonio Moniz começou a marchar, se descobrírão os inimigos em trópas, acomettendo-nos com settas, dardos, e pedras, e outras armas deste genero, com que nos ferírão alguma gente, determinando com este importuno modo de peleija acabar-nos sem risco. Trazia o inimigo, ao parecer, hum corpo de oito mil homens regidos por seus Cabos, a que chamão Modeliares, destros naquelle modo barbaro de cometter, e retirar, superiores aos nossos no número, e na agilidade, e sem dúvida hum, e hum nos ferão derribando a todos, se os não fizéra afastar a nossa espingardaria, de que recebêrão damno, e temor grande, vendo cahir alguns subitamente mortos; de que espantados os outros, nos seguião mais timidos, e cautos; assim nos forão picando todo aquelle dia, humas vezes atrevidos, e outras cobardes, e com este sequito desigual, e importuno, hião dando aos nossos a carga lenta, mas nunca interrompida.

Sobreveio a noite, de que os nossos recebêrão mais segurança, que repouso, porque sempre os forão inquietando com tiros vagos, e perdidos, sem que os pobres soldados pudessem ainda sobre as armas receber algum breve descanço; mastigando o biscouto com os olhos no inimigo, e as mãos nas armas. Assim passárão até o seguinte dia, que se descobrírão os Barbaros mais soltos, e atrevidos, perdido, ou mitigado aquelle horror primeiro, que lhe fazião os instrumentos de fogo. Chegárão em fim a ferir-nos de perto com armas curtas, com o que foi forçado Antonio Moniz de-

ter a marcha, e fazer algumas voltas, em que lhe degollámos gente, e cativámos, entre outros, hum seu Modeliar, que no habito, e nas armas, parecia o Regente de todos; o que mostrou ser assim no risco, e ousadia com que intentárão livrallo, fazendo muitas arremettidas, de que sahírão cortados, porém sempre constantes naquella invasão porfiada, que já os nossos não podião aturar, rendidas as forças do trabalho.

Alguns forão de parecer, que fizessem rosto ao inimigo, e se livrassem peleijando, ou acabassem vingados; porém Antonio Moniz lhes disse, que a melhor parte do esforço, era o soffrimento; e que só este os podia salvar; que tinhão a maior parte do caminho vencido; que marchando vigiados, e unidos, não poderião receber grande damno; que por grande que o perigo fosse, seria depois maior o gosto, quando o recontassem gloriosos, e seguros. Assim lhes foi o Capitão criando espiritos novos, e enfreando a desesperação de tão prolixa resistencia, até os visitar a noite, como alivio dos trabalhos do dia; na qual os Barbaros tambem quebrados deixárão em alguma maneira respirar os nossos. Porém tanto que amanheceo, tornárão a seguir a preza mais furiosos, parece que corridos de achar opposição tão valerosa em poder tão pequeno. Aqui se desenvolvêrão mais soltos contra os nossos, que já se defendião, ainda que com os mesmos animos, com forças mais remissas.

Mandou Antonio Moniz quebrar as pernas ao Modeliar, que levava cativo, e lançallo na estra-

da, a quem os seus, deixando a peleija, acodírão logo detidos do amor, ou da piedade do mairal, ou companheiro, que vião em tão miseravel estado; ficárão os nossos hum espaço largo, como sem inimigo; porém subitamente movidos de hum espirito de lastima, ou vingança, acomettêrão impetuosamente os nossos em hum passo estreito, que hia fechar em huma ponte, fundada sobre hum grande rio que senão vadeava. Mostrou aqui Antonio Moniz avantajado esforço, fazendo com nove companheiros rosto aos inimigos em quanto seus soldados passavão; e como os teve da outra parte, quebrou hum lanço da ponte, industria, com que tolheo aos Barbaros a passagem, e sequito. Não alcançou Antonio Moniz fama popular por tão heroica defensa, porém entre os poucos que souberão fazer justa estimação das obras excellentes, mereceo esta retirada applausos de huma grande victoria. Chegárão em fim ao Rei de Ceitavaca, onde achárão benigna, e fiel acolhida, reparandose da fome, feridas, e trabalho com liberalidade piedosa, e grata, offerecendo-lhes suas forças para a vingança de tão justo aggravo.

O pobre Rei de Candea arrependido da maldade commettida por inducção do Regulo visinho, aborrecendo a traição, como cousa criada em peito alheio, enviou a Antonio Moniz hum mensageiro com dez mil pardaos para os gastos da armada, escrevendo-lhe, que o sentimento era seu, e os erros alheios; que pois o fora buscar infiel, não o desemparasse Christão; que Deos, em que começava a crêr, por isso era tão grande, porque

perdoava offensas; que aquellas tenras flores, que começavão a abrir no jardim da Igreja, não as quizesse deixar desabrigadas ás injúrias do ardor da idolatria; que pois vierão com armas limpar aquelle mato de superstições gentilicas, não se espantasse de sahir lastimado das espinhas, e cardos da infidelidade; que sendo tão benigno o Deos que lhe prégavão, com justiça sem misericordia não salvaria os homens; que a quem não desprezava o Ceo, não desprezasse a terra; que lhe pedia o soccorresse, porque estava prompto a offerecer pelo amparo a fazenda, e pela Fé o sangue.

Com esta Carta esteve Antonio Moniz resoluto em se tornar a Candea, representando-se-lhe maiores os interesses da Religião, que os perigos da vida. Porém os soldados, como abraçados com a taboa em que havião escapado, não quizerão sahir do abrigo do Principe amigo, dizendo, que o primeiro engano fôra do traidor fementido, o segundo seria do Capitão credulo, e incauto; que senão querião tornar a fiar da vibora, que huma vez os mordêra; porque se os quizéra matar quando obrigado de hum grato soccorro, que faria quando offendido na injúria de seu exercito affrontado? Que querião agradecer a Deos hum milagre, antes que pedir outro; que o Governador os não mandava como Apostolos, senão como soldados; que se hião a derramar o proprio sangue pela Fé, fossem sem armas, mas que a sua vocação era defender a Lei com a espada, e não prégalla. Vendo Antonio Moniz, que os soldados estavão frios no zelo, e duros na obediencia, entenden-

do que se Deos quizesse salvar aquelles Póvos, abriria os caminhos; resolveo buscar sua armada: e em quanto elle navega, tornaremos ás cousas do Hidalcão, que temos retardadas.

Sobresaltado o Hidalcão com a presença do Meále em Goa, tentou com o remedio das armas purgar estes receios: e porque as guerras de Diu tinhão hum pouco desangrado o Estado, crendo acharia no Governador confiança, ou descuido nascido das victorias, sabendo a Cidade de Goa o tinha ausente, acometteo as terras de Bardez, e Salsete, que asseguradas na paz, estavão sem defensa. Despedio quatro mil soldados, que sem golpe de espada as senhoreárão, fazendo que os agricultores lhe acodissem com os fructos, e fóros annuaes, que pagavão ao Estado. Chegou a Goa o aviso desta entrada, que deo grande cuidado, por não se achar com forças para fazer ao inimigo rosto. Resolvêrão esperar a vinda do Governador, cujo nome bastaria a quebrantar ao Hidalcão o orgulho, presidiando entretanto a Fortaleza de Racol para deixar ás incursões do inimigo este pequeno freio.

Logo que o Governador chegou a Goa, dando os primeiros dias ao gosto dos successos passados, não querendo dar outros ao descanço, como homem que tinha a paz por vicio, a guerra por costume, passou a Agaçaim, donde despedio a D. Diogo de Almeyda Freire, com novecentos homens, para que desalojasse o inimigo que estava com quatro mil soldados nas aldeas visinhas. E tanto que os Mouros tiverão aviso que a nossa

gento marchava, sem esperar o som das caixas, nem a vista das bandeiras, se recolhêrão ao sertão; o que a todos pareceo respeito ás victorias de Dju, cuja fama tinha cheio de temor, e reverencia o Oriente todo. Ficou outra vez a campanha á nossa obediencia, logrando com os receios da guerra huma paz mal segura, qual se podia esperar de Principe queixoso, e visinho. O Hidalcão, dando-se na fugida dos seus por affrontado, acodio pela opinião das armas, como segunda causa para mover a guerra, mandando oito mil soldados a senhorear as terras da contenda, em quanto aprestava poder maior, intentando (como elle dizia) onde aventurava o Reino, arriscar a Pessoa. Porém em quanto o estrendo destas armas senão ouve em Goa, fallaremos das cousas de Malaca, e Maluco, por serem dispostas com providencia do Governador, e acabadas com sua fortuna.

Estava Bernardim de Sousa despachado com o governo das Malucas, Ilhas, que como tão distantes do coração do Estado, recebião mais tibia obediencia, assim na sujeição dos naturaes, como na liberdade dos Governadores, que obravão voluntarios, e independentes. Tinha Jordão de Freitas enviado a Goa a el Rei Aeyro, ligado com prisões indignas da Coroa, ou criminado com processos alheios da verdade. Os quaes D. João de Castro mandou verificar por téla de juizo, e absoluto o pobre Rei dos delictos impostos, depois de o hospedar com Real tratamento, lhe restaurou com honras, e favores as injúrias do innocente Sceptro, mandando a Bernardim de Sousa, lhe fosse dar a

posse do Reino com maior reverencia, que de nossos Governadores costumavão receber seus passados, para que conhecessem aquelles Póvos a clemencia, e justiça do Estado, distribuida por igual balança a subditos, e amigos.

Chegou Bernardim de Sousa á Ilha de Ternate, e saltando em terra, se foi metter na Fortaleza, sem as ceremonias com que a ambição daquelles Póvos costuma receber a seus Governadores. Jordão de Freitas, que na subita vinda do Successor, e na consciencia culpada, estava lendo o processo de suas demasias, ficou sobremaneira alterado, conhecendo da inteireza de D. João de Castro, que não permittia aos Capitães Móres, que aos Reis amigos fizessem, nem soffressem injúrias, e que senão podia justificar Aeyro, sem o condemnar a elle. Com tudo deo a Bernardim de Sousa posse da Fortaleza, a quem logo acudírão os filhos de Aeyro, mais a saber dos castigos do Pai, que a esperallo : tão timidos são os juizos dos homens nas cousas que desejão. Bernardim de Sousa lhes disse, que o fossem desembarcar da náo tão honrado, que pareceria, que mais fora representar serviços, que responder a culpas. Os filhos, ainda incredulos no gosto da inesperada nova, forão correndo á praia, seguidos de multidão de Povo, que avaliava por cousa rara, justiça contra hum poderoso, admirando-se da igualdade de nossas leis, indifferentes a naturaes, e estrangeiros. Desembarcou Aeyro, dizendo, que nossos braços lhe dérão victoria de nós mesmos; e que das excellencias do Governador da India fallaria sempre

com o dedo na bocca. Levantados em as mãos levava os grilhões, com que dalli partíra preso, servindo-se da memoria do aggravo para o agradecimento. Com esta justiça repousárão as cousas de Maluco, em grata obediencia, muitos annos.

Gozava neste tempo Malaca de huma profunda paz, assentada sobre as amizàdes, e commercio dos Principes visinhos, porém el Rei de Viantana achando-se com forças para intentar qualquer empreza grande; o poder, e o ocio lhe trouxerão á memoria, muitos aggravos esquecidos, que dos Reis de Patane havia aquella casa recebidos; e como era bem correspondido dos Principes de Quedá, Pam, e outros confinantes, teve meios para os colligar, fazendo-os parciaes na vingança de alheas injúrias. Puzerão sobre o mar huma grossa armada, capitulando, que o de Viantana se contentaria com a vingança do inimigo, e elles ficarião com os despojos da guerra, a respeito de aventurarem o sangue na satisfação dos aggravos de outro.

Era nesta occasião Simão de Mello Capitão de Malaca, e sabendo das discordias destes Principes, escreveo a Diogo Soares de Mello que estava no porto de Patane, que se viesse áquella Fortaleza, porque como todos aquelles Reis erão amigos do Estado, queria antes ser arbitro, que parcial em suas differenças; de mais, que era razão politica, deixar que a guerra os quebrantasse, para que desangrados vivessem na paz, e obediencia de nossas armas mais sugeitos, considerando, que o tempo

lhes podia dar occasião, e as forças ousadia; porque para o odio, bastava sermos nós dominantes, e para a guerra, o poder não busca outras causas.

Diogo Soares, não engeitando o aviso, despedio alguns navios de carga para a China, e elle com duas galeotas se partio na via de Malaca. Andava neste tempo o Achem ás prezas com vinte vélas grossas, fazendo com forças de Senhor, o officio de Cossario. Tomou alguns juncos de bastimentos, e fez no mar outros insultos em navios de amigos. Com a fortuna cresceo o atrevimento, chegando a desembarcar de noite no porto de Malaca, para poder dizer, que chegára a pizar terra de nossa obediencia; e logo com esta gloria, ganhada tanto a furto, se tornou a embarcar.

Tocou-se na Cidade a rebate, onde o temor, e a noite fez maior o perigo, fugindo muitos de suas mesmas sombras. Chegárão á Fortaleza as vozes dos que só temião porque vião temer, assombrados do medo sem perigo. Mandou o Capitão Mór a D. Francisco Déça com alguns soldados; que entrados na Povoação dos Chelins, vírão na confusão, e temor de todos a imagem da guerra, menos o inimigo, que já estava embarcado sem levar mais que a fantastica vaidade de haver saltado em terra. Sentio Simão de Mello a covardia do Achem, como se fosse injúria: tão respeitadas estavão as paredes daquella Fortaleza, que parecia insolencia comettellas, avistallas, delicto. Mandou logo por hum lbantim ligeiro, espiar os passos do Achem, em quanto lançava ao mar dous caravelões, e seis

fustas, para os mandar em busca do inimigo. Aportóu nesta occasião Diogo Soares de Mello com as duas galeotas, que temos referido, como trazidas por nossa fortuna a ajudar a victoria. Nomeou a D. Francisco Déça por Cabo desta esquadra, o qual ainda mal armado, com a pressa de quem acodia a pendencia subita, se fez na volta do mar, com instrucção que se em dez dias não achasse o inimigo, se recolhesse ao porto; porque não hia bastecido para mais largo tempo.

Navegárão oito dias sem encontrar a armada, e chegados a huma Ilha, tiverão novas, que o inimigo estava ancorado em Quedá, viagem de dous dias. Determinou D. Francisco passar avante; porém os soldados se amotinárão, dizendo que era de Capitão bisonho seguir a quem fugia; que os bastimentos estavão já acabados; que elles não hião a peleijar com a fome; e que se o regimento do Capitão Mor se estreitava a dez dias, melhor era a obediencia, que a victoria. Porém Diogo Soares de Mello, ainda que inferior no posto, maior na authoridade, disse, que todo o Capitão que se voltasse, havia de peleijar com elle primeiro, porque maior serviço faria a el Rei em metter no fundo soldados desobedientes, que inimigos atrevidos. Aplacou nesta fórma hum temor com outro, navegárão a Quedá, onde souberão, que o inimigo estava em hum porto oito legoas distante; resolveo D. Francisco seguillo, visto estar tão visinho. Aqui foi a murmuração dos soldados maior, mas não no atrevimento, porque virão que a injúria era mais do temor que do perigo; assim forão se-

guindo a Capitania com maiores demonstrações de gosto, do que nunca tiverão, ou fosse por dourar os receios passados, ou que os corações presagos da victoria, criárão mais honrados affectos.

Avistárão naquella mesma tarde a Cidade de Parlés, em cujo porto estava o inimigo surto em huma enseada, que fazia o rio em pequena distancia da Cidade. Mandou o Capitão Mór sondar o rio, e abalisar com ramas o canal para fugir dos bancos: e sabendo pela sonda, que tinhão as caravelas fundo, cometteo a entrada a tempo que o inimigo vinha com duas galés, e outros navios buscar a nossa armada, porque pelas espias entendeo, que erão navios mercantís, em razão de haverem visto da terra dous caravelões sómente, por estarem as fustas, e galeotas cubertas com a sombra de huma ponta torcida em voltas que alli faz o rio. Trazia o inimigo duas galés diante, que davão escolta a outra muita fustalha; as quaes como achárão soldados, aos que imaginavão mercadores, quizerão voltar; mas como o rio era muito estreito, e ellas vinhão arrazadas em popa, o não pudérão fazer, sem que primeiro lhe chegassem os nossos. Atracados em breve espaço, tingírão as armas, e ainda o rio em sangue. Diogo Soares entrou a galé Capitania com cincoenta soldados, e achou nos Mouros tão porfiada resistencia, que todos forão mortos, porém nenhum rendido; com o mesmo orgulho peleijárão os outros. Conheceo-se a victoria pelos vasos, mas não pelos cativos. Parece, que com obstinação honrada, nenhum quiz sobreviver á sua ruina. A resistencia do inimigo he argumento do va-

lor dos nossos, pois não só peleijárão com valentes, mas com desesperados.

Entre tanto, el Rei de Viantana, e os mais confederados recebêrão tantas satisfações do de Patane, que assentárão com maiores vinculos a paz: estes sabendo, que a nossa armada era sahida, ajuizando que a Fortaleza ficaria sem guarnição bastante, viérão tentar, se esta occasião lhes abria caminho para tirar de Malaca tão pesado visinho, e como o odio os fazia atrevidos, e o temor covardes, quizérão com o semblante da paz disfarçar-nos a guerra. Enviárão hum Capitão prático a Simão de Mello, significar-lhe o sentimento, que tinhão de haver o Achem desbaratado a nossa armada; e que sabião, que com o gosto da victoria, juntava poder maior para vir sobre a Fortaleza, que como tinha tão poucos defensores, era forçoso, que o valor cedesse á multidão, pois o número, e a occasião dava as victorias; que elles como amigos do Estado lhe pedião licença para desembarcar naquelle porto, e remirem com sêu sangue a Fortaleza de tão certa ruina, e faria o Mundo juizo, que erão melhores amigos no trabalho, que na prosperidade. Além desta mensagem cautelosa, vinha o enviado instruido, que notasse os soldados que tinha a Fortaleza, e do semblante do Capitão conjecturasse o valor, ou receio com que ouvia o destroço da armada; por ser o coração nos affectos mais fiel que a lingua.

Porém Simão de Mello entendendo, que a offerta era traição, e o mensageiro espia, determinou ferillos pelos seus mesmos fios, servindo-se

de enganos contra enganos. Respondeo agradecido a tão opportunos soccorros, como lhe offerecião, e que em retorno de tão grata amizade, lhe pedia alviçaras da victoria que os seus navios alcançárão do Achem, de que naquelle instante havia tido aviso; e que na Fortaleza tinha gente, e munições sobejas para os servir contra seus inimigos; que o Achem sahíra daquelle porto fugindo; que os Portuguezes tiverão no alcance difficuldade, na victoria nenhuma. Estas palavras recebêrão credito da segurança com que se disserão, ficando o Mouro credulo, e descontente no esforço do Capitão, na victoria da armada; levando aos seus por reposta, que o Capitão Mór, ou entendêra o ardil, ou desprezára o medo.

Simão de Mello com estas cousas entrou em grande cuidado, porque a tardança da armada fazia a nova contingente, accusando-se de leve, e temerario, por haver empenhado as forças daquella Praça contra hum inimigo de cuja paz não tiravamos fruto, nem gloria da ruina; porque humilde prova de valor seria destroçallo com forças iguaes, se o tinhamos vencido com muito inferiores. Assim discorria o Capitão, como se não pudéra haver desgraça sem culpa. Hião na armada embarcados os casados de Malaca, cujas mulheres, e filhos com lagrimas anticipadas ao successo, choravão a victoria que ignoravão, queixando-se do Capitão, que quizera comprar fama com o sangue alheio: sendo mais conveniente ao Estado huma paz honrada, que huma victoria inutil. E já o tumulto popular tocára em liberdade, se o Mestre Francisco Xavier

(que então a India respeitava Penitente, e agora o Mundo venera Santo) não enfreára o Povo, lembrando-lhe a paciencia nas adversidades, não só como virtude, senão como remedio; descobrindo-lhe cauto, mas tambem compassivo, huns longes de mais alegres novas, que mais parecião alivios de proximo, que annuncios de Profeta. Quando no mesmo dia, em que se deo a batalha, estando á vista de numeroso Povo, ensinando os caminhos da vida, se arrebatou subitamente em hum extasis profundo, como bebendo em suave silencio os segredos Divinos, até que despertando da mysteriosa pausa dos sentidos, rompeo em agradaveis vozes, dizendo, que prostrados ante os Altares, déssemos graças ao Author das victorias, porque naquella hora desbaratára Deos com nossos braços a armada do inimigo. O Povo reverente no presagio do Interprete Divino, com gratas, e piedosas lagrimas louvava a Deos no Santo, começando dos extremos do pesar, mais segura a alegria. Aquella mesma tarde estando doutrinando a plebe em huma Ermida visinha, referio os casos da batalha com tão particulares accidentes, como quem sabia o successo, de quem deo a victoria; e desta felicidade cremos, foi o glorioso Santo intercessor, e oraculo, o qual com muitas outras illustrações Divinas antevio os segredos escondidos com espirito presago do futuro. Ficou Malaca gozando de huma honrada paz, assegurada com a victoria que temos referido; porém o Governador em Goa, ainda com as armas quentes no sangue de huma batalha, o chamavão a outra.

Entre o Hidalcão, e o Estado deixou Martim Affonso de Sousa vivas as causas dos odios que temos referido, de que D. João de Castro lhe não podia dar satisfação, sem affronta, nem negar-lha, sem guerra. Com a retirada dos Mouros estavão á nossa obediencia as terras de Bardez, e Salsete, nascendo os fructos da agricultura, quasi debaixo das armas com que os defendiamos. O Hidalcão, como via com seus olhos as terras, e tambem os aggravos continuados na retenção que avaliava injusta, cada dia nos acordava com as armas seu direito, sobresaltado juntamente com a presença do Meále em Goa, que era veneno, que acomettia o coração do Reino; e entendendo, que com as entradas dos seus, subitas, e furtivas, mais irritava, que enfraquecia o Estado; e que com a negação dos mantimentos empobrecia os vassallos, e engrossava os visinhos, de cujos pórtos os recebiamos, entrou em consideração de nos fazer a guerra com poder descuberto, em que aventurasse o Reino, e a pessoa, deixando na fortuna de huma batalha a justiça de humas, e outras armas; e como a paz, e a tyrannia o tinhão feito rico, erãolhe faceis as despezas da guerra que havia de mover quasi dentro em sua mesma casa. Despachou logo oito mil soldados a senhorear as terras da contenda, em quanto se dispunhão forças maiores para sustentar o que aquellas ganhassem.

O Governador, com o primeiro aviso desta entrada ordenou, que D. Diogo de Almeyda Freire com novecentos Portuguezes, e alguns Canarins de soldo, e huma companhia de cavallos fosse encon-

trar o inimigo, ficando elle em Pangim para o soccorrer com o resto da gente, se o Hidalcão viesse pessoálmente; fama, que os Mouros derramavão, e nos querião persuadir, ou se persuadião. D. Diogo de Almeyda partio com esta gente, e fez alto na Fortaleza de Racol, a cuja vista teve algumas escaramuças leves com o inimigo, que não quiz empenhar o poder, nem aceitar a batalha que lhe offereciamos, quiçá conhecendo, que não podiamos sustentar guerra lenta pela falta de provisões, e incommodidades do terreno alagadiço, e retalhado em esteiros, onde não podiamos ter alojamento enxuto, nem servir-nos de cavallaria em todos os lugares da campanha; huns, que pela humidade nos tolhião a passagem, outros pela aspereza; inconvenientes mais faceis de vencer aos Mouros, que como naturaes da terra sabião melhor os passos, e estavão feitos ao trabalho de calcar os pantanos com agilidade, e soltura; de mais, que erão bastecidos com maior abundancia, como senhores do Paiz. Vendo pois D. Diogo, que o inimigo tinha a escolha de peleijar, ou retirar-se, e que os mantimentos lhe faltavão, consultou o Governador, que lhe ordenou, que recolhesse a gente na Fortaleza de Racol, em quanto resolvia o que se devia obrar.

Voltou o Governador de Pangim a Goa, onde poz em conselho o estado das cousas, e desejos que tinha de opprimir o Hidalcão com guerra mais pesada para evitar as molestias de tão repetidas entradas, ficando de huma vez com as mãos livres para acodir a negocios differentes, o que não

poderia ser, deixando armado, e sem castigo tão importuno visinho. Porém a todos pareceo, que a guerra se differisse para tempo opportuno, qual seria o do verão seguinte, em que os nossos podião campear já no terreno enxuto, e com forças maiores, engrossadas com os soldados Reinoes, que nas náos de viagem se esperavão; que o fim das emprezas não era a brevidade, era a victoria.

O Governador, ainda que bellicoso, e mal soffrido, houve de sujeitar a vontade ao entendimento, esperando monção em que pudesse pedir ao Hidalcão mais rigorosa conta de seus atrevimentos. O que assentado ordenou a D. Diogo de Almeyda Freire, que retirasse a gente, deixando a Fortaleza de Racol com sufficiente presidio, pondo ás correrias do inimigo este pequeno freio. E como o Governador era no exercicio das armas incansavel, em quanto não tinha real a guerra, parece que se deleitava com a imagem della. Hia todos os dias ao campo, onde mandava aos soldados tirar a barra, jogar as armas, formar esquadrões, incitando a huns com premios, a outros com louvores, fazendo com a emulação, e exercicio, crescer estas virtudes, trocando huma Cidade pacifica, e politica, em escola de armas, que estes erão os saráos, e comedias, onde com util, e bellicosa diversão se recreava o povo, tendo com a frequencia destes ensaios os soldados tão bem disciplinados, que nas occasiões da guerra verdadeira, nenhum caso, ou accidente os tomava de novo. Passando pela rua de Nossa Senhora da Luz, vio em huma casa terrea quantidade de armas em hum

cabide, tratadas com tal lustro, e asseio, que se pagou da limpeza, e concerto, com que estavão dispostas; e tendo a redea ao cavallo, perguntou quem na casa vivia? Acodio a lhe responder o mesmo dono, que era hum Francisco Gonçalves, soldado de fortuna. O Governador depois de o louvar de curioso, e bem occupado, lhe mandou dar trinta pardaos, com que lustrasse o ferro; sendo que nos dias de seu governo tiverão pouco tempo as armas para criar ferrugem.

Era já entrado o mez de Agosto, e o Governador, como antevendo as occasiões futuras, não perdia momento em municionar, e bastecer a armada, quando aportou na barra de Goa Francisco de Moraes Capitão de hum catur, com cartas de D. João Mascarenhas, em que o avisava, que o Soltão de Cambaya juntava todas as forças de seus Reinos com voz de pôr segundo sitio áquella Fortaleza; que convinha mostrar-lhe este verão as armas, porque attento á segurança de sua mesma casa, deixaria de inquietar a alheia; mórmente, que impedindo-lhe nossas armadas a liberdade da navegação, e os uteis do commercio, abriria os olhos para vêr, que só da paz do Estado pendia sua prosperidade.

O Governador mandou juntar o governo da Cidade a quem deo cópia da carta de D. João Mascarenhas, pedindo-lhe o ajudassem, para acabar de domar, ou reduzir este inimigo; e ainda que esta exacção os tomava sobre tão fresco empenho, foi a proposta do Governador tão grata a todos, que lhe offerecêrão as vidas, e as fazendas, como se

fora o serviço do Estado alimento, e herança dos filhos que criavão. Esta felicidade de tempos não alcançou a India em todos os governos. D. João de Castro lhes pedio dez mil pardaos, com que o Povo o servio promptamente. E as mulheres de alguns cidadãos ricos lhe mandárão quantidade de joias, com huma carta cheia de honradas queixas pelas não haver aceitado, nem despendido na primeira offerta; mostrando-se as de Chaul, ainda que no exemplo segundas, na offerta maiores. Porém o Governador escasso no uso, e dispendio de tão fieis donativos, lhos tornou a remetter agradecido, e pagando-lhes nas honras dos maridos, e filhos, tão liberal, e opportuno serviço. Avisou aos moradores de Baçaim, e Chaul das noticias do Capitão de Diu, e despezas da armada, e necessidade em que estava para que o ajudassem; os quaes lhe respondêrão tão faceis ao serviço Real, que parecia recebião as novas occasiões de perigo, e despeza, como premio de que tinhão servido.

Andava o Governador dando expediente aos aprestos da armada, quando lhe chegou nova, que na barra de Goa havião lançado ferro duas náos do Reino, que se apartárão da conserva de outras. Tinhão aquelle anno partido do Reino seis, sem Capitão Mór; das que chegárão erão Capitães Balthasar Lobo de Sousa, e Francisco de Gouvea: das quatro que faltavão, D. Francisco de Lima em S. Filippe, e vinha provido na Capitania de Goa; Francisco da Cunha no Zambuco; e estas duas partírão tarde, e vierão tomar a barra em vinte e tres de Setembro. De outra náo que era a Burga-

leza, vinha por Capitão Bernardo Nazer; invernou em Socotorá, e aportou em Goa nos ultimos de Maio. Era Capitão da outra D. Pedro da Sylva da Gama, filho do Conde Almirante, despachado para Malaca, e por ruim navegação do seu Piloto, se perdeo nas Ilhas de Angoxa; salvou-se porém a gente, que passou a Moçambique, e dahi repartida por outras embarcações, chegou á India. Nestas náos veio ordem ao Governador, que mandasse alargar o sitio á Fortaleza de Moçambique, por avisos que se tinhão, de haverem Rumes de vir a ella, e convinha assegurar os moradores, e o porto, como escala principal de nossas náos, tolhendo ao inimigo o impedimento que nos podia fazer no commercio de Çofála, e Cuama.

Achava-se o Governador com tres mil soldados Portuguezes, e alguns soccorros de Naires de Cochim, que forão as maiores forças, que juntou na India, e considerando, que o Hidalcão com sua ausencia poderia perturbar o Estado, attento á não ficar em Goa quem lhe fizesse opposição bastante, resolveo buscallo no interior do sertão, necessitando-o a aceitar a batalha, porque tinha para esta guerra tão precisa, taxado o poder, e o tempo. Communicou esta resolução com os Regentes da Cidade, e os Cabos da milicia; e a todos pareceo a occasião opportuna. E como o Governador era nas execuções sobre maneira presto, e tinha a gente prompta, repartio em cinco esquadras os soldados, segundo a disciplina da India, de que fez Cabos a seu filho D. Alva-

ro, D. Bernardo, e D. Antonio de Noronha, filhos do Viso-Rei D. Garcia de Noronha, Manoel de Sousa do Sepulveda, e Vasco da Cunha. Hia tambem D. Diogo de Almeyda Freire com duzentos cavallos, e os casados de Goa, a quem se aggregárão os piões da terra, em número de mil e quinhentos. Presidiava a Fortaleza de Racol Francisco de Mello com trezentos soldados Portuguezes, e alguma infantaria dos naturaes, ao qual avisou o Governador, que se aprestasse para se ajuntar com elle na Villa de Margão.

Neste tempo chegárão a Goa Embaixadores do Rei do Canará, que pretendião a confederação do Estado, para com armas auxiliares molestar ao Hidalcão seu continente. Foi este Reino entre os Orientaes, pela grandeza do imperio, o mais illustre; pelos principios da origem, o mais desvanecido, fabulando mil tradições apocrifas, com que á veneração Real servio a lisonja. Ouvio o Governador a Embaixada com ceremonias decentes á ambição do Rei, e grandeza do Estado; e logo capitulárão amizades com condições honestas a huma, e outra Coroa. Tanto, que o Hidalcão entendeo a resolução do Governador, mandou retirar a guarnição das terras firmes, como declinando o golpe da primeira invasão, querendo cansar o Estado com aquella fórma de guerra repentina, e furtiva; aos nossos intoleravel, a elle facil.

Soube o Governador, que os Mouros erão recolhidos a Pondá, onde estavão abrigados com a artelharia do seu forte; alguns Capitães forão de parecer que o Governador não seguisse o inimigo,

que fugia; opinião envelhecida dos maiores soldados; porém D. João de Castro, não querendo vestir de balde as armas, mandou passar avante, dizendo, que queria castigar ao Hidalcão em sua mesma casa. Foi esta resolução grata aos soldados, crendo, que levavão na fortuna do General grão parte da victoria. Marchou o campo aquelle dia duas legoas, e já sobre a tarde houve vista do inimigo, que da outra parte de huma ribeira o esperava, para lhe impedir o passo com hum corpo de dous mil soldados.

D. Alvaro de Castro, que levava a vanguarda, se lançou ao rio, vadeando, e peleijando juntamente; o inimigo lhe deo a carga de arcabuzaria, com que lhe derribou alguma gente, porém sem impedir, ou retardar aos outros que passavão. Os mais Capitães cortárão o rio por differentes partes, e quando chegárão, achárão a D. Alvaro baralhàdo com os Mouros, e já tão apertados, que hião deixando o campo, porque não era seu intento peleijarem no raso; tanto que vencemos o rio, cessárão da opposição que nos fazião, retirando-se ordenados á sua Fortaleza de Pondá. O Governador mandou seguillos, o que se fez aquelle dia por cima de alguns estrépes, que encravárão a muitos, e chegando a Pondá vio a todos os Capitães do Hidalcão ordenados em fórma de dar, ou acceitar batalha. O Governador com o mesmo passo da marcha que levava, mandou acomettellos; os Mouros na resolução parece que conhecêrão a pessoa de D. João de Castro, e como se derão lugar á fama de seu nome, lhe deixárão

o campo, onde só com o respeito alcançou a victoria. Retirou-se ao sertão o inimigo, onde pela aspereza da terra não podia ser seguido. Entrou D. Alvaro na Fortaleza que achou desamparada; forão muitos de parecer, que se desmantelasse: o Governador porém, com mais altivo acordo, mandou que aos miseraveis fugitivos se deixasse aquelle abrigo; era desprezo, e pareceo piedade.

Ficárão outra vez as terras á nossa obediencia, sem paz segura, nem guerra continuada. O Hidalcão tinha forças para nos tolher os fructos, mas não para lograllos; e peleijava já mais pela reputação, que pelos interesses da campanha. Voltou o Governador a Goa, onde tinha a armada prompta para passar ao Nórte, não tendo outro lugar para descanso, que o mar, ou a batalha; e como o tempo chamava as vélas, e os successos trazião aos soldados contentes, não foi necessario para se embarcarem, bando, ou diligencia.

Achou-se o Governador no mar com cento e sessenta fustas, de que erão os Capitães, D. Alvaro de Castro, D. Roque Tello, D. Pedro da Sylva da Gama, D. João de Abranches, D. Jorge Déça, D. Bernardo da Sylva, Vasco da Cunha, Francisco de Lima, Francisco da Sylva de Menezes, D. Jorge de Menezes o Baroche, Manoel de Sousa de Sepulveda, Cide de Sousa, Duarte Pereira, Diogo de Sousa, Garcia Rodrigues de Tavora, D. João de Attayde, D. João Lobo, Gaspar de Miranda, D. Braz de Almeyda, Jorge da Silva, D. Pedro de Almeyda, Pedro de Attayde Inferno, Antonio Moniz Barreto, Cosme

Eanes Secretario, Melchior Correa, Sebastião Lopes Lobatto, Antonio de Sá, Alvaro Serrão, D. Antonio de Noronha, Diogo Alvares Telles, Antonio Henriques, Aleixo de Abreu, Antonio Dias, Balthasar Dias, Balthasar Lopes da Costa, Damião de Sousa, Manoel de Sá, Fernão de Lima, Afonso de Bonifacio, Antonio Rebello, Antonio Rodrigues Pereira, Melchior Cardoso, Cosme Fernandes, Nuno Fernandes, Francisco Marques, Duarte Dias, Diogo Gonçalves, Francisco Alvares, Francisco Varella, Luiz de Almeyda, Francisco de Britto, Gonçalo Gomes, Gregorio de Vasconcellos, Gomes Vidal Capitão da guarda do Governador, Antonio Pessoa Veador da fazenda da armada, Gonçalo Falcão, Gonçalo de Valladares, Galaor de Barros, Gaspar Pires, João Fernandes de Vasconcellos, Fernando Alvares, João Soares, Ignacio Coutinho, João Cardoso, João Nunes Homem, João Lopes, Lopo de Faria, Manoel Pinto, Lopo Soares, Manoel Pinheiro, Lopo Fernandes, Manoel Affonso, Marcos Fernandes, Nuno Gonçalves de Leão, Pero de Caceres, Pero de Moura, Ruy Pires, Pero Affonso, Pero Preto, Luiz Lobatto, Simão de Areda, Francisco da Cunha, Simão Bernardes, Thomé Branco, Patrão Mór da Ribeira, Coge Percoli lingua; e os navios, que vierão de Cochim, de que os Cabos erão nossos. Forão nesta conserva alguns navios de Particulares, que por benevolencia do Governador servírão graciosamente o Estado.

Com toda esta frota foi o Governador surgir em Baçaim; donde mandou algumas espias a Cam-

haya, para reconhecer as forças, e desenhos do inimigo, de cujo poder se fallava em todos aquelles portos com temor, e espanto; e os Guzarates credulos, ou soberbos dizião, que o Soltão poria desta vez o Estado debaixo de seu açoute. Aqui teve o Governador aviso, que Caracem genro de Coge Çofar estava na Fortaleza de Surrate com pequeno presidio, na confiança do exercito visinho. D. João de Castro desejando cometter alguma das Praças, que cobria a sombra do inimigo, mandou a seu filho D. Alvaro com sessenta vélas, para que sobindo o rio de Surrate, despachasse alguma pessoa de confiança, que notasse o estado da Fortaleza, ou tomando lingua da terra, soubesse com que munições, e presidio Caracem se achava; e parecendo, que se podia tomar a Fortaleza por escala, lhe desse logo o assalto, porque pelas mesmas pisadas, que deixasse, iria a soccorrello.

Chegou D. Alvaro com a armada ao primeiro poço, que fica na entrada do rio, e logo despachou a D. Jorge de Menezes Baroche com seis fustas, para reconhecer a Fortaleza. Sobio D. Jorge pelo rio, remando á voga surda, até que sendo visto da Fortaleza, lhe tirárão algumas bombardas. Os das fustas voltárão logo os remos, ou timidos, ou cautos, por mais que lhes bradou D. Jorge que esperassem. Aqui foi o perigo maior, donde se não temia, porque de huma Povoação de Abexins, que estava sobre o rio, tirárão muitas peças; o que visto por D. Jorge, saltou em terra, e entrando a Povoação, ganhou a artelharia dos

redutos com valor, e animo tão quieto, que a baldeou nas fustas, sem que lhe fizesse estorvo a gente que acodia de terra. Esta segurança fez parecer o poder maior, quiçá medindo o inimigo nossas forças por nosso atrevimento.

Logo que D. Alvaro despedio a D. Jorge com as fustas, mandou traz elle outras duas, de que erão Capitães Francisco da Sylva de Menezes, e João Fernandes de Vasconcellos; os quaes desejando tomar lingua em terra, surgírão em hum poço antes da Povoação dos Abexins, donde mandárão os marinheiros, que fizessem aguada, que saltando em terra, caminhárão quasi hum tiro de espera. Caracem, tanto que ouvio as bombardadas, que se tirárão da Povoação dos Abexins, como havemos referido, despedio quinhentos Turcos, para que os soccorressem; os quaes achárão as estancias perdidas, e a artelharia embarcada; e passando mais avante forão vistos dos marinheiros, que fazião aguada, que bradárão a Francisco da Sylva dizendo, que no campo havia inimigos, e Francisco da Sylva encaminhou logo a soccorrellos, acompanhado de João Fernandes de Vasconcellos, e fazendo hum esquadrão cerrado, envestírão com os Turcos, e os rompêrão, ficando alguns cahidos com a carga da espingardaria, que os nossos lhes derão. D. Jorge, que se hia recolhendo, quando vio as fustas surtas, e que os nossos peleijavão em terra, pôz nella a proa, e acodio a tempo que pode carregar ao inimigo, o qual se recolheo fugindo, deixando alguns companheiros mortos no campo. Custou-nos a victoria hum soldado.

Embarcárão-se os nossos, e forão na companhia de D. Jorge a demandar a armada. O qual referindo a D. Alvaro o successo, e a observação que fizéra, pareceo aos Cabos, que não tinha lugar a facção, visto estar a armada descuberta, e a terra appellidada. Só D. Jorge sustentou tenazmente, que se devia cometter a Fortaleza, sendo a grandeza de seu animo a maior razão, com que o persuadia; porém erão as contradições tão vivas, que não podia acontecer sem culpa o mais feliz successo.

Em quanto D. Alvaro esteve no rio de Surrate, o Governador surto, deo expediente a diversos negocios, e como sobre valeroso, era tambem bizarro, derramou fama, que havia de prender o Soltão dentro em Amadabá, onde á vista dos Turcos, que o asseguravão, o havia de assar vivo. E como esta voz recebia credito de tão grandes victorias, huns aos outros a referião os Mouros temerosos, ou credulos. O Governador por fazer apparente o medo, ou a galantaria, mandou lavrar huns espetos grandes, como quem para descançar dos negocios mais graves, se deleitava em diversões briosas. Costumavão os soldados daquelle tempo trazer nos cintos humas machadinhas mui polidas, que servião de cortar as driças, e enxarcêas dos navios de preza, e tambem de arrombar caixões, e fardos; este era o uso, o outro era cuberta. Desgostava-se o Governador de armas, que tinhão tão humilde serviço, e vendo acaso passar Fausto Serrão de Calvos, soldado limpo, com huma machadinha, lhe disse, que os homens de conta, só a espada cingião airosamente: Senhor,

(lhe respondeo o soldado) sem esta machadinha não servem os espetos de V. Senhoria, porque não poderemos assar inteiro a el Rey de Cambaya.

Foi o Governador ajuntar-se com D. Alvaro na barra de Surrate, onde soube que a Fortaleza estava soccorrida. Passou dahi com toda a armada junta a avistar Bareche; de cujo porto despedio a Francisco de Sequeira Capitão dos Naires de Cochim, para sondar o rio, e vêr o que se podia obrar, informando-se do estado da Fortaleza com vista de olhos. Este Capitão subio pelo rio até haver vista do exercito do Soltão derramado por huma dilatada campina. Era fama, que trazia duzentos mil Soldados: o certo he, que era a multidão tão grande, que cobria os campos visinhos, e distantes. Referio ao Governador o que víra, o qual altivo de se vêr tão temido, quiz avistar as forças do inimigo por credito de sua mesma fama. Mandou que levantasse ferro a armada, e foi subindo até dar fundo na frente do exercito, cujo numeroso poder seccava os rios. E desembarcando em terra, formou campo, e apresentou batalha ao Soltão: acção tão valerosa, que entre as memoraveis do Mundo não deve esta ser segunda. O Soltão nem acceitou, nem recusou o conflicto; esperou ser commettido, assim como buscado; vio ao Governador, não lhe quiz vêr a espada. Porém D. João de Castro, como buscando nova gloria em facções não vulgares, chamou a si os Cabos, e Fidalgos de nome, aos quaes fallou nesta substancia.

« Temos á vista o maior Rei da Asia, e o » maior exercito; anda buscando occasiões a fortu-

» na de nos fazer famosos, para que sobre esta vi-
» ctoria, na obediencia do Oriente, descansemos
» as armas. Confesso-vos a desigualdade tão gran-
» de entre hum poder, e outro; porém nossas
» esquadras não se contão pelo número, senão
» pela virtude. Aquelles são os mesmos, que ha
» poucos dias destroçámos em Diu, não he ne-
» cessario a estes fazer novas feridas, rasguemos
» mais as que ainda trazem abertas. Seu mesmo
« número os faz mais temerosos, vendo embara-
» çados os caminhos para poder salvar-se; se hon-
» tem nos deixárão o campo, tendo-nos sitiado,
» como nos hão de resistir agora victoriosos? Mal
» sustentarão a honra de seu Rei, os que perdêrão
» a sua. Maior poder he o nosso, que o do ini-
» migo; peleijão de nossa parte a fama, e a vi-
» ctoria. Não creio, que haverá quem engeite a
» grande parte que lhe cabe na gloria deste dia. »

Os Fidalgos, e soldados dissuadírão ao Governador de tão perigoso acomettimento; porque em forças tão desproporcionadas, ainda era digna de reprehensão a victoria; que os homens grandes fiavão mais da razão que da fortuna; que olhasse pela conservação, pois já lhe sobejava a fama; que assaz era haver desembarcado, e offerecer ao Soltão batalha, pizando sua mesma terra. O Governador se deixou vencer destas razões, temendo mais a culpa, que o perigo. D. Jorge lhe pedio quinhentas espingardas, para com ellas fazer alguma sórte no inimigo; porém D. João de Castro, como lhe desviárão o golpe da batalha, parece, que não quiz lastimar o Soltão com chaga tão pequena. Es-

perou tres horas na campanha, sem que o inimigo se movesse, e logo mandou embarcar os soldados, que o fizerão tão desassombrados, e seguros, como em porto do Estado; facção a mais gloriosa que tivemos sem sangue.

De Baroche foi o Governador atravessando a Diu, e despedio alguns navios por dentro da enseada de Cambaya a destruir os lugares da Cósta, a que havia perdoado a espada dos nossos. Estes talárão as hortas, e palmares plantados para a recreação, e alimento de seus habitadores, abrazárão grão cópia de navios, derribárão sobérbos edificios, de que ainda hoje se conserva a lastima, e a memoria nas prostradas ruinas.

Aportou o Governador em Diu, onde o Capitão Mór o veio receber á praia, e os naturaes da Ilha lhe fizerão festas, como soberbos na sujeição de tão valeroso inimigo. D. João Mascarenhas lhe lembrou a licença que já tinha para passar ao Reino, a qual o Governador lhe não quizera conceder, nem podia negar; alguns Fidalgos lhe havião engeitado a praça, temendo, parece, não ter as occasiões, que seus antecessores. Quando chegou áquelle porto Luiz Falcão, que vinha de governar Ormuz, e primeiro que elle havia chegado ao Governador algumas notas de seu procedimento, toleraveis por não tocarem no valor, e justiça de seu Governo: o Governador o chamou, e lhe disse os cargos de que o sindicárão, os quaes desejava esquecer, como amigo, e não podia como superior; que com novos serviços podia pôr silencio em defeitos passados, ficando naquella Fortáleza,

em que Sua Alteza, e o Mundo tinhão postos os olhos. Luiz Falcão a acceitou, rendendo ao Governador as graças por tão honrado castigo, offerecendo despender na Praça, a fazenda que adquirira em Ormuz, e a que no Reino tinha. Este brio lhe louvou, e accendeo D. João de Castro com favores publicos.

Concluidas as cousas de Diu, se embarcou o Governador em direitura a Baçaim, dando vista á Costa de Pór, e Mangalor, onde abrazou as Cidades de Palé, e de Pantane. Os moradores fugindo ao açoute, salvárão no sertão as vidas, e parte das fazendas, faltando-lhes valor, e acordo para se defender, ou morrer em suas mesmas casas. Cento e oitenta embarcações, que estavão em differentes portos, mandou dar ao fogo, vendo seus miseraveis donos o incendio com lágrimas inuteis. Ouvião-se de longe as vozes, e os gemidos, desprezados da ira, e da victoria. Alguns velhos, e meninos, que não pudérão salvar-se, mandou o Governador livrar do incendio; misericordia aos soldados importuna, grata á humanidade. Os despojos se entregárão ao fogo, sendo menor a preza, que o destroço. Muitos outros lugares daquella Costa, sem nome, forão arruinados, ficando este cerco de Diu mais famoso pela vingança, do que pela victoria.

Daqui se passou o Governador a Baçaim, determinando gastar o que restava do Verão na guerra de Cambaya, donde despachou algumas espias para saber os passos dos inimigos, dos quaes soube, que na Corte de Amadabá, não havia casa sem

lágrimas, e que o Soltão mandára com rigoroso decreto, que se não fallasse no cerco, e batalha de Diu, como se tiverão as leis imperio na dôr, ou na memoria. Destes mesmos enviados entendeo o Governador, que as Fortalezas de Surrate, e Baroche se despejárão á vista da Armada de D. Alvaro, que pudéra tomallas por escala, senão fora encontrado dos Cabos que lho dissuadírão; de que D. João de Castro mostrou tão vivo sentimento, como se acertar as occasiões fora necessidade; chegando sua modestia a romper em palavras, que accusavão os Capitães da armada de tibios, e remissos.

Neste breve ocio, que o Governador teve em Baçaim começou a escrever para o Reino, fazendo tão honradas lembranças a el Rei, dos homens que servírão, que mostrava ser este zelo, ou gratidão, virtude singular entre tantas, e os soldados se avantajavão no valor, assegurados que não lhes faltaria o General com o premio, ou com o zelo.

O Hidalcão entendendo, que as forças do Estado estarião, ainda que gloriosas, quebradas com as victorias, tornou a occupar as terras firmes com hum exercito de vinte mil infantes, á ordem de Cala Batecão, hum valeroso Turco nascido na Dalmacia, prático nas linguas, e disciplina da Europa. Este senhoreou sem contradição as terras, fazendo recolher á Fortaleza de Racol alguns poucos soldados nossos, que avisárão a Goa do poder do inimigo.

Recebido este aviso, D. Diogo de Almeyda

com conselho do Bispo, que governava, e de alguns Fidalgos, e soldados, resolveo desalojar os Mouros com a milicia da terra, primeiro que se fortificassem, e crescendo em atrevimento, e forças, chegassem a avistar as muralhas de Goa, Cidade dominante. Ordenada a gente, que o havia de acompanhar, e estando para marchar já prompto, vierão os Vereadores, e Governo da Cidade, com requerimentos, e protestos, que não passasse ávante, nem arriscasse com forças tão desiguaes a cabeça do Estado: que o Governador estava em Baçaim com armada cheia de soldados victoriosos, com que podia castigar o inimigo, contra o qual levaria, como segundo exercito, seu nome, e sua fortuna.

Durou entre Cidadãos, e soldados a controversia de maneira, que por pouco chegára a sedição, e discordia; zelando huns a conservação da Cidade, outros a reputação das armas. Em fim partirão, e compuzerão a differença com que se désse aviso ao Governador, pois estava visinho; o qual logo que entendeo, que o Governador politico se queria adjudicar a direcção da guerra, reprehendeo asperamente sua animosidade; e a D. Diogo de Almeyda agradeceo, e confirmou a resolução de buscar o inimigo, ordenando-lhe, que o esperasse em Pangim, com a gente, onde seria em breves dias.

Não bem tinha D. João de Castro soltado da mão a penna com que escreveo ao Reino, quando tomou a espada. Aquelle dia, que recebeo o aviso, mandou tirar peça de leva, ao seguinte de-

samarrou a armada, e indo costeando, avistou a Cidade de Dabul, já famosa pelo castigo que lhe derão nossas armas, e agora dos portos do Hidalcão a principal escala. Deixavão-se vêr de longe muitos jardins, pomares, e edificios polidos, que mostravão a delicia, e grandeza de seus habitadores; seria a Cidade de quatro mil visinhos, com dous fortes, e alguns redutos que defendião a entrada do porto; e dado, que a facção era para mui discursada, resolveo o Governador entreprendella.

Aquella tarde andou a armada pairando á vista da Cidade, notando os surgidouros, e defensas: e ao seguinte dia no quarto d'alva, mandou o Governador passar aos bateis a seu filho D. Alvaro com dous mil homens para saltar em terra, sendo, elle dos primeiros que a pisárão por meio de muitas bombardadas. Aqui fizerão os inimigos rosto, impedindo, ou retardando a passagem dos nossos; esteve a batalha igual hum largo espaço, fazendo-os ousados na peleija, o lugar, e a causa; as vozes das mulheres, e filhos que ouvião lhes fazia receber as feridas sem dôr, e sem receio: os mortos que cahião, não lhes fazião exemplo ao temor, senão á vingança. De ambas as partes se derramava sangue, e a constancia de huns, e outros inimigos fazia contingente o successo. Quando chegou o Governador com o resto do poder, e carregou o inimigo de maneira, que começou a fraquear na defensa; pouco a pouco nos foi largando o campo, até que com declarada fugida, nos deixou a victoria. Entrou o Governa-

dor com os Mouros de envolta na Cidade, onde perecêrão muitos á vista das mulheres, que não soubérão deixar, nem defender. Ao estrago succedeo a cobiça: o despojo igualou á victoria; apenas se pode recolher a fazenda nas vasilhas da armada. Ardeo em poucas horas a Cidade com terrivel incendio, ficando segunda vez lastimosas suas ruinas pela memoriá de hum, e outro estrago. Perdémos nesta facção cinco soldados, o inimigo duzentos; maior número seria dos feridos.

O Governador, deixando a Cidade abrazada, se tornou a embarcar, e foi demandar Agaçaim; onde o esperava D. Diogo de Almeyda com cento e cincoenta cavallos, e a milicia da terra, com quantidade de barcas para passar a gente. Deteve-se o Governador aqui hum dia, em que se informou dos desenhos, e forças do inimigo; e logo no seguinte, que era vespera do Apostolo S. Thomé, se resolveo cometter os Mouros, e invocar o nome do Santo na batalha, não lhe querendo tirar a honra da protecção da India comprada com a doutrina, e sangue derramado na Cruz de seu martyrio.

Estava o inimigo alojado na Villa do Morgão, que de Agaçaim ficava em pequena distancia: o que sabido pelo Governador, ordenou a sua gente em duas batalhas. A primeira deo a seu filho D. Alvaro de Castro, companheiro de suas victorias; com quem forão os Naires de Cochim, e os casados de Goa. A segunda, que tomou para si, se compunha de todos os Fidalgos, e soldados da armada; aos quaes a cavallaria da Cidade guarnecia

os lados. Nesta ordem mandou fazer a marcha, lançando alguns cavallos diante, que descobrissem o campo.

Os Mouros estavão derramados sem ordem, ou disciplina, como gente que não temia inimigo, ou o não esperava; porém tanto que alguns soldados, que andavão pelo campo, virão nossas bandeiras, e por vista, ou aviso, entendêrão, que o Governador os buscava, forão dar conta a Cala Batecão sobresaltados, e encarecendo o poder, que o temor, ou a distancia fazia mais crescido. O Turco assombrado de ter já sobre si tão victoriosas armas, não teve mais acordo, que para fazer com a fugida aos seus exemplo. Deixárão nos quarteis as tendas, bastimentos, e bagages, e ainda as viandas da cea, já quasi cozinhadas, que forão para o trabalho da marcha, necessario, e suave despojo. Nesta fugida começou a tomar o Governador posse das terras, e da victoria.

Passárão-se os Mouros á outra banda de hum caudaloso rio, que só se podia atravessar por huns vallos ordenados á maneira de ponte. Estes cortou o inimigo por impedir o sequito dos nossos, porém com tanta pressa, que ainda a terra movediça deixava passo aberto, e ainda que difficil, não perigoso. Por esta parte tentou D. Alvaro a passagem do rio, começando poucos, e poucos a vadeallo, como a estreiteza do lugar o soffria.

Não estava tão alheio de si o inimigo, que perdesse a occasião de peleijar com tão conhecida vantagem. Voltou com os seus ao rio, mostrandonos, que fora ardil o temor cauteloso. Carregárão

os Mouros sobre os que hião passando tremulos, poucos, e desordenados. O Governador os animava a que passassem, com a voz, com o imperio, com a presença; mas o temor venceo a obediencia; voltárão os primeiros, não sem derramar sangue, e com peiores sinaes, que os das feridas. Já a este tempo a impaciencia do Governador fez cometter o rio por differentes partes. D. Diogo de Almeyda o vadeou com hum troço de cavallaria, achando por aquella parte melhor váo, e melhor fortuna; porque se topou com o General dos Mouros, que a cavallo andava ordenando, e animando os seus, ao qual envestio com grande gentileza. Do encontro veio o Turco a terra, cahido, mas não desacordado, porque levantandose, metteo mão ao alfange, e buscou a D. Diogo, que ainda que não perdeo a sella, ficou desarmado com a força do golpe, por hum pequeno espaço; mas tornando a cobrar-se, cometteo segunda vez o Turco, soccorrido de dous soldados, e o deixou com muitas feridas, estendido no campo.

Os outros Capitães, ainda que com difficuldade atravessárão o rio, estimulados do exemplo do Governador, que vião andar com os inimigos envolto, mais envejado, que obedecido de seus mesmos soldados, que derramados, e sem ordem, se lançavão ao rio, huns tardos, outros precipitados; porém depois que passou a gente toda, carregou com tal força o inimigo, que não podendo soffrer o peso da batalha, foi desamparando o campo. O Governador, que não perdoava accidente á sua fortuna, foi apertando os Mou-

ros, já timidos, e desordenados, de sórte, que em breve espaço rematou a victoria. Morrêrão poucos dos nossos, forão muitos feridos; nos Mouros foi o estrago grande, e no alcance maior que no conflicto; porque como os nossos não tomavão cativos, com o mesmo golpe cortavão oppostos, e rendidos. D. Alvaro de Castro, mandando, e peleijando, nunca pareceo mais filho de tal Pai, que neste dia. Os outros Fidalgos, e Cavalleiros se houverão tão iguaes no valor, que nenhum mereceo segunda fama. Com o nome de S. Thomé, e em seu dia se venceo esta batalha, dando de seu favor aos Catholicos Orientaes hum testemunho illustre. Foi esta rota memoravel; e ainda cantada muitos annos das donzellas de Goa, inventando na singelleza de versos faceis, louvores sem artificio, nem lisonja.

Despedio o Governador a gente, e foi-se descansar a Pangim, escusando-se de ter a festa em Goa, desprezando as palmas, e triunfos Marciaes justamente; pois era já seu nome na voz do Mundo, maior que todo applauso. Aqui esteve despachando as nãos de carga, que havião de voltar ao Reino, em que foi embarcado D. João Mascarenhas, varão mais constante nos perigos da Asia, que nas adversidades da Patria. Foi recebido del Rei, e da Nobreza com honras não vulgares. Os premios não respondêrão com igualdade aos serviços. Foi Conselheiro del Rei D. Sebastião no Estado, depois hum dos Governadores do Reino. Casou com D. Elena, filha de D. João de Castello-branco, de que deixou illustre, e fidelissima posteridade.

Não pareceo a D. João de Castro, que estava o Hidalcão ainda bem cortado de nossas armas; resolveo quebrantallo com mais pesada guerra. Assegurou com grosso presidio as terras de Salsete, deixando a D. Diogo de Almeyda com cento e vinte cavallos, e mil piões da terra; e nos rios de Racol ordenou, que ficassem alguns navios para defensa das Aldeas visinhas; cujos lavradores desamparavão as terras, vendo o dominio dellas, incerto, e contingente pela instabilidade dos successos da guerra. Entendendo pois o Governador, que seria facil de prostrar hum Reino declinado, foi continuando com o Hidalcão a guerra, querendo que de seu castigo fizessem argumento os emulos do Estado. Mandou embarcar os soldados, que tinha sempre promptos, porque era a todos nos perigos companheiro, e nos trabalhos pai; e dando á véla, foi navegando por aquella costa do Hidalcão, a qual destruio com tão igual açoute, que não deixou lugar que pudesse consolar as miserias de outro; não se livrou nenhum pela resistencia, alguns pela distancia.

Outro Dabul, que chamão de cima, que por espaço de duas legoas se apartava da praia, estava por forte, e por distante rico com os depositos, e fazendas de muitos; mas nem assim lhe valeo o abrigo da terra, para se eximir da fortuna dos outros; porque o foi demandar o Governador, dando a seu filho D. Alvaro o primeiro perigo, a que chamão os soldados vanguarda (que estes erão os favores daquelle Pai, e os daquelle tempo); porém quando chegou, os Mouros tinhão assegurado no in-

terior do sertão, pessoas, e fazendas. Não achárão os nossos cousa que servisse á victoria, ao estrago sim; porque os edificios, que não pudêrão servir ao despojo, pagárão com a ruina. Vierão as Mesquitas, e Pagodes a terra, deixando os Idolos desfeitos, e prostrados, sem que a ira dos nossos de pedra a pedra fizesse differença, chorando aquelles Mouros, e Gentios, com humas mesmas lagrimas, as miserias de seus deoses, e as suas. Passou a indignação de nossas armas a talàr a campanha, destruindo os gados, e palmares; para que a fome acompanhasse a guerra; espada, de que os não podia livrar a fuga, ou resistencia. Ficou em fim tão assolado tudo, que das Povoações á campina se não fazia differença pela vista, senão pela memoria.

Recolheo-se o Governador a Baçaim, donde voltou as armas á guerra de Cambaya, despedindo alguns Capitães para que damnassem todo aquelle maritimo, fazendo prezas nas náos de Méca, que vinhão ancorar nos portos da enseada; o que D. Antonio de Noronha, e D. Jorge Baroche fizerão com felices armas, crescendo com prezas, e victorias, reputação, e forças ao Estado, sendo nossas armas respeitadas, e temidas nos dias de D. João de Castro; de maneira, que os mais dos Principes da Asia, visinhos, e distantes, com voluntaria obediencia tributavão ao Estado, para no abrigo de nossas forças defender, ou assegurar os Reinos. Desta verdade nos darão os Reis de Campar, e Caxem não leves argumentos.

Escrevem nossas Chronicas, e com maior espanto as estranhas, aquelle famoso cerco de Diu,

que defendeo Antonio da Sylveira, de quem as armas do Turco recebêrão na India, ou a primeira, ou a maior affronta. Foi General da empreza Rax Solimão, que depois de perder no sitio grande parte da armada, o temor de nossas náos, ainda ancoradas no porto, o fez retirar, fugindo, e deixando em terra bagages, e feridos. Este vendo que não pudéra conseguir a facção promettida a seu Senhor, o qual soberbo, e imperioso não costumava acceitar satisfação de culpas, ou desgraças, quiz antes arriscar a fidelidade, que a cabeça. Entrou no porto de Adem com voz de amigo, onde o Rei o mandou visitar com mimos, e refrescos da terra, cauto porém, e vigilante em guardar a Cidade, porque a fé, e o poder fazião ao Baxá suspeitoso. O Turco que vio sua traição temida, ou descuberta, quizera por escala cometter a Cidade, porém temeo a fortaleza da Praça, o valor dos Arabios; e assim recorreo a outro ardil mais vil, e mais seguro; qual foi mandar-se desculpar com o Rei de não entrar na Cidade, por não perder a monção, que lhe pedia quizesse vir a bordo, porque tinha que lhe communicar negocios do Grão Senhor, em beneficio de seu Reino. O pobre Rei, facil, e crédulo em prosperar o estado, se foi logo vêr ao mar com o Baxá, assegurado da consciencia innocente; mas o tyranno esquecido da fé, e humanidade, o mandou descabeçar na galé entre baldões, e mófas, deleitando-se cruel em traição tão fea. Morto o Rei foi facil ao Baxá occupar a Cidade na violenta morte de seu Principe temerosa, e confusa. E porque pela visinhança dos Turcos custou cui-

dado, e sangue ao Estado, daremos della huma breve relação.

Jaz situada na costa da Arabia Felix em altura do Polo Artico de doze gráos, e hum quarto, abrigada de huma pequena serra, que com alguns castellos lhe defende a entrada da terra. Está assentada na bocca do Estreito, o porto limpo, capaz de ancorar navios de todo porte, ainda que descuberto aos Ponentes, que são os ventos que alli cursão nas monções do Estio. A arte, e a natureza a fizerão defensavel por terra, assegurando-se da ambição dos Regulos visinhos, e incursões dos Alarves Arabios, que com importunas correrias molestão a campanha. Está no porto huma pequena Ilha medianamente fortificada, a que os naturaes chamão Cirá; defronte fica outro surgidouro, abrigado de muitos ventos, onde costumão dar fundo náos que navegão a Meca. Não tem rios, ou fontes que fertilizem a terra, e tambem as aguas do Ceo lhe faltão por dous, e por tres annos, ou seja condição do clima, ou castigo secreto; assim a conduzem em cafilas de camelos de partes mui remotas. A dróga principal da terra he ruiva; mas o que mais lhe importa he a ancoragem das náos que navegão o Estreito. A gente bellicosa, e cruel, segue com promptidão a guerra, pelos despojos mais, que pela victoria.

Occupada pelo Baxá a Cidade, vendo-se, ainda que intruso, obedecido, começou a quebrantar o Povo com diversos gravames, tirando-lhe as forças para melhor os dominar, timidos, e sujeitos. Aos poderosos mandava degollar, e con-

fiscar sem causa, sendo a vida culpa, a riqueza delicto. O soffrimento dos miseraveis era melhor para virtude, que para remedio; porque até da paciencia servil dos innocentes se cansava o tyranno. No dominio da Cidade lhe succedeo Marzão, e tambem nos insultos, tão crueis, que apurárão de todo a paciencia dos pobres moradores, resolvendo-se a podello soffrer como inimigo, mas não como Senhor. Tiverão meios para offerecer a el Rei de Campar a Cidade, e a obediencia, dizendo, que com qualquer soccorro acometterião os Turcos descuidados com o dominio pacifico, e quasi hereditario, e muito mais com o desprezo de homens que tinhão, ao parecer, perdido a memoria de sua liberdade, e sua injúria.

O Rei visinho, com palavras de lastima, e agrado, lhes acceitou a offerta, ou fosse ambição, ou humanidade. Escolheo entre os seus mil soldados benemeritos de facção tão grande, querendo ser o mesmo Rei companheiro, e Capitão de todos. Partírão no silencio da noite, e chegando á Cidade, lhe derão os conjurados huma porta, por onde entrárão, fazendo-se senhores do Castello com leve resistencia. Marzão com quinhentos Turcos se fez forte nos paços, mais certo do perigo, que das causas, e authores delle. Com a primeira luz do dia appareceo el Rei capitaneando os seus, e logo enviou a Marzão hum trombeta, dizendo, que aquella Cidade era sua por antigos pretextos, e agora por eleição dos proprios moradores, que opprimidos com a intrusão do Baxá, tivérão a voz, e a liberdade atadas para não pronunciarem o nome de seu

natural Principe; que elle os vinha amparar como a affligidos, e mais como a vassallos; que se quizessem deixar a Cidade, lhes faria tratamento de amigos, permittindo-lhes levar as armas, e roupa que tivessem; e quando não, a justiça, e a victoria o farião duas vezes senhor de seus mesmos vassallos.

O Turco, entendida a conspiração dos Arabios, e que para se defender lhe faltavão forças, e bastimentos, obedeceo ao tempo, sahindo com as bandeiras arvoradas, tocando caixas, a occupar hum castello distante oito leguas, do qual intentou com os soccorros de Baçorá, reduzir a Cidade á servidão primeira. Começou assaltando aos de Adem as cafilas que bastecião a Cidade, a qual, como recebe do sertão agua, e mantimentos, padeceo em breves dias grandes necessidades, porque se alguns bastimentos lhe entravão, erão poucos, custosos, e furtivos. Com lágrimas o povo lastimado pesava em huma mesma balança a fome, e a tyrannia; males, de que só tinha miseravel escolha. Engrossava o tyranno seu partido com soccorros continuos a que não podia o Rei fazer opposição com forças iguaes, e discorrendo com as cabeças do Povo sobre os meios de salvar a Cidade, lhe trouxerão á memoria a fama de nossas victorias contra Turcos, e a fidelidade de nossa protecção aos confederados. Resolvêrão mandar huma Terrada ao Capitão de Ormuz, que então era D. Manoel de Lima, offerecendo huma Fortaleza, e os rendimentos da Alfandega, dando-nos juntamente a conhecer o perigo do Estado, se os Turcos firmassem o pé naquella praça.

Era fama, que o Marzão esperava de Baçorá em breve importantes soccorros; e que se o deixassem engrossar o poder, commetteria a Cidade com força descuberta; pelo que el Rei de Campar mostrando-se no discurso, e no valor soldado, não querendo que este tronco prendesse com maiores raizes, determinou com tres mil homens escolhidos, cercar a Fortaleza; o que emprehendeo com maior resolução, que fortuna, porque nos primeiros assaltos, o matárão. Os Arabios cortados do temor com a morte do Rei, deixando o sitio viérão a sepultar o corpo, sendo na occasião a vingança mais opportuna, que a piedade.

A Terrada que navegava a Ormuz, entrando o Cabo de Rosalgate, se encontrou com D. Payo de Noronha, que com doze navios de remo guardava aquelle Estreito, e entendida a pertenção do Arabio, parecendo-lhe este soccorro digno de todo grande soldado, escreveo ao Capitão de Ormuz, que senão houvesse de tomar esta honra para si, lha não negasse a elle. D. Manoel lhe mandou mais dous navios, e alguma gente escolhida, para que fosse assegurar a Cidade, em quanto lhe aprestava maiores forças; e ao Embaixador del Rei de Campar, depois de lhe fazer honrado tratamento, aconselhou, que pedisse ao Governador da India armada, que elle era tal, que não negaria amparo aos amigos do Estado, mórmente contra Turcos, cuja guerra tomavamos como herança de nossas armas.

Chegou D. Payo a Adem, onde foi recebido com a benevolencia, e grandeza, que pudérão

a seu proprio Principe, entregando-lhe a Cidade, tanto para a defensa, como para o governo. Arvorárão huma bandeira nossa, pela qual se apostárão a morrer todos, sangrando-se nos peitos com demonstrações, e ceremonias barbaras, mas fieis, protestando que defendião aquella Cidade, como membros do Estado, de quem já erão por obediencia vassallos, e filhos por amor. Porém D. Payo se portou de maneira, que fez declinar a opinião de nossas armas no Oriente; e nós troncaremos os accidentes desta Historia em beneficio de tão grande appellido; dado que andão de outra penna mais livre referidos em vulgares escritos.

Desamparados os de Adem por D. Payo, nem assim perdêrão a devoção do Estado, defendendo a Cidade com a voz de Portugal na bocca; e porque ou não tinhão, ou não quizerão outro abrigo, que o de nossas armas, resolvêrão enviar huma pessoa Real ao Governador, que lhe significasse o estado em que se achavão; de cujas miserias podiamos tirar nova fama, não desprezando a gloria de amparar afſligidos; que o Principe de Adem queria receber do Estado as leis, e a Coroa, a quem se faria feudatario com hum grato, e honesto tributo.

D. João de Castro se alegrou de vêr soar seu nome, e suas victorias nos ouvidos dos Principes remotos, fazendo-os não só reverentes, mas sujeitos. Em Goa houve grande alvoroço com a mensagem, vendo que a fortuna do Governador tornava ao Estado as felicidades da primeira India, pois aonde outras armas mal havião chegado por noticia, as suas chegavão por imperio.

Deo o Governador esta empreza a seu filho D. Alvaro, tão benemerito de todas, que não pareceo a eleição de Pai, mas de Ministro. Quizerão-se embarcar com elle muitos Fidalgos velhos, que o Governador desviou com hum modesto Decreto, ordenando, que se ficassem em Goa, porque necessitava delles para cousas maiores; era porém tão grande o gosto da jornada, que recebêrão o Decreto como aggravo de todos; parece que era o vicio daquelles tempos a ambição dos perigos. O Governador os satisfez, alegre de vêr aquelles espiritos criados debaixo de sua disciplina. Mandou logo cifar, e bastecer trinta navios de remo, de que fez Capitães a D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rei D. Garcia, Antonio Moniz Barreto, que hia provido na Fortaleza que se havia de fazer em Adem, D. Pedro Déça, D. Fernando Coutinho, Pero de Attayde Inferno, D. João de Attayde, Alvaro Paes de Sottomaior, Fernão Peres de Andrade, Pero Lopes de Sousa, Ruy Dias Pereira, Pero Botelho Porca, irmão de Diogo Botelho de casa do Infante D. Luiz, Alvaro Serrão, Luiz Homem, Melchior Botelho, Veador da fazenda, Gomes da Silva, Antonio da Veiga, Luiz Alvares de Sousa, João Rodrigues Correa, Diogo Correa, que tinha vindo com o Embaixador de Adem, Diogo Banho, Pero Preto, Alvaro da Gama, e outros.

Poucos dias antes, que çarpasse a armada, chegou a Goa hum Embaixador del Rei de Caxem, a quem os Fartaques visinhos havião usurpado grande parte do Reino. Este, como reinava na outra

contracosta da Arabia, sabendo que Adem era soccorrida de nossas armas, ajuizando que com a mesma armada o podiamos restaurar, escreveo ao Governador, que não seria menos grato ao Mundo restituir a Caxém, que defender a Adem. Representava quão fiel hospedagem achárão nossas armadas em seus portos, fazendo resenha das que alli havião ancorado em tempos differentes, a cuja causa se fizéra aos Turcos sospeitoso; offerecia além da fidelidade moderado tributo. O Governador entendendo que estes soccorros reputavão nossas forças, e criavão amigos ao Estado, assentou, que com a mesma armada se désse favor ao de Caxem, visto ser huma mesma a viagem, e a despeza, com que se podia obrar huma, e outra empreza. E porque os de Adem, como cercados, necessitavão de prompto soccorro, o Governador antevendo, que o corpo da armada podia chegar tarde, frustrando o intento, e cabedal, despachou logo a D. João de Attayde com quatro navios, para que entrasse em Adem, e entretivesse o cerco até chegar D. Alvaro. D. João de Attayde deo á véla, e por lhe ventar o Noroeste grosso, desaparelhou hum dos navios, que arribou destroçado, os mais forão seguindo sua viagem.

Entretanto peleijavão em Adem obstinadamente cercadores, e cercados, derramando de ambas as partes sangue. Carregava o peso desta guerra sobre alguns Portuguezes da armada de D. Payo, que mostrárão valor illustre em nascimento humilde; os quaes se empenhárão na resistencia, como se defendêrão sua Pátria no principado alheio. Es-

tes bastárão a embaraçar aos Turcos a victoria muitos dias, e como erão soldados de fortuna, nossas Chronicas, com ingrato silencio lhes callárão os nomes, como se a virtude necessitára de heroicos ascendentes, e fossem menos honrados estes por suas obras proprias, que os outros pelas alheas. Creio, que com injúria da natureza criárão novas leis os poderosos, em que não só fossem hereditarios os morgados, mas os merecimentos.

Estando as cousas de Adem na contingencia que temos referido, appareceo a armada dos Turcos, que constava de nove galés Reaes, e algumas galeotas, as quaes derão vista á Cidade, e surgindo fóra da enseada, sahírão em terra, armárão tendas, e fortificárão alojamento, avisando ao Baxá se lhes aggregasse com a gente que tinha. Os Arabios, que vírão sobre si forças tão grandes, acodião remissos á defensa, huns tibios, outros desconfiados, parecendo-lhes insuperavel o valor, e o poder dos inimigos, e já em privadas juntas accusavão em seu Rei a ambição de dilatar a Coróa com o sangue do innocente Povo, não cabendo seu espirito na fortuna de seus Antecessores. Porém os Portuguezes, que com elles estavão, vendo que dos casos mais arduos era mais gloriosa a fama, esforçárão os Arabios, mostrando-lhes a resistencia necessaria, e possivel; offerecendo-se de novo por companheiros voluntarios de sua fortuna; o que bastou a criar-lhes outros espiritos novos, com que se apostárão a morrer na defensa, menos pela obrigação, que pelo exemplo.

Sitiárão a Cidade os Turcos, pondo-lhe duas

batarias com algumas peças de disforme grandeza, entre ellas duas, que chamão Quartaos, jugavão bala de quatro palmos de roda, fizerão nos muros mais ruinas, que brechas, com que aos cercados o perigo ensinou a disciplina, fazendo seus reparos, e travezes por dentro, com que entretinhão, e rebatião os assaltos, e fazião aos Turcos duvidosa, e custosa a victoria. Porém D. Payo de Noronha (arrastado de algum fatal destino) privou aos Arabios da victoria; aos nossos da honra, mandando secretamente avisar a todos os Portuguezes se viessem a elle, desamparando a defensa do Principe feudatario, e amigo, faltando ás obrigações do cargo, e ás do sangue. Os mais dos Portuguezes obedecêrão, só Manoel Pereira, e Francisco Vieira, dous soldados de fortuna, dissêrão, que aquella Cidade era del Rei de Portugal, e que na defensa della havião de perder as vidas: parece que na milicia daquelles tempos primeiro se perguntava pelo valor, que pela disciplina. Estes sustentárão a Cidade até o ultimo dia, ganhando melhor opinião na ruina, que os Turcos na victoria.

Logo que os Arabios entendêrão, que erão os Portuguezes recolhidos, perdida a esperança da defensa, tratárão de partidos; mandou porém o Principe cessar a prática, dizendo, que antes sahiria da Cidade desbaratado, que rendido; que aquella bandeira del Rei de Portugal não havia deixar ganhalla aos Turcos sem nodoas de seu sangue; fidelidade digna de ser melhor assistida de nossas armas Continuou os assaltos o inimigo, conhecen-

do já nos moradores divisão, e fraqueza, com que tornou a tomar calor a prática da entrega; a qual o Principe atalhou sempre, a si mesmo fiel, e ao Estado. Porém o perigo, a fome, e a desconfiança dobrárão alguns dos moradores para darem ao inimigo huma porta secreta, por onde entrou a Cidade. O Principe com a vida desempenhou a fidelidade promettida ao Estado, peleijando com espirito Real, mas infelice. Manoel Pereira, e Francisco Vieira salvárão a hum Infante, que levárão a Campar, consolando aos vassallos com aquelle pequeno ramo de seu prostrado tronco.

D. João de Attayde, que deixámos no mar com tres navios, foi fazendo viagem, e porque tinha ventos de servir, em poucos dias vio a costa da Arabia, e foi demandar a Cidade de Adem, e entrando a remo na bahia, deo de rosto com as galés que estavão surtas; e porque ainda cursavão os Levantes, se tornou a sahir para o pego. Os Turcos, logo que vírão os navios, levárão as ancoras, e os forão seguindo tão apressadamente com a vantagem do remo, que os navios de Gomes da Sylva, e Antonio da Veiga, lhes ficavão já quasi debaixo dos esporões das galés, e vendo, que lhes não era possivel a fugida, menos a resistencia, varárão os navios na terra, que lhes ficava perto, onde salvárão as vidas. D. João de Attayde, como levava melhor navio, foi mettendo de ló tudo o que pôde, vendo-se muitas vezes perdido, até que sobreveio a noite, com que se fez na volta do Abexim, em cuja costa espalmou o navio no Ilheo de Mete, que faz frente ás Cidades de

Barbara, e Zeila. Os que se salvárão em terra, forão buscar o abrigo del Rei de Campar, onde achárão Manoel Pereira, e Francisco Vieira, de quem soubérão os successos, que temos referido; forão hospedados, e providos de tudo com amor, e abundancia.

D. Alvaro de Castro, partindo com toda a armada junta, como levava os Levantes em popa; fez a viagem breve, e tanto avante, que aos Ilheos de Canecanim, lhe sahio D. João de Attayde, do qual soube a perda de Adem, e como lhe corrêrão os Turcos, de cujas galés se livrára com o favor da noite. D. Alvaro, e os Fidalgos, e soldados da armada, mostrárão justo sentimento desta nova, avaliando em menos a perda do Estado, que o desar de nossas armas, porque das quebras da opinião entre naturaes, e estranhos, dura sempre a memoria. O Embaixador, e cunhado del Rei de Campar, que hia na armada, sentio vivamente as mortes do cunhado, e sobrinho, consolando-se porém muito com saber que nada ficárão devendo á honra, nem á fidelidade, mostrando nestas considerações animo tão inteiro, como se buscára alivio a dor alhea. D. Alvaro com os Cabos da armada pôz em conselho o que se devia obrar; e pareceo a todos, que visto o soccorro de Adem estar frustrado, voltassem as armas em beneficio do Rei de Caxem, como trazia por instrucção a armada, a que os Fartaques visinhos tinhão tomado a Fortaleza de Xael; a qual senhoreava hum porto, que era dos poucos, que este Régulo tinha, a principal escala; empreza mais util, que difficil.

Mandou D. Alvaro governar a Xael, e surgindo á vista do castello, os Fartaques temerosos, ou amigos, recebêrão como de paz a armada. Era o Forte fabricado de adobes, com quatro cubellos tão pequenos, que bastavão para o guarnecer trinta e cinco soldados, que o presidiavão. Estes, tanto que virão a armada, lançárão fóra huma mulher, que entendia, e fallava a nossa lingua, á qual perguntando pelo Capitão Mór, lhe disse, que os Fartaques erão amigos do Estado; que se vinhamos em demanda daquella Fortaleza, a largarião logo. A muitos pareceo, que se lhe acceitasse, porque de inimigos tão poucos, e sem nome, não esperavamos gloria, nem despojo: os mais votárão, que por authoridade de nossas armas, os mandassem render á discrição. Entendida pela mulher esta resolução, disse, que os Fartaques saberião defender as vidas, e o castello, mal satisfeita da reposta dos nossos. Os Mouros tirárão logo huma bandeira branca, e arvorárão outra vermelha, a que succedeo tirarem os nossos algumas bombardadas, com pontaria tão incerta, que não fizerão damno. D. Alvaro rodeou com todos os seus a Fortaleza, que mandou cometter por escala por differentes partes, assegurando os que subião com a espingardaria debaixo; e porque era a carga continua, não ousavão apparecer os Mouros. Fernão Peres foi o primeiro, que começou a subir por huma escada, levando o seu guião diante, que arvorou, e sustentou no muro. Quasi ao mesmo tempo subio Pero Botelho com o mesmo risco, e fortuna que o primeiro. Estes franquearão aos mais a subida.

Antonio Moniz Barreto, D. Antonio de Noronha, D. João de Attayde, e outros forão demandar a porta da Fortaleza, que estava entulhada com fardos de tamaras, e não pudérão entrar, sem que os nossos viessem por dentro, e a desentulhassem. Os Fartaques se retirárão a dous cubellos, donde se defendião com desesperado valor, engeitando as vidas que D. Alvaro lhes offerecia, que parece, querião perder para vingança, ou para desculpa da força, que não pudérão defender, que até entre estes Barbaros he o valor a primeira virtude. Peleijárão em fim os Mouros até acabar todos, não merecendo nome de esforço a obstinação barbara, donde não podião esperar victoria, nem vingança. Dos nossos morrêrão cinco, e passárão de quarenta os feridos.

Ganhada a Fortaleza (facção mais importante ao Régulo, que grande a nossas armas) a entregou D. Alvaro ao Embaixador del Rei de Caxem, que mostrou a gratidão do beneficio, então em bastecer a armada, depois em ter com o Estado fiel correspondencia: e porque se hia gastando a monção, se foi D. Alvaro invernar a Goa, onde foi recebido com applauso maior que a victoria: festas que o Governador fomentou como Pai, e D. Alvaro estimou como soldado.

Tomou Lourenço Pires de Tavora a barra de Lisboa com as cinco náos de sua conserva; as quaes tiverão não só breve, mas facil, e prospera viagem. Dissemos como nella vinha D. João Mascarenhas, cheio de fama, e de merecimentos. As novas de Diu se derramárão logo pelo Povo, ajui-

zando cada hum, como entendia, a paciencia do cerco, a resolução da batalha. O vulgo não sabia pôr taixa nos louvores de D. João de Castro, como gente sem enveja das pessoas, e fortunas maiores. Os Fidalgos, e grandes ajudavão, ou consentião a voz universal de todos, sendo virtude rara, poder soffrer de seus iguaes a fama; e não houve algum tão ambicioso, que desejasse para si melhor nome, nem mais illustres obras.

Vestírão galas os Reis, e a Corte, e determinárão dia para dar graças na Capella com offertas pias, e Reaes. Houve hum douto Sermão, em que se dissérão do Governador encomios, e virtudes. El Rei deo conta da victoria ao Summo Pontifice, e aos maiores Principes da Europa, que todos lhe congratulárão, como a mais illustre facção do Oriente. Na Carta que escreveo a el Rei D. João de Castro, pedia licença para se vir ao Reino, mostrando que não buscava póstos quem deixava os maiores; e porque não parecesse ambição nova o desprezo de tudo, pedia a el Rei duas geiras de terra, que partem com a sua quinta de Cintra, e rematão em hum pequeno cabeço, que ainda hoje conserva o nome do Monte das Alviçaras. Parece, que nas honras teve el Rei consideração a seus serviços, e o premio á sua fortuna. Tudo se verifica de sua Carta, de que damos a cópia.

## CARTA DEL REI D. JOÃO TERCEIRO.

« Viso-rei amigo. Eu el Rei vos envio muito
» saudar. A victoria, que Nosso Senhor vos deo
» contra os Capitães de el Rei de Cambaya, foi
» de tão grande contentamento para mim, como
» era razão, que eu tivesse por tal, e tamanho
» vencimento, e por quão grandes mercês, e aju-
» das nisso recebestes de nosso Senhor, pelas
» quaes elle seja muito louvado; e muito se deve
» á vossa prudencia, e grande animo, que naquel-
» le dia mostrastes; e assim no que fizestes no
» grande, e apressado soccorro, que mandastes á
» Fortaleza de Diu em tão desvairado tempo, of-
» ferecendo ao mar vossos filhos, em que se vio,
» quanto mais póde comvosco o que importa a
» meu serviço, que o affecto natural de Pai; o
» que eu assim estimo, como he razão, vendo
» que não sómente desbaratastes tão grande poder
» de inimigos, mas ainda déstes muita segurança
» a toda a India, no grande receio, que aos ini-
» migos della fica com esta tamanha victoria; cujo
» serviço assim he razão, que eu tenha na conta
» que elle merece, como que tenha delle o con-
» tentamento que se requere. E do fallecimento
» de vosso filho D. Fernando recebi mui grande
» desprazer, assim por ser elle vosso filho, como
» porque hia bem mostrando naquella idade, quem
» houvera de ser em toda a outra, e pois acabou
» tão honradamente, e em tão grande serviço de

» Nosso Senhor, e meu, deveis de sentir menos
» sua perda, e dar graças a nosso Senhor por co-
» mo foi servido que acabasse; o que sei que vós
» fizestes, mostrando ainda no esquecimento da
» morte do filho, a lembrança do que cumpria a
» meu serviço; das quaes cousas assim serei sem-
» pre lembrado, que não sómente vo-las conhe-
» cerei com grande contentamento dellas, mas
» ainda com muita mercê; a que agora quiz dar
» principio nas que faço a vós, e a vosso filho D.
» Álvaro, guardando o remate dellas para o cabo
» de vosso serviço, que eu confio, e tenho por
» mui certo, que será tal, como forão os que
» até agora me tendes feito; e com esta confian-
» ça, e com a experiencia que disso tenho, de-
» sejando muito neste tempo vos fazer mercê em
» tudo, considerando porém quanto isto cumpria
» a meu serviço, e vendo por vossas obras, quan-
» ta mais conta tinheis com elle, que com todas
» vossas cousas, houve por bem de vos não dar li-
» cença para vos virdes, como me pedieis. Pelo
» que vos encommendo muito, e mando, que o
» hajais assim por bem, e que nesse carrego me
» queirais ainda servir outros tres annos, no fim
» dos quaes vos mandarei licença para vos virdes
» embora. E eu espero em Nosso Senhor, que vos
» dê mui boa disposição para o fazerdes. E porém
» se por cima do que tanto cumpre a meu servi-
» ço, como he ficardes-me ainda servindo nessas
» partes por este tempo, vos a vós parecer que
» tendes todavia necessidade de vos virdes, fol-
» garei de mo escreverdes, e entretanto espera-

» reis minha reposta. Pero de Alcaçova Carneiro
» a fez em Lisboa, a vinte de Outubro de mil
» quinhentos quarenta e sete. »

REI.

Creio, que nos pede attenção maior a Carta da Rainha D. Catharina, onde não he só Real a firma, mas tambem o discurso, ajuizando as acções da victoria com madureza de Varão, e brio de soldado.

## CARTA DA RAINHA D. CATHARINA.

« Viso-Rei. Eu a Rainha vos envio muito sau-
» dar. Vi a Carta, que me escrevestes, na qual
» particularmente me dais conta do que tendes
» feito, e provido em todas as cousas que vos
» pareceo que cumprião ao serviço del Rei meu
» Senhor, e á defensão, e segurança dessas par-
» tes; e de tudo ser tão conforme a quem vós sois,
» e á grande confiança que Sua Alteza de vós tem,
» recebo tanto contentamento, como he razão,
» assim por vêr, que Sua Alteza he de vós tão
» bem servido, como pela muita honra, que nisso
» tendes ganhada. E quanto ao cuidado, e gran-
» de diligencia, com que logo entendestes no cor-
» regimento, e provimento da armada, foi grande
» principio, e mui necessario para remedio de ta-
» manhas cousas, como depois se offerecêrão; e
» por certo tenho, que por mui grande; que fos-
» se o trabalho, que nisso levastes, seria maior o

» contentamento, que terieis de ser tão bem em-
» pregado. E a guerra, que fizestes ao Hidalcão,
» foi cousa mui bem acertada, pois tão claro se
» vio nella o contrario da opinião, que dizeis se
» tinha, que da guerra dos Portuguezes lhe não po-
» dia vir damno; o que seria causa de a mover tan-
» tas vezes; nem de sua paz se lhe seguia pro-
» veito, pelo que não estimaria quebralla. E se el-
» le soubéra quem vós sois, e quanto mais vos
» lembra a honra, que o proveito, nem curára de
» vos fazer o offerecimento, que vos fez ácerca
» de Meále: mas a pouca impressão que fez em
» vós, e vosso claro desengano, lho daria a co-
» nhecer. E quanto ao negocio do cerco, e guer-
» ra da Fortaleza de Diu, foi mui grande mercê
» de Nosso Senhor a victoria, que vos alli deo con-
» tra tamanho poder, e número de inimigos de
» sua Santa Fé Catholica, que de tão diversas par-
» tes alli erão juntos, e mui claro sinal de elle ter
» de sua mão o Estado de essas partes, e lhe dou
» por tudo tantos louvores, como he razão, e
» lhe devo. E muito accrescenta no grande con-
» tentamento, que el Rei meu Senhor, e eu te-
» mos de tamanho vencimento, vêr com quanta
» prudencia, e discrição provestes em todas as
» cousas, que para se poder alcançar, erão neces-
» sarias, e quão animosamente vos houvestes no dia
» da batalha, e com quanta presteza soccorrestes
» aquella Fortaleza, offerecendo a isso vossos fi-
» lhos em tão fortes tempos. O conhecimento que
» Sua Alteza, e eu temos de todas essas obras, e
» do grande fruto que dellas se seguio, he mui

» conforme á qualidade, e grandeza dellas; e assim
» confio, que o Sua Alteza mostre, na honra, e
» mercê que vos fará, e porque tudo se vos de-
» ve; e bem o deo a entender no gosto, e con-
» tentamento, com que logo quiz dar a isso prin-
» cipio, nas que agora fez a vós, e a vosso filho
» D. Alvaro, segundo vereis por sua Carta. E do
» fallecimento de D. Fernando vosso filho, rece-
» bi mui grande desprazer, assim por quanto sei
» que o havieis de sentir, como pela perda de sua
» pessoa, que segundo tinha mostrado naquelle fei-
» to, se póde bem vêr, que foi grande; mas eu
» tenho tal conhecimento de vós, e de vossa mui-
» ta prudencia, e virtude, que sei certo, que em
» todo tempo, em que nosso Senhor o levára para
» si, vos conformáreis vós com sua vontade, e to-
» máreis de sua mão; quanto mais sendo naquelle,
» em que por defensão de sua Fé, e em tamanho
» serviço de Sua Alteza, tão honradamente aca-
» bou, e cumprio com a obrigação de quem era,
» que são razões mui grandes para vós muito o
» deverdes fazer assim, e muito menos sentirdes
» sua morte. E quanto ao que me pedís ácerca de
» vossa vinda, em que D. Leonor vossa mulher (que
» eu muito folguei de vêr pelo merecimento de
» sua pessoa, e virtude, e pela muita boa von-
» tade que lhe tenho) me fallou de vossa parte, co-
» mo em cousa que tanto deseja; estimára eu mui-
» to de com gosto, e contentamento de el Rei meu
» Senhor, poder nisso satisfazer a vós, e a ella;
» mas pelo muito, que Sua Alteza tem de vosso
» tão bom serviço, e pela grande falta, que lá

» poderia fazer em tal tempo vossa pessoa, houve
» por bem de se servir ainda lá de vós, outros
» tres annos, segundo por sua Carta vereis. E te-
» nho por mui certo, que por todas estas razões
» o haverieis assim por bem, e vos rogo muito,
» que assim seja, e espero em Nosso Senhor, que
» vos dará saude, e forças para o poderdes fazer,
» e vos ajudará, e esforçará em todos vossos tra-
» balhos, pois delles se segue tanto serviço; e
» pois sabe, que o principal respeito, porque Sua
» Alteza o ha assim por bem, he saber que será
» elle lá de vós inteiramente servido. E na lem-
» brança, que entre tamanhos trabalhos, e tão
» importantes negocios, tivestes daquellas cousas
» minhas que levastes a cargo, se vê bem quanto
» desejo tendes de nisso, e em tudo me servir, o
» qual eu estimo, como he razão. E quanto o que
» toca a Diogo Vaz, por outra Carta vos escrevo o
» que nisso folgarei que se faça. Com o ben-
» joim de boninas, e com todas as mais cousas
» que me enviastes por Lourenço Pires de Távora,
» recebi muito prazer, por ser tudo tão bom, que
» bem parece ser enviado com tão boa vontade,
» a qual eu ainda mais estimo, e tudo vos agra-
» deço muito. E dos criados méus, e pessoas,
» que me escreveis, que lá tem bem servido,
» e assim das cousas, em que vos parece necessa-
» rio prover, farei lembrança a el Rei meu Se-
» nhor, como pedís que faça. O que Sua Alteza
» houver de prover assim nas mercês, que hou-
» ver de fazer a todos os que lá o servem, ha de
» ter tanto respeito ao que vós em tudo lhe es-

» creverdes, e pedirdes, como he razão que seja;
» e muito vos agradeço a boa informação, que a
» Sua Alteza dais dos meus criados, que naquel-
» le feito de Diu se achárão, e assim o muito fa-
» vor, e boas obras, que sei que a todos lá fa-
» zeis por meu respeito. Pero Fernandes a fez em
» Lisboa, a trinta dias de Outubro de mil quinhen-
» tos quarenta e sete.

A Rainha.

Não he de menor estimação a Carta que lhe escreveo o Infante D. Luiz como de Principe em fim, que tão grande juizo soube fazer de merecimentos, e virtudes.

## CARTA DO INFANTE D. LUIZ.

« Honrado Viso-Rei. Recebi vossa Carta, que
» veio nesta armada de Lourenço Pires de Ta-
» vora, em que me dizeis, que recebestes a mi-
» nha, que por Luiz Figueira vos mandei, e
» agradeço-vos muito dizerdes-me, que vos pare-
» cêrão bem as lembranças que vos fazia, e mui-
» to mais o porde-las em obra; e bastava para o
» eu crêr que seria assim, ainda que vos eu não
» conhecêra, ouvir o que lá fazeis, e vêr, que
» com a bocca chea me escreveis vossos trabalhos,
» pobreza, e abstinencia, cousas com que se ven-
» ce o Diabo, o Mundo, e a carne, que nessas
» partes da India tem tanto poder: o que he
» maior victoria, que a del Rei de Cambaya,

» nem ainda de todo o poder do Turco. Pelo que
» em quanto viverdes não deveis de temer cousa
» alguma, mas antes esperai em Nosso Senhor,
» que vos ajudará, como agora fez na defensão,
» e batalha de Diu, em cuja victoria vós tendes
» muito que lhe louvar, pois vos fez instrumen-
» to de tanto serviço seu, e del Rei meu Senhor,
» e de tanta honra vossa, e de todos os Portugue-
» zes, assim dos que se achárão comvosco, como
» dos que estivérão ausentes. E certo, que vós
» tendes feito nesta jornada, desde o primeiro
» dia que tivestes novas do cerco de Diu, até o
» de vossa, e nossa victoria, tudo o que entendo,
» que hum valeroso, e astuto Capitão podia fa-
» zer, assim na presteza dos soccorros, como em
» pordes vossos filhos por balisas da fortuna, e
» perigos do Inverno, e mares da India, para
» que os outros os tivessem em menos; no que se
» mostra bem claro, quanta mais parte tem em
» vós o serviço del Rei meu Senhor, e a obriga-
» ção de vosso cargo, que os affeitos naturaes de
» Pai, que são os que mais forção a natureza. E
» no soffrimento que mostrastes na morte de D.
» Fernando de Castro vosso filho, se confirma
» bem esta opinião; e certo, que eu o senti por
» mim, e por vós, e houve por mui grande per-
» da, por quão certos sinaes nelle via de seu gran-
» de esforço, e creio, que nisso lho quiz Deos
» pagar, com o tirar de vida tão trabalhosa por
» meios tão honrados, e de tanta gloria sua, que
» deve ser grande causa de vossa consolação. D.
» Alvaro de Castro vosso filho não empregou mal

» sua jornada, pois com tantos trabalhos, e pe-
» rigos soccorreo a Fortaleza de Diu, a tempo,
» que sua chegada foi por então o remedio della;
» e de como se nisto houve, e no dar nas estan-
» cias dos inimigos, e em tudo o mais lhe lanço
» muitas benções por vossa parte, e minha. E
» tornando a vossa determinação de aventurardes
» vossa pessoa, e o Estado da India, por soccor-
» rerdes Diu, foi mui boa, pois de o não fazer-
» des estava tanto mais aventurado; e o chegardes
» a Diu, e ordenardes vossa embarcação, e man-
» dardes que os navios comettessem a terra a tem-
» po que havieis de dar a batalha, e o modo de
» cometter que nisso tivestes, tudo me pareceo
» digno de agora, e sempre darmos muitas graças
» a Deos Nosso Senhor, e de Sua Alteza vos fazer
» muitas mercês, a que agora dá principio, co-
» mo vereis ácerca de vós, e de vosso filho; e as-
» sim o deve fazer, e fará aos Fidalgos, e Caval-
» leiros; que nessa jornáda comvosco o servírão,
» em especial a D. João Mascarenhas, que se hou-
» ve no peso desse cerco, como honrado Capi-
» tão, e esforçado Cavalleiro. Folguei muito de
» vêr o modo, que tivestes no escrever a Sua Al-
» teza sobre os serviços que os Fidalgos, e Caval-
» leiros, que nessas partes andão, lhe fizerão no
» negocio de Diu, no que se vio, que tinheis
» com seus trabalhos conta. Isto fazei sempre por
» amor de mim, e folgai de louvar os homens,
» porque já que está certo, não faltar quem diga
» delles os males, (que haveis de castigar os que
» nelles sentirdes) razão he tambem, que os bons

» os levanteis, para que os que lá não puderdes
» galardoar, Sua Alteza por vossa informação o
» faça. Eu fallei sobre vossa vinda, como me es-
» crevestes, que me elle não concedeo, e me
» deo para isso duas razões, que a meu parecer,
» ainda que vós tenhais muitas para vos desejardes
» de vir, Sua Alteza tem muitas mais para vos
» mandar rogar que o sirvais nesse Governo outros
» tres annos, o que haveis de folgar de fazer por
» servirdes a Nosso Senhor, pela grande mercê,
» que vos tem feito, e a Sua Alteza pela confian-
» ça, que de vós tem, e contentamento de vos-
» so serviço. E confiai em Deos, que vos dará
» forças para poderdes com os grandes trabalhos,
» e desordens da India, e eu espero nelle, que
» fazendo-o vós assim, venhais encher estes picos
» da serra de Cintra de Ermidas, e de vossas vi-
» ctorias, e que as visiteis, e logreis com muito
» descanço vosso. Nas cousas particulares vos não
» fallo, porque el Rei meu Senhor vos escreve o
» que ha por seu serviço em reposta da Carta ge-
» ral que lhe escrevestes, que vinha em muito
» bom estylo, e em muito boa ordem. Escrita em
» Lisboa, a vinte e dous de Outubro de mil quinhen-
» tos quarenta e sete. »

O Infante D. Luiz.

Deixa-se bem ver destas Cartas, quão gratos erão aos Reis os serviços de D. João de Castro. Negou-lhe el Rei D. João a licença que pedia para vir descançar ao Reino, como em beneficio da Patria, e do Oriente; prorogou-lhe outros tres

annos do Governo com nome de Viso-Rei; não teve vida para lograr este accrescentamento; para o merecer, sim; fez-lhe mercê de dez mil cruzados de ajuda de custo, e patente de Capitão Mór do mar da India a seu filho D. Alvaro; cargo que já exercitava com menos annos, que victorias.

Tinha entendido el Rei D. João pelos avisos do Viso-Rei, que a segurança da India necessitava de ter a todo tempo forças promptas para todas as occurrencias do Estado; e que os estragos de Cambaya, junto com o respeito, criavão odio nos Principes visinhos, cuja ruina era para outros exemplo. Com estas, e outras considerações, despachou este anno para a India seis náos, que partírão em monções differentes. Das primeiras tres, que partírão em Novembro, era Capitão Mór Martim Correa da Sylva, que levava á Fortaleza de Diu. Os outros Capitães erão Antonio Pereira, e Christovão de Sá; e porque na costa da India teve a Capitania os ventos ponteiros, esgarrou, e não podendo ferrar Goa, foi tomar Angediva; donde mandou aviso ao Viso-Rei para o prover do necessario, visto ser-lhe forçado invernar em aquelle porto. O Piloto de Christovão de Sá soube-se marear melhor, porque tanto que avistou a costa da India, foi mettendo de ló para se pôr a barlavento de Goa, e houve vista da terra por Carapatão, donde foi demandar a barra.

Logo que o Viso-Rei soube, que entrára não do Reino, mandou desembarcar os doentes, que elle em pessoa foi visitar, e prover. E certo, que entre as excellencias deste bom Viso-Rei, pode-

mos dar o primeiro lugar á caridade, porque não costuma ser virtude de Soldado, e menos de Ministro. Recebeo as vias, em que achou as honras, e mercês, que havemos dito, estimando estas para desempenho, aquellas para premio; de que os Fidalgos a si proprios se davão parabens, contentes de que ficasse o Viso-Rei outro triennio governando, como quem entendia que tinhão nelle os soldados pai; e o estado homem.

Achava-se D. João de Castro, gastado menos dos annos, que dos trabalhos de tão continuas guerras, com que veio a cahir rendido ao peso de tão graves cuidados. Enfermou gravemente, e descobrio a doença em poucos dias indicios de mortal; o que elle conhecendo pela molestia de repetidos accidentes, se aliviou da carga do Governo. Chamou o Bispo D. João de Albuquerque, D. Diogo de Almeida Freire, ao Doutor Francisco Toscano, Chanceller Mór do Estado, a Sebastião Lopes Lobatto, seu Ouvidor Geral, e a Rodrigo Gonçalves Caminha, Veador da Fazenda, aos quaes entregou o Estado com a Paz dos Principes visinhos, assegurada sobre tantas victorias. Mandou vir a si o governo popular da Cidade, ao Vigario Geral da India, ao Guardião de S. Francisco, a Fr. Antonio do Casal, a S. Francisco Xavier, e aos Officiaes da Fazenda del Rei, a quem fez esta falla.

« Não terei, Senhores, pejo de vos dizer, que » ao Viso-Rei da India faltão nesta doença as » commodidades, que acha nos hospitaes o mais » pobre soldado. Vim a servir, não vim a com-

» merciar ao Oriente, a vós mesmos quiz empe-
» nhar os ossos de meu filho, e empenhei os ca-
» bellos da barba, porque para vos assegurar, não
» tinha outras tapeçarias, nem baixellas. Hoje
» não houve nesta casa dinheiro, com que se me
» comprasse huma gallinha; porque nas armadas
» que fiz, primeiro comião os soldados os salarios
» do Governador, que os soldos de seu Rei;
» e não he de espantar, que esteja pobre hum
» Pai de tantos filhos. Peço-vos, que em quanto
» durar esta doença, me ordeneis da fazenda Real
» huma honesta despeza, e pessoa por vós deter-
» minada, que com modesta taixa me alimente. »
E logo pedindo hum Missal, fez juramento sobre os Evangelhos, que até a hora presente, não era devedor á fazenda Real de hum só cruzado, nem havia recebido cousa alguma de Christão, Judeo, Mouro, ou Gentio; nem para a authoridade do cargo, ou da pessoa tinha outras alfayas, que as que de Portugal trouxéra; e que ainda a prata, que no Reino fizéra, havia já gastado, nem tivéra já mais possibilidade para comprar outra colcha, que a que na cama vião; só a seu filho D. Alvaro fizéra huma espada guarnecida de algumas pedras de pouca estima, para passar ao Reino. Que disto lhes pedia mandassem fazer hum termo, para que se alguma hora se achasse outra cousa, el Rei, como a perjuro, o castigasse. Esta prática se escreveo nos Livros da Cidade, a qual se pudéra lèr, como instrucção aos que lhe succedèrão; nos quaes, creio, ficou a memoria mais viva, que o exemplo.

Logo que o Viso-Rei entendeo que era chamado a mais dura batalha, fugindo a importuna diversão de cuidados humanos, se recolheo com o Padre S. Francisco Xavier, buscando para tão duvidosa viagem, tão seguro piloto; o qual lhe foi todo o tempo, que durou a doença, enfermeiro, intercessor, e mestre. Como não adquirio riquezas, de que dispôr de novo, não fez outro testamento, que o que deixou no Reino, quando passou a governar a India, em mãos do Bispo de Angra D. Rodrigo Pinheiro, com quem tinha communicado. E recebidos os Sacramentos da Igreja, rendeo a Deos o espirito em seis de Junho de mil quinhentos quarenta e oito, aos quarenta e oito de sua idade, e quasi tres de Governo daquelle Estado. As riquezas, que grangeou na Asia, forão suas heroicas obras, que neste papel virão a ler os futuros com saudosa memoria. No seu escritorio se achárão tres tangas larins, e humas disciplinas, com sinaes de usar muito dellas, e a guedelha da barba, que havia empenhado. Mandou em S. Francisco de Goa depositar seu corpo, para que dalli se trasladassem os ossos á sua Capella de Cintra. Tratou-se logo do funeral, não menos lastimoso, que solemne, merecendo de todo o Estado lagrimas illustres, e plebeas.

Depois de alguns annos vierão seus ossos ao Reino, que forão recebidos com reverente, e piedoso applauso, ultimo beneficio, que com suas cinzas ha recebido a patria, e trazidos aos hombros de quatro netos seus ao Convento de S. Domingos de Lisboa, onde muitos dias se lhes fize-

rão sumptuosas exequias. Daqui forão segunda vez trasladados ao Convento de S. Domingos de Bemfica, onde (posto que em Capella alhea) estivérão alguns annos com tumulo decente, até que o Bispo Inquisidor Geral D. Francisco de Castro seu neto, lhes fez Capella, e sepultura propria; na traça, na maneira, e na esculptura, depois das Reaes, a nenhuma segunda; cuja relação não desagradará, em beneficio da memoria do avô, e piedade do neto.

Dista o Convento de S. Domingos de Bemfica, dous mil passos da Cidade de Lisboa. Hum lugar visinho lhe dá aquelle nome. Foi o sitio delle em propriedade dos Senhores Reis de Portugal; no qual, por sua frescura, tinhão huma casa de campo, que frequentavão, já para diversão dos negocios, já para o exercicio da caça. El Rei D. João o Primeiro vendo-se devedor a Deos de tantas victorias, entre outras acções de graças, fez destes Paços doação á Ordem de S. Domingos, com terras, hortas e pomares visinhos, em vinte e dous de Maio de mil trezentos noventa e nove, para se fundar este Convento, que não só teve os alicesses Reaes, senão os augmentos. Obrigou-se o Fundador (por Provisão, que nos archivos do Convento se guarda) a amparar, e defender as cousas, e Religiosos delle, sollicito na causa de Deos, valeroso na sua. El Rei D. João o segundo lhe dotou huma grossa fazenda, que com nome da Quinta das Ilhas hoje possue a casa, sem lhe impor obrigação, que pudesse fazer menos grata, ou liberal a esmóla. El Rei D. Manoel,

ainda que repartido em cuidados, e fabricas maiores, deixou nos sacrificios deste Templo, religiosa memoria, ordenando que se dissessem cada semana aos Anjos duas Missas cantadas a favor dos navegantes; que este era o Astrolabio de seus descobrimentos, e as forças das victorias Orientaes daquella idade. A Rainha D. Catharina tratou esta casa como Capella sua, offerecendo-lhe de seu Oratorio, Reliquias de reverencia, e preço; entre outras, em huma grande Cruz de prata, hum pedaço do Santo Lenho, que sendo offerecido por mãos Reaes, calificão a certeza de tão superior donativo; accumulando os Senhores Reis nesta casa, a beneficios temporaes, os sagrados. El Rei D. Philippe o Segundo lhe accrescentou os proprios com huma honesta esmóla. Foi sempre dos mais observantes da Religião este Convento, que com nome de Recoleta, não permitte declinação, ou indulgencia do primeiro instituto. Nelle, como em escóla de virtudes, se costumavão retirar os filhos mais benemeritos da Ordem; huns a fugir, outros a descançar das Prelazias, para vagar a Deos em ocio santo, e reformar o espirito.

Nesta casa, por fundação, e disciplina illustre, descanção as cinzas victoriosas de D. João de Castro, em huma Capella, e sepultura de religiosa grandeza. He esta da instituição do Corpus Christi; tem a porta principal no claustro do Convento, e sobre ella pendente hum escudo relevado das armas do Fundador; abraça o largo della quarenta palmos; tem mais de setenta o

comprimento; proporção a que os Architectos chamão Dupla, e a obra, Dorica. He de huma só nave de pedraria brunida; o lageamento de pedras de cores tambem brunidas. Em torno a circunda interiormente hum composto, e proporcionado pedestal, sobre que se funda a harmonia da mais architectura. Tem seis arcos com pilares interpostos, sobre bases, capiteis, e simalhas tambem em torno, com seis luzes obradas com respeito á architectura. Tem hum retabulo, e Sacrario (em que sempre está o Santissimo Sacramento alumiado com duas alampadas de prata) de obra de talha com florões; tudo dourado, e no alto hum painel da Cea do Senhor. Detraz do Altar, e retabulo ha Coro dos Noviços, para cuja criação, e melhor serviço do Senhor, se lhes fez casa com vinte cellas, e mais officinas, que fórmão o corpo de hum Convento. O tecto da Capella, depois de coroada com a simalha, he tambem de pedraria apainelado com artezões, e molduras. Dos seis arcos, que a compõem, ficavão os dous primeiros nos presbyterios; no da parte do Evangelho, está huma porta, que dá serventia pára a tribuna, e aposentos do fundador; e no da parte da Epistola, outra para o serviço da Sancristia. Os outros quatro occupão quatro sumptuosas sepulturas, cujas urnas fórmão pedras de cores lustradas, que descanção ás costas de elefantes de pedras negras.

No primeiro arco, que fica junto ao do Presbyterio da parte do Evangelho, está a sepultura de D. João de Castro, onde, antes de se fechar,

forão recolhidos seus ossos, com o seguinte epitafio.

D. JOANNES DE CASTRO
XX. PRO RELIGIONE IN UTRAQUE
MAURITANIA STIPENDIIS FACTIS:
NAVATA STRENUE OPERA THUNETANO
BELLO:
MARI RUBRO FELICIBUS ARMIS PENETRATO:
DEBELLATIS INTER EUPHRATEM ET INDUM
NATIONIBUS:
GEDROSICO REGE, PERSIS, TURCIS
UNO PRAELIO FUSIS:
SERVATO DIO, IMO REIPUB. REDDITO:
DORMIT IN MAGNUM DIEM;
NON SIBI, SED DEO TRIUMPHATOR:
PUBLICIS LACRYMIS COMPOSITUS,
PUBLICO SUMPTU PRAE PAUPERTATE
FUNERATUS.
OBIIT OCT. ID. JUN. ANNO M. D. XLVIII.
AETATIS XLVIII.

Estão em o seguinte arco junto a este, os ossos de D. Leonor Coutinho sua mulher.

Da parte da Epistola, em o arco que responde ao da sepultura de D. João de Castro, está a de D. Alvaro seu filho, em que do mesmo modo forão postos seus ossos, tem o epitafio que se segue.

D. ALVARUS DE CASTRO,
MAGNI JOANNIS PRIMOGENITUS,
CUI PENE AB INFANTIA DISCRIMINUM SOCIUS,
PUGNARUM PRAECURSOR,
TRIUMPHORUM CONSORS,
AEMULUS FORTITUDINIS,
HAERES VIRTUTUM, NON OPUM:
REGUM PROSTRATOR, ET RESTITUTOR:
IN SINAI VERTICE EQUES FELICITER
INAUGURATUS:
A REGE SEBASTIANO SUMMIS REGNI
AUCTUS HONORIBUS:
BIS ROMAE, SEMEL CASTELLAE, GALLIAE,
SABAUDIAE, LEGATIONE PERFUNCTUS.
OBIIT IV. KALENDAS SEPTEMBRIS
ANNO M. D. LXXV.
AETATIS SUAE. L.

E logo no outro arco junto a este, está D. Anna de Attayde sua mulher. No vão desta Capella se fez hum carneiro com seis arcos de pedraria, em hum dos quaes ha Altar para se dizer Missa; e os mais tem repartimentos para os ossos, e córpos dos defuntos.

Dotou o Bispo Inquisidor Geral, fundador desta Capella, ao Convento de Bemfica, para sustento dos Religiosos que hão de assistir ás obrigações della, duzentos e quarenta mil réis de juro em cada anno, situados nas rendas da Camera desta Cidade de Lisboa, repartidos pela ordem seguinte. Cento e vinte mil reis, por tres Missas que

tidianas. Cinquenta (anticipada esmóla) pelos anniversarios, que ha de ordenar em seu testamento. Quarenta para fabrica, e provimento da Capella. Trinta, para se acodir ás necessidades dos Religiosos que naquelle Noviciado residem, para a Custodia, e limpeza da Capella. Além do que, a ornou de muitas peças ricas, e devotas; e a Sanchristia della de todo o necessario ao Culto Divino, assim ornamentos para as festas, como para os dias ordinarios, roupa branca, castiçaes, tocheiras, lampadas, ciriaes, e mais cousas semelhantes; tudo com abundancia, e perfeição.

D. João de Castro, tão claro pelo sangue, como pelas virtudes, nasceo em Lisboa a vinte e sete de Fevereiro de mil e quinhentos; foi filho segundo de D. Alvaro de Castro, Governador da Casa do Civel, e de D. Leonor de Noronha, filha de D. João de Almeyda, segundo Conde de Abrantes, neto de D. Garcia de Castro, que foi irmão de D. Alvaro de Castro, primeiro Conde de Monsanto, filhos de D. Fernando de Castro; netos de D. Pedro de Castro, e bisnetos de D. Alvaro Pires de Castro, Conde de Arrayolos, e primeiro Condestavel de Portugal, irmão da Rainha D. Ignez de Castro, que foi mulher del-Rei D. Pedro o Cruel. Era este Condestavel filho de D. Pedro Fernandes de Castro, a quem chamárão em Castella, o da Guerra, que vindo a este Reino, principiou nelle a illustre Casa dos Castros, que em tanta grandeza se tem conservado. O qual D. Pedro, era por varonia descendente do Infante D. Fernando, filho del-Rei D. Garcia de Navarra, casado com

D. Maria Alvares de Castro, filha unica do Conde Alvaro Fanhez Minaya, quinta neta de Lain Calvo, de quem deriva sua origem esta familia. Sendo moço, casou D. João de Castro com D. Leonor Coutinho, sua prima segunda, maior na qualidade, que no dote; com a qual retirado na Villa de Almada fugio com anticipada velhice ás ambições da Corte. Passou a servir a Tanger, onde deo de seu valor as primeiras, mas não vulgares provas, bem que destas alcançamos mais fama, que noticia. Tornou á Corte, chamado por el Rei D. João o terceiro, e como já seus brios não cabião no Reino, passou á India com D. Garcia de Noronha. Acompanhou á D. Estevão da Gama na jornada do Estreito do mar Roxo, e fez desta viagem hum roteiro, obra util, e grata aos navegantes. Tornando a Portugal, se retirou á sua quinta de Cintra, descançando na lição dos livros, sempre exemplar no ocio, e na occupação. Outra vez cingio espada para seguir as bandeiras do Emperador Carlos na jornada de Tunes, onde a seu nome ajuntou gloria nova. Acabada esta empreza, se recolheo a Cintra, escondendo-se á sua propria fama; soube fugir dos cargos, não pode livrar-se. El Rei D. João o chamou para General das armadas da Cósta; serviço, em que a seu valor respondêrão os successos. Passou ultimamente a governar a India, onde, com as victorias, que havemos referido, assegurou, e reputou o Estado. Nas horas que lhe perdoavão os cuidados da guerra, descreveo em copioso tratado toda a Cósta, que jaz entre Goa, e Diu, sinalando os baixos, e re-

cifes; a altura da elevação do Polo, em que estão as Cidades, restingas, angras, e enseadas, que fórmão os Pórtos; as monções dos ventos, e condições dos mares; a força das correntes, o impeto dos rios; arrumando as linhas em taboas differentes; tudo com tão miuda, e acertada Geografia, que o pudéra esta só obra fazer conhecido, se já o não fora tanto pelo valor militar. Com igual semblante o virão as incommodidades da Patria, e as prosperidades do Oriente, parecendo sempre o mesmo homem, em diversas fortunas. Fez brio de merecer tudo, e de não pedir nada. Fazia razão, e justiça a todos igualmente, sendo nos castigos inteiro, mas tão justificado, que mais se podião queixar da lei, que do Ministro. Era com os soldados liberal, e com os filhos parco, mostrando mais humanidade no officio, que na natureza. Tratava com grande respeito as acções de seus antecessores, honrando até aquellas de que se apartava. Sem estragar a cortezia, conservou o respeito. Dos Grandes parecia superior, dos pequenos Pai; vivia de maneira, que emendava as culpas com o exemplo, mais que com o castigo. Sempre zelou a causa de Deos, primeiro que a do Estado; nenhuma virtude deixou sem premio, alguns vicios deixava sem castigo, melhorando assim muitos, huns com o beneficio, outros com a clemencia. Os donativos que recebia dos Principes da Asia, mandava carregar na Fazenda Real; virtude, que louvárão todos, imitárão poucos. Os soldados enfermos achavão nelle lastima, e remedio; a todos obrigava, e parecia devedor de todos. Evitou (como rui-

na do Estado) chatinar aos soldados, nenhuma facção emprehendeo, que não conseguisse, sendo nas execuções promptissimo, maduro nos conselhos. Entre occupações de soldado, conservou virtudes de Religioso; era frequente em visitar os Templos, grande honrador dos Ministros da Igreja, compassivo, e liberal com os pobres, devotissimo da Cruz, cujo sinal adorava com inclinação profunda sem differença de lugar ou tempo. E tão religiosamente ardia no culto deste sinal santissimo, que quiz mais lavrar templo a sua memoria, que fundar casa a sua posteridade, deixando como em piedosa benção a seu filho D. Alvaro, que se na graça ou justiça dos Reis achasse alguma gratidão de seus serviços, do premio delles edificasse na serra de Cintra hum Convento de Recoletos Franciscanos, advertindo, que com a invocação da Cruz se titulasse a Casa. D. Alvaro de Castro, que das virtudes de tão piedoso Pai foi legitimo herdeiro, ordenou a fabrica do Convento, menos grande, pela magestade do edificio, que pela santidade dos Varões penitentes que o habitão. Sendo a primeira vez mandado pelo Senhor Rei D. Sebastião com embaixada ao Papa Pio IV., impetrou delle privilegiar o Altar do dito Convento para todas as Missas, e para o dia da Invenção da Cruz, indulgencia plenaria a todos os que rogassem pelas necessidades maiores da Igreja; e advertidamente pela alma de D. João de Castro; graça tão singular, e nova, que a não vimos concedida a Principes Soberanos. Parece que andava em Italia tão viva fama de suas victorias,

como de suas virtudes, qualificadas com tão illustre testemunho do Vigario de Christo. Por estas, e outras virtudes, cremos terá alcançado no Ceo melhores palmas em mais alto triunfo. Teve tres filhos, que todos, como benção do Pai, seguírão os perigos da guerra. D. Miguel o mais moço, que nos dias del Rei D. Sebastião passou á India, e falleceo Capitão de Malaca. D. Fernando, que falleceo abrazado na mina do baluarte de Diu. D. Alvaro, com quem parece que partio as palmas, e as victorias, filho, e companheiro de sua fama; o qual tornando ao Reino, sem outras riquezas, que as feridas que recebeo na guerra, casou com D. Anna de Attayde, filha de D. Luiz de Castro, Senhor da Casa de Monsanto. Foi del Rei D. Sebastião particular acceito, fiando-lhe os maiores negocios, e lugares do Reino; fez diversas embaixadas a Castella, França, Roma, e Saboya. Foi do Conselho do Estado, e unico Veador da Fazenda: e entre cargos tão grandes, acabando valído, morreo pobre.

FIM.

[illegible]

[illegible]

## *Livros que se vendem em Casa de Rolland, Rua Nova dos Martyres, N.º 3.*

---

Arte de Furtar, pelo Padre Antonio Vieira, nova edição, em 8.

Chronica do Imperador Clarimundo, por João de Barros, nova edição, em 8. 3 Vol.

Dialogos de D. Fr. Amador Arraiz, nova edição, em 4. 2 Vol.

Elogios Historicos dos Senhores Reis de Portugal, escritos por Fr. Bernardo de Brito, e addicionadas pelo P. D. José Barbosa, nova edição, em 12.

Eneida de Virgilio, traduzida em oitava rima por João Franco Barreto, em 8. 2 Vol.

Historia do Descobrimento, e Conquista da India pelos Portuguezes, por Fernão Lopes de Castanheda, nova edição conforme á primeira, em 4. 7 Vol.

Imagem da Vida Christã, por Heitor Pinto, nova edição, em 8. 3 Vol.

Itinerario da India por Terra até a ilha de Chypre, por Fr. Gaspar de S. Bernardino, em 8.

Leal Conselheiro por El-Rei D. Duarte, seguido do Livro da ensinança de bem cavalgar, em 4.

Lusiadas Poema Epico de Luiz de Camões, nova edição, em 16.

—— Os mesmos, nova edição seguida de Annotações por Francisco Freire de Carvalho, em 8.

Lyma de Diogo Bernardes, nova edição, em 12.

Livro de Cicero, chamado Catão Maior, ou da Velhice, traduzido por Damião de Goes, nova edição, em 8.

Meditações sobre os Mysterios da Paixão, Resurreição, e Ascensão de Christo N. Senhor, e Vinda do Espirito Sancto, pelo P. Vicente Bruno, traduzidas do Italiano pelo P. Braz Viegas, nova edição confórme á primeira de 1601, em 8.

Naufragio de Sepulveda, composto em verso heroico, e oitava rima, por Jeronymo Corte Real, nova edição confórme á primeira de 1594, em 16. 2 Vol.

Obras do Doutor Francisco de Sá de Miranda. Nova Edição augmentada com a sua Vida, e Comedias, em 8. 2 Vol.

Peregrinação de Fernão Mendes Pinto, nova edição confórme á primeira de 1614, a que se ajuntou a Conquista do Reino de Pegú pelos Portuguezes, o Tratado das Cousas da China de Fr. Gaspar da Cruz, e o Itinerario de Antonio Tenreyro segundo a Edição original de 1560, com as Variantes da segunda de 1565, em 8. 4 Vol.

Poemas Lusitanos do Dr. Antonio Ferreira, terceira edição, em 16. 2 Vol.

Prosas Selectas, ou Escolha dos melhores Lugares dos Autores Portuguezes antigos e modernos, em 8.

Sermões Selectos do Padre Antonio Vieira, Selecção feita pelo Senhor Cardeal Patriarca D. Francisco de S. Luiz, em 8. 6. Vol.

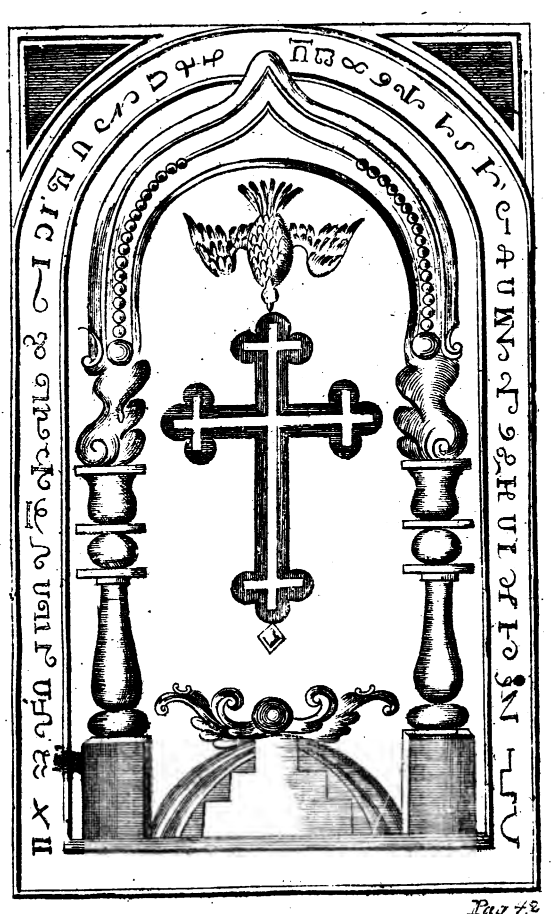
Ulysséa, ou Lisboa edificada, Poema heroico de Gabriel Pereira de Castro, quarta edição, em 8.

T. 112




Pagina 70


Dom João
de Castro



Pag 42



Pagina 8

